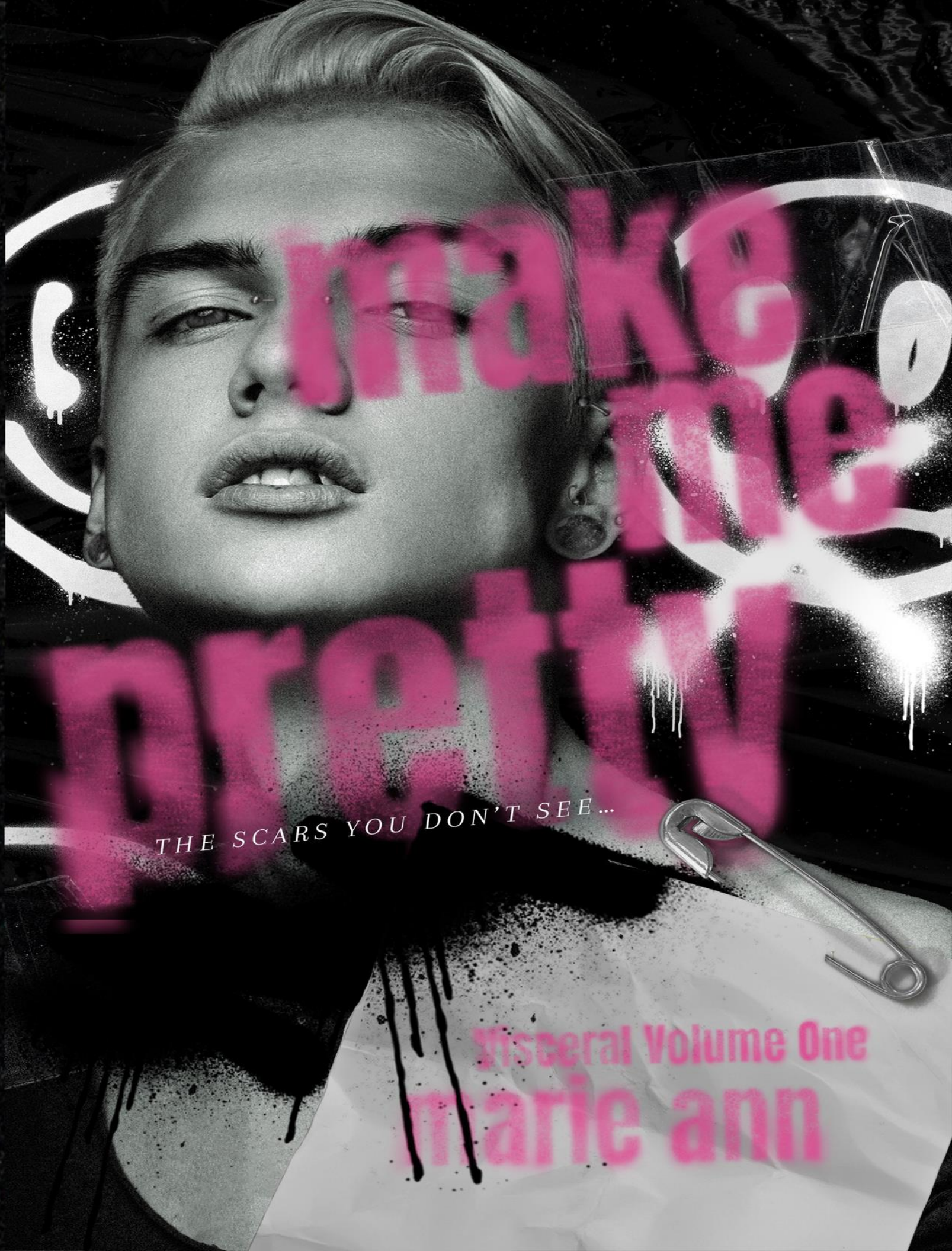




make me

pretty

THE SCARS YOU DON'T SEE...

visceral Volume One
marie ann

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O buraco está apertado, a ferroada poderosa o suficiente para roubar meu fôlego por um momento enquanto eu o atravesso. Não faz muito tempo que fui empanturrado pela última vez, mas isso foi com o sabonete líquido de Peris no chuveiro. Sanitário ou relativamente seguro... nem perto disso. Mas havia um prazer pervertido em saber que o cheiro dele estava dentro de mim. E agora, vai ser o esperma dele.

MAKE ME PRETTY

Visceral
Livro I

Marie Ann

“Dizer que um livro é moral ou imoral não faz sentido, um livro é bem ou mal escrito, apenas isso.”

Oscar Wilde

REVISÃO
SERAPHINA

CRAVO VERDE

JUNHO/2024

Sinopse

Abel Silver só conheceu o feio. Os atos mais vis e repulsivos da humanidade. E é esse tipo de depravação que fez dele quem ele é. Alguém miserável e tortuoso. Uma alma fraturada pela verdade.

Peris Baxter chamou a atenção de Abel com tanta veemência que Abel não pôde deixar de usar o redemoinho de Peris para brincar com ele. Para destruí-lo na esperança de que suas vísceras se espalhem, dando a Abel um vislumbre de quem ele é em sua essência.

Mas Peris também tem demônios — e eles dançam lindamente com os de Abel. É a única coisa que nenhum deles poderia ter previsto, e agora ambos estão presos um no outro. A feiura foi revelada. Esqueletos desgastados. Angústia fundida.

É possível encontrar descanso com alguém que compartilha sua loucura?

Make Me Pretty é um romance sombrio de MM e é o primeiro livro da Série Visceral. Não é independente e precisa ser lido primeiro.

PLAYLIST

Dirt—Dream Pop
Stained—KID BRUNSWICK
Strange Candy—Cane Hill
Whore—Get Scared
Perfect—My Enemies & I
Comedown—Bush
Sunspots—The White Noise
I Hate Everything About You—Three Days Grace
Enemy—The Plot In You
Descending—Sleep Token
The Love Machine—Varials
I Don't Like People (& They Don't Like Me)—Boston Manor
.intoodeep.—Dead Poet Society
Save That Shit—Chin Up, Kid
Rumors—NEFFEX
So Bad—Eminem
Above It All—Saint Asonia
Soft—Motionless In White
Sick—Banks Arcade
I NEED U—CRIM
Lose My Head—After Hours Animals
Hail Mary—Makaveli
Holding On—Scary Kids Scaring Kids
No Apologies—Eminem
Going To The Ceremony—Kid Cudi
Gospel Therapy—Landon Tewers
Lost—Linkin Park
Whore—In This Moment
I Miss You—blink-182
Crazy Bitch—Buckcherry
DONTTRUSTME—3OH!3
Somewhere I Belong—Linkin Park
Fuck Away the Pain—Divide The Day
Untouchable—Motionless In White
Glass Houses—Bad Omens
Seduction—Eminem
PRBLMS—6LACK

Prom Queen—Lil Wayne
Shut Up—Death Blooms
The Downfall Of Us All—A Day To Remember
I'm Not Okay (I Promise)—My Chemical Romance

Check out the full playlist on [Spotify](#)!

*Este é para as pessoas que se separam.
Que pensam que suas peculiaridades humanas são falhas.
Que odeiam o que veem no espelho.
O seu feio é o que o torna bonito.
Abrace isso. <3*

“Este é o pesadelo
que o seguiu fora de seus sonhos.

—Will Graham, *Hannibal*

NOTA DO AUTOR

Muitas pessoas estão esperando por essa história desde a breve prévia da minha Worthy Anthology e realmente espero que ela não decepcione. Sua extensão completa é drasticamente diferente da novela – se você a leu, reconhecerá algumas cenas, mas elas são diferentes em contexto e detalhes. Para o melhor.

Se você ainda *não* leu Abel e Peris... Bem-vindo à loucura deles.

A história deles realmente segue a linha da moralidade. O comportamento de Abel é desprezível — e ele sabe disso. O de Peris não é muito melhor, se formos honestos.

Tenho certeza de que eles estão competindo para serem meus personagens mais obsessivos e tóxicos – e eles realmente levam a foda do ódio a um nível totalmente novo. (Mas aqueles momentos suaves entre eles... *suspiro*)

Como disse um dos meus amigos mais próximos, eles são “um pequeno desastre sexy”. Nada – ou ninguém – pode impedir a descida um para o outro. Consequências, dane-se.

Tenha em mente que este é o primeiro volume da Série Visceral, o que significa que este livro termina em suspense. Não se trata do “relacionamento” deles, mas ainda quero que você esteja ciente.

Tudo bem, acho que é tudo o que tenho a dizer. Vejo você do outro lado ;)

AVISO DE CONTEÚDO

O conteúdo de Make Me Pretty é obscuro e pode ser estimulante para alguns leitores. Tenha em mente que é o primeiro volume da Série Visceral, o que significa que termina em suspense.

Abaixo, haverá uma lista de possíveis gatilhos e conteúdo específico da história, mas esteja ciente de que eles contêm spoilers.

Irmãos adotivos, comportamento possessivo/obsessivo exagerado, proximidade forçada, não consentimento, consentimento duvidoso, somnofilia, violência física, degradação, brincadeiras com respiração, abuso de drogas, feminização forçada, violência física entre MCs, exibicionismo, voyeurismo, vingança, ciúme, exploração sexual, manipulação, chantagem (de algum tipo), depressão, ataques de ansiedade/pânico, TEPT, paralisia do sono, problemas de imagem corporal, automutilação, dissociação, uso de drogas, abuso (ocorrendo na idade adulta e na infância), homofobia internalizada, referenciado comentários homofóbicos/homofóbicos, calúnias homofóbicas, referência não detalhada a abuso/estupro sexual, flashback detalhado de abuso/estupro sexual na infância, abuso parental.

PRÓLOGO

PERIS

ISSO DÓI.

Mas pelo menos esse é o tipo de dor boa.

A dor que importa. Isso realmente valerá alguma coisa.

Tudo o que sinto é meu coração batendo dentro do peito, o suor escorrendo das minhas têmporas, alternando entre deslizar pelo meu pescoço e cair no chão brilhante sob meus pés. Meus sapatos rangem enquanto desço pela quadra, cada batida pesada, mas pontiaguda. Com propósito.

O tempo de treino pessoal do time terminou há uma hora, mas fiquei para trabalhar no meu ataque, reformulando as jogadas mais recentes do treinador no ano anterior. Sou um bom armador – um dos melhores do estado, sem dúvida, Jordan Bates que se dane. Mas a única maneira de permanecer o melhor é trabalhar. E se eu quiser ir para a faculdade, preciso daquela maldita bolsa de estudos.

Só tenho que fazer com que eles *me queiram*, o que significa que a temporada nunca acaba. E mesmo que o trabalho de mamãe como enfermeira pague bem depois de todos os anos que ela vem fazendo isso, o estresse financeiro da faculdade é algo que não quero impor a ela.

Não depois de tudo com o que a sobrecarreguei.

Depois de recuar, paro e coloco a cabeça entre os ombros, recuperando o fôlego. O ar é sufocante, almiscarado com o odor persistente de suor, mas é reconfortante, assim como a vasta extensão do ginásio e a forma como cada passo ecoa nas altas paredes brancas de concreto, cada respiração ampliada.

Eu me encontrei entre as quatro paredes desta academia e agora é meu último ano entre elas.

A calma inquietante desse pensamento me tira do meu devaneio, e a bola escorrega dos meus dedos suados, quicando ruidosamente entre meus pés antes de rolar para longe.

Meus molares se chocam com força, mas o rangido contínuo dentro da minha mente é suficiente para manter todo o resto sob controle.

Pegando minha bolsa na arquibancada mais baixa, jogo-a por cima do ombro antes de pegar minha bola de basquete pessoal. Empurrando as pesadas portas de madeira, solto um suspiro, realmente começando a sentir o peso da exaustão. Eles se fecham atrás com ressonância, deixando o ar escuro ao meu redor imóvel e carregado.

Puxando meu telefone, coloco um fone de ouvido em um ouvido, deixando o outro pendurado no fio em volta do pescoço. Apertei o play para terminar “Hail Mary” de Makaveli antes que outra música começasse.

Quase todas as luzes estão apagadas na escola, com apenas uma iluminando a recepção, em um corredor separado e conectado. É estranho ser uma das únicas pessoas aqui, cercada pelo silêncio e pela escuridão, quando este lugar está sempre barulhento e cheio. Mas é estranhamente mais pacífico.

O escritório aparece quando viro a esquina, passando pela sala do coral. O raspar agudo do metal faz meus pés pararem, meu corpo equilibrado e tenso. Tiro o fone do ouvido, o coração disparando enquanto me esforço para ouvir.

Por um minuto, não encontro nada além do som dos meus pulmões se expandindo e contraindo, o barulho do oxigênio e do dióxido de carbono. Minhas sobrancelhas franzem enquanto olho através da escuridão, me sentindo mais irritado do que qualquer coisa quando provavelmente é apenas a porra de um zelador. Quando levo a música de volta ao ouvido, um barulho característico de sorver faz todo o meu corpo girar noventa graus.

Aproximo-me das portas de madeira clara da sala de música e espio pela pequena janela retangular de vidro. A sala está escura. Tudo o que vejo são sombras de cadeiras empilhadas ao longo da parede. Que merda... *essa sombra está se movendo?*

Chego mais perto, bloqueando a luz fraca atrás de mim para que meus olhos possam se ajustar à sua ausência, minha bola há muito esquecida enquanto rola em algum lugar atrás de mim.

A porta range quando é aberta pelo meu peso, e perco o equilíbrio, caindo um pouco com a súbita perda de apoio. Endireito-me dentro da sala. A porta fica presa na ponta do meu tênis quando ele se retrai, mas mal percebo os ruídos baixos e pulsantes que caem em cascata sobre mim.

A sala fica pouco focada, com mais sombras pretas e cinzas do que qualquer coisa substancial, mas meu coração está preso na garganta. Não é difícil diferenciar os dois corpos pressionados um contra o outro.

Meus lábios se contraem em diversão irônica. *Devem estar desesperados se eles estão brincando na escola, muito depois de ela ter fechado.*

Suas formas escuras deslizam e fluem uma sobre a outra, vomitando ruídos que consistem em miados e gemidos de gratidão... nenhum dos quais varia em uma oitava feminina. Minhas sobrancelhas franzem ao ver o amontoado de membros interconectados.

Pisco uma vez, duas vezes. Meus lábios se abrem para interrompê-los, mas nem acho que estou respirando.

O suor escorre pela minha têmpora e mais pela minha espinha, uma descida lenta sobre cada vértebra. Minha camisa está desconfortavelmente apertada enquanto ela gruda no meu torso com suor, a rápida expansão do meu peito puxando-a desconfortavelmente. Meus músculos estão rígidos e inflexíveis enquanto o sangue corre através de mim, quente e ilícito.

Meu pau enche involuntariamente até doer. Pressiono a palma da mão contra ele sem pensar, empurrando com força. Mais difícil. Empurrando-o para baixo até que eu tenha que morder o lábio para não gritar. Mesmo quando meus olhos ardem, não consigo desviar o olhar. *Eu não quero.*

Eles se movem juntos sem esforço, como se se conhecessem intimamente. Algo em meu peito dói, me fazendo respirar fundo.

Meu pé se move contra o carpete fino e gasto, e a porta se fecha com um rangido, eliminando o último raio de luz além das pequenas janelas em ambas as portas, dando-me apenas o suficiente para me aclimatar. Não quero vê-los, não quero que essa ilusão impossível seja destruída. Guerreando com o que é e o que deveria ser.

O server ressoa alto na sala, ainda mais alto em meus ouvidos, seguido por uma sucção distinta. O arranhão das unhas no jeans. O chiado de um zíper.

Mais gemidos.

Minha pele parece um fio elétrico, formando arcos e choques, pronta para atacar.

Um lampejo de algo brilhante, como um raio na escuridão, faz meus olhos dispararem para cima e para a esquerda. Encontro um rosto pálido, parcialmente bloqueado por uma massa de cabelos loiros emaranhados, mas os olhos atrás... estão apontados diretamente para mim.

Eu me engasgo com nada enquanto meu olhar se choca com o olhar penetrante de outra pessoa. Não consigo distinguir nada além de branco brilhante – e não quero.

Tudo que é bom sai de mim, substituído por um pavor repulsivo. Um desgosto profundo contra o qual tenho lutado há anos.

Eu não deveria me sentir assim... vendo isso. Ouvindo isso. É... é... meu medo mais temido ganhou vida. Prova de que o que ele fez... me alterou. Um peso que ainda está muito *presente*.

Ninguém pode saber. *Eu* não posso saber.

Meus olhos ardem, meu nariz queima, meu corpo dói. O pior de tudo é que meu pau está pegando fogo, as bolas pesadas e pulsando com seus próprios batimentos cardíacos. A pressão da palma da mão contra meu comprimento só me causa fricção, provocando o pior tipo de ruído que sai da minha garganta.

Eu o pego caindo, soando abafado e doloroso. Isso *dói*. Me ouvir... assim.

Os lábios, pouco mais que uma sombra, curvam-se para cima em algo parecido com um sorriso, mas está tudo... errado. Deformado, torto e sinistro.

Sabendo... mas não pode ser, certo?

Engulo restritivamente, incapaz de desviar o olhar, mesmo com a voz dentro da minha cabeça gritando mais alto a cada batida do meu coração.

As sombras da sala parecem mais claras de repente, a escuridão se transformando em formas. Ângulos agudos, brilho prateado. Uma boca aberta enquanto uma língua desliza para dentro. Dentes batendo e saliva pegajosa, olhos arregalados e fixos nos meus.

Ah, porra. *Porra, porra.*

Minha própria respiração sai ofegante. Não consigo me mover, não consigo respirar. Não posso...

Um gemido fraco sai dos meus lábios enquanto meu pau lateja em pulsos pesados. Flashes brancos, sangue rugindo em meus ouvidos. E enquanto meu pior pesadelo destrói o que transformei em minha verdade... um par de olhos cinzentos e brilhantes olham para mim – através de mim – direto para meu núcleo fraturado.

CAPÍTULO 1

ABEL

DOIS MESES DEPOIS

Foi uma má decisão da minha parte, isso eu direi. Eu sabia que não era assim – até meu instinto me dizia que era uma má ideia, mas o dinheiro fala. E particularmente alto nisso.

Então, apesar de tudo, eu não poderia recusar a proposta. E que golpe de sorte eu tive.

— Vou precisar que você tire a camisa, — uma enfermeira murmura baixinho em algum lugar à minha esquerda. Viro minha cabeça em sua direção, olhando através do meu olho bom, o outro inchado e fechado. O sangue escorre pelos meus cílios, obscurecendo ainda mais minha visão turva.

Brilhante.

— Tentando dar uma olhada neste corpo fabuloso, não é? Tudo o que você precisa fazer é pedir, — digo com uma piscadela, tentando ser humorado. Fica intocado. FRANZO a testa para sua máscara pontiaguda de indiferença. Mas ali... uma contração no canto da boca. Minhas próprias curvas de sucesso, o que a faz suspirar dramaticamente.

— Tudo bem, tudo bem, estou tirando. — Levanto minhas mãos antes de me sentar. A sala ao meu redor gira precariamente e meus

olhos rolam para a parte de trás da minha cabeça. — Merda, — eu gemo, agarrando o linho branco engomado abaixo de mim.

— Deixe-me...□

— Está legal. Entendi. — Levanto a barra da minha camisa, duas vezes maior do que eu, agora manchada de sangue e sabe-se lá que outros tipos de fluidos. Eu a retiro com uma careta antes de tentar jogá-la do outro lado da sala em uma cadeira, apenas para que ela caia a menos de meio metro de distância da cama do hospital.

Bem, isso é embaraçoso.

Olho para ela, mas mesmo o calor do meu olhar não é suficiente para mudar sua localização.

Qualquer que seja.

— Tenho que tirar a calça também? — Pergunto depois de me deitar. A sala gira menos assim. Muito mais suportável.

A enfermeira hesita por um momento. Observo a onda de emoções diferentes passar por seu rosto, através de seus olhos. Ela franze os lábios em contemplação. Merda, ela provavelmente nunca viu algo assim nesta pequena cidade.

— Você está... você está...

Estremeço, os olhos apertando por um momento antes de suavizar minhas feições. O sangue que flui da fenda na minha sobrancelha diminui sua descida, mas o latejar na outra cavidade ocular permanece forte e constante. O material de papel plástico sob minha

bunda faz um barulho enrugado enquanto me mexo, lutando contra alfinetes e agulhas em minhas pernas.

— Não. Não vou preencher um relatório. Só quero levar os pontos para poder ir para casa.

Vou dar algum crédito à enfermeira. Ela nem sequer recua. — Abel...

Aqui vamos nós. Suspiro alto.

— Você tem dezessete anos e chegou sozinho... e *espancado*. Temos que...

— Sim, sim, ligar para o CPS. Eu sei. Bill ficará emocionado, tenho certeza. — Jogo meu punho para o alto, embora pateticamente porque minha costela dolorida me impede de levantá-lo completamente, então ele cai para trás com um baque lamentável contra a cama irregular.

A tensão enche a sala. A enfermeira vasculha um armário antes de me entregar uma bata de hospital verde-merda, olhos dourados calorosos e conhecedores. — Põe isto. Voltarei em alguns minutos para examinar seus ferimentos e depois chamaremos o médico aqui.

— Sim, capitão, — comento, saudando-a. Ela sorri antes de fechar a porta suavemente atrás dela. Depois que a vibração final cessa e eu fico sozinho, as lágrimas finalmente tentam entrar em ação.

Deslizo agressivamente os dois olhos, mal sentindo a dor latejante no meu lado esquerdo enquanto disperso as lágrimas que tentam transbordar. — Acho que não, — rosno para mim mesmo. — Hoje

não. Não porra hoje. Depois de alguns segundos respirando pelas narinas, me sinto mais no controle – pelo menos por enquanto.

Eu gostaria que isso durasse para sempre.

Ficar de pé sozinho exige mais força do que se poderia imaginar, mas consigo largar a calça jeans depois de desfazer o cinto. Ela cai no chão em volta dos meus tornozelos, formando um amontoado de jeans desgastados. Saio dela e a chuto para o lado, agora com apenas uma maldita muda de roupa.

Bufo com raiva e puxo o material áspero da camisola do hospital sobre meus braços, ignorando a visão do meu corpo manchado. Nada de novo nesse departamento.

Uma vez colocado, deixado desamarrado porque, porra, se eu conseguisse alcançar as cordas, muito menos amarrá-la, rastejo de volta para a cama, desta vez de lado para tentar conter a náusea. Alguns minutos se passam em um longo período de silêncio antes que uma batida suave ressoe na madeira.

— Sim... — Limpo a garganta. — Sim.

— Tudo bem se eu entrar?

— Bem, não estou mais nu. Lamento que você tenha perdido o show.

A enfermeira entra, fechando a porta atrás dela. Ela tira as luvas do recipiente que as segura na parede bege. Ela não esconde seu sorriso divertido enquanto veste o látex azul.

— Posso te tocar?

Rolo de costas, fechando os olhos. Uma voz dentro da minha cabeça me incentiva a ser mais diligente, mas estou muito cansado. E gosto dessa enfermeira. Ela dá boas vibrações. É uma boa mudança de ritmo.

— A propósito, meu nome é Elise, — ela me diz enquanto seus dedos deslizam sobre o corte em minha sobrancelha. Eu me contorço.

— Abel, — respondo, embora ela já saiba meu nome.

— Eu diria que é um prazer conhecê-lo, Abel, se fosse em circunstâncias melhores.

Abro meu olho direito. — Então, não é legal me conhecer agora, você está dizendo?

Ela dá uma risada. — Você é um encenqueiro, não é? — Seus dedos deslizam pela lateral da minha cabeça, tateando o caroço que está lá em algum lugar desde quando fui empurrado contra a parede, o espelho a centímetros de distância...

— Apenas nos meus melhores dias, — respondo, afastando a memória vívida. Ausente. Bem trancado. Apenas outro dia. Apenas mais um *acidente*.

— Você quer me contar o que aconteceu com você, Abel?

— Oh, caramba. Bem, você vê, eu sou tão desajeitado...

Ela se afasta para encontrar meus olhos, uma sobrancelha castanha arqueada. Não impressionada.

— Multidão difícil, — resmungo.

— Quero que você saiba que tudo o que você disser ficará entre nós — e o médico, é claro — se você desejar. Mas não posso tratá-lo da melhor maneira possível se não souber o que aconteceu.

Eu cerro os dentes. — Não quero o envolvimento dos Serviços de Proteção à Criança.

— Você sabe que eles já foram chamados. Sinto muito, mas legalmente...

— Sim. — Respiro pesadamente. — Eu sei.

— Sinto muito que isso tenha acontecido com você.

— Apenas mais um dia na vida, doutora.

Hálito quente, com leve cheiro de café, sopra em minha pele gelada. — Não sou médica.

— As enfermeiras são melhores que os médicos, se você me perguntar. — Abro um sorriso para ela, mas meus olhos permanecem fechados.

— Bem, obrigado. Posso levantar seu vestido para examinar suas costelas?

Levanto meus braços ligeiramente, quase vomitando com a onda concentrada de dor. — Parece que suas costelas estão machucadas, possivelmente quebradas, mas faremos algumas radiografias para ter certeza. Também estou preocupada com esses hematomas nas suas pernas. Existe alguma dor localizada?

Nenhuma menção às minhas cicatrizes... Essa é a primeira vez.

— Tudo dói, mas não. Apenas as costelas. E meu olho. Isso dói, porra. — Passo os dedos pela ferida que chora, provavelmente espalhando sangue.

— OK. Vou fazer um pedido para fazer esses testes. E Abel...

Eu levantaria uma sobrancelha se pudesse, mas não posso, então resolvo olhar através dos cílios emaranhados.

— Você quer um exame de agressão sexual... □

— Absolutamente não.

Ela suspira suavemente. — Há evidências, e...

— Eu disse não. Não fui agredido. Caí ou algo assim, então podemos, por favor, resolver isso? — Olho ao redor da sala esterilizada. Todos os tons de branco e bege. Imagino o chão branco brilhante manchado de sangue. Pinga da mesa. Uma pequena poça que cresce a cada segundo que passa.

— Quero sair daqui. Os hospitais me assustam.

Nossos olhos se travam, prata e verde dourado se chocando. — Tudo bem.

A morte parece mais próxima do que nunca enquanto o médico me examina, concordando que minhas costelas estão, de fato, machucadas, mas não quebradas. *Sim, eu.* Também tenho uma pequena concussão e uma torção no pulso, entre muitos, muitos hematomas. O que não falo é sobre o fogo ardente e dolorido na minha bunda. Já estive aqui antes, sei exatamente como lidar com

isso. E tenho certeza de que não vou registrar isso em um prontuário médico.

Elise fica ao meu lado durante tudo isso. A cada teste que eles executam. Enquanto uso um colete de chumbo enquanto eles radiografam meu peito e meu pulso. Passando pelo médico enquanto ele costura minha sobrancelha.

É... surpreendentemente reconfortante e ao mesmo tempo insuportável.

— Sempre existe a possibilidade de cicatrizes, mas estou bastante confiante nas minhas habilidades. Eu diria que, depois que isso cicatrizar, sua sobrancelha não ficará diferente de antes. Mas às vezes o cabelo, especialmente nesta área específica, não volta a crescer da mesma forma, então essa pode ser a única distinção.

— Isso é bom. Não sou de me preocupar com cicatrizes. — Os olhos focados no laser do médico se voltam para as cicatrizes visíveis em meus antebraços por um breve momento.

Silêncio se estende, as mãos ainda no meu rosto, o lado esquerdo completamente entorpecido enquanto uma agulha entra e sai da minha pele. Eu gostaria de poder ver, mas quando pedi um espelho a Elise, ela apenas olhou para mim.

Qualquer que seja. Acho que minha aberração estava mostrando um pouco demais.

Depois de uma eternidade e meia, o médico sai da sala. Elise se inclina, examinando o curativo. Então, ela silenciosamente me ajuda a

colocar todas as minhas joias de volta no rosto. Enquanto acerta a última bola, ela diz: — Seu assistente social está aqui e precisa falar com você. Tudo bem ou você precisa ficar sozinho mais um pouco? — Ela se afasta, pairando ligeiramente.

Meu coração quase se parte com a consideração dela – e com o fato de que não posso confiar nela.

— Está bem. Mande-o entrar. — Ela balança a cabeça, me dando um pequeno sorriso. Um minuto se transforma em dois, depois em três.

O botão gira. — Ei, Bill, — eu suspiro. Ele bufa, fechando a porta atrás de si. Seus pés *bateram* no chão. Uma cadeira raspa. Range quando ele se senta.

— Que diabos, Abel.

Não é uma pergunta, então. Apenas mergulhando de cabeça.

— Não tenho certeza do que você quer que eu diga aqui, Bill. — Mantenho meu olhar fixo nas telhas manchadas do teto.

— Que tal começar com – não sei – o que aconteceu?

— Caí.

— Ah, isso é novo. É original, — ele brinca.

Eu bufo. — Esse sou eu.

— Nós tiramos você da casa dos Mills.

Reprimo o impulso de respirar fundo. — Eu estava bem lá.

Uma zombaria. — Claramente não.

— Não foram eles.

— Não foram? Você não está falando. Ninguém sabe o que aconteceu.

— O que *exatamente* aconteceu não é da conta de ninguém. — Viro a cabeça, encarando-o. — Eu *não posso não* estar lá. Você vai me mandar para uma porra de um lar coletivo — e você *sabe* o que acontece lá, Bill. Tenho sorte de ter evitado isso por tanto tempo. Apenas... me dê mais quatro meses. Isso é tudo que preciso, e você sabe disso.

Apenas quatro meses...

A cabeça de Bill cai ligeiramente, mostrando o topo de sua cabeça careca e brilhante. Ele esfrega a palma da mão sobre ele antes de colocar o braço musculoso de volta no colo. — Não foi minha escolha. A visita surpresa à casa deles há uma hora indicou que você não foi o único a sofrer abusos.

— Jesus Cristo, — murmuro, fechando os olhos com força. — Eles não tocaram nas crianças mais novas. E agora, eles vão sabe-se lá para onde. Nós *conseguimos*.

— Aparentemente não.

Eu me jogo na cama e imediatamente me arrependo. Minha cabeça gira e pulsa como se eu tivesse batido em um bloco de concreto. A respiração não enche meus pulmões, deixando tudo nebuloso e pressurizado.

A mão quente de Bill aperta meu ombro. — Não se esforce, Abel. Sinto muito, mas está feito.

Minha garganta se fecha e, para minha consternação, minha voz treme quando digo: — E eu? O que eu deveria fazer? — Fecho os olhos contra a dor, recusando-me a deixar *qualquer coisa* derramar.

— Encontramos uma colocação de emergência para você. Não sei se se tornará permanente, mas num futuro próximo...

— Onde? — Pelo menos tenho minha bolsa comigo. A merda pode mudar rapidamente, mas geralmente estou sempre pronto – e nunca vou a lugar nenhum sem minha bolsa, que está cheia de meus únicos pertences.

— Aqui, na verdade.

— Merda, sério?

— Hum. — Ele balança a cabeça e, pela primeira vez desde que conheci Bill, há uma década, ele está *sorrindo*. É estranho.

Não gosto disso. Então, faço uma careta. — Por que diabos você está sorrindo? — *Quero dizer, honestamente. O que diabos há para estar feliz agora?*

— Volto já.

Eu hesito, a boca caindo frouxa. — Bill, o que... — A porta se fecha. — Mas que diabo está acontecendo? — Digo a ninguém, mas, *aparentemente*, a mim mesmo.

Nem um minuto depois, a porta se abre, revelando Elise vestida com seu uniforme azul e branco. Sorrio levemente, ignorando Bill completamente. — Ei, doutora.

— Não sou médica, — ela responde com carinho.

— Sim, sim, tanto faz. E aí? Achei que estava tudo bem para ir. Estive aqui a porra do dia todo.

Ela assente. — Você está, eu trouxe seus papéis de alta. — Olho para baixo, notando a pilha em sua mão. — Vou examiná-los com você e então podemos ir para casa.

Eu pisco. De novo. Minha boca se abre. — O que?

— Elise Baxter é uma zeladora certificada pelo estado. Conversamos longamente quando apareci. Ela já adotou antes e se ofereceu para colocação de emergência. Fiz algumas ligações, puxei alguns pauzinhos. Você vai para casa com ela.

Meus olhos vão e voltam entre Elise e Bill, atordoados. Engulo a bola na minha garganta. — Você está falando sério?

Elise sorri para mim. — Muito. Não é sempre que me encontro numa situação em que posso ajudar. Felizmente, isso nunca foi realmente necessário, mas hoje eu sabia o que tinha que fazer. E você merece dormir em algum lugar onde se sinta seguro. — Tanta coisa não foi dita enquanto ela sorri para mim. Suave e conhecedor. Mas ela não pode — não poderia — saber.

Sinto-me estranhamente exposto. Mas a ideia de ficar com Elise — uma estranha que ficou comigo durante as longas e primeiras horas da manhã e durante todo o dia, que me confortou quando não era necessário, que foi além do que é considerado uma exigência de o trabalho dela...

Talvez realmente existam pessoas boas no mundo. Porém, eu certamente não sou um deles, e ela verá isso em breve.



— Bem, aqui estamos. — Elise estaciona o carro em frente a uma casa lilás, cercada em ambos os lados por casas de estatura semelhante pintadas de vermelho, branco e azul. Espio pela janela do passageiro, olhando para ela sem acreditar.

Uau, Deus abençoe a porra da América.

Eu gostaria de poder revirar os olhos, mas eles estão muito inchados, e estou grato por ter um teto sobre minha cabeça – pelo menos por hoje. Tudo dói. Nunca me senti tão perto da morte antes – e deixe-me dizer, não sou um fã. Embora neste momento eu também não seja muito fã de viver.

— Você precisa de ajuda? — Engulo com suas palavras gentis. Ela tem sido incrível e generosa desde o momento em que entrei mancando na sala de emergência e ela me colocou sob sua proteção. *Maternal* é a palavra que imediatamente vem à mente – não que eu saiba o que diabos isso significa. Mas se eu tivesse que adivinhar, seria isso: *e/a*.

Como quis o destino – não que eu acredite em coisas voláteis como o destino – mas quando se trata de Elise... ela tem que ser um anjo enviado do céu ou algo assim, porque não há nenhuma maneira

de qualquer humano andando na terra ser tão bom. Ou que eu chegaria perto de *merecê-lo*. Mas dizer que estou grato é um eufemismo. Nunca tive ninguém... que se importasse comigo antes. Se é isso mesmo.

— Não, estou bem, — respondo, minutos depois, mas ela não pressiona, apenas espera pacientemente.

— Tudo bem, bem, vamos lá. Meu filho está em casa, então você o conhecerá logo. Vou pegar sua bolsa. — Ela enfia a mão no banco de trás e tira a única coisa que possuo: uma mochila pequena e surrada cheia de isqueiros, uma muda de roupa, alguns CDs velhos e arranhados que não consigo ouvir, mas dos quais me recuso a me livrar, uma cópia esfarrapada de “Go Ask Alice”, do Anonymous – o único livro que consegui guardar, apesar da capa faltando e das páginas rasgadas – e uma única foto polaroid, amarelada e desbotada pelo tempo.

Meus músculos ficam tensos para tirar isso dela, para garantir que ela não possa esconder minhas coisas de mim, mas conscientemente, não acho que ela o fará. Ainda é uma merda lutar contra o instinto que me manteve vivo.

— Sei que deveria ter dito isso antes, mas obrigado. — *Porra, por que minha voz está tão estranha?*

O silêncio que se segue é alto.

— Não há necessidade. Estou feliz que tudo deu certo. — E então, ela abre a porta, deixando entrar uma onda de ar fresco de outono.

Olho através do vidro para as casas vizinhas. Nunca estive em um lugar tão chique antes. Os gramados estão todos arrumados, sem um único pedaço de lixo. Os carros estão perfeitamente alinhados em suas unidades. Inferno, não há brinquedos infantis de merda nos gramados.

Empurrar a porta do carro exige mais força do que imagino, mas consigo fazê-lo com os dentes cerrados e a respiração suspensa. A caminhada até a porta da frente se arrasta sem parar, Elise andando ao meu lado lentamente, como se esperasse o momento em que eu inevitavelmente pediria ajuda. Mas mesmo com meu corpo gritando e protestando contra cada passo que dou, consigo me virar sozinho, evitando as rachaduras, porque quem sou eu para estragar velhas e inúteis superstições infantis?

Embora... talvez eu devesse pisar em uma rachadura. Minha mãe merece pelo menos isso.

A porta da frente se abre e alguém sai, mas tudo que vejo são seus tênis pretos e roxos através do meu olhar abatido, e meu cabelo loiro balançando para frente e para trás com a brisa fraca. Entre contornar as rachaduras e lutar contra a vontade de vomitar, não consigo levantar a cabeça.

— Ei, mãe, como vai tudo? — uma voz corta a noite ascendente. Meus pés param na beira de uma rachadura na calçada cinza com um baque alto.

Uma vasta gama de cores quentes desce lentamente no horizonte, aquecendo o mundo em todos os tons de cinza.

— Oh, bem, está chegando lá. Foi um dia longo, então tenho certeza de que Abel está pronto para dormir em uma cama de verdade. Sei que eu estou. — Ela ri levemente, agarrando meu ombro com o toque mais gentil. Fico tenso a princípio antes de me inclinar, permitindo-me desfrutar de seu calor.

Qual é a coisa certa a fazer? O que está errado?

— Abel? — Meu nome é repetido, baixo e tenso. Meus ouvidos picam. Prendendo a respiração na base da garganta, levanto o olhar. Meus olhos percorreram pernas longas, um torso em forma vestido com uma regata branca justa com ombros largos, até um belo pescoço alongado e um queixo com covinhas abaixo de uma boca carnuda, o nariz de botão mais fofo na pele bronzeada e dois dourados olhos verdes olhando para mim com um foco nítido.

Putá merda.

Talvez eu devesse começar a acreditar no destino, afinal.

Um sorriso surge em ambos os cantos dos meus lábios, espalhando-se, preenchendo completamente a metade inferior do meu rosto torto. — Peris Baxter, — penso, já me sentindo muito melhor.

— Abel, — ele cospe meu nome *novamente*, igualmente tenso. Definitivamente irado. Provavelmente descrença.

— Oh! — Elise exclama animadamente, balançando a cabeça entre nós, completamente alheia à turbulência que surge no corpo de seu filho. — Vocês dois se conhecem? — Nossos olhos nunca se separam, a potência se multiplicando a cada segundo. Sua mandíbula bem torneada muda sob a pressão de seus molares rangendo. Observo divertido enquanto suas mãos se fecham em punhos ao lado do corpo, os nós dos dedos torcidos roçando o material de seu short esportivo.

— Sim, — respondo porque, aparentemente, Peris decidiu que vai ficar de boca fechada. *Garoto inteligente.*

— Nós vamos a escola juntos. — Elise sorri. — Na verdade, nós nos tornamos amigos desde que mudei de escola no início do ano. — Dou uma piscadela para Peris, adorando o frio na barriga quando seus olhos se estreitam e suas narinas se alargam.

— Isso é maravilhoso. — Elise envolve os braços em volta de nós dois, forçando-nos a nos aproximar. — Vamos, vamos entrar. — O calor dentro da casa arranca um gemido de gratidão da minha garganta, acentuado para o benefício de Peris. Ele rosna quando Elise desaparece na esquina.

Olho ao redor da pequena entrada. As paredes são pintadas de uma cor roxa suave, quase do mesmo tom da parte externa da casa. Algumas gravuras estão penduradas nas paredes – nada sofisticado, apenas imagens baratas que você pode encontrar em qualquer loja, mas dá uma sensação caseira.

Não percebo que estou sorrindo até que o braço de Peris aparece na minha frente, bloqueando meu caminho. Meus pés param a centímetros de distância, as pontas do meu Converse cravando-se no carpete branco e macio abaixo, mantendo-me no chão. Pisco para afastar as manchas escuras no olho direito, o esquerdo ainda quase fechado pelo inchaço. Já tive muitos olhos roxos antes, mas esse definitivamente leva a porra do bolo. Só de *pensar* nisso faz doer ainda mais.

Maldito idiota.

— O que diabos você está fazendo aqui? — Peris deixa escapar. Seu peito sobe e desce como se ele tivesse acabado de encontrar ar depois de ficar preso debaixo d'água por intermináveis minutos, os braços vibrando sob a tensão.

Levanto meu queixo para encontrar seus olhos, passando a mão sobre meu corpo. Peris segue o gesto, vasculhando minhas roupas mal ajustadas, descendo até meus sapatos velhos e voltando ao meu rosto inchado e machucado. — Agora, você quer falar comigo? — Eu sorrio sem entusiasmo através de lembranças de desânimo. Sempre foi divertido brincar com Peris, mesmo quando ele me rejeita descaradamente, mas estou cansado pra caralho hoje. — Não há muito que eu possa fazer agora, garoto Peri. Além disso, não é como se eu tivesse escolha sobre onde ser colocado.

Suas sobrancelhas escuras e espessas se franzem. — Você tinha que ter feito *alguma coisa*. Quero dizer, minha maldita *mãe* – você está brincando comigo? Já me canso de suas merdas na escola.

Reviro os olhos e imediatamente me arrependo. Minha visão flutua, cintilando na escuridão. A dor lateja e pulsa em minhas têmporas, perturbando meu equilíbrio. — Eu nem sabia que ela era sua mãe até dois minutos atrás, quando você finalmente abriu a porra da boca. — Peris sempre disse mais com a aparência do que com a boca. *Confusão, irritação, ignorância.*

Ele zomba. — Sim, ok.

— Certo. — Minha zombaria é alta quando percebo o olhar semicerrado de Peris, ainda incrédulo — o que não é completamente injustificado, mas... — Acredite no que quiser. Tenho que me sentar. — Passo por ele, e ele me deixa passar facilmente, seu braço caindo antes mesmo que eu tenha a chance de tocá-lo. Vergonha. Isso teria sido bom. Sempre me perguntei como são seus músculos. Se forem tão duros quanto parecem quando ele flexiona, ou se permanecem macios, escondidos abaixo da superfície, mas ainda tangíveis.

Afastando esse pensamento, sigo o som de panelas e frigideiras batendo, seguido pela porta de uma geladeira se abrindo.

— Estou fazendo queijo grelhado, tudo bem? Você não tem alergia nem nada, tem, Abel?

— Não Senhora. Isso parece incrível. Obrigado. — Puxo a cadeira em frente à minha mochila descartada e puxo-a entre as pernas.

— Senhora, — Peris zomba alto, imediatamente limpando a garganta.

— Peris! — Elise o adverte. Ele suspira e depois murmura um pedido de desculpas fraco.

— Não há nada de errado com boas maneiras. Talvez você possa aprender um pouco com Abel — ela o provoca, depois me lança uma piscadela exagerada. Sua cabeça se levanta, os olhos arregalados. Eu rio de seu olhar de incredulidade.

— Sim, Peris. Acho que você poderia aprender algumas boas maneiras comigo. Posso sentir que a morte me atropelou — e recuou só para fazer tudo de novo —, mas sempre estarei bem o suficiente para cutucar Peris. É impossível resistir aos fragmentos de atenção que ele decide dar.

— Você... *me ensinando* boas maneiras. Seu pequenino...

Meus olhos se arregalam quando me inclino para trás, um sorriso aberto, abrindo meu lábio novamente. Eu não conseguia esconder meu sorriso de alegria, mesmo que quisesse. *Uau, alguém é atrevido. Talvez finalmente estejamos chegando a algum lugar.*

Elise se vira, brandindo sua espátula. — É o bastante. Achei que você disse que eram amigos?

— Nós somos, — respondo facilmente. — Nós só gostamos de provocar um ao outro, não é, Peri? É meio que nossa... — Eu giro minha mão no ar, — nossa *coisa*.

Ele me encara por um longo momento, deslumbrantes orbes verde-dourados balançando para frente e para trás, sempre tentando me ler, para descobrir o que vem a seguir. *Boa sorte com isso, amigo.*

— Sim, — ele finalmente diz. Tiro o sangue do lábio com a ponta da língua, enquanto Peris me observa como um falcão, como se estivesse tentando me pegar em um ato malicioso.

Como se eu tivesse permitido, se já não quisesse, e ele está bem ciente disso.

— *Inteligente.* — Murmuro as palavras, não deixando nenhum som escapar. Peris franze a testa, me prendendo no lugar apenas com seu olhar. Tão pesado, forte e enervante.

Ele se inclina sobre a mesa e sigo as linhas das veias, esticadas enquanto ele flexiona os dedos sobre a superfície lisa. Como se ele estivesse lutando por algo que o fundamentasse.

Mantendo a voz baixa, quase inaudível por causa do chiado da manteiga em uma panela quente, ele sussurra: — *Nada* que eu faça é para seu benefício, seu pequeno... — ele se interrompe tão bruscamente que o ar é sugado entre nós, deixando-nos minha cabeça girando. Quando ele fala novamente, é mais suave. Mais calmo. *No controle.* — Minha mãe não precisa se envolver com... — Ele para, os lábios torcidos em algo que lembra uma carranca, mesmo enquanto ele me observa descaradamente. Resta saber se ele percebe que é isso que está fazendo ou não.

Mas ainda. Nada se compara ao olhar inebriante de Peris. O olhar afiado de seus olhos sobre meu corpo. A maneira como ele simplesmente... me *absorve*. Toda a minha feiura e impurezas e ainda consegue... olhar *para* mim daquele jeito.

É difícil manter meu rosto como uma máscara vazia enquanto meu coração dispara.

Porra.

— Ela não precisa estar envolvida com suas merdas. Já é ruim o suficiente que você tenha me arrastado para isso, — ele finalmente termina a frase, recuperando a compostura mais uma vez.

Deslizando minha língua pela frente dos meus dentes tortos, levanto uma sobrancelha e cruzo os braços sobre o peito. Minha camisa grande se amontoa contra meu peito, provocando um silvo desenfreado dos meus lábios. — Minha *merda*, — digo sem expressão, embora esteja bastante divertido. — Que bonitinho.

— É a porra da verdade, — ele retruca. — Você é... o que quer que você seja. As coisas que ouvi que você faz... o que eu vi... — Ele se interrompe com uma inspiração profunda. Observo, extasiado, enquanto seu peito se expande. Seu cheiro penetra em mim – algo amadeirado, eu acho.

Pergunto-me se ele está se lembrando da primeira noite em que nos conhecemos ou de todos os momentos seguintes. Se ele repetir cada olhar, cada provocação, cada toque espelhado mil vezes como eu fiz.

Depois de uma longa pausa, ele diz, ainda mais suavemente: — Não quero você na minha casa. E especialmente não perto da minha mãe. Ela vai cair na sua merda porque ela não *conhece* nada melhor.

— Ah, não como *você* sabe, hein, Peris? — Arrasto a ponta da língua sobre a fenda, coletando outra gota de sangue. Ele zomba, enquanto traça o caminho da minha língua com seu olhar.

— Exatamente, — ele murmura enquanto se recosta na cadeira, olhando para a mesa de pedra marrom. Elise se vira, colocando um prato na frente de cada um de nós. Olho para a cerâmica vermelha brilhante, para a pilha de queijo grelhado fumegante cortado em malditos *triângulos*.

Minha garganta se fecha, mesmo que meus olhos permaneçam tão secos quanto o Saara. O vapor, com cheiro de manteiga e queijo derretido, sobe e chega até meu nariz. Meus olhos quase reviram. — Obrigado, — resmungo através da pressão. *Seja bom. Não estrague tudo.*

Mas você vai, de qualquer maneira. Você já sabe disso.

— Não me agradeça, Abel, — ela diz suavemente enquanto se senta entre mim e Peris. Sinto seus olhos, mas não consigo encontrar seu olhar. A mulher já viu — já *sabe* — demais. E se ela não estivesse sujeita à confidencialidade, eu poderia até ficar preocupado que ela contasse a Peris coisas que ele realmente não deveria saber.

Uma longa pausa se estende. Peris gira seu prato. Seu dedo indicador flexiona a borda lisa.

— De qualquer forma, eu não tinha certeza de quanta fome você estaria... então tem mais no micro-ondas. Por favor, coma o quanto quiser. Tem salgadinhos e tudo mais no armário e na geladeira também. Sinta-se à vontade para sempre se servir, — acrescenta ela rapidamente antes de se voltar para Peris.

— Quando você terminar, quero que a máquina de lavar louça seja carregada. E se Abel precisar *de alguma coisa*, ajude-o. E mostre a ele o quarto dele, o banheiro, tudo isso. — Suas palavras são afiadas e diretas. E cada uma delas atravessa meu coração.

Ele mal consegue evitar revirar os olhos, embora não seja por atitude, mas por diversão. — Sim, mãe. Entendi você. Sei como isso funciona. Não é meu primeiro rodeio.

— Bem, eu diria que não, — ela concorda com uma risadinha. — Vou tirar uma soneca antes de voltar ao trabalho. Mudaram meu horário para que eu pudesse dormir, dadas as circunstâncias. Abel, provavelmente não poderei vê-lo muito antes da escola na segunda-feira, então se precisar de alguma coisa antes disso, peça ao Peris para me ligar e nós providenciaremos para você, ok? E não se esqueça de fazer seus exercícios respiratórios. Coloque gelo em seus... ferimentos. Seu analgésico está aqui no balcão — ela acrescenta gentilmente, embora eu tenha dito que não iria tomá-lo.

O sorriso dela é tão caloroso, tão gentil que não aguento mais. Mantenho meu olhar voltado para minha comida. Comida feita *para mim*.

Que diabos é a minha vida agora?

Eu realmente vou estragar tudo por um jogo que eu instiguei? Um jogo do qual não consigo desistir?

Estremeço, afundando meus dentes superiores em meu lábio inferior sangrando.

Mesmo eu não quero procurar a resposta para essa pergunta.

CAPÍTULO 2

ABEL

Minha bolsa não pesa nada no meu colo, o conteúdo espalhado no colchão grande abaixo de mim. O quarto cheira a lavanda e sabão em pó. Não sei se amo ou odeio.

Uma porta bate e meus ombros batem nos lóbulos das orelhas, o coração pulando na garganta. Meus ouvidos se esforçam para ouvir o barulho, mas conforme ele ecoa, sem deixar nada para trás, forço meus ombros a caírem e a respiração ser expelida dos pulmões.

Você está seguro aqui. Você está seguro...

O mantra que repito repetidamente parece inacreditável, mesmo que eu sinta que é verdade. Anos de tudo o que é oposto farão isso, eu acho.

Pego as páginas desgastadas e amareladas do meu livro, folheando-as distraidamente, parando em diferentes partes para ler uma frase ou duas antes de jogá-lo de lado. Minha cabeça dói demais até para tentar ler, quanto mais me concentrar em qualquer coisa.

O som discernível da água jorrando de uma torneira preenche o silêncio antes de se transformar em um jato mais suave e menos retumbante. Tento respirar fundo, mas quando meus pulmões se

contraem, eu ofego, apertando minhas coxas vestidas com jeans contra a onda de náusea induzida pela dor.

— Pelo amor de Deus, — murmuro quando a sala volta com leve clareza. A luminária de cabeceira ilumina bastante o espaço, felizmente, porque acho que não conseguiria suportar a luz forte que Peris acendeu quando me mostrou o quarto.

Pego a Polaroid descartada minha e de Lucy, dando apenas uma olhada superficial antes de colocá-la de volta dentro da cópia desgastada do meu livro, que enfio de volta na mochila junto com minhas roupas ensanguentadas que ainda precisam ser lavadas. Elas provavelmente estão arruinadas, mas não posso simplesmente jogá-las fora. O pensamento por si só é terrível.

Meus olhos se fixam na minha pequena pilha de isqueiros rosa. Alguns estão descascados e enferrujados, outros quase vazios, apesar de serem mais novos. Mas todos eles servem a um propósito.

Pressionando a língua contra a parte de trás dos dentes, coloco os isqueiros de volta na bolsa antes de enfiá-la no canto entre a parede e a cabeceira da cama, fora de vista. Cuidadosamente fico de pé. É preciso um esforço gigantesco para levantar os braços o suficiente para tirar a camisa, mas depois do que parece ser uma hora, minha pele está coberta de suor quando deixo cair a camisa no chão, deixando meu torso nu. Depois de desfazer meu cinto rachado com tachas prateadas, meu jeans fica preso em meus tornozelos, incapaz de ficar em meus quadris sem o apoio de uma tira de couro.

Saindo do jeans, deixo minhas roupas onde estão enquanto rastejo para baixo das cobertas, puxando-as até o queixo. Minha cueca boxer está imunda e definitivamente coberta de vários fluidos, mas é melhor do que ficar completamente nu — completamente *vulnerável* — na casa de Peris Baxter.

Há uma diferença clara entre mim e Peris: eu com minha atitude destrutiva e malcriada e meu corpo pequeno e ágil versus sua intensidade acentuada e corpo musculoso.

Sim, eu não teria a menor chance e já não estou cem por cento. Não que eu ache que ele tenha colocado as mãos em mim com intenções maliciosas – ele claramente não é o tipo, e eu o pressionei muito – mas também não vou me arriscar. Especialmente depois de eu ter virado o roteiro para ele.

Criamos uma espécie de... conjectura desde o primeiro dia em que nos conhecemos.

Mas isto... isto muda tudo.

Tenho todo o acesso a ele agora – não mais vinculado ao horário escolar, ao intervalo entre as aulas ou aos consultórios particulares e pessoais.

Ele estará por perto o tempo *todo*. Ele não será capaz de ir embora. Para ganhar compostura. E, eventualmente, a escuridão interior começará a desaparecer por mais do que apenas uma espiada por trás da cortina.

Porque Peris Baxter está escondendo alguns demônios desagradáveis por trás da fachada que ele mantém. Já vi vislumbres breves em momentos em que nossos olhos se conectaram, tons verde-dourados girando com a fumaça mais escura.

Meu primeiro vislumbre foi naquela noite na escola, quando ele me observou. Quando ele queria o que viu. Quando ele foi pego e não se virou, mesmo que obviamente estivesse em guerra com nojo, medo e excitação flagrante.

Ele me prendeu, ali mesmo. Anzol, linha e chumbada. Eu teria caído de joelhos diante dele naquele momento só para manter aquele olhar em seus olhos. Mas eu vi o que está abaixo da superfície – ele sabe que sim.

E farei tudo o que estiver ao meu alcance para revelar a sua tenebrosidade. Preciso de outro gostinho da familiaridade. Prova de *que não estou sozinho nisso*.

Felizmente, a escuridão chega tão facilmente quanto sempre quis — me dividindo ao meio enquanto me engole.



Torço o nariz, tirando a mão de debaixo do cobertor grosso para esfregá-la nas cócegas do cabelo. O calor sopra em meu rosto novamente. Mais cabelos esvoaçantes. — *Ugh*, — gemo, me enrolando contra o ataque do ventilador.

— Bom, você está acordado. — Minhas pálpebras se abrem e meu corpo reage a anos de puro instinto. Estou de pé e voltando para o canto mais distante, colocando a maior distância possível entre mim e a voz. Meu peito arfa, o coração batendo forte contra minha caixa torácica machucada, roubando todo o meu fôlego através de ondas potentes de dor cegante. Eu me enrolo, arfando enquanto meu estômago se contrai.

— Isso é uma reação exagerada, se é que já vi uma, — Peris fica inexpressivo, perfeitamente imóvel, com a bunda apoiada na beira do colchão. *A centímetros* de onde eu estava dormindo.

Ele poderia ter feito qualquer coisa... e você não acordou.

O que diabos há de errado com você?

— Que *porra é essa?* — sibilo o pensamento parcial em voz alta.
— Tranquei a maldita porta.

Ele olha de volta para a porta, agora perfeitamente entreaberta. — Sim, sobre isso. As fechaduras são uma merda.

— Posso ver isso, — respondo, jogando um braço em sua direção.

— Praticamente inútil, — continua ele.

Puxo meus joelhos o mais próximo possível do peito, o que não é muito, olhando para ele com um olho turvo, o sono ainda persiste. — Sim.

Suas mãos se apertam ao lado do corpo. — Por que você está aqui, Abel?

Suspiro, deixando cair a cabeça contra a parede. *Isso de novo?*

Minha frequência cardíaca voltou ao ritmo normal, tornando o processo de pensar um pouco mais fácil. Eu deveria estar grato por ele finalmente estar falando comigo em vez de ignorar meus cuidados e ir embora bufando, mas não estou.

— O que *você está* fazendo aqui, Peris? É meio da noite. — Olho por baixo do nariz para onde ele está sentado, tenso da cabeça aos pés. — Não gostaria que sua mãe pensasse que você quer me foder ou algo assim, entrando furtivamente no meu quarto no meio da noite... Isso vai contra *todas* as regras dos irmãos adotivos. — Balanço as sobrancelhas, fingindo um suspiro.

Minhas palavras têm o efeito desejado. Peris recua como se eu tivesse dado um tapa nele, boquiaberto antes de fechá-la quase com a mesma rapidez. — Mamãe não está em casa. É a única vez que posso falar com você sem arriscar que ela ouça. Quero saber o que diabos está acontecendo.

Minha força se esvai e caio contra a parede, as pálpebras tremulando enquanto o frio penetra em minha pele. — Não há muito a dizer.

— Mas há algo, então...

Apenas conte a ele uma versão da verdade. Talvez isso ajude. — Estava no pronto-socorro. Sua mãe era minha enfermeira. Bill veio e me disse que sua mãe ofereceu uma vaga para mim já que alguma merda aconteceu no lugar onde eu estava. Então, era aqui ou em uma casa coletiva, e bem... — finalmente olho para cima, encontrando seu

olhar através das sombras. A luz do corredor ilumina atrás dele, banhando o quarto escuro com uma tonalidade amarela.

— Tenho certeza de que até alguém como você sabe como são as casas coletivas.

Darei crédito a Peris; sua expressão não muda nenhuma vez enquanto ele ouve minha explicação resumida. — Quem é Bill? — ele finalmente pergunta, arrancando uma risada curta de mim.

— É isso que você quer perguntar? — Ele encolhe os ombros, deslizando a mão pelos cabelos. — Bill é meu assistente social, — respondo.

— Oh.

— Presumo que você saiba o que são.

Fácil. Conversar com ele é fácil.

— Sim. Mamãe já adotou antes. O que aconteceu com você? — ele pergunta, tom afetado.

— OK. Isso é tudo? — Mordo com os dentes cerrados, ignorando sua pergunta como se ele nunca a tivesse proferido. Minha pele está arrepiada de desconforto, cada pulsação do meu coração lateja.

— Sim. Eu acho. Apenas... — Seus dedos se curvam nas palmas enquanto ele discute o que dizer em seguida.

— O *quê*, Peris? — Não me preocupo em esconder meu suspiro de exasperação quando encontro seu olhar, meu nariz grande e torto em grande parte na minha periferia. — Olha, estou cansado pra caralho. Minha cabeça dói – entre muitas outras coisas – e, francamente, não

estou *com humor*. Ouço você e tudo o que você não está dizendo porque você é *muito legal*, hein, para ameaçar o novo filho adotivo. Mas não me importo. Então, *faça* alguma coisa ou dê o fora.

Ele pisca, com os olhos arregalados, os músculos da mandíbula tremendo. — Eu não estava...

Finjo bocejar. — Claro que você não estava. Agora, se você não se importa, estou prestes a ficar completamente nu, então, a menos que você queira... — Eu paro, fazendo um barulho de clique. Olhando através dos meus cílios, tiro o cobertor do meu torso. Sei que minha pele está manchada de hematomas, mas algo me diz que Peris pode gostar desse tipo de coisa. Um risco, claro. Mas enquanto vejo sua garganta rolar, os olhos devorando minha pele nua, sei que meus instintos não me desviaram.

Ele fica de pé, exalando algo próximo a um gemido de dor enquanto vira as costas nuas para mim – todo músculos e pele bronzeada. Espero que ele bata a porta, mas ele a fecha com uma suavidade surpreendente.

Assim que a porta dele se fecha do outro lado da minha, deslizo de volta sobre a cama, os olhos fixos no teto, mesmo enquanto eles queimam. O sono agora está tão longe dos recônditos da minha mente que nem tem graça.

Peris é... tão diferente de todo o resto. Eles são todos um borrão agora. Uma parte de quem sou, de quem tive que ser para sobreviver.

Nunca serei capaz de superar isso – não posso – mas é bom ser algo diferente de tudo isso. Alguém que sou apenas... *eu*.

CAPÍTULO 3

ABEL

Elise está de costas para mim, as mãos vasculhando a bolsa no balcão da cozinha. Quando ela se vira, ela tem dinheiro na mão, estendendo-o para mim. — Para o que você precisar ou quiser. Peris irá levá-lo.

Eu recuso.

— Com licença? Farei o que agora? — Ele chama de algum lugar na sala adjacente.

— Você vai levar o Abel para fazer compras! Roupas, livros, *tudo o que* ele precisar — ela diz a Peris, mas seus olhos nunca deixam os meus: gentis e obstinados.

Me deixa doente.

Minhas mãos tremem ao meu lado.

Elise se abaixa, os olhos saltando entre os meus, procurando por qualquer sinal de protesto antes de agarrar minha mão e levantá-la, colocando o dinheiro na palma da minha mão. Pisco para isso. A porra do *maço* de dinheiro que ela acabou de colocar na minha mão.

— Doutora, não posso...

— Você pode, e você irá. Você merece ter algumas roupas, querido. E até mesmo algumas coisas que não são uma necessidade.

— Engulo a bile que queima meu esôfago. Ninguém é tão legal. Isso é *bom*. Certamente não sou.

Ela deve saber que não sou.

E com o que estou fazendo com o filho dela...

— Vou te pagar de volta, — falo, mantendo minha cabeça baixa de vergonha. *Jesus*, eu não estava preparado para isso. Achei que estar aqui seria meu alívio, mas tenho que retribuir, o que significa...

Ela resmunga, cortando minha pancada interna. — Ah, não se preocupe com isso.

Olho para cima, forçando-me a olhar para ela. — Eu tenho que.

O sorriso de Elise desaparece, os olhos se voltando para os hematomas no meu rosto, meu olho que está surpreendentemente menos inchado hoje – provavelmente por causa do gelo que ela vive me dizendo para colocar nele – mas ainda bastante retorcido.

— Falaremos sobre isso mais tarde, ok? — Aceno levemente. — Mas, por enquanto, vá em frente e consiga o que precisa. Temos necessidades aqui. Escova de dente, pasta de dente, escovas extras — que sei que Peris já comprou para você — mas não tenho certeza do que mais você gostaria, e você tem idade suficiente para decidir por si mesmo, então quero que faça isso. *O que quer que seja*.

— Isso é muito dinheiro, — diz Peris às minhas costas.

— É o suficiente, — Elise responde com um sorriso. — Leve-o para onde ele precisar, ok?

O calor irradia de sua pele, a centímetros da minha. — Claro, mãe.
— Até eu posso ouvir o sarcasmo.

Elise levanta uma sobrancelha, mas não comenta nada. — Bom. Estou trabalhando no turno diurno hoje, mas amanhã voltamos ao normal, — ela nos conta enquanto coloca a bolsa no ombro. Enfia as mãos nos bolsos da minha calça jeans larga, sentindo o cinto morder a pele da minha cintura.

— Parece bom, — diz Peris com voz arrastada.

— Divirtam-se, meninos! — ela diz enquanto sai pela porta, vestida com outro uniforme azul. Assim que a porta se fecha atrás dela, o silêncio se torna ensurdecedor.

Peris ainda está atrás de mim, cheio de calor e exasperação. Cada músculo está tenso, pronto para um ataque. Estabilizo minha respiração, puxando-a lentamente – suavemente – aliviando a tensão em minha caixa torácica comprimida.

— Para onde estou levando você? — é tudo o que ele diz.

Quando me viro, seus olhos se voltam para a barra prateada na ponta do meu nariz. — Onde você quer me levar?

Peris suspira, parecendo totalmente exausto enquanto enfia os dedos nas órbitas oculares. — Não estou com disposição, Abel. Minha mãe me pediu para levar você a qualquer lugar, então para onde quer ir?

— E você simplesmente faz tudo o que ela pede? Mesmo que seja algo para mim?

Seu olhar está vazio, então ele desaparece pelo corredor, voltando um minuto depois com um moletom e chaves tilintando na mão. — Estou entrando no meu carro. Se você não chegar quando eu sair, vou deixá-lo aqui. Não estou jogando seus malditos jogos. — Peris bate a porta atrás de si, sacudindo-a no batente, deixando-me olhando para sua vaga.

Meus sapatos afundam no carpete macio e gasto, a lona rosa manchada forma um contraste angustiante. Flexiono os dedos dos pés, sentindo o plástico texturizado na parte inferior. E então suspiro, soprando pesadamente entre os lábios antes de abrir a porta e seguir os passos desertos de Peris.

Eu meio que esperava que a porta estivesse trancada quando puxei a maçaneta, mas ela abre facilmente, e sou imediatamente envolvido pelo cheiro dele, seguido pelos vestígios persistentes de suor e almíscar – provavelmente de basquete.

O carro é mais antigo, com bancos de tecido e painel desgastado e rachado. Mas está limpo e é o carro dele, o que honestamente me surpreende. Nunca passou pela minha cabeça como alguém da minha idade poderia ter seu próprio carro – o que é ridículo porque sou um adulto, pelo amor de Deus, mas isso não importa. *É tudo uma questão de papelada.*

— Belo carro, — digo suavemente enquanto ele dá ré.

Ele zomba. — Sim. Coloque o cinto de segurança. — Faço o que me foi dito, fechando a fivela, os olhos nunca se desviando do lado

do rosto dele enquanto ele dirige pela estrada, com um rap pesado tocando nos alto-falantes.

CAPÍTULO 4

PERIS

— *El, ele está olhando para você de novo, — Gabe comenta enquanto dribla a bola, parando resolutamente no meio da quadra. Eu paro, girando exatamente onde Abel Silver está, incapaz de esconder o fato de que sabia onde ele estava porque posso sentir seus olhos em mim como unhas em um quadro-negro.*

— *Sim, eu sei, — digo, pressionando as mãos nos joelhos, curvando-me enquanto recupero o fôlego. O sol está forte, quente pra caralho ainda para setembro.*

Já se passaram duas semanas desde que vi Abel brincando com outro cara na escola. Duas semanas desde que gozei na calça, o olhar fixo no dele nas sombras. Tudo o que estava escondido era exposto a um estranho.

Um estranho que viu. Quem sabe. E agora ele está sempre... lá. Um demônio no meu ombro, só que maior e mais irritante... e mais bonito.

Gabe bufa. — Você tem seu próprio pequeno perseguidor, hein? — ele brinca, chegando perto. Finjo mudar para a esquerda, mas ele me conhece e segue em frente. Ele me ignora e chuta a bola, acertando um três perfeito.

— Foda-se. Droga, — rosno, puxando meu cabelo suado, puxando-o para trás do meu rosto. Meus dentes estalam, os músculos pulsando sob a pressão. Não olhe para ele. Não olhe...

Nossos olhos se encontram. Suas íris prateadas e brilhantes, seus cílios tremulando. Ele franze os lábios e... Ele não fez isso.

— Ele acabou de mandar um beijo para você? — Gabe fica ao meu lado. Um grunhido borbulha em meu peito, a segundos de sair entre os lábios curvados antes que a risada de Gabe destrua minha linha de pensamento. Eu me viro para encará-lo, resistindo à sua risada. Ele está curvado, a bola rolando em seus pés, descartada.

— O que diabos é tão engraçado?

Ele prende a respiração por tempo suficiente para dizer: — Ele obviamente está flertando com você.

Eu recuo, piscando rapidamente. — Ele não está. — Absolutamente não. Não sei exatamente o que ele está fazendo, mas ele não está flertando. Ele está apenas... brincando comigo.

Porque ele sabe.

Ele viu, sabe e está brincando comigo. Como um maldito violino. E estou tentando tanto resistir. Para manter esta... charada no lugar. Mas só de olhar para Abel fica óbvio o quão frívolo isso realmente é. Porque a única outra pessoa que conseguiu romper foi Gabe. Mas é... diferente com ele. Ele viu um pouco da escuridão e ficou, deixe-me desempenhar o papel que precisava para sobreviver. Para passar todos os dias praticamente intacto.

Abel só quer me dismantelar completamente, ao que parece.

— Ele é, cara. Odeio dizer isso a você. Você é tão obtuso?

— Não, mas...

— Ele sabe que você não balança dessa maneira? — Gabe pergunta em tom de conversa, voltando ao assunto, com a bola de volta na mão.

Você sabe que eu gostaria de não ter feito isso? Mas Gabriel não sabe. E agora que o Abel me viu, assim... isso... também não consigo mais esquecer.

Tanta coisa para viver em negação.

Maldito idiota.

— Ele não está flertando comigo. E eu apreciaria se você não dissesse uma merda dessas de novo.

Gabe estreita os olhos. — Não seja homofóbico, Peris.

Meus pés tropeçam e param. — E-eu não sou, — gaguejo, grato por já estar vermelho como uma beterraba por causa do esforço, então minha vergonha não aparece tão acentuadamente. — Eu simplesmente não gosto do que ele está fazendo.

Ele zomba, voltando a ficar totalmente despreocupado em um piscar de olhos. — É cara. Isso é óbvio. Mas ele parece ter se agarrado a você por algum motivo. Como um cachorrinho perdido. — Isso o faz bufar. Reviro os olhos, que se voltam para Abel novamente.

Desta vez com essa palavra ressoando na minha cabeça. Suas roupas são sempre tão grandes quando seu corpo é tão pequeno. E

afiado. Como se seus ossos pudessem cortar sua pele se ele se movesse na direção errada.

— Aconteceu alguma coisa? — Gabe pergunta inocentemente, mas ainda fico tenso com a proposta.

Devo mentir? Devo confiar nele? Sei que ele não vai me julgar. Na verdade, nem sonharia com isso, mas... ele não pode saber quem eu realmente sou. Trabalhei duro para ser essa pessoa.

Fingindo ser bom, gentil e estar no controle.

Não posso perder isso, e só falar de Abel e do que aconteceu entre nós, por menor que seja, mudaria absolutamente tudo.

Algumas coisas são melhores não ditas.

— Não, cara. Eu mal o conheço. — O que não é tecnicamente uma mentira, mas parece uma grande mentira. Limpo o suor da minha testa.

— Ele parece pensar que conhece você, — Gabe responde com indiferença. Como se essas mesmas palavras não abalassem toda a minha base cuidadosamente reconstruída.



O ar é sufocante, cheio do *cheiro dele* – seja ele qual for. Como sabonete em barra barato, doces e ferro.

Abel está com a janela totalmente aberta, o braço magro e cheio de cicatrizes balançando no ar enquanto dirijo pela cidade, onde acertei todos os sinais vermelhos possíveis.

Parando no terceiro, passo os dedos pelos cabelos, apoiando a cabeça na palma da mão e o cotovelo apoiado na janela. O vidro está frio contra minha pele, um belo contraste com o calor que sopra pelas aberturas de ventilação.

Abel bate os dedos machucados na coxa no ritmo de uma música do Eminem, seus lábios rachados e carnudos pronunciando a letra.

Um carro buzina atrás de mim, tirando-me do meu devaneio. Olho para o sinal verde e piso no acelerador, mantendo o olhar fixo entre a estrada e as vitrines das lojas embelezadas com decorações clichês de Halloween – aranhas, teias, caldeirões de bruxa.

Vê-los me leva de volta aos anos em que eu ficava animado para decorar, a promessa de doces nas semanas seguintes era quase impossível de suportar.

Agora, está contaminado com lembranças amargas. Como tudo mais.

— Você pode me deixar aqui, — diz Abel, apontando os dedos para o brechó a um quarteirão de distância enquanto levanta a janela. Paro em um lugar bem em frente à porta, prateleiras de roupas facilmente visíveis através do vidro transparente.

— Minha mãe lhe deu mais do que o suficiente para comprar roupas novas, — murmuro enquanto estaciono o carro. Abel se vira

lentamente, fixando-me com seu olhar vazio e padrão. É enervante pra caralho, não ser capaz de ler uma única emoção.

O pirralho é bom, admito isso. A maneira como ele instiga e cutuca, mesmo em silêncio.

Engulo em seco lentamente, flexionando os dedos no couro rachado do volante. A estática do meu auxiliar preenche o pequeno espaço do carro, fazendo com que os pelos microscópicos das minhas orelhas se arrepiem. Meus olhos se voltam para ele. Ele está virado no banco, os joelhos pressionados contra a alavanca de câmbio, as mãos suavemente curvadas no colo.

Seus jeans, pelo menos dois tamanhos maiores, estão rasgados e puídos com uma mancha descolorida colocada ao acaso. Não consigo ver os sapatos dele daqui, mas não preciso vê-los para saber como são. Converse rosa, de cano alto, velho e manchado, provavelmente a poucas semanas de adquirir alguns buracos nas solas.

A alça do cinto – também grande demais para seu corpo magro – fica perto da virilha com tachas prateadas baratas, muitas das quais estão faltando. Sua camisa é preta com uma espécie de cruz gótica estampada no lado direito, letras azuis desbotadas descascando no outro peitoral.

Sigo a cor desgastada e esticada por sua garganta longa, pelo pomo de adão afiado e pelo queixo. Sua mandíbula está torta, lábios muito carnudos. Muito rosa. Contusões mancham sua pele, um olho

ainda inchado, a sobrancelha oposta dividida, agora formando uma crosta.

— Está se saciando? — Sua voz surpreendentemente baixa me destrói. Eu me afasto, batendo a cabeça no assento. Meus dedos estão presos com tanta força ao redor do volante que os nós dos meus dedos estão sem sangue.

Porra, por que ele é tão bonito?

— Você não está flertando comigo. — Não é uma pergunta, mas Abel entende como tal. Ele sabe exatamente do que estou falando.

Um bufo indecente e nojento sai de sua boca feia. — Claro que estou.

Deixo meus olhos fechados, forçando a respiração em meu peito dolorido. — Por quê? — Sai sufocado.

— Por que não? — ele rebate rapidamente. Eu o fixo com um olhar rápido que é ignorado. — Sei que isso te irrita. Como você odeia toda a atenção. A maneira como todos percebem como não consigo tirar os olhos de você. Eles acham que quero você. Eles acham que você também me quer.

— Eu não! — Estalo alto. Minha voz ecoa ao nosso redor — ensurdecadora. Tudo o que Abel faz é sorrir para mim. Imperturbável e tão confiante. Totalmente sem medo das consequências.

— Você não sabe o que está fazendo, Abel.

— Eu normalmente não faço isso, — ele concorda, o que me faz bufar indignado.

— Quero dizer comigo. — Passo a mão pelo cabelo, afastando-o do rosto. — Você está tentando... não sei o quê, honestamente. Mas você está me pressionando demais. Não quero ser cruel. — *Mentiroso.*

Engolindo uma enorme quantidade de vômito que sobe pela minha garganta, eu o encaro. Deixe-o ver, só um pouco. O que posso controlar.

— Não quero machucar você. — *Mais mentiras.* — E acho que posso fazer isso se você não parar. — Os olhos de Abel brilham à luz do sol, íris cinzentas parecendo derretidas. — Podemos ser amigos se é isso que você quer. Eu... eu vou tentar. Mas... — *Apenas diga. Você precisa.* — Por favor, pare qualquer jogo que esteja jogando.

Tudo se resume a isso. *Implorando a Abel por um adiamento de sua tortura.*

O rosto de Abel se divide em um sorriso cheio e torto, com fileiras de dentes tortos à mostra. — Querido, você não tem ideia do que sou capaz ou do que quero de você. Mas vou te contar um segredinho. — Ele se inclina sobre o console central, fazendo o possível para conter uma careta de dor. Isso transforma seu sorriso em algo mais sinistro, mais... *real*. Como se finalmente estivesse vendo um lampejo do que está abaixo *dele*.

— Acabei de começar, Peris — ele sussurra no ar carregado do meio da manhã. — E não vou parar até arrancar de você o que vi

naquela noite. — Então, ele abre a porta, deixando entrar uma lufada de ar fresco enquanto pega sua mochila no chão.

— Não se preocupe em esperar. — A porta é fechada e Abel desaparece dentro do brechó, cada passo dado lenta e deliberadamente, como se soubesse que estou observando cada um deles.



Meus ouvidos estão zumbindo quando chego ao parque. Gabriel já está lá, com a bola entre os pés, curvado sobre o telefone na mesa de piquenique. Depois de desligar o carro, coloco a cabeça no volante, respirando pesadamente pelo nariz, os pensamentos se agitando e cercando Abel Silver para sempre.

Ele traz à tona o que há de pior em mim. As partes que pensei ter enterrado profundamente, precisavam ser mantidas escondidas se eu quisesse sobreviver. Se eu quisesse ter certeza de que o que ele fez comigo não me mudaria.

Mas aconteceu. *Claro que sim.* Como não poderia? Algo assim mudaria qualquer pessoa — irrevogavelmente.

Isso me transformou em algo irreconhecível e nojento, vil e desagradável. E se eu não tomar cuidado, Abel vai tirar minha frente como pele de cobra e expor minhas depravações por qualquer prazer doentio que ele possa obter com isso. Porque por que ele se

importaria com o que isso faria comigo? Aparentemente, ele é alguém que... não sei. Quem não se importa com o dano que cria. Quem quer um banho de sangue. Quem quer me ver estalar.

O que não entendo é *por quê*. Abel não sabe nada sobre mim – sei que ele não sabe, porque o que aconteceu nunca chegou ao noticiário. Todos foram silenciados por acordos de confissão silenciosos e declarações confidenciais sobre o impacto das vítimas.

Mas ele conhece minhas preferências... e nem consigo admiti-las para mim mesmo.

Ele sabe que não consigo tirar os olhos dele, mesmo quando ele me irrita a ponto de me imaginar vividamente sufocando-o e roubando a própria vida de seus pulmões. E ele sabe que não sou tão bom quanto finjo ser, mesmo quando tentáculos pretos escorregam pela minha fachada e se envolvem em mim e em todos que estão perto o suficiente para serem tocados.

Ele vê minhas mentiras porque vive em sua própria fossa.

E ele não vai parar – isso está claro. Então, onde diabos isso me deixa? Posso continuar lutando com ele apenas para acabar ainda mais exausto, constantemente paranoico e nervoso. Ou devo desistir, parar de lutar contra meus demônios e deixá-los me engolir inteiro enquanto levo Abel Silver para o buraco comigo?

Estou pronto para afundar, mais fundo e mais rápido do que nunca? Estou pronto para deixar ir, para finalmente me permitir sentir o que sempre se agitou sob minha carne?

Qual é o sentido de sempre fingir ser alguém que não sou? Já estou exausto de empurrar, empurrar e reprimir meus instintos – e isso faz apenas alguns anos. Posso realmente sobreviver a uma vida inteira nessa merda?

Uma batida forte contra o vidro faz meu coração dar uma guinada no estômago quando recuo, batendo a cabeça no encosto de cabeça. Meus olhos se voltam para encontrar Gabe parado com as mãos nos quadris, um olhar de preocupação distorcendo suas feições.

Soltando um suspiro por entre os lábios, agarro minha nuca e estalo o pescoço antes de deixar cair as chaves no banco e sair do carro. Gabe dá um passo para trás, mas ele ainda tem aquela expressão de merda no rosto.

— O que? — Estalo enquanto caminho em direção à quadra vazia. O som de seus passos esmagando as folhas caídas segue o meu.

— O que está errado? — ele pergunta nas minhas costas.

Sua pergunta atrai tensão para meus ombros. — Nada, — resmungo pateticamente.

Ele zomba enquanto levanta a bola e quica algumas vezes. O ar está fresco e arejado, e inalo avidamente, precisando dele para ajudar a limpar a névoa da minha cabeça.

— Somos amigos há quantos anos? — ele diz em tom de conversa, sem nunca tirar os olhos do concreto velho e desgastado em que tocamos há anos.

Minhas sobrancelhas franzem. — Desde o ensino médio, — respondo, embora lentamente, confuso sobre onde ele quer chegar com isso.

— Sim. Desde que você se mudou para cá no início da oitava série.

— Qual é o seu ponto, Gabriel? — Suspiro, deixando cair a cabeça entre os ombros. O sol está escondido atrás de uma parede cinzenta de nuvens, mas ainda procuro seu calor quando ele rompe a densidade.

Já está tudo tão frio.

— O que quero dizer é que conheço você, Peris. Vi quem você era quando nos conhecemos em comparação com a pessoa que você é agora. — Ele faz uma pausa por um momento, esperando o momento em que inevitavelmente encontrarei seu olhar castanho escuro. — E eles não são duas pessoas diferentes. Você ainda é você, não importa o que aconteça. Mesmo quando você tem que fingir. Mas as sombras que te seguiram naquela época estão ficando mais escuras novamente. — Ele diz isso com naturalidade. Não há espaço para discussão. Porque ele está certo – ele não tem ideia do quanto – mas ainda assim me irrita, seja lá o que ele esteja tentando aludir.

— Posso ver o que está acontecendo. Ou... talvez não o quê, mas esse algo *está*. Você está na sua cabeça novamente. Mais irritado e mais rápido para quebrar. Isso tem acontecido cada vez mais nas

últimas semanas, então estou perguntando abertamente: que porra está acontecendo?

Porra, isso não deveria doer tanto quanto dói – ser visto, mesmo quando tento tanto não ser.

Uma risada borbulha na minha garganta, derramando-se na brisa suave do outono. É barulhento e caótico e não para. Eu me dobro com a força, o braço em volta do meu abdômen enquanto lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos. Ecoa alto na minha cabeça, criando pressão contra vários pontos do meu crânio.

No momento em que diminui a velocidade, estou sem fôlego e minha garganta está doendo, seca e em chamas. Uma mão nas minhas costas me faz estremecer. Gabe se aproxima de mim e me empurra de volta para a mesa de piquenique. Rolo minha cabeça entre os ombros enquanto ele cai ao meu lado, só que estou no banco e ele está sentado na mesa. Minha cabeça *bate* contra a madeira, com mais força do que o necessário, mas espero que isso ajude a trazer alguma maldita *clareza* para mim.

— Você não vai acreditar nisso, — começo. Talvez não possa contar tudo ao Gabe. Provavelmente não. Mas também acho que não consigo mais guardar toda essa merda dentro de mim. Isso vai me matar se eu fizer isso, e talvez... não sei, talvez ele possa ser o único a me colocar um pouco de bom senso, porque neste momento, ceder a Abel parece ser o melhor caminho na minha encruzilhada.

E sei que ele não vai me julgar, então é nisso que me agarro.

Ele se anima instantaneamente, embora seus olhos ainda estejam cautelosos. Provavelmente porque ele apenas me viu gargalhar como uma hiena sem motivo algum. Mas Gabe sendo a pessoa que é – tranquilo, rico e mimado, mas *realmente* bom – ele não comenta meu comportamento. Em vez disso, ele muda o tom para algo mais fácil, mais alinhado com a base da nossa amizade. — Diga, cara. Pela expressão no seu rosto, vai ser bom.



— Você está me zoando, — ele brinca.

Meu cabelo, agora úmido de suor, cai diante dos meus olhos. Puxo-o para trás e coloco-o atrás das orelhas com um suspiro. — Eu desejava estar.

— Uau, — ele respira, olhando para o céu. Copio seu movimento, observando as nuvens densas e cinzentas flutuando em uma extensão azul-clara. — Isso é insano. Que merda maluca.

Bufo com sua interpretação apropriada de Abel. — Aparentemente, o universo me odeia.

— Ohh, então estamos culpando o *universo* agora? — ele zomba de mim.

— Foda-se. Estou falando sério. Não posso fazer isso, Gabe. Ele... — puxo meu cabelo, — me deixa maluco, — termino sem muita convicção.

— Bem... sim, eu me sentiria muito louco se tivesse que lidar com ele assim também. Além disso, ele *é* seu irmão adotivo agora, e irmãos deveriam ser irritantes. Não que eu saiba. — Bufo com o termo irmão adotivo. Se há uma coisa que *não somos*, é isso.

— Os irmãos deveriam querer foder? — Deixo escapar sem pensar, mas no segundo em que as palavras saem da minha boca, meu estômago afunda direto na minha bunda. As sobrancelhas escuras de Gabe desaparecem atrás de seu cabelo, os lábios franzidos. Meu rosto empalidece enquanto queima simultaneamente. *Porra, porra.*

Puxo meu cabelo até meu couro cabeludo arder. — O que eu quis dizer é que você não saberia como é ser filho único que consegue tudo o que quer.

Ele pisca. De novo. E então, seus lábios se curvam. — Então, você quer transar com ele?

Meus dentes estalam quando eles batem juntos, as mãos cerradas no meu colo. *Muito perto.* — Gabe, — rosno – um aviso baixo. Ele não dá a mínima.

— Não. — Ele balança a cabeça. — Não, eu. Você não pode brincar com isso. Tive a sensação de que você começou a falar sobre a merda que Abel está fazendo com você, mas você nunca *disse*...

— Não há nada a dizer, — eu cuspo. *Mentiroso.*

Gabriel franze os lábios antes de se recostar nas tábuas de madeira, apoiando o peso nas palmas das mãos. — Entendi, — diz ele após uma longa pausa.

Olho para cima, tentando ler seu rosto, mas mesmo com os raios do sol brilhando em sua pele morena, brilhando com gotas de suor, não consigo entender o que ele está pensando.

— O que é que você *ganha*? — Pareço irritado e petulante, mas não consigo evitar o modo como meu coração bate forte na base da minha garganta, o estômago revirado em um nó mais apertado do que na base de uma isca de pesca.

— A homofobia internalizada, — Gabe responde com indiferença. Como se essa afirmação não virasse todo o meu mundo de cabeça para baixo.

— Com licença? — Hesito, recuando. Ele nem se incomoda em abrir a porra dos olhos.

— Acho que você me ouviu muito bem, Peris. — Ele finalmente abre uma pálpebra. — E estou dizendo que entendi o que você quer dizer. Bem, não exatamente...

— Não, você não entendeu.

— Ei, — ele late, sentando-se, o rosto contorcido em um sorriso de escárnio cheio de mágoa. — Não brigue comigo. Estou aqui. Estou ouvindo. Mas também não sou um maldito saco de pancadas e tenho meus próprios sentimentos e opiniões. Então cale a boca e deixe-me dizer o que preciso dizer.

O veneno desliza pela minha garganta, na ponta da minha língua, mas a expressão no rosto de Gabe o mantém lá. Com um grunhido, aceno minha mão. — Tudo bem, tudo bem. Diz.

— Bom. Obrigado. De qualquer forma, como eu estava dizendo. Não entendo totalmente, mas acho que você tem uma razão para se sentir assim. O que *eu* quero te dizer é que não há problema em ser quem você é. Não sei se alguém já disse isso para você antes, mas acho que todo mundo gostaria de ouvir isso pelo menos uma vez.

— Eu sei que não falamos sobre merdas como essa, mas agradeço que você me conte. Abel parece um idiota. Obviamente, tudo que sei é o que ouvi na escola e o que você me contou, mas lembre-se, você não precisa desistir e aceitar a merda de ninguém. Você pode ser legal, — ele diz revirando os olhos, — mas você não é uma tarefa simples. — Ele rola os lábios entre os dentes.

— E se isso ajudar você com quaisquer sentimentos que estejam surgindo, está perdido, — acrescenta ele, quase como uma reflexão tardia.

Todos os meus pensamentos param bruscamente com a admissão arrogante do meu melhor amigo.

— Você é... pan? — Eu papagaio, arrastando as palmas das mãos suadas sobre as coxas. — Tipo, pansexual¹?

— Sim². — Ele estala o p bem alto.

¹ Pansexualidade é a atração sexual, romântica ou emocional em relação às pessoas, independentemente de seu sexo ou identidade de gênero.

Minha cabeça cai, a testa enrugada. — Por que eu não sabia disso?

— Você nunca perguntou, — Gabe diz facilmente. — E você já fez comentários antes. — Sua voz é mais suave no final, mais hesitante.

— Merda. — Deixo cair a cabeça nas mãos, cravando as palmas nas órbitas dos olhos. Minha mente está girando com tudo o que aconteceu nos últimos trinta minutos ou mais. Não consigo acompanhar. — Sinto muito, Gabe. Eu não queria... sou *eu*. Por causa de...

— Eu sei.

— Mas isso não é desculpa.

— Não, não é.

— Vou tentar melhorar. Odeio isso... Porra. Machuquei você, — paro, e parece uma pergunta.

— Você realmente não fez isso porque sei que não veio de um lugar malicioso. Bem... acho que sim, mas não especificamente para ninguém além de você. Ele encontra meu olhar com um olhar sólido. — Certo?

Apenas diga, Peris. Meus lábios se abrem, mas nada sai. Eventualmente, eu os pressiono novamente para roer por dentro.

— Sinto muito, — digo novamente, porque é tudo o que *posso* dizer.

— Eu sei. — Ele agarra meu ombro e me sacode antes de se apoiar em seus braços estendidos. A bola de basquete está a poucos metros de distância, permanecendo intocada desde o início da conversa. Vou até lá e a pego, rolando-a entre as mãos enquanto enfio a ponta dos sapatos nas folhas mortas espalhadas pela grama.

— Você estava certo sobre mim.

A madeira range quando ele se move. — Você quer explicar isso?

Olho por cima do ombro para ele. — Não.

Seus lábios se abrem em um pequeno sorriso. — Sim, pensei que não.

— Não sei o que fazer com Abel, Gabe. Eu tentei... — Não consigo me virar e encará-lo. — Antes de vir aqui hoje, minha mãe me pediu para levá-lo para qualquer lugar – não sei. Mas tentei avisá-lo que, se ele continuar empurrando, vou explodir. Posso *sentir* a raiva crescendo em mim – mais quente do que antes. E ele está arrancando de mim toda essa maldade que venho empurrando para baixo.

— Não é bom, cara. — *Não estou bem*, quase digo, mas consigo manter o controle dentro de mim enquanto continuo. — Tenho coisas que você não conhece. Isso ninguém faz e é quem eu sou, mas venho enterrando isso há, bem, desde sempre, e Abel... ele é simplesmente. *Porra*. — Aperto a bola o mais forte que posso.

Há uma longa pausa e fico impaciente esperando Gabe dizer alguma coisa. *Qualquer coisa*.

Depois de um rápido encontro de nossos olhares, a boca de Gabe se torce para o lado como se ele estivesse pensando em algo, e então, ela se transforma em algo mais suave quando ele diz: — Você já teve alguns irmãos adotivos antes. Não é nada que você já não saiba.

Cerro os dentes, olhando para minhas mãos, com os nós dos dedos brancos e as veias tensas. — Sim, mas isso é diferente.

— Porque você já conhece o Abel? Ou porque você sente algo por ele?

Sentimentos. Eu zombei. Mais como uma obsessão desagradável que beira tendências violentas. — Porque *e/e* me conhece, — resmungo. — E ele está morando na minha casa.

— Ah, — Gabe exclama. — Você não pode fugir dele.

— Não. Não posso. Ele está em todo lugar. O tempo todo.

— Até eu notei sua, hum, presença constante.

— Veja, eu sabia que não estava apenas na porra da minha cabeça! — Rosno, quicando a bola entre meus pés. Gabe monta atrás de mim e rouba-o no ar para girá-lo no dedo indicador.

— Não, não está.

— Minha mãe não sabe sobre... — Paro. Não preciso dizer isso.

Ele gira a bola nas mãos. — Que vocês querem foder ou que ele supostamente fode por dinheiro, como dizem os rumores?

— Jesus, porra, Cristo, Gabriel, você pode parar de falar sobre *foder*?

— Por quê? — Suas sobrancelhas sobem. — É a verdade. Você disse então. — Então, ele sorri.

Oh, aquele filho da puta está me provocando. — Esqueça que eu disse isso. Eu não quis dizer *literalmente*.

— Então de que outra forma você quis dizer 'os irmãos deveriam querer foder?' Isso implica que...

Eu me viro, tentando pegar a bola, mas ele recua com a mesma rapidez, martelando-a entre os pés.

— Eu não quis dizer isso, — cuspi com os dentes cerrados.

— Claro.

Afasto-me com um gemido frustrado, enfiando os dedos no cabelo e puxando. — Podemos terminar esta conversa e apenas jogar bola?

— Sim. Mas bem rápido, você perguntou a ele?

— Perguntou o que para quem?

Gabe revira os olhos. — Abel, — ele diz isso como se eu fosse estúpido. Eu sou, — se os rumores são verdadeiros.

— Claro que não. — Zombei. — Por que você se importa?

— Tigre fácil. Só estou curioso. É um grande boato, especialmente em uma escola como a Ardent, e nós prosperamos no drama. — Ele ri secamente.

— Às vezes, não sei por que somos amigos, — resmungo, fazendo-o bufar.

Gabe enfia a bola no meu peito. — Somos amigos porque sou o único que não aceita suas merdas. — Sua mão está acima dos olhos, bloqueando os raios de sol que atingem seu rosto. — Além disso, eu sou simplesmente... — ele estica os braços, — adorável.

Bufo alto. — Sim, tanto faz. Vamos jogar ou não?

— Merda de verdade ou apenas diversão?

— Bem, era *para* ser apenas uma diversão pra caralho, mas então você foi e me fez falar sobre minha porra...

— Seus *sentimentos*, eu sei, são uma farsa. — Gabe sorri.

Reviro os olhos, ignorando o buraco no estômago. É uma sensação que está sempre presente. O fio pesado de ansiedades, cenários e possibilidades infinitas.

Nunca fui capaz de me livrar desse fardo, mas com a bola de couro entre meus dedos e o som dela ricocheteando no concreto coberto de folhas, tudo fica um pouco... menos.

CAPÍTULO 5

PERIS

— Que porra você está vestindo? — Deixo escapar quando entro na sala, encontrando Abel vestido com o short mais curto que já vi, aconchegado no sofá.

Sua cabeça gira lentamente, uma corda pendurada em seu queixo, seu olhar se afasta lentamente da tela da TV. — Shorts, — ele brinca, colocando um pedaço de doce verde na boca e mastigando com a *boca aberta*.

— Posso ver isso, — respondo. Então, puxo meu cabelo. Achei que suar toda a minha irritação com Gabe resolveria o problema, mas eu deveria saber que a mera *presença de Abel* é mais que suficiente para fazer a bola rolar novamente.

Ele tira algo da orelha. — Então, por que perguntou? — ele pergunta, os olhos já de volta na tela. Não consigo nem ver o que está acontecendo através da névoa fervendo no limite da minha visão. Dou a volta no encosto do sofá e pego o controle remoto para apertar o botão liga/desliga. A única reação que recebo de Abel é uma respiração um pouco mais pesada que o normal – não que eu sequer saiba a porra da diferença.

Jesus Cristo, o que estou fazendo?

— Não posso usar a TV? — ele pergunta suavemente, torcendo o cordão preto em volta do dedo indicador. Observo sua pele perder a cor, ficando branca antes que ele a desfie, trazendo o sangue de volta à superfície.

Balanço a cabeça, tentando dissipar a neblina, mas agora Abel está bem à vista. Suas pernas longas, pálidas e esqueléticas estão à mostra, marcadas por hematomas.

Há tantos...

Um eco. Eu pisco. — O quê?

Uma mecha de cabelo branco e úmido cai na frente de sua sobrancelha dividida. — A TV. — Ele aponta para o controle remoto em minha mão.

— E daí?

Ele levanta a sobrancelha cortada, formando um arco quase perfeito. Isso faz com que a barra em seu nariz se levante ligeiramente. — Você desligou, — ele diz lentamente. — Devo pedir permissão? Geralmente é esse o caso, mas tive a sensação de que sua mãe não se importaria... Mas nem pensei em você.

Nem pensei...

Meus dentes afundam na minha língua enquanto olho para o controle remoto. Deixo-o cair no sofá e ele rola na direção de Abel, aproximando-se por causa da reentrância na almofada. Meus olhos seguem seu caminho até que ele pare em um... Hesito enquanto olho

para o disco volumoso e achatado pressionado contra o quadril estendido de Abel.

Meus olhos se fixam na pequena tela rachada, observando um CD girando abaixo do pequeno retângulo na tampa, piscando em uma cor laranja brilhante.

— Isso é um Discman? — pergunto, seguindo o cordão preto dos fones de ouvido em volta do pescoço alongado de Abel. — Onde você encontrou um desses?

Ele sorri para mim, duas fileiras completas de dentes tortos à mostra. Um canino, que é mais parecido com um dente torto, prende seu lábio quando eles se esticam, a boca torta quando se torce em algo que lembra um sorriso. — Sim! — ele exclama, todas as pretensões de neutralidade abandonadas. — Encontrei em um brechó junto com um monte de CDs. Apenas três dólares. E os CDs custavam cinquenta centavos cada, então foi realmente uma pechincha.

Abel parece tão despreocupado que fico momentaneamente atordoadado.

Sua cabeça se inclina em direção ao saco plástico no chão, a seus pés. — Eu sempre... — Seu sorriso desaparece instantaneamente, transformando-se em algo semelhante à tristeza.

Meu estômago afunda vendo seu sorriso sangrar.

Abel pega o Discman e o vira, fazendo com que o CD dentro dele salte e raspe. Seu polegar mastigado pressiona o botão de desligar,

então ele enrola o cordão preto em volta da base antes de colocá-lo dentro do saco plástico.

Depois de se recostar, com o rosto torto de sempre, ele coloca um saquinho vermelho na palma da mão e, depois de escolher os verdes e comê-los primeiro, enfia o resto dos doces arco-íris na boca. O som de sua mastigação ecoa alto na sala agora silenciosa. Uma sonda lenta e pulsante.

Os músculos de sua mandíbula tremem e incham sob a pressão, suas bochechas ficam pequenas e cavadas.

— Sempre o quê? — pergunto, enrolando os dedos nas costas do sofá de camurça cinza, os olhos presos na lateral da cabeça. O cabelo liso cai nas laterais do rosto e na frente dos olhos, roçando as orelhas fortemente furadas e os grandes buracos nos lóbulos.

— Nada, — ele diz secamente depois de engolir e estalar os lábios. Como se agora ele estivesse *entediado* com a conversa.

Algo quente e desagradável se enrola em minhas entranhas, mudando com suas ondas de calor e frio. — Foi nisso que você gastou o dinheiro da minha mãe?

O nariz grande e torto de Abel aparece quando ele se vira, ficando de pé. Seu rosto pálido está corado com um rosa brilhante, lábios muito carnudos pressionados em uma linha apertada.

Enquanto ele muda seu peso, com as mãos cerradas em pequenos punhos ao lado do corpo, meus olhos se voltam para baixo, notando

seus pés descalços. É a primeira vez que o vejo sem aqueles malditos sapatos rosa, e é... estranho ver essa parte dele nua.

Os dedos dos pés são longos e retos, e a parte superior dos pés está repleta de tendões e veias, que rolam sob a superfície enquanto ele crava os dedos no tapete.

— Foda-se, — ele retruca bruscamente — *na defensiva*. — Ela disse que eu poderia comprar o que quisesse. — Seus lábios rachados tremem, nada mais do que uma vibração microscópica, mas engulo ao ver isso.

Seu pequeno corpo se enrola em tensão, os músculos flexionando sob sua camiseta extragrande com o logotipo da banda desbotado. Mal roça a borda de seu short *rosa*. Sigo o caminho por seus joelhos nodosos, passando por hematomas manchados, até as cicatrizes curvas sob os pelos loiros das pernas em todos os tons de rosa.

O ar assobia pesadamente pelas minhas narinas quando dou um passo mais perto, atraído pelo seu calor. — Sim. Significa roupas. Porque você não *tem* nenhuma, porra. — Não consigo evitar o veneno das minhas palavras, a *necessidade* de revidar. Para cutucar e cutucar onde dói.

A fossa está enchendo rapidamente, lambendo as pontas dos meus dedos.

— Bem, certamente estou usando roupas novas, não estou? — ele se atreve.

Meus olhos se voltam para os dele antes de cair por vontade própria. — Tenho certeza de que ela quis dizer roupas *apropriadas*.

— Oh? — Ele levanta uma sobrancelha, lábios carnudos levemente franzidos, brotando de diversão. Não consigo conter o suspiro enquanto enfio a unha do polegar na sobrancelha esquerda.

Aqui vamos nós, porra.

Olha o que você provocou, idiota.

— Você não acha que *isso* é apropriado? — Ele puxa a bainha quase invisível do short. *Claramente*, ele nem está usando cueca por baixo. Não há como ela não aparecer se ele estivesse – ele é baixo assim.

Por que eu me importo? Minhas cólicas estomacais. Fui e fiz de novo. Mergulhei de cabeça em sua atração.

Tem um gosto tão bom.

Abel sempre me leva onde ele quer, me deixando lutando para conseguir algo – em qualquer lugar que eu possa encontrar – mas a única abertura que ele deixa é outro lugar onde ele me empurra.

Os dedos nodosos de Abel se enrolam na bainha desgastada de sua camisa branca. O órgão em meu peito lateja dolorosamente. *Não faça isso. Não faça isso, porra.* Seus músculos se contraem. O tecido sobe. Algo comparável ao suor interno lambe minha testa e desce pelo pescoço, abrindo caminho através de mim.

Redemoinhos de náusea me paralisam. Uma fatia de sua pele lisa e pálida está exposta, perto do quadril direito. Ele arrasta a palma da

mão com um audível arranhão nos calos. Seus dedos escorrem pelo ar e, em seguida, o lado esquerdo da camisa fica centímetros mais alto. Uma linha espessa de cabelo loiro escuro está exposta diretamente no centro de seu abdômen. Ele desaparece sob o cós elástico do short.

Não sei por que a visão de pelos no corpo dele me faz respirar de surpresa. Ele é tão... desengonçado e, bem, feio. Mas foda-se.

Ele é tão lindo também.

Com uma das mãos, Abel mantém a camisa levantada, o punho marcado contra o peito. Com a outra, ele passa a palma da mão pela barriga nua, manchada em vários tons de ferimentos. Grandes manchas escuras se estendem por seu torso. Pele inflamada e inchada, borrada com tons de azul e verde com um centro roxo-avermelhado profundo.

Ele foi atingido – e atingido *com força*. Não sei quem ou por que, mas alguém queria que ele se machucasse. Posso me identificar com isso.

Quase engulo a língua quando Abel passa o dedo pela borda de um hematoma particularmente feio, mas ele nunca comenta sobre isso. Apenas reconhece que eles existem ao dizer: — Achei que você gostaria dele. — Ele toca o algodão. — Eu o consegui pensando em você.

Demoro dez segundos a mais para registrar o fato de que ele falou enquanto sinto o cheiro do meu próprio sabonete líquido saindo de

sua pele. — Conseguiu o quê? — Deixo escapar. — Você usou meu sabonete?

Seus olhos se levantam para encontrar os meus através de seus cílios, tão longos que roçam os pelos de suas sobrancelhas. — O short, é claro. — Ele enuncia sua declaração pressionando a poça de vasos sanguíneos rompidos em seu quadril, respirando fundo enquanto seu dedo se enterra na pele. — E gosto do seu cheiro. Nunca usei um sabonete tão caro. Aparentemente, é carvalho e... bergamota? Seja lá o que for.

Meus pulmões se contraem a cada batida do meu coração, tão forte que sinto suas batidas em meus ouvidos. Há um sofá inteiro entre nós e, ainda assim, parece que não há nada. O olhar metálico de Abel é penetrante. Onisciente e vil. E embora eu desejasse que o maldito bastardo fosse apenas isso superficialmente, por pura vontade e apresentação, isso não poderia estar mais longe da verdade.

Abel Silver invadiu a porra da minha mente e agora invadiu minha casa, minha *vida*. Preenchendo cada minuto vago com seu espectro. As partes mais profundas e mortas dele agora me infectaram, e posso sentir o rastejar lento de sua aparição sob minha pele — uma coisa vazia e solitária, cheia das piores agonias da vida. Um produto de sua própria autoria, convocado das profundezas do inferno para me levar com ele.

Afasto-me do sofá, unhas curtas cortando a pele calejada das palmas das minhas mãos. Meus pés estão pesados enquanto corro pelo corredor, quase batendo na parede quando viro para a esquerda, indo direto para o meu quarto.

O único maldito quarto desta casa que não foi contaminado por ele.

Bato a porta atrás de mim, mas mal registro o ricochete vibrante sobre o som da minha própria respiração. Duro e trabalhoso. Patético e fraco.

Minhas palmas sangrentas repousam sobre meu esterno, ambos os calcanhares pressionando profundamente meus músculos cobertos enquanto meus olhos se fecham o mais forte possível, na tentativa de bloquear *tudo*. Cada maldito momento que tive que suportar com ele. Recordações. Cheiros que não vão desocupar. O olhar malicioso de seu olhar.

O que ele sabe... O que ele está tirando de mim.

Posso sentir Abel dentro de mim, exatamente onde ele queria estar.



— A mamãe vem? — *pergunto, olhando para as árvores que nos cercam. Estamos em algum parque de conservação a algumas horas de distância. Eu não queria vir, mas nunca tive escolha.*

Ele balança a cabeça, o cabelo escuro caindo sobre a testa enquanto ele martela uma estaca na terra dura e empoeirada. — Somos só nós, amigo. Nossas pequenas férias.

Engulo contra o fluxo de bile. Meu estômago se contorce e tropeço em uma árvore, os dedos agarrando a casca grossa e afiada como se ela pudesse realmente me manter preso exatamente onde estou.

Eu ficaria feliz em ficar aqui até a semana acabar. Eu até ficaria sem comer. Provavelmente até água. Acho que conseguiria.

— Venha aqui e me ajude, Peris. Vai escurecer em breve. — Olho para o céu. As nuvens acima são espessas e fofas, o sol brilhando através das brechas. Seria quente contra minha pele se eu pudesse sentir alguma coisa.

Ultimamente, tudo que sinto é entorpecimento. Como se cada movimento que eu fizesse tivesse dois segundos de atraso e fosse todo lavado em uma névoa densa e cinza.

Gosto da neblina. Isso torna tudo... suportável.

— Desculpe, — murmuro porque sei que é isso que ele quer ouvir. Quero fazer muitas perguntas a ele. Por que... Como... O que fiz de errado.

Mas as respostas não me levarão a lugar nenhum. Nem acho que eles fariam doer menos.

Talvez não saber seja melhor.

A tenda está armada e, antes que eu perceba, a escuridão caiu ao nosso redor. Insetos sibilam e zumbem nas profundezas das árvores

verdes; asas batem e vibram. Quase como meu coração, morno e em pânico.

Sigo os ruídos, com os ouvidos atentos desesperadamente enquanto olho através da janela de tela aberta à minha esquerda.

Hálito úmido com leve cheiro de hortelã sopra em meu rosto. O cheiro tornou-se... estranho.

O perfume marca o início.

E seu sussurro abafado sinaliza o fim.

Tudo o que tenho que fazer é sobreviver.

Ele nunca fala muito, o que passei a apreciar. Isso me permite mergulhar em tudo ao meu redor. E agora, é a natureza.

Insetos zumbindo, roedores correndo, folhas farfalhando. O sussurro abafado da brisa deslizando sobre o abrigo de poliéster. Parte dela cai em cascata através da rede, e a picada em meus olhos me obriga a fechá-los para que não lacrimejem.

No começo eu não conseguia calar a boca. Sempre implorando, fazendo perguntas. Suplicando.

Rapidamente aprendi que isso não me levou a lugar nenhum, exceto ao fundo do meu próprio desespero.

Agora é mais mecânico. Deito aqui e espero, encontrando qualquer coisa para passar o tempo dentro da minha mente. Desejando poder ser como as outras crianças da minha idade, preocupado com os jogos mais recentes e com o fato de faltar pouco mais de um ano para o ensino médio.

Minha visão fica vazia, o pescoço arqueando para trás com um grito silencioso enquanto ele me rasga. Nem estou totalmente curado desde a última vez, mas ele não se importa.

Ele me pegou sozinho, exatamente onde ele me quer. Para a próxima semana.

O pensamento me faz querer desistir. Fugir para esta floresta até encontrar uma ravina onde possa me jogar. Sinta a terra sólida sob meus pés desaparecer. Nada abaixo de mim enquanto navego pelo ar, o verde piscando tão rápido que eu piscaria e não perceberia.

Mas não vou dar-lhe essa satisfação. E me recuso a machucar minha mãe. Ela só... ela não sabe.

Não percebo que estou ofegante até que a sensação de tontura me envolve. Minhas palmas estão escorregadias contra as costelas, onde mantenho os braços cruzados, presos.

Quanto mais entre nós, melhor.

O arranhão do náilon contra o poliéster me faz estremecer, o som é como pregos em um quadro-negro nos meus canais auditivos, arranhando meus tímpanos.

Meus quadris têm câibras e latejam, travando na posição em que ele me segura – preso ao chão duro e coberto. Pedacos de terra e grama me pressionam, fazendo a dor piorar.

Centro tudo nisso – nos sons dos animais, dos elementos.

Respiro fundo.

Maldita hortelã.

Eu engasgo.

Há um grunhido, seguido por um gemido profundo.

Meu estômago convulsiona, a bile subindo, chamuscando todos os músculos.

Apenas diga. Porra, diga e pronto.

Deixe me ser.

Não percebo que estou soluçando, hiperventilando silenciosamente, secamente, até que ele canta bem no meu ouvido: — Shh, amigo. Você sabe que papai te ama. Está certo. Tudo bem. Aqui. — O peso desapareceu, mas então estou sendo puxado para seus braços. Certa vez, pensei que braços seriam feitos para afastar os pesadelos — e não para me arrastar para eles.

Acordo com um grito na garganta e vômito jorrando por entre meus lábios, manchando meu corpo molhado de suor. Enquanto o fedor chega ao meu nariz e o líquido penetra nos cobertores abaixo, deito-me, banhando-me em nojo enquanto meu suor esfria nos lençóis.

O quarto está escuro, exceto pelo brilho borrado vermelho neon dos números do meu despertador. Observo enquanto eles mudam para o próximo, repetidamente, até que tudo esfria e estou tremendo.

Quando fico de pé, quase perco tudo de novo, mas consigo ficar de pé enquanto tiro minha roupa de cama e a jogo na máquina de lavar antes de entrar no chuveiro.

A água gelada escorre pelas minhas costas enquanto minha cabeça cai entre os joelhos, o pescoço esticado, latejando sob a

tensão. A água escorre pela minha testa, escorrendo pelo nariz e pela boca. Inspiro um pouco a cada inspiração rápida, engasgando e cuspidando, só para fazer tudo de novo.

Um baque suave ressoa pela sala, seguido pelo clique distinto da trava sendo liberada. O arrastar dos pés descalços. Uma pequena sombra iluminada. — Peris? — Uma voz ainda mais suave.

E isso se *quebra*.

— Dê o fora, — digo baixinho, enrolando os dedos em volta das canelas. *Não posso, não posso, não agora. Não. Agora.*

— Você está... □

— SAIA! — Minha voz falha em um grito, deixando meus ouvidos zumbindo. Sua garganta limpa e eu me preparo para o confronto, mas então a porta se fecha e fico em uma vaga que deveria querer.

— Foda-se, — choramingo, apertando meus olhos fechados contra o ataque. — Que porra está acontecendo comigo?

CAPÍTULO 6

ABEL

Desenvolvi uma reputação e tanto, que parece ter me seguido como um chiclete grudado na sola do meu sapato. Sinceramente, não sei quem está falando mal – provavelmente todo mundo neste momento. Eu certamente lhes dei motivos suficientes, mas até eu tenho que admitir que algumas das merdas que estão dizendo são bastante criativas.

Eu nem sabia que era capaz de tais atrocidades. Bato meu dedo indicador no lábio inferior enquanto mordo a pele seca. *Acho que é melhor intensificar meu jogo.*

Com um sorriso aparecendo, reajusto o fone de ouvido de plástico duro em meu ouvido, balançando a cabeça ao ritmo de “I Miss You” do Blink-182. Puxo minha mochila para cima no ombro, estremecendo quando a alça atinge um dos muitos hematomas que ainda estão cicatrizando.

É nesse momento, procurando mais doces em meu armário antes da aula começar, que vejo o olhar de uma das líderes de torcida da minha aula de álgebra, alguns metros à minha direita. Sierra, acho que o nome dela é. Espero um sorriso de escárnio ou até mesmo ser ignorado, mas ela sorri abertamente antes de voltar à conversa.

Meu rosto se divide em um sorriso torto. *Bem, isso é um bom sinal... certo?*

Talvez isso signifique que hoje será um ótimo dia, ou seria *se* eu pudesse ver Peris por mais de dois malditos segundos. Não vejo mais do que um olhar passageiro e furtivo há dias, desde que acordei com o som de seus gritos. Gritos que eram tão reais que senti seu teor em meus ossos.

E estou ansioso por mais. Por aquele gosto amargo de familiaridade.

É como se ele *soubesse*, então ele está me evitando. Quero dizer, nós literalmente moramos juntos, pelo amor de Deus. Quanto tempo ele consegue aguentar?

— Muito tempo, aparentemente, — resmungo para mim mesmo enquanto pego alguns doces verdes e azedos da prateleira do meu armário antes de fechá-lo e ir em direção à minha nova aula presencial de inglês.

Por que não pude continuar on-line, eu não sei, porra, mas a Sra. Garner não me deu muita escolha no assunto – algo sobre crédito duplo para a faculdade e como eu deveria fazer isso pessoalmente, *blá, blá*. Eu a desliguei depois disso. Os créditos da faculdade não se aplicam a mim nem um pouco.

Só fiz a aula porque gosto de literatura inglesa, mas tanto faz.

Sussurros clichês ecoam ao meu redor no caminho, mesmo quando os corredores se dissipam rapidamente. Olhos queimam nas

minhas costas, na lateral do meu rosto. Garanto que minha coluna esteja reta, minha mochila bem fechada em punho. Mantenho meus fones de ouvido baratos, mas novos, nos ouvidos com meu Discman enfiado no bolso grande do meu moletom novo para mim. Está bem gasto, com algumas manchas nos punhos, mas porra, está quente. Mais quente do que qualquer coisa que já tive.

Bato meus dedos no ritmo da música que inunda meus ouvidos, focando no ritmo para limpar minha mente, quase sorrindo quando a realidade de ter *música em meus ouvidos* toma conta de mim novamente. Realmente tirei a sorte grande quando fui ao brechó, encontrei esse Discman e fiz com que funcionasse. Depois também encontrei uma seleção decente de CDs para adicionar aos poucos que já tinha.

É realmente um daqueles pequenos pensamentos que ficam no fundo da sua mente e você nunca percebe que é um sonho até que você o tenha, e é demais. É pateticamente triste. Quer dizer, tenho dezoito anos e tenho uma porra de um Discman do início dos anos 2000, enquanto todo mundo ao meu redor tem a tela do telefone enfiada na bunda.

Mas estou feliz por tê-lo. Por ter isso.

Vivendo para sempre no agora porque pessoas como eu não têm a capacidade de imaginar o que seria e o que poderia ser. O que para mim está ótimo: sempre me contentei em permanecer egoísta no momento.

Sempre no momento.

O fato de eu nunca ter tido escolha no assunto nunca passou pela minha cabeça.

No momento em que encontro a placa de identificação do Sr. Lang e empurro a porta, a campainha está tocando, interrompendo minha música. Tiro meus fones de ouvido e os coloco no bolso da frente enquanto o professor me cumprimenta com um sorriso e uma pequena pilha de papéis.

É enquanto o professor está conversando em particular comigo que ouço um gemido abafado. — Você só pode estar brincando comigo. — Minha cabeça se vira em direção ao som, os olhos examinando a sala em busca do rosto familiar que pertence àquela voz.

Eu o avisto na terceira fileira elevada, mais próxima da parede. E *foda-se* se a visão de Paris depois de quase uma semana sem nada não faz meu coração disparar.

Tento ouvir o discurso introdutório do Sr. Lang, realmente tento, mas noventa por cento do meu foco está voltado para a sensação de olhos fazendo buracos na lateral da minha cabeça.

Meus dedos encontram os pesados brincos de pedra em minhas orelhas, puxando-os distraidamente enquanto aceno com um sorriso falso de concentração. — Deixe-me saber se precisar de ajuda com alguma coisa. É estranho ter uma mudança perto do final do semestre, mas a Sra. Garner disse que você já completou o primeiro

semestre online, então não acho que será muito difícil para você se atualizar pessoalmente. Sinta-se à vontade para encontrar um lugar vazio.

— Ótimo. Incrível. Obrigado. — Pego os papéis, com pressa de me virar. Examino as fileiras rapidamente, notando uma estéril, quase nada menos que... — Peri! — Eu canto, sentando na cadeira ao lado dele.

Seus dedos apertam os braços do assento, os nós dos dedos empalidecendo. Seu cabelo ainda está um pouco úmido do banho desta manhã, fazendo com que suas mechas pareçam mais escuras. Ele fica pendurado na frente do rosto, longo o suficiente para ser colocado atrás da orelha.

Ele se inclina para frente, puxando a cadeira para mais perto da mesa. Suas costas se curvam quando ele se inclina sobre o topo, deixando cair o queixo nas mãos que o aguardam, entrelaçadas com força, em uma pose de oração dobrada. Eu o observo atentamente, esperando pela pergunta na ponta da sua língua. Mas, surpreendendo a nós dois, ele guarda isso dentro de si.

Ele está realmente empenhado em me ignorar. Isso me irrita. — Basta perguntar, — cuspo, puxando minha cadeira para frente.

— O que está fazendo aqui? — Suas palavras são suaves, mas irritadas.

Eu me inclino para trás enquanto rasgo a embalagem de um pedaço de doce e o coloco na boca, onde ele bate alto em meus

dentes. — Ah, inglês? — Faço isso como uma pergunta através de um ceceio, tentando fingir ignorância de sua real intenção, mas não consigo impedir o tremor em minha boca.

Peris me encara com o canto dos olhos, seu sorriso de escárnio particularmente desagradável esta manhã. — Este é inglês *avançado*, — ele sussurra.

— Você não diz? — Rosno, antes de acrescentar: — Droga, você não dormiu bem? — Pergunto, um pouco alto. Então, me inclino, perto o suficiente para sentir o cheiro de seu sabonete líquido – o mesmo com o qual tenho limpado meu próprio corpo. Inspiro profundamente, garantindo que ele ouça minha fungada deliberada. — Porque você parece uma merda, — digo, então me afasto, arrastando minha mochila para o colo.

Espiando por cima do ombro, murmuro: — Mas não se preocupe, ainda acho você incrivelmente quente. O que é além de irritante, acredite. Mas feio é meio que minha praia. Mostro para ele meus dentes fodidos, deleitando-me com seu olhar aquecido, a curvatura em seu lábio superior, o tremor em seus punhos cerrados.

Sim, me bata, querido. Apenas faça.

Deixo cair minha cabeça em minhas mãos, balançando-a para frente e para trás com um suspiro. Na verdade, estou exasperado – com ele e comigo mesmo. — Você teve outro pesadelo?

Se antes eu achava que Peris estava tenso, isso não era nada comparado à sua rigidez agora. Ele está competindo com rigor mortis³.

— Com licença? — ele fala lentamente, cada sílaba pronunciada deliberadamente.

Faço um som suave no fundo da garganta enquanto deixo minha bolsa deslizar entre minhas pernas e cair no chão, caderno e caneta na mão. Viro a capa e começo a rabiscar nas margens enquanto o Sr. Lang fala pela sala, o marcador rangendo no quadro.

— Não estou fingindo que isso não aconteceu. Ao contrário de você.

— Você não sabe do que diabos está falando, — Peris retruca duramente, atraindo alguns olhares assustados das pessoas na fila à nossa frente. Eles se viram em suas cadeiras, os olhos passando entre nós. O olhar de Peris é suficiente para dissipar a curiosidade deles, e eles se viram.

— Bem, sei o que é acordar encharcado de suor e enjoado de... — Interrompi bruscamente. Não, não vou lá. Ele não precisa de detalhes. — E ouvi você vomitando. Então, sim, fiz suposições, mas apenas com base no que sei. — Minha língua está formigando por causa do sabor amargo do doce, me fazendo estalar os lábios.

³ Algum tempo após a morte, os músculos sofrem um enrijecimento, designado pela expressão latina rigor mortis. Essa rigidez cadavérica é especialmente perceptível nas articulações, que passam a oferecer notável resistência à flexão.

Peris zomba toda vez que o ruído sai da minha boca, o que, é claro, só me incentiva a fazer isso com mais frequência, alternando entre lamber os lábios, sorver e bater nos dentes, mas apesar de tudo, ele permanece quieto – escrevendo suas próprias anotações em uma caligrafia pequena, mas organizada, acima das linhas azuis.

A conversa demora tanto que acho que a conversa acabou, mas então ele diz algo completamente inesperado. — Não conte para minha mãe.

Inclino-me para trás na minha cadeira de rodinhas. Ele range ao mergulhar, fazendo-me lançar uma esmola para agarrar a borda da mesa em busca de apoio. — Tenho certeza de que ela já sabe, cara. — O rosto de Elise das últimas manhãs no café da manhã passa pela minha mente. Seus traços habituais, suaves e imaculados, estão contraídos de preocupação, os olhos continuamente se voltando para a cadeira vazia onde Peris sempre se senta.

Estou curioso para saber o que ela sabe...

Sua caneta escorrega de seus dedos enquanto suas costas ficam retas como uma vareta. — Que porra você quer dizer? — Depois de um segundo, ele pega seu Redbull, os dedos afundando nas laterais de alumínio devido ao seu aperto firme.

Dou de ombros. — Que ela está preocupada com você por algum motivo. Quero dizer, sério, você tem que trabalhar sua expressão impassível e suas explosões. Ficar fora até tarde, saindo cedo todas as manhãs? Isso é tão óbvio que estou envergonhado por você.

O rosto comprimido de Peris é uma verdadeira obra de arte. Essa expressão em particular não combina bem com meu rosto, isso eu sei, mas em Peris?

A irritação fica bem nele.

Com um suspiro suave, murmuro: — Porra, ainda me lembro da primeira vez que você me viu depois... — Olho para cima. — Você sabe... — Balanço minhas sobrancelhas, fazendo-o balbuciar seu Redbull sobre a mesa. — Você estava com tanta raiva. É curioso. Pude sentir seus olhos em mim durante todo o almoço.

— Com licença? — ele deixa escapar, incrédulo e muito alto. As cabeças viram novamente. O rosto de Peris esquentava um pouco, mas ele não perde o sorriso nervoso.

Arqueio uma sobrancelha enquanto puxo a barra pela ponte do nariz. Honestamente, de todos os meus piercings feitos por mim mesmo, ainda estou bastante satisfeito com o resultado deste.

— Acho que você me ouviu muito bem. A menos que você tenha um problema auditivo? Porque se for assim, você deveria verificar isso. — Mastigo o doce entre meus molares, triturando os pedaços duros ruidosamente. — Ah, mas acho que ainda melhor do que esse foi o primeiro treino que fiz... como devo dizer... — Estalo a língua. — Vou juntar-me, porque vamos ser honestos, eu estava tão envolvido naquele dia quanto qualquer outra pessoa. Porém, devo dizer, você jogou como uma merda o tempo todo. Surpreendente para um capitão

de equipe. — Bato meu dedo indicador no arco de cupido. — Não conseguiu manter o foco, eu acho. — Eu rio.

E Peris cai nessa como sempre faz. *Tão fácil.* — Porque você estava *comendo o rosto* de alguém o tempo todo. Praticamente transando com a porra da perna, — ele retruca, mais quieto, mas ainda venenoso.

— Mmm sim. Eu estava. — Solto um suspiro suave, fingindo reminiscências.

Olhos verde-dourados se fixam nos meus, transformando-se em ouro líquido. — Cale a *boca*.

Os meus se alargam com uma surpresa agradável. *Bem, bem.* — Agora, por que eu faria isso quando você ama minha boca *aberta*?



A língua de Chase *é demais quando desliza contra a minha – muito grossa e com muita saliva – mas eu a engulo, permitindo que ele se aventure em minha boca – pelo menos para manter o olhar de Peris em mim.*

Ele perde o controle da bola e vejo a defesa roubá-la facilmente, mergulhando pela quadra e chutando um dois. Mãos agarram meus braços, muito gentis, muito carentes. Suspiro, ignorando o fato de que meu nariz está começando a ficar entupido.

Peris olha para a esquerda, quase olhando por cima do ombro para onde estou encostado na parede mais distante do ginásio. Estou quase fora de vista, escondido quase inteiramente pelas arquibancadas estendidas. Mas sei que Peris pode me ver. Afinal, esse era o ponto. Eu poderia fazer isso literalmente em qualquer lugar, mas qual é a graça disso quando tenho um voyeur tão barulhento por perto?

Além disso, adoro os olhos de Peris em mim. A maneira como eu ganho cada grama de sua atenção. Primeiro cauteloso e confuso, lentamente se transformando em raiva e exasperação com o passar das semanas. Ele não consegue evitar, coitado. Realmente trago à tona o que há de desagradável em todos que toco.

— Olá, — digo suavemente para Peris quando Chase afasta a cabeça e coloca a boca na minha garganta. Inclino a cabeça para trás, dando-lhe acesso mais fácil, os olhos nunca deixando o olhar potente de Peris. O excesso de saliva de Chase é mais fácil de lidar quando está na minha pele do que na porra da minha boca.

Quase reviro os olhos, pensando no tempo que estou perdendo. Mas ainda tenho tempo para fazer isso antes que Jason desista e vá embora. Ele me conhece bem o suficiente para saber que não gosto particularmente de seguir limites estabelecidos.

Ele é um dos legais – e sempre me dá mais do que peço.

E ele gosta da minha bunda o suficiente para não se importar com o meu desafio flagrante. Afinal, isso torna a perseguição muito mais divertida.

— Como essa merda está acontecendo agora? — Peris grita bem alto na direção de um professor obviamente desatento, que deveria estar de olho em todos durante o treino não autorizado. O cara hesita em Peris, claramente confuso, antes de seguir o movimento instável do braço de Peris, indo direto para mim.

Antes que ele possa abrir a boca, empurro Chase com um suspiro. — A hora da brincadeira acabou, querido. Tenho que ir.

Seus olhos azuis piscam para mim, ainda cambaleando. Estufo meu lábio inferior. Coitadinho, mal toquei nele.

Dou um tapinha em seu ombro, saindo de sua vizinhança para pegar minha mochila, descartada aos meus pés – nunca muito longe. — Vejo-o amanhã.

— Sim? — ele diz com entusiasmo. Meus olhos se enrugam de cansaço. Pelo amor de Deus, não há realmente nenhuma outra criança queer fora do armário nesta escola? Quer dizer, não é enorme, mas também não é tão pequena. Eu conheço a Ardent High muito antes de ser colocado em uma nova casa e começar a vir para cá no mês passado.

Principalmente por causa do time de basquete do colégio sempre indo para o estado, mas ainda assim.

Dou a Chase um sorriso pequeno e genuíno. Ele pode estar muito ansioso e definitivamente não é meu tipo, mas é fofo e quer me beijar. E gosto de ser beijado. — Claro, querido. — Dou um beijo em sua bochecha, propositalmente lançando meu olhar para a direita, e... sim. Peris voltou a ter os antebraços fortes e vigorosos cruzados. O professor está pisando forte, com o rosto comicamente vermelho. Praticamente consigo ver a palavra “detenção” em seus lábios.

Antes que Chase possa responder, estou saindo pela porta, deixando-a fechar atrás de mim.

Está quente e úmido como o inferno enquanto atravesso a cidade até o motel decadente a alguns quarteirões da Main Street. São apenas vinte minutos de caminhada, mas quando abro a porta do quarto de motel de sempre, minha camisa está grudada na pele e sinto cheiro de suor.

— Ei, menino, — Jason diz de seu lugar habitual na cama. Dou-lhe um sorriso e deixo cair minha bolsa no chão, o coração disparando com a perspectiva do que está por vir.



A mão de Peris se estende, os dedos bronzeados envolvendo firmemente meu antebraço coberto, apertando até eu soltar um suspiro doloroso. Minha voz está perdida e só tenho olhos para ele.

Porra, ele é gostoso.

— Você não sabe do que gosto, o que não é *nada* quando você está envolvido. — Sua voz é baixa, nada mais do que um sussurro áspero sugando nosso ar compartilhado.

Não consigo tirar os olhos da mão dele sobre mim, pesada com a promessa de novos hematomas. Ele não se atreveu a chegar perto o suficiente para me tocar. Quantas vezes pensei que finalmente havia violado seu ponto de ruptura, baixo e eis que Peris se conteria pela pele dos dentes.

Ele é tão diferente do resto.

O que devo fazer com isso?

— Você ainda está me tocando, — digo depois de um minuto muito, *muito* longo. Peris se afasta como se estivesse queimado, fazendo com que um bufo saísse da minha garganta. Ele me lança um olhar de desgosto e devolvo com um sorriso torto. — Quer me dizer para calar a boca de novo?

Suas sobrancelhas escuras franzem por um minuto antes de ele zombar e passar a mão pelo cabelo, penteando-o para trás. — Você simplesmente nunca dá um descanso. Eu já *te disse*□.

— Por que eu deveria? — pergunto, genuinamente curioso enquanto apoio minha cabeça na palma da mão, cem por cento da minha atenção em Peris com a voz do Sr. Lang nada além de ruído de fundo estático. Já sei que vou ficar para trás se não sair deste... deste vórtice. Mas Peris é tão desgastante e parece... bem, não é bom, mas é *alguma coisa*.

— Porque você não sabe *nada*, Abel. Eu vou... — ele se interrompe tão bruscamente que a sala fica em silêncio.

— Está tudo bem aí, Sr. Baxter? Sr. Silver? A voz do Sr. Lang atravessa facilmente a sala silenciosa.

— Ótimo, — sorrio. Ele apenas levanta as sobrancelhas, sem graça.

— Desculpe, Sr. Lang — murmura Peris, afastando-se de mim e arrastando a caneta pelo caderno espiral, fazendo anotações para se atualizar. Sobre o quê, eu não poderia dizer exatamente.

Depois de um aceno resolutivo, o professor volta ao quadro para terminar seu diagrama de análise de traços de algum personagem.

Arrasto meu caderno para mais perto e copio o que está no quadro, mas meu foco permanece no calor de Peris, tão perto. Muito longe.

As atas são longas, repletas de discussões vigorosas. De quebrar e analisar certas personalidades de personagens com base em tomadas de decisão específicas, uma abordagem totalmente diferente da versão online, por isso estou lutando para acompanhar esse novo formato.

Enquanto torço o lápis entre os dedos nodosos, optando por ouvir em vez de participar, vejo Peris me observando com o canto do olho. Bato meu lápis no papel, sem lhe dar uma olhada superficial. — Talvez você queira prestar atenção. Esta aula é difícil.

— Como diabos você faria isso?

— E para responder à sua declaração anterior, eu, na verdade, sei bastante. Provavelmente mais do que você gostaria que eu fizesse, aposto. É por isso que você não me suporta. E por que agora você está me evitando.

Foi o máximo que eu já disse a ele sobre... o que quer que seja isso entre nós. *Se* é que é alguma coisa. Não tenho mais certeza. Já se passaram semanas — *meses* — de intensas idas e vindas, e estou começando a perder o controle. Mais entretido com a mera perspectiva de Peris do que com qualquer outra coisa. Nunca investi tanto em uma pessoa singular.

— Não, Abel. Você *não* sabe. Você só *pensa, porra*. Sua caneta parece perto do ponto de ruptura, quebrando sob a pressão de seus dedos. — O que é uma anomalia por si só.

Atrevido.

— Então, você não está atraído por mim, o jovem *obviamente* gay?
— Sorrio antes de continuar em voz baixa enquanto os alunos param para começar um projeto que aparentemente foi discutido, mas foda-se se sei o que é. Provavelmente nos papéis que o professor me deu.

— Você não está se afogando em sua própria homofobia internalizada? Você não odeia tudo o que sou, o que você viu, porque é algo que você não pode ter? Não consigo nem me *imaginar* tendo. Estou *curioso* para saber por que sua animosidade é tão forte. Quero dizer... — Bato a borracha do lápis no queixo. — Tem que haver uma razão — sempre há, você sabe. — Olho para ele.

— A pornografia existe. Mil vezes mais explícito do que uma simples punheta na sala do coral de uma escola. E garanto que você já viu mais – e pior. Então, o que houve naquela noite? — Penso em voz alta, apoiando o queixo na palma da mão. O zumbido das vozes se perde entre os ecos em minha mente.

Ele ignora tudo o que eu disse. — Não é da sua conta, — ele retruca duramente, com as narinas dilatadas. Por um momento, imagino fumaça saindo das passagens abertas, como se ele estivesse cuspidando fogo em meio à sua indignação.

O pensamento me faz rir. — Não fica cansativo, Peris?

— O que? — ele resmunga, os olhos fixos para frente, vidrados e vazios. O fogo desapareceu, deixando apenas cinzas em seu rastro.

— Estar tão chateado o tempo todo.

Uma pausa da duração da batida do meu coração se estende entre nós.

— Você não tem ideia.

CAPÍTULO 7

ABEL

Ora, *de fato*, penso no caminho para casa. O tempo esfriou significativamente, então envolvo meus braços em volta da cintura para me proteger da brisa fraca. Felizmente, a caminhada de volta para a casa de Elise não é longa e prefiro aproveitar o ar fresco. O frescor do outono – minha época favorita do ano. Onde tudo é estéril e morto.

Meu CD Three Days Grace pula uma música antes de tocar “Pain” em seguida, o que inadvertidamente traz à tona muitos sentimentos ao mesmo tempo.

O meu é que Peris está na vanguarda enquanto empurro o resto para trás. Ele é mais fácil de lidar nesse aspecto. Tenho um plano de jogo. Uma solução. Para fazê-lo sucumbir a mim. Isso é tudo o que quero. Para ele simplesmente admitir *isso*. Talvez então ele não fique tão tenso.

É nojento e desprezível o que estou fazendo. Estou muito consciente de minhas ações e de suas consequências. Simplesmente não me importo.

Peris despertou minha curiosidade naquela noite na escola, e desde então não consegui tirá-lo da cabeça. Tudo o que quero fazer é retribuir o sentimento.

Ele é tudo em que consigo pensar, o que realmente não está fora do normal, mas hoje parecia... mais pesado. *Mais*. Outra conversa real, como a que ele tentou ter no carro para *me alertar*. Quando ele disse que até tentaria ser meu amigo.

Eu queria rir na cara dele, como ele é obtuso. Quando o que ele está tentando esconder de mim é exatamente o que estive procurando o tempo todo. Porque posso adivinhar o dia todo, mas o fato é que *algo* está claramente errado com Peris. E estou falando do tipo *errado* de errado.

Como eu. E se essa não for a maior piada, desenvolver uma obsessão por alguém que não me suporta. O que é tão normal.

Mas há esses momentos... esses lampejos de algo mais. E é o medo dele que me atinge. Não diluído e com sabor íntimo.

Porque já brinquei com homofóbicos antes — aqueles que vomitam insultos e falam merda, mas secretamente querem que seu pau seja chupado e fodido por mim — e Peris não se enquadra exatamente nessa categoria. É evidente que seu ódio vem de um lugar profundamente interno. Algo que ele sempre manteve enterrado, fortemente entrelaçado com antipatia.

Nunca o vi agir maliciosamente com uma única pessoa, com a rara exceção de mim e de minhas escapadas. O que, depois de hoje, sinto que as suas paredes estão *finalmente* à beira do colapso.

O rosto de Elise me cumprimenta quando entro na cozinha. Já estou aqui há algumas semanas, mas ver Elise sorrindo ainda me

desanima. Retribuo o gesto, forçado. Parece errado saber que sou quem sou, inadvertidamente tirar vantagem de sua gentileza e generosidade, por mais que isso dure.

— Como foi a escola? — ela pergunta enquanto toma um gole de uma caneca.

Meus passos vacilam. — Erm, tudo bem. Aulas de inglês trocadas, o que é meio chato no meio do semestre.

— Oh? Por quê?

Dou de ombros, ficando cada vez mais desconfortável, então esfrego minha nuca. — Fazer isso online foi aparentemente *‘facil demais’*. — Uso aspas no ar, o que faz Elise rir.

— Então, eles querem levar você ao seu potencial máximo. Isso é definitivamente positivo.

— Eu acho. — Mudando rapidamente de assunto, deixo escapar: — Peris está treinando.

Ela assente. — Eu sei. Ele sempre começa a treinar um pouco no início da temporada.

— Começa? — Zombei. — Acho que ele nunca *para*. — Ela ri alto, o cabelo escuro esvoaçando ao seu redor.

— Sim, você está definitivamente certo sobre isso.

Eu sorrio levemente, com os olhos voltados para a mesa enquanto balanço a cabeça sutilmente. — Obrigado por me receber, doutora. Realmente. Isso foi... — Olho ao redor da cozinha. Não é grande, mas não é o recorte típico com o qual estou acostumado. Todos os

lugares em que estive foram essencialmente os mesmos. Exceto este lugar. Contraditório em todos os sentidos e ainda estou oscilando com a mudança de equilíbrio.

Está ficando mais difícil a cada noite que durmo em uma cama – uma cama que é toda *minha* – para me lembrar de que isso é temporário. Para não se acostumar. Para manter todas as guardas levantadas, mais fortes e afiadas do que nunca. Portas de aço trancadas.

Mas está quente. Calma. E, surpreendentemente, parece um lar. Não é *minha* casa, mas caseira. Nunca senti isso antes, mas presumo que seja assim. Então, para tirar isso...

Elise espera pacientemente que eu termine minha linha de pensamento, mas perco junto com minha determinação.

— Você não precisa ficar me agradecendo, Abel. É o mínimo que eu poderia fazer. — Ela é sincera também. Não sei se isso é melhor ou pior. Quando eu inevitavelmente estrago tudo... Especialmente se Peris e eu continuarmos dançando um com o outro do jeito que temos feito.

Estalo minha língua, puxando meu cabelo pendurado na frente dos meus olhos. — Não preciso dizer isso para você ter uma ideia de como tem sido para mim. — Uma rápida olhada me diz que ela está acompanhando. Engulo em seco, cerrando os dentes ao fazê-lo. — Mas tive que fazer algumas coisas desagradáveis para sobreviver. Não vou mentir e dizer que não estou orgulhoso disso. E certamente não

estou envergonhado – não posso estar. Mas também não é algo que eu queira fazer *exatamente*, se não for necessário, não sei. E, bem... não precisei fazer isso. Então sim. Tenho que te agradecer por isso. — Meu couro cabeludo queima onde meu cabelo está preso com força entre os dedos da minha mão esquerda.

Está quieto, tão quieto que meu estômago se enche de pavor e algo semelhante a uma vergonha real e desenfreada. *Acabei de fazer merda dizendo isso? Eu... eu nunca daria detalhes, mas realmente não é difícil deduzir, especialmente com o que ela sabe daquela noite no pronto-socorro e dos ferimentos sobre os quais me recusei a falar. Ela sabe, ela sabe, e vai me dar um chute na bunda. Seu estúpido...*

Braços me envolvem de cada lado em um invólucro macio. Enrijeço, os ombros caminhando até os lóbulos das orelhas esticados enquanto Elise me envolve em um abraço. Ela deixa cair a cabeça ao lado da minha, a respiração suave afunilando contra minha pele superaquecida. Ainda estou com frio até os ossos por causa da caminhada, mas meu sangue está fervendo, fazendo o suor escorrer pelos meus poros.

Mantenho os braços ao lado do corpo, sem saber como participar. Depois do que provavelmente é apenas um minuto, mas que parece vinte vidas, Elise se afasta lentamente, com um pequeno sorriso em seus lábios macios e rosados. Ela coloca uma mecha de cabelo branco atrás da minha orelha, e é esse gesto que faz meu nariz queimar. A sensação irradia para cima e para os meus olhos.

Dando um passo para trás, pisco rapidamente para me livrar dessa sensação. — Você está bem? — Ela pergunta, nunca desviando o olhar dos meus olhos. Projetando meu queixo, aceno bruscamente. Ela aceita a resposta e volta a sentar-se à mesa.

— Tenho a sensação de que você não é do tipo que fala sobre as coisas. E tudo bem – não espero que simplesmente mergulhe nisso. Mas Peris e eu sempre fomos abertos um com o outro. Nós temos que ser, quando... — ela para, apertando o rosto. Eu me viro, extasiado com a possibilidade de aprender mais sobre ele. Poderia ser isso *tudo*? E aprender sem o seu consentimento? Melhor ainda.

— De qualquer forma, — ela murmura, forçando o próprio sorriso, mas seus olhos verdes ainda estão perdidos em algum lugar do passado, um vazio familiar refletido em mim. — Conversamos muito. Sobre nossos dias, nossos sentimentos. Sei que você notou, mas não participou, então não sei se isso é algo que você gostaria de tentar, mas estou aqui – nós estamos – se você quiser.

— Você quer me dizer que Peris gostaria de ouvir o que tenho a dizer? — Brinco, tentando aliviar o clima. Funciona. Elise ri baixinho, franzindo os lábios.

— Você quer me contar o que está acontecendo com vocês dois?

Eu me recosto na minha cadeira, pressionando as mãos na borda da mesa para inclinar a cadeira para trás sobre duas pernas. — O que quer dizer?

Elise bufa. — Oh, por favor. Não sou completamente obtusa. Ouço vocês dois brigando. E isso sem incluir a maneira como Peris ataca você *na minha frente*. Ele geralmente não é mais assim, então presumo que algo tenha acontecido. — Ela faz uma pausa por um momento, tentando ler meu rosto, mas minha máscara está firmemente no lugar. Chega de deslizes ou lágrimas quase acidentais — não, obrigado.

— Isso vai ser um problema? — Ela pergunta sem rodeios. Obrigado.

— Não, — digo a ela com confiança, mesmo que provavelmente seja mentira. — Prometo. Nós apenas, ah. — Solto minha cadeira com um estalo alto. — Nós simplesmente entramos em conflito às vezes. Na escola. Você sabe, duas personalidades fortes. Acontece.

— Bem, vocês dois são irmãos adotivos agora.

Eu pisco. *Veja, Elise, sobre isso...* — Acho que por enquanto, sim.

Elise está balançando a cabeça antes mesmo de eu terminar. — Não, não por enquanto. Você ficará aqui o tempo que quiser, Abel. Bill e eu conversamos. Demorou um pouco, mas os Serviços Sociais finalmente aprovaram a sua colocação permanente aqui.

— Eles não queriam tentar encontrar outro lugar para eu ir, eu acho, — respondo secamente, mas com gratidão.

Ela dá de ombros. — Sinceramente não sei, mas deixei-os saber que você é mais que bem-vindo para ficar aqui o tempo que *quiser*.

— Sim, aposto que adoraram isso. Não é sempre que alguém *tenta* manter um de nós por perto. Menos trabalho para eles. — Quando olho para cima e fico cara a cara com aquele *olhar* de pena e gentileza, fico rígido. — Desculpe, isso foi rude. Estou grato.

— Eu sei querido. Não se preocupe com isso. Diga o que está em sua mente.

Mhm, não acho que isso seria sensato.

— Acho que posso tentar. Só não me expulse ou algo assim. — Tento fazer pouco caso do quão sério estou falando.

Elise vê através disso. — Você está aqui pelo tempo que quiser.

Se ao menos isso fosse verdade. Talvez então eu pudesse finalmente respirar.



— Ei, Abel, — Elise avisa com uma cadência suave em sua voz. Concentro minha atenção nela enquanto me deleito com a sensação dos olhos de Peris presos ao lado do meu rosto ainda em recuperação.

— E aí? — Ela se vira em direção à mesa com algo na mão. Embalando-o, realmente.

— Comprei algo para você hoje. Queria esperar até Peris chegar em casa para que pudéssemos trocar números ao mesmo tempo! Ela estende a mão e coloca o telefone e a caixa que o acompanha na

minha mão com um sorriso tão largo que tenho certeza de que suas bochechas estão doendo.

Pisco lentamente para seu rosto sorridente – uma, duas vezes – antes de meu olhar cair para o objeto na palma da minha mão. O vidro elegante é refletido de volta para mim. — O quê?

— Bem, eu...— Ela vacila por um momento. — Achei que você precisaria de um telefone. Não é realista contar com Peris para comunicação e, além disso, você merece....

— Elise, isso é... isso... — Passo os dedos pelo cabelo, puxando as pontas antes de colocá-los atrás das orelhas, apenas para que os fios caíam para trás na frente dos meus olhos. — É muito.

— Absurdo. É apenas o suficiente e não quero ouvir mais nada sobre isso, ok? — Ela suaviza suas palavras no final, atraindo meu olhar para cima. Seus olhos verde-dourados são gentis, aliviando um pouco a minha culpa, mas não o suficiente.

Não é o suficiente.

— Doente...

— Não. — Ela se recosta na cadeira e pega o garfo. Ela acena no ar em minha direção antes de passar para Peris. — Você esperaria que Peris me pagasse pelo dele?

Eu sigo o caminho. Peris está em silêncio, sentado rigidamente em sua cadeira com o garfo pendurado no ar. — Uh... sim?

Elise estala a língua. — Não. Ele não me paga, então não espero que você pague. Nunca.

Mal consigo engolir através da constrição na garganta e descendo pelo esterno. — Bem, eu... — Meus olhos se movem entre ela e Peris, sentindo o sangue correr para meu rosto, mas incapaz de evitá-lo. — Obrigado, — forço fortemente com um aceno de cabeça.

Seu sorriso é cegante. — Claro! Esta é minha única exceção à proibição de telefones à mesa. Abra-o e adicionaremos nossos números! Tem tudo ilimitado, então divirta-se. E já conectei ao Wi-Fi para você.

— Ah, sim, claro. Erm. Obrigado. — *Jesus, meu rosto poderia queimar ainda mais?* Peris bufa *alto*. Minha cabeça vira em sua direção, mas tudo o que ele faz é piscar antes de pegar o garfo e enfiar a comida na boca.

Depois que Elise me dá o número dela e de Peris, ligo para ambos para que eles tenham o meu, e não consigo conter o sorriso ao ver a careta de Peris ao ver meu número aparecer em sua tela.

— Agora podemos ligar um para o outro, — sussurro para ele enquanto Elise responde a uma aparente mensagem de trabalho.

— Se você pelo menos...

— Então, Abel, conte-me algumas coisas sobre você, — diz Elise enquanto vira o telefone de cabeça para baixo. Endireito-me na cadeira, os olhos inconscientemente voltando-se para Peris em alerta. Ele só rola o dele.

Há uma longa pausa enquanto tento formular uma única coisa *apropriada* sobre mim, mas nada me vem à mente, e se isso não for constrangedor...

— Só se você estiver confortável, é claro, — ela acrescenta rapidamente. Mal consigo conter uma careta enquanto empurro um nó na garganta, fazendo-o passar por uma tosse. Tomo um gole de água e, quando coloco o copo de volta na mesa, o rosto sorridente de Peris é revelado.

Idiota.

Como se ela pudesse sentir meu desconforto, ela sugere algo que geralmente seria um assunto fácil, mas nada realmente é quando se trata de mim e da minha vida fodida. — Você tem um aniversário chegando? Peris acabou de completar 18 anos no final de julho, e o meu é em agosto, — diz ela, me lançando um sorriso. Eu devolvo, sentindo-me inquieto.

Não necessariamente por causa de alguma coisa que ela fez. Só não estou acostumado a falar sobre mim.

Na verdade, não acho que ninguém – além das crianças anteriores com quem morei em uma casa – tenha me feito perguntas pessoais.

Mo perguntou muito...

Estremeço e limpo a garganta novamente, puxando a gola do meu moletom. — Uh... *mmm*, tecnicamente fevereiro, — respondo com uma onda de hesitação. Seus passos vacilam no caminho de volta para a mesa, com três refrigerantes nas duas mãos.

— Tecnicamente? — Ela coloca uma lata de Dr. Pepper na minha frente.

— Obrigado. E sim. O chiado da tampa se abrindo atinge meus ouvidos.

— O que diabos isso significa? — Peris deixa escapar. Meu olhar se volta para ele, sem encontrar seus olhos, mas arqueio uma sobrancelha como se dissesse: por que você se importa? Seus lábios se curvam em desdém.

Apertando os olhos, desvio o olhar de Peris para dizer a Elise: — Meu verdadeiro aniversário é 11 de outubro. — Tiro minha bolsa que está entre os pés e vasculho dentro dela até encontrar a Polaroid entre as páginas amareladas. Meus olhos fixam-se no plástico amarelado com desconforto. Algo semelhante à vergonha se instala em minhas entranhas.

Olho para uma imagem desgastada da minha mãe. Ela está deitada em um colchão velho de casal colocado no chão. Sua pele está manchada com nós e hematomas, as pupilas tão dilatadas que seus olhos parecem pretos. Ela está sorrindo fracamente, exibindo dentes amarelados, enquanto olha diretamente para a câmera comigo nos braços. Estou enrolado em cobertores sujos com a boca aberta no que provavelmente foi um grito.

Não consigo imaginar *não* gritar perto dela.

Minha miniatura irregular traça a data escrita na parte inferior. *Abel.*
11 de outubro.

Com a mão trêmula e um buraco no estômago, entrego-o. Elise pega-a gentilmente para estudá-la, e vejo seu rosto suavizar em empatia. Odeio o jeito que isso faz meu coração doer.

Apenas diga, Abel. Diga a verdade que ninguém acredita.

De qualquer forma, não é como se isso importasse.

— Lucy me deu à luz em casa, completamente fora de si. Ou, eu acho, provavelmente era a casa de algum traficante. Sinceramente, não poderia te contar porque ela nunca me contou. — Há uma pausa significativa, dois pares de olhos queimando no topo da minha cabeça inclinada.

A vergonha do que ela fez, de quem sou, nunca será menor do que esta esmagadora para sempre.

— Mas depois que nasci, acho que ela levou alguns meses para registrar minha existência na porra do governo. — Cuspo as palavras, odiando ainda parecer tão amarga por isso. — Mas quando ela finalmente fez isso, ela nem conseguia se lembrar do dia exato em que nasci, então acho que ela anotou a data do dia em que entrou. — Pego meu garfo e espeto um pedaço de penne coberto com molho de creme de queijo.

— E é por isso que tenho tecnicamente dezoito anos e, ainda assim, não há nenhuma prova, nenhum documento que apoie isso, a não ser a *aparente* palavra de uma viciada e seu filho degenerado. — *E ainda estou preso neste maldito ciclo vicioso.* Enfio o pedaço na boca, mastigando violentamente. Engulo em seco contra o aperto na

minha garganta, odiando a forma como ela se fechou, quase me fazendo engasgar com mais do que a minha verdade.

— Uau, — Elise respira, devolvendo a foto para mim. Eu a pego com firmeza, evitando o olhar dela enquanto a enfio de volta na minha bolsa antes de deixá-la cair no chão com um baque surdo. Peris se afasta da mesa, as pernas da cadeira rangendo de forma desagradável no piso de cerâmica.

— Peris? O que está errado? — Elise pergunta diante de sua explosão repentina. Seus lábios se abrem, mas nenhum som sai. Seus olhos se movem entre mim e sua mãe, a verdade na ponta da língua, mas permanece presa.

Com um suspiro de derrota, ele suspira. — Nada. — Seus dedos passam pelo cabelo. Elise estende a mão e agarra seu pulso enquanto ele desce lentamente.

— Sei que isso pode ser difícil, mas é importante que apoiemos agora, — ela diz mais suavemente, mas ainda consigo ouvir. Eu me tornei bom em forçar meus ouvidos ao longo dos anos. Ouvir é *necessário para a sobrevivência*.

— Está tudo bem, — digo facilmente, falando para os dois enquanto coloco mais comida na boca. O molho gruda em meus lábios e minha língua arrasta lentamente minha carne para lambê-la.

Peris não come mais e o resto da refeição se arrasta lentamente até que o transe é quebrado quando Elise anuncia que precisa sair para trabalhar.

No segundo em que ela vira as costas, Peris se afasta da mesa e se levanta novamente. Eu me inclino sobre a superfície lisa de pedra, chamando sua atenção. Seus olhos se arregalam antes de se estreitarem em fendas instáveis. — Sente-se, — ele sussurra, olhando para sua mãe na pia, enxaguando a louça.

Balanço a cabeça, puxando o lábio inferior entre os dentes. Meu cabelo balança para frente e para trás em meu rosto, um flash de branco entre as cores. — Talvez se você pedir *com educação*, — digo lentamente.

Ele olha para mim com o canto do olho, cílios escuros espalhando suas maçãs do rosto afiadas, mãos flexionadas em punhos ao lado do corpo. *Elas tremem.*

Depois de um instante, ele se inclina, prendendo-me em seus braços enquanto coloca um contra a mesa e o outro nas costas da minha cadeira. Ele fala baixo, palavras destinadas apenas a nós. — Cansei de ser legal. — Sua respiração é quente contra meus lábios, e posso sentir seu gosto em minha língua. — Fique longe de mim, Abel. *Por favor*, — ele murmura, surpreendentemente suave. Sinto sua intenção. A ira que tudo consome que ele está tentando expulsar. Mas por baixo está o terror. O medo de que eu o faça *quebrar*.

— Ou vou te matar.

Eu sorrio. Uma coisa pequena e frágil só para ele, mesmo quando meu coração bate contra os ossos. O sangue corre em meus ouvidos. O suor lambe minha testa. — Prometa-me que você cumprirá essa

ameaça. — Mostro minha língua; grato por estar de costas para a mãe dele, para que ela não veja nada compartilhado entre nós.

Seu pomo de adão balança, mas então um sorriso aparece em um canto de sua boca. É desconfiado, um pouco maníaco e faz minha pele arrepiar agradavelmente.

CAPÍTULO 8

PERIS

Eu fiz isso vinte e quatro horas.

Um maldito dia.

E agora, acho que vou torcer o pescocinho dele.

— Não se afaste de mim, porra! — Eu disse quando Abel vira a esquina, desaparecendo no corredor. O baque pesado de seus *malditos* sapatos cor de rosa sobre o tapete me diz que ele está indo direto para seu quarto.

Típico do pirralho depois de brincar comigo a noite toda. De novo e de novo e de novo. Dia após dia. Por semanas.

Meses.

Parece um ciclo interminável para sempre, e estou *farto disso*. Dele. Desse suposto *poder* que ele pensa ter sobre mim. Vou garantir que ele saiba que não tem *nada*.

Mesmo que ele o faça.

Eu o alcanço assim que ele chega à porta do quarto. Meus dedos apertam seu ombro, puxando-o para trás e forçando-o contra a parede. Sua cabeça bate na parede de gesso e seus cílios escuros tremulam, me atraindo para mais perto. O mais próximo que já estivemos.

Minha respiração falha, afiada e pesada, enquanto minha metade superior se enrola instintivamente ao redor dele, acomodando nossa diferença de tamanho. O menor lampejo de hesitação nos olhos de Abel provoca uma pontada de prazer doloroso na forma de um silvo.

Com meu peito contra ele, seu queixo afunda nos músculos contraídos logo abaixo da minha clavícula. É uma picada aguda – seu toque, sua pele queimando com o calor.

É sufocante.

Estou sufocando. Mas não é suficiente.

Minha pele repele o toque, o sangue fervendo, mas ansiando por mais.

E Abel não vê *nada* além de seus próprios impulsos egoístas. — Ah, então porque você sabe que tenho dezoito anos agora, vai me tocar, porra? E vou me afastar de quem eu quiser, — ele cospe, com o queixo erguido indignado enquanto pressiona as mãos na parede em suas costas, as unhas arranhando a parede de gesso.

Minha mão se levanta por vontade própria, as pontas dos dedos agarrando aquele maldito queixo torto. Abel sibila, se afastando. Aperto meu aperto, cavando até que seus olhos se enrugam com um estremecimento.

Porra, isso é legal.

Não é tão difícil agora, não é, nanico?

Meu cérebro congela por um segundo, demorando para acompanhar o momento.

Hum, sim. Nanico. Gosto disso.

— Eu não, — respondo, levantando sua cabeça até que os olhos de Abel sejam forçados a encontrar os meus. Ele zomba, lábios grandes franzindo e torcendo em um sorriso feio.

— *'Você não?'* — ele zomba. — Você não é absolutamente exceção. — Meus lábios se contorcem com seu próprio sorriso. Algo igualmente feio.

Tem sido impossível resistir ao seu tormento sem fim. Semanas de olhares provocadores e comentários provocativos. Os comentários maliciosos, quase... Engulo a queimação de vômito subindo pela minha garganta.

Não há nada sobre mim para expor. Está bem. Está tudo bem.

Eu tenho isso – e ele – sob controle agora. Posso fazer isso e... e não estragar tudo como ele está *tentando* fazer.

E agora que *finalmente* coloquei minhas mãos nele, vejo através dele: toda a confiança e atitude. Toda a sua prosa e empurrão.

Ele é tão fodido quanto eu.

Levanto seu queixo até que as cordas dos músculos e tendões estejam doendo sob a tensão. Sua garganta rola, cartilagem afiada balançando.

Acho que quero cravar os dentes nisso, só para ver o quão difícil é.

— Então me diga por que você não consegue me deixar em paz, — falo suavemente, os lábios a centímetros dos dele. Sua respiração

atinge a minha – quente e úmida. Está saindo mais rápido, trabalhoso. Cheirando a doce.

Minha boca se enche de saliva, querendo saber qual seria o sabor deles enquanto lambo o sabor de sua língua.

— Porque sim. — Ele lambe os lábios, olhos afiados e cinzentos olhando para mim através das pálpebras pesadas. — Gosto de ver atletas homofóbicos como você quebrando.

Eu recuo, e minha reação de choque é mais que suficiente para deixar Abel escapar do meu domínio. Ele se afasta e fecha a porta silenciosamente, como se os últimos dois minutos nunca tivessem acontecido. Como se eu não tivesse apenas seu corpinho ossudo pressionado contra o meu, sua respiração soprando diretamente em minha boca.

Como se a língua dele não estivesse manchada de arco-íris, e eu não pudesse *deixar* de ver.

— Porra! — Grito, batendo o punho na parede de gesso diretamente onde a cabeça de Abel estava. Eu me afasto, o peito arfando enquanto olho para o buraco que acabei de fazer.

Poeira branca salpica minha mão. Pedacos de gesso estão espalhados pelo chão e pendurados no buraco que criei.

— Porra, — suspiro, desta vez mais baixo enquanto arrasto os dedos latejantes pelo meu cabelo desgrenhado. Puxo as raízes, mas mesmo essa dor é incômoda em comparação. Minha mão cai na parte de trás do meu pescoço, e é onde eu a deixo enquanto pego meu

telefone e ligo para o número de Ma, piscando através da dor em meus olhos.

Melhor acabar com isso enquanto ela não está em casa.

— Peris, está tudo bem? — ela pergunta apressadamente.

— Sim, mãe. — Limpo minha garganta. — Desculpe, eu não queria preocupar você, eu só... — Estremeço e me afasto da bagunça que fiz para pegar o aspirador.

— O que está acontecendo? — Está mais silencioso agora, como se ela tivesse entrado em uma sala diferente.

Apenas acabe com isso. — Fiz um buraco na parede, no corredor. Estou limpando. Sinto muito, — cuspo as palavras rapidamente. Não é a primeira vez que faço essa ligação. E definitivamente não é a primeira vez que atravesso a parede com o punho, mas é a primeira vez em anos — desde que “melhorei”.

Exceto que eu nunca melhorei. Simplesmente fiquei bom em fingir.

— Você está bem? — ela diz depois de um momento. Meus pés param a centímetros do aspirador.

Minha garganta está tão fechada que mal consigo pronunciar um áspero “Sim”.

— Você quer falar sobre isso?

— Na verdade não, — suspiro.

— Você quer que eu volte para casa? — Posso ver o rosto dela em minha mente: olhos enrugados de preocupação, mãos macias

segurando as minhas, indiferente à bagunça e à destruição. Sempre focado em mim.

Eu gostaria de não estar tão fodido – ela não me merece assim.

— Não, mãe. Estou bem. Foi só... — Paro, sem saber o que posso dizer. Tenho que superar essa merda com Abel. Não posso ficar perto disso, mas não posso evitá-lo.

O que é mais certo? Qual é a porra da escolha certa?

O que diabos devo fazer para manter todos felizes? O tempo todo, o maldito Nanico continua fazendo isso. Empurrando e empurrando, só *esperando que* eu acabe — como se isso fosse realmente uma coisa boa! Porra, eu estava tão perto...

— Peris?

Balanço a cabeça e a coloco entre os ombros. As luzes acima fazem com que linhas multicoloridas pisquem atrás das minhas pálpebras fechadas, e sigo seu caminho rodopiante. — Apenas lembranças, você sabe. — Uma explicação boa o suficiente, eu acho.

— Aconteceu alguma coisa que as trouxe?

— Não, uh. Apenas um dia daqueles, eu acho. Estou cansado.

— OK, bebê. — Ela aceita minha resposta facilmente. — Você quer ligar para o Dr.

— Não, — corro para interrompê-la, os olhos agora abertos, os músculos tensos. — Estou bem, sério. Foi um acidente. Estou limpando.

Há uma longa pausa com apenas estática compartilhada entre nós. Vozes abafadas passam pela linha. — Tenho que ir, mas obrigado por me avisar. Vou ligar para o empreiteiro amanhã.

— Sinto muito, mãe. — Pisco para afastar a dor em meus olhos, *recusando-me* a deixá-las cair. Mas posso sentir que tudo está começando a desaparecer.

— Não sinta, Peris. Tudo bem. Vou falar com você amanhã. Eu te amo.

— Amo você. — Meu telefone escorrega da minha mão e cai no chão. Provavelmente quebrado e despedaçado.

Nem me importo.



Meus olhos nunca arderam tanto na porra da minha vida. O sono me evitou, nunca chegando perto o suficiente para tocá-lo.

Enterrando as palmas das mãos nos olhos, eu me recosto na mesa, ouvindo o barulho do almoço. Pulverizando água, batendo bandejas. Pés arrastando pelo chão barulhento.

— *Ei cara. Você está uma merda,* — Corbin me diz muito informativamente enquanto se senta ao meu lado, empurrando a mesa. Abro um olho para encará-lo.

— *Sim, obrigado. Não percebi, porra.*

Seus lábios franzem antes que ele se vire para enfiar a fatia de pizza na boca. Olho com desgosto antes de me virar para deixar cair a cabeça nas mãos, os dedos massageando minhas têmporas contra a enxaqueca de privação de sono que está pulsando.

— Sério. Você parece a morte. Desta vez é Gabe comentando. Incrível.

Não respondo.

— Ei, Peris, — Sierra diz enquanto passa pela mesa. Olho para cima e aceno com a cabeça.

— E aí? — Pergunto quando ela faz uma pausa. Suas unhas pintadas batem na lateral da bandeja.

— Só queria perguntar se você ainda está pronto para trabalhar como voluntário. — Pisco lentamente, com as sobrancelhas franzidas.

— Para...? — Pergunto depois de um minuto. Gabe me dá uma cotovelada na lateral do corpo, me fazendo grunhir. Faço uma careta para ele, e ele apenas dá de ombros – o idiota.

Sierra ri baixinho de nossas travessuras habituais. — A arrecadação de fundos para o PTA.

— Oh. — Merda, esqueci. Balanço a cabeça algumas vezes, tentando dissipar a névoa. — O carnaval, né. Sim, estarei lá. — Percebo a expressão de Gabe, o que me faz revirar os olhos e bufar. — Estou jogando o anel, certo?

Ela sorri. — Sim! É nesta sexta-feira. Todos têm que estar aqui às cinco para nos prepararmos. Começa às seis.

Concordo com a cabeça, já me perdendo nos ruídos ao meu redor. — Parece bom. — E para ser um idiota, acrescento: — Gabe estará comigo também.

— Incrível.

— Ei! — ele grita enquanto Sierra se afasta antes de se virar para mim. — Não quero lidar com crianças a noite toda, Peris, — ele resmunga.

— Sim, eu também, cara. Então agora vamos sofrer juntos.

Com um suspiro, abaixo a cabeça, rolando-a entre os ombros. Toda a barulheira é demais, muito alta. Ressoando e saltando dentro do meu crânio. Jesus, não consigo tirar os sons da minha cabeça. Ou aquele cara. Seus cabelos brancos, olhos penetrantes. Aqueles malditos dentes tortos revelados em um sorriso.

E então, tudo fica quieto. A conversa abafada de muitas vozes rapidamente se transforma em um silêncio retumbante que é ainda mais penetrante. Olho por entre os dedos e encontro toda a classe alta paralisada enquanto alguém passa pela abertura do refeitório.

Disparo para cima, com o coração na garganta enquanto meus olhos o seguem. Sobre seu cabelo branco e liso. Mandíbula afiada e torta. Roupas largas que pertencem à porra da era do ano 2000, junto com a cabeça cheia de joias de prata e um maldito Converse rosa – manchado e desgastado da cabeça aos pés.

Ele não olha para ninguém enquanto caminha em direção à fila do almoço, que agora está vazia. Ele pega um saco de batatas fritas e

entrega o dinheiro à senhora antes de voltar pela sala comunal para encontrar um lugar para sentar – um lugar bem na minha frente.

Engulo e olho em volta. Os olhos ainda permanecem nele, os sussurros persistem, lentamente voltando ao volume máximo. Ele não se perturba enquanto rasga o saco e enfia um punhado na boca. Lance Garner, ao lado de quem ele estava sentado, puxa conversa como se fossem amigos. E assim, é como se nada tivesse acontecido.

Mas... algo aconteceu.

— Quem diabos é esse? — pergunto em voz alta, sem exatamente querer.

— Uh, acho que o nome dele é Abel, — Gabe responde com a boca cheia de comida. Faço uma careta para ele. Ele é um maldito animal.

— Sim, ele é novo. Garoto adotivo, — Thomas interrompe.

— Quando ele se matriculou?

— Início do ano letivo, amigo, — Gabe responde sarcasticamente.

— Então, por que só agora estou ouvindo falar dele? — Pergunto.

— Não é como se esta escola fosse tão grande.

Thomas dá de ombros. Gabe levanta uma sobrancelha e Corbin coloca mais comida na boca. — Provavelmente porque você é tão egocêntrico. — Gabe gargalha.

Mantenho meu rosto inexpressivo. — Você tem piadas hoje.

— Ao contrário de todos os outros dias? — Ele ri.

— Há rumores de que ele vende sexo por dinheiro, — Corbin interrompe – um pouco alto demais. Meu olho direito se contrai e olho para cima, já sabendo no fundo o que vou enfrentar.

Abel está olhando de volta para mim, aqueles olhos prateados ainda tão penetrantes quanto na noite anterior, mesmo sem a escuridão das sombras. Engulo enquanto meus dentes rangem até minha mandíbula doer e gritar.

É realmente ele.

Meus olhos caem, seguindo a linha de suas mãos enquanto uma delas desaparece no saco, emergindo para levar uma batata salgada à sua boca cheia. Observo seus lábios se abrirem, um lampejo de sua língua molhada e rosada. Uma língua que vi deslizando dentro da boca de outra pessoa ontem à noite.

Não... não apenas alguém.

Um cara.

Porra. Poderia ser o cara com quem ele está sentado? Meus olhos percorrem Lance, mas não consigo reconhecer nada. Ele estava muito fundo na escuridão. Eu provavelmente seria capaz de discernir seus gemidos. Eles tocaram como um disco quebrado a noite toda, a manhã toda, mas de jeito nenhum eu admitiria isso, muito menos...

Meus olhos deslizam, encontrando o olhar vazio de Abel de frente. Não pretendo. Tento desviar o olhar. Para quebrar a conexão aparentemente impenetrável, mas estou trancado com força, sua virilidade forte e impossível.

Lábios carnudos e rosados se curvam, formando a essência de uma palavra que odeio imediatamente — e sei que esse sentimento permanecerá pelo resto da porra da minha vida.

— Olá, — li em sua boca, seguido por um beijo superficial pressionado em nada além do ar.

A respiração sai dos meus pulmões, deixando-me desolado e indefeso.

Porra.

CAPÍTULO 9

ABEL

Ter seus olhos em mim me faz sentir bem – com seu ódio, seu óbvio fascínio.

Aposto que Peris Baxter odeia o fato de me querer — alguém como eu. Gay, aberto e feliz com isso. Alguém que é uma vagabunda e adora isso.

Já estive perto de pessoas como ele o suficiente para conhecer o tipo – no armário, odiando todos que são o que gostariam de ser, ou mesmo o que cobiçam.

E quero foder com ele. Apertar cada botão que ele não sabia que tinha. Nada mais do que minha própria versão de fascínio doentio. Porque posso – e sempre usarei – meu corpo a meu favor.

Afinal, fui usado, fodido e jogado fora. Por que não deveria assumir o controle onde posso? Pegue um pedaço da minha liberdade, torne-a meu novamente – mesmo que seja apenas com uma coisa.

É melhor do que o nada que sempre tive.

Eu não sabia exatamente como iria lidar com... tudo depois do que aconteceu ontem à noite – ser observado, o jeito que ele estava me observando. Como se ele estivesse igualmente doente e incrivelmente

excitado. Um estranho espreitando na escuridão, uma testemunha vaga de tais depravações.

Não que o que Lance e eu estávamos fazendo fosse realmente tão depravado. Quero dizer, foi apenas um trabalho manual. Na verdade, já fiz coisas muito piores – e dentro de uma escola, nada menos. Mas para ninguém menos que Peris Baxter, capitão do time de basquete, era uma ilusão de desejos ocultos.

Mas eu vi – a dor em seus olhos. A vontade do que eu estava sentindo – do que estava vivenciando. Tinha um sabor particular enquanto permanecia no ar.

Ainda está lá também. Envolvendo-o no peso disso – um peso que ele não consegue livrar. Ele sabe que eu também vejo isso. É por isso que, a partir do momento em que nossos olhos se encontraram novamente, ele decidiu liberar cada grama de amargo desgosto. Mas por mim tudo bem. Ele pode definir o tom do que isso é. Ele pode empurrar e gritar. Caramba, ele pode até quebrar aqueles lindos dentes brancos e me morder um pouco porque, no final, vai acabar de joelhos como todos eles.

Eles sempre caem, porra.



Meu corpo está escorregadio de suor, meu coração martela contra o esterno, imitando o de um beija-flor. Meus olhos disparam continuamente em direção à sua porta, o lábio inferior preso entre os dentes enquanto apuro meus ouvidos para ouvir o som de seus passos.

Sei que ele está em casa.

Eu o observei entrar na garagem, as janelas baixadas, o baixo tocando.

Então corri direto para o quarto dele. Tem cheiro da colônia dele aqui, e está deixando meu cérebro confuso e meu pau dez vezes mais duro do que normalmente seria. Mas só de saber que ele está tão perto de *me pegar...* bem, meu pau certamente gosta da perspectiva.

Manipulativo, claro. Mas com quantas pessoas foderam com a minha cabeça, aprendi a jogar. E bem.

Nunca dura – nada dura – mas é viável por um tempo.

Sobressalto quando a porta da frente se fecha, seguido pelo barulho distinto de sua bolsa em cima da máquina de lavar. Portas abrem e fecham, copos tilintam. Os pés se mexem. E durante todo o tempo, tenho os dedos enrolados à volta do meu pau, segurando-o com demasiada força. Os nós dos meus dedos batem contra o algodão da minha cueca com cada movimento lento da minha mão – lento porque se eu me mover mais rápido, vou gozar antes mesmo que ele chegue ao corredor.

— Oh, merda, — digo rouco enquanto seus passos pesados se aproximam. Cada um distinto, cada um com o qual combino os movimentos das minhas mãos.

À medida que eles se aproximam, fecho os olhos e endireito a cabeça no travesseiro. Minha respiração está mais alta agora sem minha visão. Meu batimento cardíaco parece mais pesado. Minhas bolas estão latejando dolorosamente.

Pré-goço escorre pela minha fenda, escorregadio e molhado e nem perto o suficiente para aliviar a queimadura da fricção, mas não me importo. Minha mão se move mais rápido ao longo do meu comprimento, os dedos descendo para roçar minhas bolas antes de subir e massagear minha cabeça.

Meus ombros ficam tensos quando a maçaneta gira. A porta se abre, deixando entrar uma luz fraca. O suspiro pesado de Peris soa alto em meus ouvidos quando ele acende o interruptor de luz, deixando cair a mochila em cima da mesa com um baque tão estridente que estremeço e minha respiração falha – minha ruína.

Uma inspiração profunda.

Abro os olhos. A prata encontra o verde dourado.

Espero gritar. Um rosto vermelho. Até punhos voadores e cuspe.

O que eu não esperava – e nunca teria – esperado é o comportamento frio e calmo de Peris. Seu rosto nada mais é do que uma versão distorcida de seu habitual sorriso de escárnio. Seus dedos estão frouxos ao lado do corpo, ombros largos e relaxados.

O único sinal revelador de que ele acabou de me pegar me masturbando em sua cama é a leve inclinação de sua cabeça e as narinas dilatadas.

— O que está fazendo? — E é o som de sua voz que, pela primeira vez em *muito* tempo, infunde uma dose de ansiedade em meu sangue.

Engulo lentamente, muito consciente do suor escorrendo ao longo da linha do meu cabelo. Minha mão treme demais para continuar se movendo.

Peris dá um passo à frente — apenas um, mas sinto como se fosse um chute nas costelas.

Eu não deveria ter feito isso. Fui longe demais.

— Você me ouviu, Nanico?

— O-o quê? — Eu grito.

— O que você está fazendo no meu quarto? Na porra da minha cama. — Ele está mais perto agora, a poucos metros de distância, e seu cheiro é insuportável. Estou cercado por Peris Baxter por todos os lados e estou *sufocando* nele.

— Eu... — Sua mão dispara e seus dedos grandes e calejados apertam firmemente minha garganta. O fluxo de ar é interrompido instantaneamente, o fluxo de sangue não fica muito atrás, enquanto o outro mergulha em meu cabelo, agarrando firmemente o couro cabeludo.

Ele balança a cabeça lentamente – tão lentamente que causa arrepios em cada braço. — Não. *Não há* razão para explicar por que diabos você invadiu *meu* espaço. E para se masturbar... — Ele interrompe bruscamente enquanto seus olhos se dirigem para minha virilha – onde minha mão ainda está no meu pau, que também ainda está muito duro. Latejante, realmente. *Se eu pudesse* apenas□..

— Você é nojento, Abel. Pensar que você pode quebrar as regras e enterrar seu eu triste na vida das pessoas... — Sua voz é um sussurro suave e tentador em minha pele superaquecida. Não consigo engolir devido à pressão, muito menos respirar. Minha cabeça gira, meus pulmões se contraem por falta de oxigênio.

— Tentei te avisar, mas você é *estúpido demais* para entender uma dica. — Ele está tão perto que a ponta do seu nariz roça o meu, olhos escuros, verde-dourados, presos à barra prateada na ponta do meu nariz. — Eu disse que não queria te machucar. — Ele diz isso como se fosse uma ameaça, mas é exatamente isso: é o que eu sempre quis. Porque *obviamente*, algo está errado comigo.

Sejam os problemas da mamãe, os problemas *de não sei quem é meu pai*, anos de abuso e traumas de todos os tipos... quem sabe. Mas desde que vi Peris entrar na calça e me ver masturbando um cara na sala do coral, bem...

Adoro jogar. E porra, se não estou caindo na minha própria armadilha, porque a questão é: eu realmente gosto de Peris. Ele é gostoso pra caralho, tem acessos de humor seco e geralmente parece

ser um cara muito legal – só que *não* para mim. O que é muito bom, porque não quero a porra da decência dele.

Quero sua escuridão. Sua depravação. Cada fragmento de sua feiura. *Eu sei que está aí.*

— Eu-eu quero... — Suspiro, as palavras mal-formadas.

Ele fala como se não tivesse me ouvido, mas sei que sim. Ele não consegue *com* o rosto a milímetros do meu. Nossas respirações são trocadas rapidamente. — Mas é muito tarde. Você apenas... — Ele interrompe com um ranger de dentes áspero e estalante. Os músculos de sua mandíbula tremem sob a pressão, inchando e esticando sua pele esticada. Com os dentes cerrados, ele se abaixa o suficiente para que seus lábios rocem meu queixo a cada palavra.

— E agora, vou machucar essa sua linda pele, Abel. Vou te foder e fazê-lo sangrar. — Suas palavras acariciam a ponta da minha língua, causando arrepios por toda a minha espinha. Tremo quando ele puxa meu cabelo, causando uma pontada no meu pescoço. — Você gosta dessa merda, certo? É isso que quer de mim? — Ele se afasta, passa o dedo pela minha maçã do rosto esquelética, descendo até a cavidade, antes de comprimir minha mandíbula, forçando-a a abrir.

Ah *Merda*.

Tento respirar, mas nada acontece. Minhas pernas começam a se contorcer conforme a pressão aumenta, pontos dançando ao longo da minha visão. Peris inclina o corpo sobre meu torso, mantendo-me

preso exatamente onde ele quer, e minhas mãos disparam para cima, os dedos apertando seus pulsos.

A vontade de implorar pela minha vida está na ponta da minha língua, mas nada além de um miado patético escapa dos meus lábios. Os lábios de Peris se curvam como se tivessem sido pegos por um anzol enquanto seus dedos se soltam, e eu engasgo.

— Tudo o que você é, é um desperdício de espaço triste e inútil, e mal posso esperar... — Peris respira cada palavra em mim, onde elas fluem direto pela minha garganta recém-liberada e para o meu intestino, onde ficam como um peso de chumbo, — até que eu nunca mais precise ver seu rosto *lindo e nojento* de novo. Ele se afasta, o rosto torcido, o corpo tremendo, e eu gostaria que isso o fizesse parecer pelo menos um pouco feio, mas não. O filho da puta é tão gostoso que faz até uma birra parecer boa.

Observo seus tendões e veias saltando através da camisa cortada. Estamos a centímetros um do outro. Peitos arfando em ritmo desregular. Nossas respirações são o único som que permeia o ar por longos momentos. Ele toca o piercing na ponta do meu nariz, quase distraidamente, antes de *me empurrar* e sair do quarto, batendo a porta atrás dele com tanta força que as canetas em sua mesa fazem barulho.

Mantenho meus olhos fixos em sua vaga por muito mais tempo do que o necessário enquanto recupero o fôlego, a cabeça latejando impiedosamente. Demora muitos minutos para que a consciência volte

para mim, para que meus instintos de lutar ou fugir se infiltrem em minha consciência novamente.

E eles gritam para lutar – com mais força. Para fazê-lo explodir. Porque quero sangrar. Quero sofrer com seus hematomas, nem que seja pela satisfação de tê-lo obrigado a fazer isso.

Minha mão, ainda enfiada na calça, volta à vida e aperta minha ereção latejante enquanto minha língua salta pelos dentes tortos. Os dedos da minha outra mão roçam minha bochecha, descendo até os pontos latejantes do meu queixo e minha garganta – onde ele me segurou, me prendeu no lugar – antes de estender a mão e tocar meu cabelo – onde suas unhas cravaram meu couro cabeludo.

Atordoada, volto para meu quarto, os poucos passos parecendo importantes, sem saber onde Peris está. O ar está silencioso com a estática e meus cabelos se arrepiam.

No momento em que minha porta se fecha, lançando tudo em sombras pesadas através do pôr do sol, respiro desesperadamente e fecho a fechadura antes de jogar meu jeans e minha boxer no chão com pressa.

Tocando os lugares que ele tocou, meus olhos reviram e me encosto na porta fechada. Minhas pernas tremem, depois cedem, e minha bunda bate no chão acarpetado com um baque forte, me dando um empurrão na espinha.

Minha mente gira com um prazer doloroso e com a praticidade impossível.

Porra. A maneira como ele cuspiu *de forma nojenta e bonita* para mim, como se detestasse as próprias palavras que saíam de sua boca.

Uma verdade visceral.

Ele disse que eu era bonito...

Minha mão envolve a base do meu pau, os dedos mergulhando nas minhas bolas, pesadas e cheias.

'Vou machucar essa pele bonita.'

'Vou te foder e fazê-lo sangrar.'

'Desperdício inútil de espaço...'

Minha mão voa sobre meu pau enquanto sua voz ecoa na minha cabeça, vil e venenosa. O lodo de pré-goço na minha fenda faz maravilhas contra a fricção. Dói apenas o suficiente. Muito mais depois que ele colocou as mãos em mim.

Não demora muito para minhas bolas pulsarem, e com a pulsação reveladora, me enrolo para dentro, empurrando minha camisa larga sob o queixo e inclinando meus quadris para cima para ver meu esperma sair da minha cabeça. Um gemido de dor rasga minha garganta enquanto cordas brancas pintam meu torso.

À medida que minha liberação diminui, o pau ainda pulsa e bombeia as últimas gotas, meus olhos reviram. Ofegante e atordoado, minha mão continua se movendo até que sibilo de desconforto e sou forçado a soltá-lo com um gemido.

Minha mão cai no meu estômago e espalho meu sêmen, brincando com ela enquanto recupero o fôlego. Girando-o através da espessa linha de cabelo que leva até minha virilha.

Quando finalmente enfio os dedos na boca para limpar, não posso deixar de me perguntar se Peris me acharia bonito... ou inútil.

CAPÍTULO 10

PERIS

Minhas mãos tremem na minha frente enquanto olho para elas. Calejadas e cheias de linhas e veias aleatórias, agora também estão manchadas com células da pele de Abel.

Não consigo vê-las, não consigo senti-las – na *verdade não*. Mas sei que eles estão lá porque toquei nele.

Toquei nele.

— Droga! — Eu grito. Minhas mãos mergulham em meu cabelo para puxar violentamente, arrancando folículos direto do meu couro cabeludo. Estou engasgando com a batida do meu coração, onde agora está permanentemente alojado no meu esôfago, garantindo que passo cada respiração sufocando com a realidade do que acabei de fazer.

Porque não há como voltar atrás. Eu fui e fiz isso, e agora sei como ele se sente. Quão macia é realmente a pele dele. Como seus olhos cinzentos têm as menores especificações microscópicas de azul.

Como sua pele pálida realmente mancha no momento em que ele é tocado com mais do que um toque suave.

E é demais.

Abel Silver é tudo que sempre evitei.

Por fora, ele é pequeno e magro, com mandíbula torta e dentes igualmente fodidos. Feio em todos os sentidos da palavra. Por dentro, ele é ainda mais desagradável. O cérebro dentro de sua cabeça está infectado com o pior tipo de doença conhecida pelo homem: a exploração egoísta.

Ele não dá a mínima para quem machuca, o que faz com alguém, desde que consiga o que quer. Então, por que diabos caí nessa?

Sei há muito tempo o que ele está tentando fazer. No fundo, tive um pressentimento. Reconheci seus motivos, impliquei suas ações no objetivo final. E cada peça se encaixava como a porra de um terno sob medida.

Então por quê? Por que eu o deixei fazer isso comigo?

Com toda a honestidade, tudo que fiz foi vê-lo brincar com um cara. Abel estava certo em seu pequeno comentário pornô. Já vi coisas piores, embora com vômito encerrando essas aventuras, mas ainda assim. Não sou uma maldita freira, longe disso.

Bufo pateticamente, limpando o ranho que escorre do meu nariz com as costas da minha mão ainda trêmula.

É porque ele tornou isso real. Me fez sentir... como se eu não estivesse totalmente errado por dentro.

O pensamento fica comigo, pesado e tenso, enquanto saio do estacionamento em que gritei. Uma música do Linkin Park toca enquanto estou sentado no sinal vermelho, então aumento o volume o máximo que posso no meu pedaço de merda do Saturn. Ele estala

nos alto-falantes, fazendo meus olhos tremerem, mas ainda bato meus dedos no ritmo da música, esperando que quanto mais eu tento, mais fundo caio nela. Em qualquer coisa que me tire da cabeça. Longe de tudo – e dele. Onde ele provavelmente ainda está na minha cama com a mãozinha na porra do pau.

Meus dedos apertam o volante e o couro range sob a pressão. Eu me viro, os dedos completamente sem sangue enquanto olho para a noite que desce rapidamente.

A *única* vez que decido sair do treino na hora certa – e é isso que recebo.

Bem, foda-se.

Meu carro balança contra os sulcos da terra, profundos ao longo de muitos anos de condução e estacionamento constantes, sob chuva, granizo e neve. A pequena quadra do parque é iluminada por um único poste de luz, e as redes balançam suavemente com a brisa.

Estacionando, dou um salto para frente e deixo minha cabeça cair contra o volante. Cada respiração é forçada, pronunciada com extremo cuidado para não cair no feitiço do ataque de pânico que sinto ao sentar-me contra o peito com um peso que é muito familiar.

Mas me recuso a sucumbir. Recuso-me a continuar deixando o que... o que *Luke* fez guiar minha vida. Ele tirou anos de mim, da mãe. Anos que nunca poderemos recuperar, mas não vou dar mais a ele.

Não *posso*.

Prefiro continuar fingindo que tudo nunca aconteceu, mas nunca fui capaz de fazer isso — apenas consegui enterrar tudo, enterrá-lo e incrustá-lo profundamente demais para ver a luz novamente.

Mas... Abel.

Maldito Abel, cara.

O pequenino realmente decidiu estragar tudo por causa de um erro que cometi — e foi isso; um erro. Eu voltaria atrás se pudesse, mas a vida nunca foi generosa. Não podemos fazer merda nenhuma. Refaça decisões. *Deseje qualquer coisa.*

O que temos é o que obtemos, e cada merda que fazemos influencia tudo isso. E eu tentei — desde que Luke foi para a prisão e deixamos aquela vida para trás para nos mudarmos para Ardent — ser... melhor. Ser o oposto de tudo que me tornei, profundamente entrelaçado com agressividade e malevolência.

Conheci Gabriel logo após a mudança. Até hoje, ainda não tenho ideia de por que ele tentou ser meu amigo. Eu era um idiota e realmente terrível de estar por perto, mas ele percebeu e estava *lá*. Ele me ensinou como ser um amigo decente — um tipo melhor de pessoa, na verdade, mesmo que isso sempre parecesse superficial.

E Abel foi e desfez cada bobina que rebobinei.

A perversão vil escorre dos meus poros como pus em uma ferida infectada, e *porra*, a liberação de toxinas parece eufórica.

Deixo cair a cabeça para trás no assento, os olhos fechados enquanto levanto para bater de novo e de novo até que um tipo

diferente de pressão se acumula atrás dos meus olhos. Aquela que dói mais do que dói.

Assim que a tontura se instala, paro para recuperar o fôlego, a visão fervilhando com os sussurros da escuridão. Não posso me sentir assim. Não posso permitir que volte, mas é tarde demais.

Eu o toquei, provei seu hálito adocicado. Meu toque manchará sua pele com hematomas nos quais passei meses pensando. Meu quarto, minha cama, meus lençóis ficarão manchados com seu suor e esperma.

E meu pau ainda está duro pra caralho.

CAPÍTULO 11

PERIS

Meus olhos se contraem no ritmo do meu pau. Não consigo mais controlar isso – simplesmente acontece.

Ele está bem ali, perto do topo da arquibancada, com o laptop da escola aberto em cima das pernas magras. Dedos longos e nodosos voam sobre as teclas surpreendentemente rápido para mãos tão pequenas. Ele nem olha para a quadra – para *mim*. E ele não o fez desde a noite em que o sufoquei, dando-lhe o que ele sempre quis de mim.

Eu *realmente* não deveria ter tocado nele. Mas saber e fazer são dois caminhos dolorosamente diferentes. E Abel sabe exatamente como me irritar. Ele se enterrou profundamente, tocando minhas bordas desgastadas, esticando-as até que elas se rompam, uma por uma.

Meus olhos se estreitam. Por que ele está aqui se não vai nos ver treinar? Me ver? Ele certamente não vai chupar a porra da cara de alguém desta vez.

Cerrei minha mandíbula, afastando todo e qualquer pensamento sobre minha... merda. *Meu irmão adotivo*. Odeio esse rótulo — que mamãe gosta de usar de vez em quando, como se dissesse que de

alguma forma isso *nos aproximaria*. Quem diabos sabe. Mas se *ela* fez?...

Abel é muito *mais* e consideravelmente menos. Ele costumava ser apenas um maldito jovem coberto de hematomas com os olhos postos em mim, e agora... estou em seu vórtice.

Está bem.

Tenho tudo sob controle.

— Ei, Baxter, onde diabos está sua cabeça? — Gabe grita enquanto lança a bola no meu peito. Eu o pego por reflexo, meus dedos bem abertos sobre o couro.

— Cuidado com a boca, Avalos! — O técnico Johnson grita do lado de fora. Zombo e reviro os olhos enquanto limpo o suor da minha testa.

— Desculpe, treinador! — Gabe ri enquanto se aproxima de mim. Ele bate a cabeça contra a minha, e isso sacode meu cérebro, me dando a dor que preciso para me ancorar no aqui e agora – e não no maldito pequenino sentado a dez metros de distância. *Ignorando-me enquanto ainda invade todos os meus pensamentos acordados.*

— Jesus, cara. O que diabos há com você? — Gabe pergunta, driblando a bola entre as pernas, seu cabelo escuro e encaracolado balançando com o impulso. Olho para minhas mãos vazias e pisco. Eu queria que meu pau estivesse tão vazio quanto eles, mas não. Está apertado e desconfortável na minha cintura, então não fico com tesão na frente de toda a minha equipe.

Droga, estou fora do meu jogo.

Literalmente. Figurativamente. De todas as maneiras.

Puxo meu cabelo, frustrado e muito chateado. — Não sei, — resmungo porque, na verdade, não sei.

Meus olhos encontram Abel. *De novo*. Seu capuz preto está puxado sobre seu cabelo loiro branco, bloqueando a maior parte de seu rosto, mas mesmo daqui de baixo, juro que posso ver o piercing prateado na ponta de seu nariz brilhando. Provocação.

Odeio isso.

— É ele? — Gabe pergunta. Não preciso olhar para saber a quem ele se refere. Ainda estou olhando para ele, pelo amor de Deus. Aceno uma vez.

— Algo aconteceu, eu presumo. Porque, cara, o jeito que você está olhando para ele... — Meus olhos se voltam para os dele. — Você transou com ele? — Gabe pergunta sem rodeios.

Recuo com a insinuação e com o quão profundamente – quão *doentio* – eu gostaria que fosse verdade. E como se Abel sentisse que estamos falando dele, ele desvia o olhar da tela. Seus olhos se prendem aos meus como se ele soubesse exatamente onde eu estava o tempo todo.

A conexão não dura mais do que alguns segundos antes que ele rompa nosso vínculo metafísico e volte a olhar para seu laptop, completa e totalmente indiferente — como se estivesse apenas olhando para uma parede.

Quero que ele *olhe para mim*, sinta a frustração avassaladora que me consome. O grito está crescendo dentro de mim. Para queimar vivo com isso.

— Ele existe apenas para me irritar, — murmuro, as mãos cerrando os punhos ao meu lado, a raiva saindo de mim em ondas gasosas. Não quero dar-lhe essa satisfação, mas não posso negar o apelo de afundar. O descuido oscila. E ele sabe disso.

Então, é claro, ele está zombando de mim. Tirando a única coisa que sempre esteve em disputa. Não me deixa mais comer agora que provei.

— Peris, você...

— Tudo bem! Vamos voltar ao assunto! — O treinador grita, puxando todos nós de volta ao jogo. Rosno e cerro os dentes, batendo mentalmente as mãos contra o crânio enquanto empurro a insinuação de Gabe para baixo para me concentrar na bola em minhas mãos, no barulho dos sapatos contra o chão brilhante, no suor queimando e escorrendo, na garganta seca por desidratação.

Quando o treino termina, estou pingando de suor, ofegante pelo esforço e, felizmente, não estou mais duro. Olho por instinto e encontro as arquibancadas vazias e Abel em nenhum lugar à vista. Meus olhos se estreitam enquanto vasculho o ginásio, esperando encontrar o Nanico transando com outro cara contra as paredes brancas enquanto meus companheiros de equipe saem pelas portas duplas na minha periferia.

Com um suspiro de aborrecimento, respiro fundo, saboreando a dor em meus pulmões. Foi quando finalmente o localizei, encostado nas grades laterais do outro lado da arquibancada estendida. Sua bolsa esfarrapada está pendurada no ombro com o capuz até a metade da cabeça, me dando uma olhada em seu cabelo crescido e despenteado.

Ele provavelmente está a apenas seis metros de distância agora, perto o suficiente para que eu possa rastrear a vasta gama de metal em seus ouvidos. Quero dizer, sério, de quantos piercings na orelha um cara precisa? E isso sem mencionar os grandes buracos esticados em seus lóbulos, preenchidos com alguma grande pedra verde-esmeralda ou algo assim.

Gabe vem atrás de mim para dizer: — Ele está apenas olhando para você? — embora seja declarado como uma pergunta. Fico tenso, os ombros contraídos e os dedos dos pés enrolados nas solas dos pés.

Porque tenho quase certeza de que a pequena aberração consegue ler mentes como um ser sobrenatural.

— Porra, ele é irritante, — murmuro mais para mim mesmo antes de responder a Gabe. — Porque ele é... Abel, — respondo sem muita convicção. Honestamente, isso o explica perfeitamente, mas me faz parecer um idiota.

Ele é tudo que odeio querer – e ele sabe disso.

Ele ainda não olha para mim.

— Você sabe a merda que ele está disposto a fazer por alguns dólares. Muito desagradável. E esses malditos sapatos, — Corbin responde depois de pensar. Olho para o Converse rosa de Abel. Sapatos que antes eram de um rosa mais brilhante, mas desbotaram com o uso e a exposição ao sol, manchados e rasgados, beirando os buracos em desenvolvimento.

Os mesmos tênis rosa que passaram pela minha cabeça tantas vezes que não consigo mais acompanhar.

Não que eu já tenha acompanhado.

Meu queixo aperta quando olho por cima do ombro, encontrando meus amigos mais próximos ao meu redor enquanto todos os outros foram embora. Thomas e Grady ficam um pouco para trás, ainda quicando uma bola entre eles.

— Quanto tempo você vai ficar preso com ele? Deve ser estranho morar com ele. Com as coisas que ele faz... — Grady para enquanto arremessa uma cesta de três pontos. Ela ricocheteia na borda, fazendo todos nós rirmos enquanto ele olha para o aro como se ele o ofendesse pessoalmente.

Reviro os olhos diante de sua pergunta descarada. Como se eu fosse contar *alguma* coisa sobre Abel, mas só porque simplesmente não importa o que ele faz em casa. O que não é absolutamente nada, porque sempre que estamos sob o mesmo teto, é como se ninguém além de mim existisse para ele, e ele *vive* para apertar todos os meus botões.

Como vestir aquele short rosa curto e mastigar vários doces verdes – com Skittles sendo a exceção. A TV ligou para ninguém menos que *Bob Esponja Calça Quadrada*, seu Discman do início dos anos 2000 nunca muito longe.

Estalo meu pescoço ruidosamente.

Estou no meu limite.

— Mais alguns meses. Fevereiro, — digo distraidamente. É tudo que pensei. Exatamente por quanto tempo sou forçado a olhar para seu rosto, senti-lo *em todos os lugares*. Como uma doença me corroendo até virar nada.

Thomas interrompe: — Então é por isso que você está tão fora do jogo. Você tem que lidar com ele em casa? Ele é um incômodo ou algo assim? — Quase rio alto. Eu gostaria que fosse tão simples quanto ele ser um 'incômodo'.

Mas não. Acabei de ver algo que não deveria. Algo que me odeio por admitir que gosto, quero, *preciso*. *E de jeito nenhum, porque ele deixa meu pau duro toda vez que olho para ele*.

— Não se preocupe, Peris. Quando ele sair de sua casa, ele será apenas mais uma causa perdida chupando pau para ganhar dinheiro do aluguel! — Corbin grita irritantemente alto, interrompendo Thomas. O som de sua provocação ecoa nas vastas paredes de tijolos brancos do ginásio.

Viro-me com um movimento dos meus molares para fixá-lo com um olhar furioso. Minhas veias pulsam com sangue superaquecido, fazendo minhas mãos tremerem ao lado do corpo. — Que *merda...* □

O som de sapatos rangendo no chão de madeira brilhante faz meu pescoço se inclinar para trás, as palavras morrendo em meus lábios enquanto Abel vem em nossa direção, seu queixo pontudo arregalado, olhos redondos estreitados, a prata de suas íris brilhando em muitos tons mais escuros.

Ele parece chateado – e vendo essa reação dele quando tudo que vejo é uma onda de confiança presunçosa... *porra*.

Meus olhos passam por ele, observando com alegria oculta o quão seguro ele se retrata por ser tão diminuto, andando até nós cinco como se ele não desse a mínima. O olhar de Abel percorre todos individualmente com um arranhão agudo, sua expressão passiva e indiferente.

Ele passa por cima de mim em sua leitura. Minhas mãos se fecham ao meu lado.

— Bem... — ele fala lentamente, o tom baixo e suave, os olhos fixos em Corbin com intenção, — seja qual for o seu nome, com certeza lhe darei um desconto quando você não puder mais resistir à tentação e descer pelo meu caminho no beco. — Ele manda um beijo para Corbin enquanto seus olhos deslizam para os meus, brilhando.

Sinto isso nas minhas malditas bolas. Em uma pulsação pesada e profunda.

Aquele maldito Nanico.

Seus olhos apertam levemente nos cantos, grandes lábios torcendo para o lado antes de tudo desaparecer. Então, ele passa com a cabeça erguida, a bolsa pendurada no ombro, os sapatos rangendo alto, como se ele os estivesse torcendo no chão de propósito, para que eu sucumbisse à vontade de ir até ele e agarrá-lo pelo cabelo na nuca, rosnar em seu ouvido, dizendo para ele calar a boca enquanto beijava sua raiva.

Sua forma ágil desaparece pelas portas duplas no outro extremo do ginásio, e minha marcha volta para o que está bem na minha frente como se eu fosse sugado para fora de um túnel – ou *visão de túnel*.

— Inferno, — Gabe fala lentamente, gritando. — O carinha tem uma boca aberta. — Ele parece divertido – até mesmo impressionado. Claro, Gabe estaria.

Mas eu não estou, porra. *Eu não estou*. A maneira como seus lábios se contraíram, os olhos cor de aço me perfurando com uma intenção óbvia. Sempre uma provocação do caralho.

Esses caras não o conhecem como eu. Tudo o que ele disse – embora dirigido a Corbin – era para mim. Uma verdade visceral que estamos sempre ignorando.

As habituais bochechas coradas de Corbin agora estão vermelhas enquanto ele se atrapalha com a bola entre as mãos. Eu me aproximo dele e o afasto. Seus saltos e ecos mal são registrados. Sua testa se arqueia em confusão.

— Não diga merda nenhuma sobre ele de novo. — Minha voz é baixa, firme e ameaçadora. Cada palavra é cuspidada entre os dentes cerrados.

Ele olha para mim com os olhos arregalados, os lábios abertos em forma de “O”. Meus molares rangem. Pregos cravam em minhas palmas, as entranhas quentes e agitadas só de pensar no pau de Corbin na boca de Abel.

Porra, quero arrancar meu cabelo. Retirar minha pele diretamente do músculo para que eu possa respirar sem constrição.

Uma mão agarra meu ombro, me puxando para trás. Eu me atrapalho, encontrando o equilíbrio, e Gabe ri alegremente. — Tudo bem. Vamos para casa. Comer e *dormir*, — ele enuncia a palavra incisivamente. Posso sentir todos os olhos deles em mim, *me observando*, fazendo minha pele arrepiar como vermes enterrados embaixo dela.

Um verme fez isso.

— Vá se foder, — respondo, sacudindo a mão de Gabe. Ele os segura na frente do rosto, com as sobrancelhas erguidas, mas seus lábios estão torcidos como se ele soubesse algo que não deveria. Mas ele sabe porque falei, e ele me conhece, e agora...

Afasto-me para pegar minha mochila e empurro as portas duplas, indo para o vestiário. Normalmente sempre vou para casa, já que moro perto o suficiente, mas esta noite preciso de tempo. Para limpar minha cabeça. Estar longe de *todos*, menos de Abel e daqueles

lábios, principalmente. *Tão grande e resplandecente de saliva enquanto vomita seu veneno.*

É nojento.

Reajusto meu pau quando entro no vestiário. Cheira a odor corporal, meias sujas e água estagnada. Tão refrescante e um matador de ereções completo.

Deixando cair minha bolsa no banco, tiro minhas roupas encharcadas de suor e as deixo cair no chão de concreto com um barulho alto. Franzindo o nariz, pego meu sabonete e entro na área do chuveiro comum, girando a maçaneta até que água morna espirra da bica. O jato é forte enquanto atinge minha carne, mas aprecio a dor.

Fecho os olhos, concentrando-me na agitação e na queda da água para tentar limpar a mente, mas não consigo. Aquele maldito olhar que ele me deu – como se *eu o* enojasse – continua passando pela minha mente.

Isso me dá vontade de sufocá-lo novamente, para fazê-lo ver o quanto está *errado*. Mas até mesmo Abel sabe que no momento em que eu colocar minhas mãos nele novamente, todo muro em ruínas construído às pressas entre nós deixará de existir.

Desde o momento em que ele apareceu na escola, ele tem sido tudo de que todos falam. Os hematomas e cicatrizes estranhas que ele usa como uma medalha de honra. A maneira como seus olhos percorrem todos – de qualquer gênero – com uma leitura atenta. Não necessariamente por interesse, mas quase como se ele os estivesse

separando pedaço por pedaço para ver o que há em seus centros.
Vangloriando-se de todos os boatos atrozes. Sorrindo com alegria.

O cara está fodido com uma espécie de caos cruzado.

Tremo enquanto acaricio meu pau, pensando no momento que começou essa aversão visceral entre nós. Respirações pesadas. A troca distinta de cuspe. O *toque* da mão de Abel no pau de outra pessoa.

O branco brilhante de seus olhos cortando a escuridão para me encontrar, *morrendo, confuso e doente*.

CAPÍTULO 12

PERIS

— Porra, — gemo, esfregando a mão no rosto enquanto fico sob o jato de água. Abro os olhos, deixando a água escorrer pelos meus cílios e entrar na minha boca. Cada inspiração a faz entrar correndo, prestes a me sufocar.

Expire. Ele respinga no chão.

Não sei quanto tempo fico ali parado antes que a água borbulhe e instantaneamente esfrie. Pulo para trás com um silvo, batendo a maçaneta para desligá-la. Com o corpo coberto de arrepios, pego minha toalha e a amarro na cintura. Meus passos molhados ecoam no concreto em *batidas pesadas* enquanto caminho de volta para meus pertences, de alguma forma me sentindo pior do que antes.

Quando pego minha mochila, minhas orelhas se arrepiam e arrepiam minha nuca molhada. Minhas mãos imóveis, a ponta do meu dedo indicador roçando a borda do zíper. O silêncio é agudo e potente enquanto queima meus canais auditivos. Uma sensação de déjà vu toma conta de mim em um forte arrepio, fazendo minha pele arrepiar e se aprofundar.

A estática desliza pelo ar.

Com a mandíbula travada, meus dedos se curvam nas palmas das mãos antes de flexioná-los, estendendo cada dedo o máximo que

podem. Ando ao longo do banco até a junção de outra parede de armários. Meus pés descalços vacilam ao ver um pequeno embrulho amontoado em um canto. Uma ruga se forma entre minhas sobrancelhas, e olho através dos meus cílios para o teto em questão antes de deixá-los cair de volta na bolha preta.

Com malditos sapatos rosa.

— Abel.

Os referidos sapatos curvam-se para dentro quando Abel levanta a cabeça, como se estivesse esperando que eu chamasse seu nome. Seus olhos estão um pouco vermelhos e brilhantes, e a ponta do nariz grande e pontudo está molhada. Bochechas rosadas. Pele brilhando.

Meu estômago embrulha enquanto minha consciência sai do meu cérebro. — Porra. — Digeri a visão diante de mim com olhos gananciosos.

Abel parece destruído. Tão triste e indefeso – o que ele *não é*, mas...

Porra, ele é incrível. Isso vira algo desconhecido em meu estômago. Algo quente e silencioso.

Meu pau duro se agita sob a toalha e, pela primeira vez, é uma sensação bem-vinda no que diz respeito a Abel. É *exatamente* assim que ele deveria ser. Frágil e fraco. No chão com lágrimas nos olhos. Finalmente suportando as consequências de suas próprias ações.

Jesus. Realmente quero ver até onde posso ir. O quanto posso destruir aquele lindo rosto dele. *Arruinar essa boca nojenta...*

— Era isso que você queria, Peris? — Abel pergunta, interrompendo meus pensamentos vorazes enquanto olha para mim através de cílios loiros e brancos. Suas íris cinzentas são impressionantes, delineadas em preto e brilhante com uma nova revolução de lágrimas.

Nunca estive tão duro em minha vida. Não consigo nem pensar em questionar *por que* ele está chorando, muito menos no vestiário, entre todos os lugares.

— Quer que eu fique todo triste e patético aos seus pés? — Um silvo agudo rasga minha garganta enquanto cada músculo se contrai, meu corpo é engolfado pelas chamas. Dou um passo em direção a Abel, os olhos devorando a visão de suas bochechas rosadas e lábio inferior trêmulo, cabelos loiros acariciando os ângulos agudos de seu rosto.

A bainha da minha toalha roça seus joelhos quando me aproximo o suficiente para tocá-lo. Os olhos de Abel nunca deixam os meus, ferozmente penetrantes e provocadores, ao mesmo tempo que são igualmente recatados e patéticos.

Abaixei-me com uma mão surpreendentemente firme para tirar o capuz de sua cabeça. O cabelo branco cai, roçando as orelhas furadas. Eu me aprofundo avidamente, envolvendo meus dedos em torno das mechas até que meus dedos batam contra seu couro cabeludo, e então, puxo para trás até que a cartilagem incha no centro de sua garganta longa e esbelta. Marco um prego nas cristas,

observando extasiado enquanto uma longa linha vermelha floresce em sua pele pálida.

Indo...

Indo...

Foda-se.

— Sim, — digo com ódio. — Isso é exatamente o que quero.

Ele de alguma forma consegue projetar seu queixo pontudo através do meu aperto nele. — E se não for o que quero? — Ele parece irritado, mas seu rosto está decidido, como se ele finalmente estivesse aceitando seu destino.

Ou talvez eu esteja aceitando o meu.

Luke me fez assim, e acontece que não posso mudar quem sou – eu tentei, porra. E Abel... bem, *e/ele é* a razão pela qual não posso mais me esconder das minhas verdades. E era *exatamente* isso que ele queria, o maldito mentiroso.

Eu me agacho até estarmos em um nível mais equilibrado, aproximando seu rosto do meu com meu aperto em seu cabelo. A mandíbula de Abel se contrai e o osso irregular se desloca sob a pressão. Suas bochechas estão encovadas e coradas. Lábios escorregadios e permanentemente inchados. Tenho que desviar meus olhos do beicinho de sua boca, fixando-me em íris metálicas para procurar em suas profundezas por... algo desconhecido.

Cada coisa bagunçada e nojenta que ele me faz sentir se inflama sob minha carne, ansioso para ser liberado. Roendo cada órgão, cada nervo.

Odeio a aparência dele. Tão... miseravelmente *lindo*. Duas coisas que não podem coincidir, mas com ele...

Levanto-me segurando a cabeça de Abel. Ele balança sob a pressão até que eu o puxo de volta, forçando-o a olhar para mim com cada grama de captura amarga. — Você age como se não estivesse pressionando por esse tipo de reação minha por malditos *meses*, — eu zombo. — Isso é o que você queria. — Minhas unhas afundam em seu couro cabeludo. *Estou tocando nele. Sua respiração está na minha pele.*

Abel olha para mim, o rosto torcido e os lábios comprimidos em um sorriso de escárnio feio.

— Seu maldito *rosto*, — cuspo, me curvando para que meus lábios rocem seu queixo, — Quero estragar tudo. Destruir *você*. — Meus dentes roçam sua pele macia e descem por sua garganta pálida. Eu me inclino para trás para olhar para sua carne imaculada, lembrando-me vividamente dos hematomas de antes, quando ele veio pela primeira vez para Ardent High, e daqueles que se seguiram nas semanas seguintes.

Quero manchar Abel com alguns hematomas meus. Coisas escuras, feias e roxas para combinar com o desgosto decadente que vivia dentro dele.

— Então, me destrua, — ele diz calmamente, encontrando meu olhar uniformemente. *Tão confiante.*

Eu queria arruinar seu rosto desde que o vi pela primeira vez verdadeiramente desmascarado, cortante e astuto. *Ansiava* por ver se machucá-lo como machuquei diminuiria a dor.

Cada momento tem sido um lembrete doloroso e amargo do que não sou. O que não posso ser. *Quem eu sou.* Alguém tão distorcido, tão terrível quanto Abel Silver.

Eu gostaria de sentir um momento de hesitação, uma sensação de pânico pelo buraco em que estava prestes a mergulhar, mas não há *nada*. Nada além de um ressentimento amargo associado à aceitação.

— Abra sua boca. — Meus dedos encontram o nó da minha toalha com facilidade, e eu a solto de onde ela está dobrada na minha cintura, observando enquanto ela cai no chão ao redor dos meus pés. A umidade do quarto lambe minha pele como um cobertor, mas o calor que corre em minhas veias não é páreo.

Ou *não*.

Abel faz o que ele manda enquanto se ajoelha e abre seus lábios pecaminosos para sugar meu pau em sua boca como se ele fosse um homem faminto. Minha visão fica turva. Filtros brancos, seguidos por uma estática muito distinta. Avanço com um grunhido. — Porra, Nanico. É isso. Coloque sua boca em volta de mim.

Ele lambe minha fenda, e a pressão me faz gemer, empurrando enquanto Abel me empurra em sua garganta. O calor me envolve. Muito apertado, muito molhado.

— Lento. — Ele faz um som longo e molhado que faz meus dedos dos pés se curvarem. — *Vá devagar*, — rosno quando ele fica muito ansioso, balançando rápido o suficiente para que seu cabelo flutue em torno de seus lábios esticados. — Você não está no comando aqui. *Não mais*. — Coloco a palma da mão na lateral de seu rosto e suspiro. A dor soa alta, ecoando por todo o vestiário, e Abel se afasta com um silvo, a bochecha marcada pela marca da minha mão, a pele com um tom maravilhoso de rosa.

Meus olhos se dirigem para a aparente protuberância na frente de sua calça jeans. Meus lábios se curvam.

— Não me bata, porra, — ele rosna, seus dentes tortos aparecendo em sua coragem. Meu sorriso se alarga quando enfio o polegar entre aqueles dentes feios até sentir uma língua molhada. A sucção envolve meu dedo instantaneamente, transformando meu sorriso em um olhar malicioso acalorado.

Levanto meu pé descalço do chão, substituindo a frieza do concreto pelo calor de sua virilha. Deslizo o arco sobre sua protuberância até que a planta do meu pé se encaixe perfeitamente em seu pênis – e então cavo. Mais forte até que Abel choraminga e tenta se afastar, os joelhos estalando no concreto. Mas ele não pode. Ele está preso contra a parede – contra mim.

— Vou bater em você se eu quiser. Não finja que você não gosta de levar tapas um pouco, — bufo enquanto arranco meu polegar de sua boca apenas para limpar sua saliva em seu rosto. — E, caramba, é bom finalmente fazer isso. — Dou um tapa nele novamente só para provar meu ponto. Ele assobia e choraminga. Fica de joelhos, fazendo meu pé rolar sobre seu pau duro e pequeno.

Eu me acaricio uma vez, espalhando a saliva de Abel em meu comprimento, odiando o quanto gosto disso. Algo tão repulsivo, tão foddidamente... *impossível*.

Ele está ofegante, tremendo, olhando para mim com olhos arregalados e patéticos. Esperando como o bom menino que eu não sabia que ele poderia ser.

— Prossiga. — Concorde com a cabeça, empurrando meus quadris em direção ao seu rosto. Meu pau balança no ar, a glândula vermelha e brilhando com sua saliva, acenando por mais. Abel não perde um momento. Sua coluna se curva perfeitamente quando ele se inclina para me puxar de volta para sua boca com uma sucção forte o suficiente para dobrar meus joelhos. Todos os lábios apertados e a língua escorregadia enquanto ele encova as bochechas – e me perco no prazer entorpecente de sua boca.

Odeio isso. Que eu até quero isso, mas porra, é bom.

Ele é *bom*...

Bato meus quadris para frente, me alojando no fundo de sua garganta. A forte contração dos músculos faz com que as paredes brancas se deformem.

— Quantos paus estiveram nesta garganta? — Grunhi enquanto me abaixava para pressionar meu dedo ao longo de seu pescoço inchado, odiando a onda de algo semelhante ao ciúme em meu peito. Abel gorgoleja em volta do meu pau. Cuspe mancha minha pele, escorrendo pelas minhas bolas. Afasto-me apenas o suficiente para deixá-lo respirar fundo antes de sufocá-lo novamente.

— Você sabe o que? — Estremeço e coloco a cabeça entre os ombros. — Deixa para lá. Você fica muito mais bonito quando não fala, porra. — Seus olhos estão cerrados, os cílios emaranhados de lágrimas, onde elas se acumulam antes de escorrer pela pele pálida que está com um tom rosa brilhante, manchada com as impressões das minhas mãos.

Seguro a lateral de seu rosto quente com uma das mãos, o polegar pressionado contra seu osso malar para poder sentir aquelas lágrimas em minha pele. Com a outra, seguro sua nuca, o cabelo enrolado entre meus dedos enquanto fodo sua garganta. Ele engole em torno de mim, fazendo minha visão ficar embaçada, o calor na minha virilha latente.

Com um silvo, eu me afasto de sua boca ansiosa para rasgar seu moletom pela cabeça, lutando para manter o equilíbrio. Quero sua pele nua exposta para mim – cada centímetro pálido. Mas sua calça

jeans permanece vestida, meu pé ainda comprimindo sua pequena e frágil ereção. Ele não tem o prazer de gozar por causa de todas as provocações implacáveis que fez.

Não. Isso é para mim.

Abel cai de cócoras, o torso tremendo com a rajada de ar frio. Sua pele está cheia de espinhas e arrepios, pequenos mamilos pontiagudos. Meus olhos percorrem seu corpo, observando cada curva severa de suas costelas, a concavidade acentuada de seu estômago, seu rastro feliz.

Paro na barra através de um de seus mamilos, posicionado ligeiramente assimétrico. Aperto, saboreando seu silvo de dor. Então, pego a bola pela ponta e puxo, observando seu mamilo se estender além do que sei que é bom, beirando a dor aguda. — O que? Você mesmo fura isso?

— Peris — Abel deixa escapar rapidamente, o som do meu nome não passa de um apelo. Eu o ignoro com facilidade, com entusiasmo, enquanto agarro o outro lado e puxo na direção oposta. Depois que recebo um gemido satisfatório, passo a abusar de mais partes de seu corpo – só para ver até onde posso ir.

Cravo minhas unhas em seu pequeno peito, criando trilhas vermelhas brilhantes em meu rastro. Descendo sobre suas costelas afiadas e cintura estreita. Sobre a espessa linha de cabelo que desaparece sob o cinto com tachas prateadas e a cueca boxer rosa pastel.

Minha boca está seca, mas minhas mãos estão surpreendentemente firmes diante da realidade de sua pele contra a minha. Seu corpo diante de mim, pronto e disposto com os dentes à mostra, pronto para quebrar e roer. Para me mastigar em pedaços. Deixe-me boquiaberto e sangrando, tendo tomado o que ele queria.

Ele é tão perfeitamente horrível. *E eu o quero – cada voz interna gritando o contrário, que se dane.*

— Peris, pare! — Abel empurra minhas coxas nuas, as unhas cravando profundamente na minha pele umedecida pelo suor. Eu sibilo, agarrando seu ombro para mantê-lo onde quero – preso na parede. Agarrando seu queixo, eu o forço a olhar para mim, e tudo que vejo é um ódio presunçoso.

Oh, Nanico, você não tem ideia do que fez comigo.

— Você está muito enganado se acha que tem uma maneira de sair dessa, — ronrono, passando meu polegar para frente e para trás sobre sua mandíbula. — Isso é o que você queria o tempo todo, não? — Levanto uma sobrancelha. Ele engole em voz alta, os dedos cavando um pouco mais fundo na minha pele. Meu batimento cardíaco irradia abaixo deles – e isso é bom.

Mereço isso pelo que estou prestes a cair.

— Qual era o objetivo final, exatamente? Você quer que eu admita que sou gay. É isso? Então você pode ter a satisfação de expor o atleta enrustido. — Essa parte não é uma pergunta, mas a porra da verdade. Ela queima quando é arrancada dos meus lábios, e não

tenho escolha a não ser sentir a marca enquanto ela me envolve como uma onda. Pesado, fascinante e sufocante.

Agarro meu pau pela base, segurando-o com força para esfregar minha cabeça para frente e para trás sobre a boca de Abel. Ele abre os lábios e o hálito quente e úmido beija minha carne sensibilizada. — Exceto que *você é* quem está de joelhos, salivando sobre meu pau em sua boca. — Suspiro. — E com um rosto como esse... — Pressiono o arco do meu polegar no centro do seu lábio inferior gordo e rachado, logo abaixo do meu pau. — Eu poderia facilmente fingir que você é uma garota.

Isso deixa Abel tenso, o corpo mudando de uma expectativa trêmula para uma inquietação rígida. — *Mmm*, — ronrono, sentindo meus lábios torcerem desagradavelmente com aquela pequena revelação. — Você não gosta disso. — Ele se contorce mais, balançando a bunda para frente e para trás. — Ou talvez você queira...

Os músculos da minha mandíbula se contraem. Meus dedos se apertam, o intestino se revirando. — Aposto que você também tem uma boceta tão bonita. Tão usada que eu não precisaria fazer nada para entrar dentro de você. — Meu pau tem batimentos cardíacos próprios. Posso ver minhas veias pulsando. Abel também percebe, seus olhos caindo do meu rosto para o meu pau. Ele olha avidamente, a língua se lançando para molhar seus lábios, roubando um gostinho rápido da minha fenda escorrendo.

Estremeço e fecho meus molares. — Não se preocupe, Nanico. Guardarei seu segredinho sujo se você guardar o meu. Não posso permitir que ninguém saiba que gosto de foder o lixo. — Abel choraminga enquanto todo o seu corpo convulsiona. Seu pau sacode sob meu pé, fazendo meus lábios se curvarem.

— Sim, — respiro trêmulo enquanto deslizo de volta para sua boca ansiosa com facilidade, observando aqueles lábios gordos de seu estiramento até ficarem sem sangue. — *Merda*. — Grunhi quando a língua de Abel se achata, enrolando-se em minha cintura. — Claro, você gosta disso. Você gosta de forçar os segredos das pessoas à tona enquanto esconde os seus. Não é surpreendente o quão fodido você é.

Somos um e o mesmo.

Abel balança a cabeça, caindo em uma espécie de frenesi enquanto chupa meu pau. A saliva se espalha pela minha virilha, escorrendo pelas minhas coxas, minhas bolas. Em suas coxas vestidas com jeans. É confuso e nojento, e eu deveria forçá-lo a desacelerar novamente. Para fazer esta humilhação durar. Para manchar sua pele de porcelana com marcas e hematomas, marcada por um forte rubor rosado. Ver lágrimas caírem espontaneamente, seguidas de suspiros e gemidos ofegantes e patéticos. Mas o fervor que se espalha pela minha virilha e pela base da minha coluna é devastador e asfixiante.

Minhas mãos encontram seu cabelo avidamente, cavando e apertando com força. E porra, se seus fios sedosos não parecem um paraíso no inferno. Perco a cabeça, empurrando cegamente o calor apertado de sua garganta. — Simplesmente patético, — ofego pesadamente, olhando fixamente para a vibração de seus cílios escuros. — N-nojento. — Abel enterra o nariz nos meus pelos pubianos e engole. Minha coluna se curva, minha cabeça cai para trás entre os ombros enquanto minha visão clareia. — Então. Porra. Feio. — Forço cada palavra através de respirações agudas e ofegantes, suas verdades extraídas dos meus pensamentos mais distorcidos e sádicos – aqueles que sempre mantive enterrados – mas agora... agora eles estão irrestritos e incontrolláveis.

E tanto sobre mim quanto sobre ele.

Um zumbido vibrante viaja da cabeça do meu pau até a base, sulcando onde floresce e se intensifica. Minhas bolas estão apertadas, os dedos de um pé enrolados contra o concreto e o outro contra o tecido áspero e desgastado da calça jeans de Abel – e é a pulsação do pênis de Abel contra o meu pé que me leva ao limite.

Arranco-me do fundo de sua garganta apertada com doloroso arrependimento, minha mão já voando para cima e para baixo em meu comprimento. O *barulho* de sua saliva é obsceno, inundando meu rosto com calor enquanto o som ecoa nas paredes frias de concreto.

Abel cai de cócoras, o peito subindo e descendo rápido o suficiente para me deixar tonto. Seus dedos mordem a carne das

minhas coxas, me aproximando, os olhos colados no meu pau como se ele ainda estivesse faminto, mesmo depois de estar com a garganta cheia.

Deixo cair a cabeça para o lado, deixando-a rolar ao longo do ombro enquanto o calor aumenta e finalmente fulmina. Abro meus olhos turvos, a mão tremendo enquanto me acaricio através de cada pulsação. Um gemido absoluto sai dos meus lábios enquanto gotas grossas de branco iridescente espalham-se pelo rosto e peito nu de Abel.

Seus olhos estão fechados, mas seus lábios estão entreabertos, com uma pequena língua rosa de fora, como se ele estivesse esperando provar. Um pouco do meu esperma escorre de seus lábios, e uma profunda presunção me percorre enquanto vejo aquela língua deslizar sobre sua boca para absorvê-lo.

— Você pode ser feio, Nanico. Mas porra, você realmente parece muito coberto com meu esperma, — ofego entre cada respiração ofegante, passando meus dedos pela poça de coragem em sua clavícula oca.

Um calor úmido se espalha pela sola do meu pé. Flexiono os dedos dos pés com uma careta antes de tirar o pé do colo de Abel para revelar uma mancha escura em sua virilha. Saber que há uma bagunça pegajosa, nojenta e refrescante dentro de mim me faz estremecer.

— Porra, — digo, exultante por ele gostar disso. Ser tratado como a vagabunda devassa que ele é.

A feiura dele combina com a minha.

Agachando-me, coloquei-me na linha de visão de Abel. Ao ouvir meu movimento, ele abre os olhos, apertando-os através da forte iluminação fluorescente. Lanço um olhar pesado sobre meu esperma espalhado em seu torso e lindo rostinho. Pingando, pegajoso e desagradável.

Há até um pouco de revestimento na barra na ponte do nariz, fazendo-a brilhar como uma provocação muito específica.

Deslizo meu dedo indicador sobre sua bochecha desta vez, reunindo meu sêmen em vez de espalhá-lo. Segurando minha mão com uma sobrancelha arqueada, espero que Abel separe os lábios – o que ele faz apenas depois de uma fração de segundo de hesitação. Enfio três dedos, empurrando o fundo de sua garganta até ouvi-lo engasgar.

— Shh, — sibilo suavemente enquanto toco sua úvula. — Você quer comer minha porra, não é, Nanico? — Espalho meus dedos o máximo que posso. — Sim, você quer. Está louco por isso. — Então, arranco meus dedos, rindo secamente enquanto Abel persegue a descida deles.

Dou um tapinha em sua cabeça, forçando-o a ceder sob o peso, depois bagunço seu cabelo. — Não se preocupe. É tudo para você. Não há necessidade de ser ganancioso. — Com as mãos nos joelhos,

eu me levanto, e seus olhos de aço seguem, dos meus pés até o meu rosto, lentos em sua ascensão, em sua leitura descarada.

Pressiono meu pé em seu colo novamente, e Abel sibila diante do que agora é provavelmente uma bagunça muito fria e desconfortável. — *Ninguém* pode tratar você como merda além de mim agora, entendeu? Isso significa que não há trepadas aleatórias e certamente nenhuma pela qual você seja pago. — Enrolo os dedos dos pés em torno de seu pau macio. — Lembre-se, Abel, você queria isso. — *E eu também.*

Com um suspiro de satisfação, pego minha toalha do chão sujo e dou uma olhada nos sapatos rosa e gastos aninhados sob a bunda de Abel antes de deixá-lo onde está sentado, coberto de esperma, dolorido e esperando.

Por nada. Por tudo que não vou dar a ele.

Mesmo sabendo que ele está observando cada movimento meu, me visto com um sorriso renovado no rosto, sentindo-me revigorado pela primeira vez em meses.

Sei que mais tarde – quando for isso – vou me odiar por ceder ao que não posso querer. Mas, por enquanto, vou adorar levar Abel Silver para baixo.

E, realmente, ele fica muito melhor de joelhos do que eu imaginava. Como se fosse exatamente para isso que ele foi feito. Para ser usado – destruído e arruinado. Por mim.

Por minha causa.

CAPÍTULO 13

ABEL

Contorço-me contra a parede de concreto quando a porta se fecha, sinalizando a partida tranquila de Peris. Com uma inspiração trêmula, coloco a cabeça para trás, saboreando a euforia vertiginosa dos últimos vinte minutos, com a mão no peito enquanto recupero o fôlego.

Não posso acreditar que Peris finalmente me deu o que sempre quis dele: sua rendição. Foi muito melhor do que jamais imaginei que poderia ser – e me surpreendeu com a revelação de que ele é um filho da puta excêntrico. Eu estava preparado para sua raiva e palavras venenosas, mas não para ele zombar, provocar e depois enfiar seu pau na minha garganta como se precisasse dele para respirar.

E agora, finalmente estou em um lugar que parece um lar: garganta doendo por causa do abuso, pele coçando com saliva seca e esperma, rosto ainda quente por causa de alguns tapas rápidos. Tudo novo, mas dolorosamente familiar.

Com a mão trêmula, pressiono os dedos no pescoço dolorido. Eles deslizam através de uma camada de esperma acumulada na minha clavícula. Minha língua passa contra meu lábio inferior rachado

enquanto eu a espalho e afasto meus dedos, perdido na textura leitosa.

O que diabos devo fazer agora que acabou?

Eu empurrei. Eu cavei. Eu expus.

Acaba aqui?

O concreto está gelado contra minhas palmas enquanto me levanto, sibilando com os alfinetes e agulhas brotando da parte superior das minhas coxas para baixo. Meus passos são leves e hesitantes enquanto contorno a parede de armários, chegando a um grande espelho retangular na parede frontal.

Meus pés me aproximam por vontade própria, atraídos pelo meu novo reflexo. Mas só quando minhas mãos pressionam o vidro é que me permito absorver o que vejo como verdade.

Não pareço tão feio como sempre me senti.

Meu rosto está corado com uma cor rosa brilhante, ainda vibrante dos tapas de Peris – que foram surpreendentemente hesitantes no início – dando um grande contraste com sua liberação secando em minha pele. Sigo minha imagem espelhada com um olhar extasiado enquanto estendo a mão para tocar o que ainda está molhado em meu peito, perto do meu piercing no mamilo. Meus dedos encontram minha boca. Observo meus lábios se separarem, a língua escapando para lambê-los. Está frio e picante enquanto engulo. Minha laringe rola.

Talvez... eu não seja tão inútil, afinal.

Minhas unhas arranham o interior do bolso enquanto tiro meu telefone. Com a mão um pouco trêmula, abro o aplicativo da câmera e o seguro na minha frente. Enervado com o rosto que me encara, baixo os olhos para tirar algumas fotos, inclinando o telefone de forma que metade do meu rosto fique cortada, mas todo o meu corpo esteja à vista: pele manchada e avermelhada, jeans largos manchados com minha própria liberação e cabelo suado, agora preso por seus dedos.

Posso ficar bonito agora... com a mancha dele em mim.



Demora longos minutos esfregando meu rosto com toalhas de papel que têm a textura literal de uma lixa para poder sair do vestiário. Não posso exatamente andar por aí em público com porra secando no rosto, *mas* deixo o resto da bagunça debaixo das minhas roupas porque gosto do lembrete sujo.

Com minha bolsa pendurada nos ombros em preparação para a caminhada para casa, vacilo quando empurro as portas da frente e vejo o carro de Peris esperando no meio-fio, um baixo estático tocando uma música que nunca ouvi antes. A janela do passageiro desce quando me aproximo, com o olhar fixo na oposição. Os postes de luz na estrada são fracos e amarelos, iluminando a calçada a cada poucos metros ou mais.

— Entre, — Peris diz bruscamente. Meus pés param enquanto eu me arrepio, agarrando as alças da minha bolsa como se isso evitasse que minhas pernas seguissem o resto de seu comando, quer queira quer não.

Ele pode ter arrancado meu cabelo, dado um tapa em meu rosto e fodido minha boca até gozar em cima de mim, mas isso não significa que vou magicamente começar a ouvir suas ordens de latidos. Eu tenho *dignidade*. E regras. E sua porra seca na minha pele pode discordar, mas isso não é aqui nem ali.

— Agora, *Nanico*. — Ele fala o nome como se significasse alguma coisa, e dane-se tudo porque isso *significa*. É humilhante e grosseiro, e eu, infelizmente, adoro cada momento humilhante disso.

Deve ser o trauma. Algum entrecruzamento de fios em meu cérebro, porque mesmo quando olho para mim mesmo — insignificante, um pouco esquisito e definitivamente feio — tenho que admitir que o filho da puta está certo. Realmente sou um maldito nanico. O pensamento me faz bufar, o que provoca uma carranca em seus lábios inchados.

Com um suspiro, digo: — Se você tentar alguma coisa, juro que vou...

Seu dedo indicador bate duas vezes no volante antes de ele girar. — Você vai... o quê? Nunca mais chupar meu pau? Ignorar-me até a morte? — Peris ri zombeteiramente, os dedos curvando-se ao redor do volante enquanto ele se inclina, olhando através dos cílios dos

quais garotos como eu têm inveja. — Nós dois sabemos que essas são ameaças vazias.

Não seriam... mas não consigo nem terminar o pensamento porque meu rosto formiga de calor. Puxo a maçaneta da porta e tropeço quando ela se retrai com um estalo. Os lábios de Peris se contraem quando ele se abaixa e aperta o botão de desbloqueio.

O barulho da liberação das fechaduras é ampliado entre nós – uma espécie de cessar-fogo, mas apenas por enquanto. Eu me jogo no assento bufando, os braços envolvendo minha mochila agora contra minha frente.

Eu fui e mostrei minha bunda e agora perdi minha vantagem. A realidade é... desconfortável. E sufocante. E seu esperma coça.

O que deveria acontecer agora?

Acho que talvez devesse ter planejado com mais antecedência. Mas chegar tão longe nunca pareceu viável.

— Você me irrita — Peris responde quando bato a porta, suas palavras interrompendo minha linha de pensamento. Ele nem espera que eu seja afivelado antes de sair gritando do terreno baldio, literalmente queimando borracha. Desvio meu olhar do espelho retrovisor para fixá-lo com um olhar furioso.

— Nem fiz nada, — argumento. — E sua falta de respeito pela minha segurança é bastante preocupante, — acrescento secamente enquanto olho pela janela, observando descaradamente seu reflexo em vez das silhuetas opacas das árvores passando.

Peris solta uma risada arrogante enquanto abaixa o volume. — Você simplesmente engasgou com meu pau sem nenhum escrúpulo de que eu não deixaria você respirar. Eu poderia argumentar que sua falta de respeito pela sua própria segurança diz muito mais sobre você do que sobre mim. Nunca fingi gostar ou me importar com você de forma alguma. Na verdade, pensei ter deixado bem claro que não.

Bem, ele certamente não está errado sobre isso – e minha dor de garganta concorda.

— Mesmo quando me ofereci para ser seu maldito amigo, — ele zomba da palavra como se fosse uma piada. Como se algum dia *pudéssemos* ser qualquer coisa menos essa insidiosidade. — Mas você, por outro lado, — ele continua sem nem respirar, — acabou de entrar no meu carro sem se preocupar com as consequências.

Cantarolo baixinho. É tudo tão diferente agora – estar do outro lado. O lado do qual costumo sair imediatamente. Porque este é o desconhecido. Evito um território desconhecido, mas é tão óbvio que já estamos profundamente dentro um do outro.

Tudo que preciso fazer é puxar uma corda e ele se move. Eu me pergunto se ele percebeu isso, ou se pensa o mesmo, mas inverteu porque me colocou de joelhos.

— Como se houvesse alguma consequência real em ficar sentado em um carro com você, *Peris*. — O dito carro dá uma guinada, os pneus cantando em um decibel que faz meus ouvidos zumbirem. Balanço no banco quando o carro para e minha cabeça bate no vidro.

Minhas pálpebras tremem e solto um gemido de dor. — Peris, que merda... □

Peris acaricia meu queixo com as costas dos nós dos dedos, os olhos suaves, buracos escuros antes de se fixarem num piscar de olhos, e ele empurra meu rosto contra o vidro frio. Luto contra seu aperto, mas ele me mantém completamente preso enquanto se inclina sobre o console central. Sua respiração é a única parte dele que revela seus verdadeiros sentimentos – superficial, quente e instável. A contradição mais forte com a força bruta que ele exala.

Não pensei que meu pau pudesse ficar mais duro, mas baixo e eis que ele fica quando seus lábios roçam minha orelha. — Há *muitas* consequências em estar perto de mim, *Abel*. — Ele zomba do meu nome, imitando como zombei do dele – cheio de desgosto.

— Deixe-me colocar isso em perspectiva para você. Ninguém sabe que você está aqui. Ninguém sabe que está trancado dentro de um carro comigo. — Suas palavras enviam uma onda de frio pela minha corrente sanguínea, aguçando a dor, fazendo meu pau latejar. — Eu poderia fazer muito com esse tipo de liberdade.

Minhas pálpebras se abrem, uma quase fechada enquanto a outra está presa para a frente, presa entre duas metades de um todo: o mundo fora deste carro e o minúsculo dentro dele.

— Não há ninguém para ouvir você gritar ou pedir ajuda... — ele reflete, a língua arrastando ao longo da minha orelha. A pele da minha nuca arrepia-se de consciência. Sua respiração falha, denunciando-o

quando ele diz: — Mas, novamente, não acho que você seja um gritador. Mas seria divertido descobrir. Você pode, Abel? Pode fazer *outra coisa* além de implorar *por restos*?

Seus dedos contra meu crânio se enterram em meus fios, apertando-os com força antes de puxarem para trás, esticando minha garganta. Ele aparece à minha esquerda, e meus olhos ficam tensos sob a pressão de olhar para ele, mas não posso deixar de fazê-lo.

Narinas dilatadas, lábios escorregadios e molhados, ele murmura algo que não consigo entender na escuridão, e então, com um braço trêmulo e um momento de hesitação, sou empurrado para frente. Minha testa ricocheteia na janela com um baque forte. — Porra, — choramingo, me encolhendo contra a náusea, desorientado enquanto manchas piscam atrás das pálpebras fechadas.

Sou agarrado pela nuca e arrastado para trás. Os lábios colidem com os meus com uma intensidade tão contundente que cada traço de ar é sugado dos meus pulmões. É tudo dentes e língua. Eu não consigo respirar. Não consigo pensar. *Não posso...*

Choramingo – um som patético e selvagem – enquanto nossas línguas se esfregam dentro da minha boca. Peris está profundamente dentro de mim e é humilhantemente minucioso enquanto lambe minhas bochechas e meus dentes tortos. Minha pele formiga quando nossos dentes batem, e então ele se afasta para afundá-los em minha língua. Eu grito, mas o som é abafado quando ele se afasta, o

músculo preso entre os dentes, expondo a carne ao ar úmido e sufocante ao nosso redor.

Ele me mantém preso apenas com esse toque, provavelmente exatamente como ele me quer. Latejando de dor, olhos muito próximos dos dele, cada parte feia exposta. O tempo todo ele apenas *fica olhando*.

A baba se acumula em meus lábios e depois escorre pelo meu queixo e pescoço, onde penetra na gola da minha camisa. Está frio comparado à umidade, ao suor escorrendo pelos meus poros, e é tão humilhantemente *bom*.

Peris é muito mais desagradável do que pensei que seria, e vou *em frente*.

E pensar que eu iria embora.

Peris se afasta com um grunhido suave e cai para trás no assento. Soltei um silvo de dor enquanto puxo o músculo dolorido de volta para minha boca. Tem seu próprio batimento cardíaco latejante que sinto na minha garganta.

Bam. Bam. Bam. Constante, quente e doloroso.

Deixo cair a cabeça no batente da porta enquanto Peris se afasta silenciosamente do meio-fio, os dedos soltos onde se curvam ao longo da parte inferior do volante, o polegar batendo longe. Mantenho meus olhos fixos no painel, nas pequenas rachaduras e manchas desgastadas pelo sol. Os dedos de sua mão livre flexionam e depois passam pelos cabelos antes de cair em seu colo. Aparentemente

incapaz de ficar parado, ele bate-os contra a alavanca de câmbio e depois volta para a coxa – um vislumbre de sua incerteza.

Os músculos flexionam sob a pele bronzeada enquanto ele passa do acelerador para o freio e volta para o acelerador, passando por cada sinal de parada na Main Street. Uma mecha escura de cabelo cobre sua pele. Sigo para baixo, embora minha visão seja roubada pelas sombras.

“Comedown” de Bush estala nos alto-falantes em um zumbido baixo. Olho para os números das estações de rádio na telinha enquanto estendo a mão para aumentar, aumentar, *aumentar*, até que cada pensamento que tenho seja abafado e substituído pela letra.

Quando Peris entra na garagem, a música chega ao fim. Ele muda para estacionamento e desliga a ignição. E então, nós dois ficamos sentados em silêncio; os únicos sons que acariciam nossa pele são os de nossa respiração e as notas desbotadas da guitarra.

Esses dezesseis segundos parecem uma vida intensa em um piscar de olhos.

Assim que desliga e os apresentadores da estação de rádio começam a falar, ele me dá uma rápida olhada antes de pegar sua mochila e bater a porta atrás de si. Olho através do vidro embaçado, os olhos tão secos que acho que se eu piscasse eles iriam quebrar. Suas longas pernas o levam pela calçada em passos rápidos, uma habilidade da qual sempre terei inveja.

A porta da frente nada mais é do que outra barreira quando se fecha entre nós, a dezenas de metros de distância e ainda assim perto o suficiente para sentir o aço liso contra as costas da minha mão. E agora estou sozinho com o cheiro de Paris. Preso dentro dos limites de seu carro. É sufocante. Notas cítricas e de especiarias misturadas com leves vestígios de suor há muito presos no tecido dos assentos.

Meus olhos ardem quando enfio as pontas dos dedos nas órbitas antes de arrastar as duas mãos pelo rosto, cerrando os dentes quando meu crânio puxa.

Não posso acreditar que deixei ele me ver chorar. Não me interpretem mal, estou bem ciente de que algumas lágrimas podem fazer maravilhas vindas de um patético filho adotivo na situação certa – todos nós já passamos por isso. Afinal, sou um indivíduo torturado. Anos de trauma acumulado chegando ao auge, prontos para transbordar e me destruir. É muito fácil apresentar. Mas me expor assim? Para me tornar vulnerável...

Rolo meus ombros contra o frio que percorre minha espinha, enrolando-se firmemente em meu estômago. As lágrimas podem ter sido, *em última análise*, outra estratégia para conseguir o que eu queria – e *porra*, Paris comeu tudo. Se eu soubesse que ele iria explodir ao ver algumas gotas de sal marinho, eu teria experimentado muito antes – mas mesmo assim eram reais, e acho que ele sabe disso.

O que seu amigo disse fica pesado e frio em meu peito. Um bloco de concreto que ainda me esmaga, apesar dos meus melhores esforços para expulsá-lo. Não os comentários grosseiros sobre eu ser uma prostituta, mas como sou *desagradável...*

E eu *sei*. Peris disse muito pior. *Assim como todos os outros*. Mas é... é diferente vindo de Peris. Quando ele diz *desagradável, inútil e nojento*, ouço *bom menino* e *muito Nanico* entre cada palavra vil. E é *perfeito*.

É o jogo que jogamos. Eu cavo, empurro, escavo. Ele estala, resiste, odeia. Ambas as mãos segurando a corda, competindo para ver quem está em vantagem enquanto nós dois trememos com o peso instável.

Rolo minha cabeça contra o encosto de cabeça, o dedo indicador se arrastando pela condensação, observando através de um olhar semicerrado enquanto a água cai e depois transborda, escorrendo em uma gota grossa até a parte inferior da janela.

Peris realmente mudou o roteiro quando deixou seus demônios saírem para brincar.

Como devo retribuir o favor?

CAPÍTULO 14

ABEL

Eu não seria quem sou se não dobrasse meu retorno.

As garotas ao meu redor conversam animadamente enquanto tiro meu telefone do bolso, meu sorriso se alargando quando abro meu aplicativo de fotos. Alguém espia por cima do meu ombro, então eu me enrolo contra a luz que entra pela janela, o braço serpenteando pela lateral.

Quando meus olhos se ajustam, as três selfies que tirei no espelho outra noite refletem para mim. A iluminação é horrível – fluorescentes, porra – mas não há como confundir o brilho do esperma espalhado pela parte inferior do meu rosto e tronco. Meus jeans largos estão apertados em volta da minha cintura estreita, minha virilha obviamente molhada de onde eu gozei, uma pequena amostra da minha boxer rosa por baixo, bem como uma espiada do meu Converse desgastado desamarrado com os cadarços arrastando no chão.

Prendendo a respiração, sentindo meu coração disparar na garganta, encaminho todas as três fotos para Peris – verificando três vezes se é, na verdade, o nome e o número dele para quem estou enviando, porque nada seria pior do que fazer sexo acidentalmente com minha mãe adotiva.

Não, não, obrigado. Prefiro me jogar embaixo de um carro em movimento.

No segundo em que ouço o barulho delas sendo enviadas, seguido por uma marca de entrega, coloco meu telefone no modo silencioso e o guardo novamente no momento em que a treinadora de torcida entra na sala.

— Primeiro dia de treino! Todos vocês sabem o que isso significa. Vamos deixar de lado os formulários de pedido de uniformes. Queremos recebê-los o mais rápido possível. Eles são o novo design deste ano. — O farfalhar de papéis enche a sala, as vozes diminuem para uma conversa suave. Fico de pé, sem jeito, com as mãos nos bolsos, os ombros encostados nas orelhas.

Sierra, a garota da minha aula de álgebra, olha para mim antes de agarrar meu cotovelo e me arrastar para a frente da sala. — EM. B.

— Sim, Sierra? — Sra. Barlowe diz sem tirar os olhos da prancheta.

— Abel quer saber se é tarde demais para entrar no time?

— Abel, o quê? — ela diz, olhando através de suas lentes. Eu me sinto devidamente observado enquanto seus olhos vão e voltam entre os meus. Endireito a coluna e ergo o queixo, recusando-me a ser intimidado, mas as próximas palavras dela me surpreendem. — Ah, com certeza! Sempre quis ter um menino no time, mas ninguém nunca deu chance. Você tem alguma experiência... — Oh! Seus lábios formam um “O” perfeito enquanto sua mão voa até a boca.

Sierra e eu trocamos um olhar, e ela apenas dá de ombros. — Sinto muito, Abel. Não tive a intenção de presumir... seus pronomes. Quais são?

Meu rosto se abre em um largo sorriso, calor florescendo em meu peito. Gosto dessa mulher.

— Ele/ele, senhora. Obrigado por perguntar. Eu realmente adoraria entrar no time. Sempre quis torcer, mas me mudo muito, então não tenho experiência. Se isso for um problema, tudo bem. Eu vou...

— Absurdo. Qualquer pessoa pode participar. Eu apenas pedirei, *mmm...* Sierra, você está bem em trabalhar com Abel individualmente em algumas das comemorações padrão, apenas para deixá-lo atualizado? — Sierra acena com a cabeça, com as mãos cruzadas atrás das costas. — Tudo bem, ótimo. Aqui, Abel. Você pega isso; preencha-o e traga-o de volta para mim amanhã. Por hoje, você pode apenas assistir ao treino para ver como fazemos as coisas, participar se quiser e amanhã partiremos daí. Parece bom?

— Sim, obrigado. — Pego o papel da mão dela, os olhos imediatamente fixando-se na quantia em dólares dos uniformes. Estremeço, cravando os dedos na têmpora enquanto me afasto.

— Tente não se preocupar com isso. A Sra. B é muito boa em resolver isso com...

— Não estou, — respondo, um pouco bruscamente. Para aliviar a dor, eu sorrio. — Está tudo bem. — Enfio o papel na minha bolsa enquanto todos saem da sala em direção à academia.

— No outono praticamos ao ar livre ou na sala de luta livre, mas para a alegria do inverno geralmente é na academia. Único lugar com espaço suficiente para diversão e essas merdas, — Sierra me diz no caminho. Concordo com a cabeça, ouvindo apenas parcialmente porque meu coração está batendo na velocidade de um beija-flor.

As pesadas portas do ginásio se abrem enquanto todos entram no ginásio. O som das solas de borracha rangendo no chão se espalha, agudo, em meus ouvidos. Mantenho a porta aberta, olhando firmemente para aquele corpo esguio e musculoso com o qual agora estou intimamente familiarizado.

O cabelo castanho de Peris cai na frente de seu rosto, balançando com seu movimento, os olhos nunca se desviando do caminho da bola. Dedos grossos e calejados envolvem seus joelhos enquanto ele se inclina, lábios grossos entreabertos com respirações pesadas. Ele sopra o ar por entre os lábios, mexendo o cabelo, apenas para que ele volte ao lugar.

Sinto-me sorrindo – e é exatamente assim que ele me pega.

No momento em que nossos olhares se cruzam, seu olhar aguçado e concentrado se transforma em algo semelhante a fogo líquido. E eu *sei* que não é uma coisa boa, mas as substâncias químicas do meu cérebro simplesmente não se importam. Eles gritam *quente, quente, quente, foda-me, por favor*, repetidamente.

Peris me dá vontade de *implorar*.

É bastante... inconveniente quando tenho um *plano*.

Levanto minha mão em um pequeno aceno, murmurando um olá silencioso e saboreando seu olhar fofo e confuso. Quando a porta se fecha atrás de mim e eu me junto ao grupo, claramente consciente de que seus olhos me seguem, o apito do treinador soa.

— Sim, você pode ver que o treino de torcida começou. — Gritos e gritos soam. — Sim, sim, cale a boca, — repreende o treinador. — Estamos aqui para praticar, não para ficar olhando. Então, mantenha a cabeça nisso ou você correrá até vomitar. Tudo bem! — Ele apita, efetivamente interrompendo a conversa.

Um cara que vi perto de Peris antes caminha até ele, olhos escuros passando entre mim e o chão enquanto ele sussurra no ouvido de Peris. Os músculos da mandíbula de Peris tremem enquanto ele range os dentes, os punhos cerrados antes de esticar bem os dedos.

Depois de um aceno brusco, o cara se afasta. — Quem é aquele? — Inclino-me para trás e viro ligeiramente a cabeça, sem perguntar a ninguém em particular.

— Quem, Peris? Eu pensei...

Balanço minha cabeça. — Não, Peris não. O outro cara.

— Oh, esse é Gabriel Avalos, — responde outra garota. Eu nem sequer olho para ela enquanto vejo *Gabriel* se afastar. Ele é alto, com cabelo escuro e encaracolado, pele morena e uma boca linda.

Curvo meus lábios para dentro, passando minha língua ao longo da pele seca enquanto observo seus bíceps flexionarem, braços estendidos para pegar a bola lançada em sua direção.

A Sra. B diz algo à minha esquerda, mas não passa de neblina quando o time de basquete toma suas posições e o treinador apita. As pessoas se movem ao meu redor, formando três longas filas, me empurrando para trás. Encosto-me na parede acolchoada, atrás da tabela, com as mãos enfiadas nos bolsos da frente.

Alguém dá uma guinada, os sapatos rangem, os pés martelam a quadra. E o tempo todo, observo o amigo de Peris. A maneira como suas longas pernas giram, movendo-se com uma velocidade ofuscante enquanto ele corre atrás do arco, seus cachos balançando o tempo todo. Seus dedos se curvam sobre o couro, levantando os braços. A bola voa pelo ar e afunda na rede.

Ele salta pelo chão, bem na minha direção. Reprimo um sorriso enquanto dou um passo à frente e a pego. Minha pele arrepia com a intensidade de vários olhares. — Ei, — digo suavemente enquanto deixo a bola cair nas mãos de Gabriel. Seus olhos são tão escuros e tão bonitos que passam entre os meus antes que ele olhe para trás — na direção de Peris, provavelmente.

— Ah, oi? — ele responde, como se fosse uma pergunta. Meu rosto se divide em um sorriso.

— Vejo você. — Torço o nariz com uma piscadela antes de voltar para a prática na qual *deveria* estar focado.

Duas horas se passam em um borrão de cantos repetidos e movimentos de mãos. Quando tudo acaba e todos começam a se dispersar, estou à beira de uma enxaqueca e meus braços doem.

Tudo que eu queria era usar a saia em um dos jogos do Peris.

É *muito* trabalho e apenas o *primeiro dia*. — É melhor valer a pena, — resmungo enquanto pego minha bolsa e começo a caminhar para casa, agora no escuro com o sol poente.

A casa está silenciosa quando passo pela soleira. Elise já saiu para trabalhar de acordo com uma mensagem enviada há trinta minutos, então tenho a casa só para mim – o que não é incomum, mas ainda parece estranho. De certa forma isso está *errado*. Como se eu fosse deixado sozinho, de alguma forma eu iria estragar tudo.

A sensação se contorce em minhas veias, espessa e lamacenta. Apresso-me a ir para o meu quarto, sem soltar a respiração até que a porta seja fechada atrás de mim, com a fechadura virada. Deixando cair minha bolsa no chão, vasculho a segunda gaveta da minha cômoda até encontrar um dos meus isqueiros.

Colocando-o na curva da palma da mão, pego uma muda de roupa enquanto ando suavemente pelo carpete até o banheiro, prendendo a respiração mais uma vez até que a porta também seja fechada e trancada atrás de mim.

Nunca fui capaz de trancar uma porta antes na minha vida.

O alívio que encontro com uma ação tão simples reprime parte da criança pequena e quebrada dentro de mim, mas esse... inchaço dentro de mim é insuportavelmente intrusivo. Está quieto há um tempo. Sentir-se... *seguro* trouxe um novo tipo de quietude aos dedos sombrios que buscam expiação.

Mas eles ainda estão lá. *Sempre lá.* Enrolou-se em minhas veias, percorreu meus intestinos e se enterrou em minha medula espinhal.

Minha cabeça cai para trás entre os ombros, prendendo a respiração enquanto sou forçado através de um túnel mais apertado. Uma dor aguda irradia do meu ombro esquerdo até o pescoço. Rolo contra ele, olhando do teto branco para o isqueiro rosa ainda preso com força na palma da minha mão, agora quente.

Minha respiração sai um pouco mais rápida em antecipação enquanto aperto meu punho contra o cilindro liso e brilhante.

Já faz muito tempo desde que senti a picada. Quase dois meses – o tempo mais longo que já passei sem – e se isso não é inimaginável, não sei o que é.

Como já faz tanto tempo e eu... nem percebi. Não até agora. Não até... □

Tiro a roupa com pressa e me jogo na tampa do vaso sanitário, sibilando por causa do frio que atinge meu corpo nu. Ele range quando eu me movo, desgrudando minha pele, olhos desfocados, nervos à flor da pele.

Eu não precisava disso porque estava com dor – e agora não estou. Preciso disso para respirar. Para me lembrar que estou realmente vivo, que tudo isso está acontecendo.

Um foco. Um centro.

Dedos dos pés flexionados para se apoiar no piso de cerâmica, meu polegar desliza sobre as saliências de metal, traçando cada sulco

com a unha antes de empurrar para baixo. Há um chiado agudo, seguido por um lampejo de estática e depois uma pequena onda de calor.

Observo a pequena chama tremeluzir, brilhando em cores brilhantes e borradas. Aceno minha mão ao redor da chama, através dela, acima dela enquanto minha mente volta para a primeira vez.



Sobre. Desligado.

Dentro. Fora.

Cronometro minha respiração com o movimento do isqueiro, as saliências afiadas do volante mordendo meu polegar inchado. Meus ouvidos se concentram no chiado da faísca que acende a chama, e minhas narinas se dilatam com o cheiro de pederneira queimando.

Quero fechar os olhos. Eles estão pesados de exaustão – do tipo que causa coceira até os ossos. Passar quatro dias sem dormir. Mas sei que, no momento em que escorregar, afundarei nos abismos mais profundos da inconsciência, e este não é o tipo de casa onde posso dormir tranquilamente.

Nenhuma delas é, na verdade.

O som áspero de um ronco me deixa tenso sob o cobertor esticado ao meu redor. É fino como papel, a chama tremeluzindo na

frente do meu rosto é luz mais do que suficiente para eu ver através da maldita coisa.

Não faz nada para combater o frio, mas é alguma coisa. E algo é sempre melhor que nada.

Quando meu polegar começa a arder, solto o gatilho, deixando o isqueiro pendurado entre o indicador e o polegar. Olho para ele em todos os tons de cinza enquanto ele balança para frente e para trás.

E se...

Não pense, uma vozinha aguda e desagradável grita em minha mente. Não é a primeira vez que ouço isso – na verdade, conversamos com frequência. Afinal, o que mais há para fazer quando alguém vive em um inferno do qual não consegue escapar?

Usando toda a força que me resta em meu corpo crivado, pressiono o metal ardente na dobra do meu braço. Tenho que cravar os dentes na língua para impedir que o grito se espalhe e cause danos irreparáveis.

Tudo que sinto é cobre e euforia.

O calor desaparece rapidamente – muito rápido – mas a dor surda que deixa para trás faz com que valha a pena. Torna isso compulsivo.

Perco a noção de quantas queimaduras me faço. Sobre meus antebraços, minhas coxas e até minhas panturrilhas. A parte interna da coxa dói mais – a pele mais sensível apenas na dobra.

Através de outra chama bruxuleante, olho para o vergão vermelho em meu braço, para os outros espalhados pelo meu corpo. Com a

promessa de cicatrizes sorridentes, suspiro, odiando-as tanto quanto preciso delas.

Às vezes, tentar encontrar minha voz em uma fossa cheia de centenas de outras pessoas fica um pouco... complicado.



Quando a pele do meu polegar começa a queimar, solto o metal ardente com um silvo de prazer, piscando para a minha pele com bolhas.

Faça isso.

Com os olhos arregalados e os pulmões cheios, giro o isqueiro entre os dedos e empurro o metal contra a carne macia e sensível da parte interna da minha coxa, logo abaixo da pele acetinada onde minha perna encontra minha virilha.

— Merda, — gemo no início, *porra, isso é estúpido, por que eu faria isso neste momento.* Mas então, meus olhos brilham de adrenalina, depois reviram de alívio e recomeço o processo. Perco o controle, nunca parando em minha técnica tediosa até que meu olhar fica embaçado, a cor branca aparecendo e desaparecendo em ondas pesadas e drogantes.

Quando não consigo mais segurar, o isqueiro escorrega entre meus dedos e cai no chão de cerâmica. Olho para a mancha rosa

enquanto balanço, o cabelo fazendo cócegas na minha espinha antes de cair de volta contra o tanque do vaso sanitário com um gemido de conforto.

Não sou masoquista. Bem... talvez eu seja, mas nunca foi sobre isso, por si só. Na verdade, é mais o oposto. A necessidade de se sentir bem quando todo o resto apenas... dói pra caralho. Dor por dor. Um lembrete de que sou *eu* quem escolhe o que me afeta.

E a dor dos vergões, as cicatrizes retorcidas, retorcidas e sorridentes que deixam para trás ajudam a manter viva essa lembrança.

Especialmente agora que as coisas estão... distorcidas. E confuso. Preciso disso agora mais do que nunca, eu acho.

Tonta com um zumbido vazio, solto um suspiro trêmulo e deslizo o isqueiro para colocá-lo em cima do balcão antes de entrar no chuveiro para lavar a mancha do dia pelo ralo.

CAPÍTULO 15

PERIS

A caminhada até o meu carro é silenciosa e tensa enquanto a irritação sai de mim em ondas fumegantes. O vapor se dissipa no ar fresco do final do outono, misturando-se às sombras da noite. Olho para a lua, escondida atrás de uma parede nebulosa de nuvens, enquanto procuro as chaves na minha bolsa. Elas mordem minha palma enquanto eu as aperto com força suficiente para romper a pele.

Gabe abre a porta, sem se preocupar em me dar uma olhada antes de se sentar no banco. Olho por cima do telhado para o terreno baldio à minha frente com a escola em seu contorno escuro.

— Vai ficar aí a noite toda? — ele grita, a voz aumentando cada vez mais. Cerro meus molares para não responder enquanto jogo minha bolsa no banco de trás antes de me acomodar no meu.

Depois de ligar meu telefone e conectar o cabo auxiliar, abro minha música e aperto o play na última música que estava ouvindo — “Enemy” de The Plot In You. Ao sair do aplicativo, notificações começam a aparecer agora que minha internet foi reconectada. Meus olhos se deparam com um número aleatório com a notificação “três imagens anexadas”.

Com as sobrancelhas franzidas em confusão, abro o tópico e quase quebro a porra do meu telefone em dois. Meu aperto é forte o

suficiente para fazer o alumínio ranger enquanto olho para a porra do corpo seminu de Abel na minha tela.

— Vou torcer o maldito pescoço dele, — murmuro para mim mesmo enquanto passo os dedos pelo cabelo seco, incapaz de desviar o olhar da porra *do meu* esperma espalhado por sua pele, uma parede roxa de armários em suas costas.

Estas são daquela noite no vestiário.

A última vez que me deixei...

O apito agudo de Gabe soa alto demais no pequeno espaço do meu carro. Minha cabeça gira em sua direção, encontrando *seu* olhar preso na minha tela enquanto ele espia por cima do meu braço, com as sobrancelhas escuras perdidas sob o cabelo.

Meu polegar aperta o botão de bloqueio, deixando a tela preta instantaneamente. — Que porra você está fazendo? — Estalo enquanto deixo meu telefone cair no porta-copos. Minha mão queima onde a segurei. Saber o que há nele. A centímetros de distância. Afundo minhas unhas na minha pele.

— O carinha é excêntrico, — é o que Gabe diz em resposta. — Eu cavo.

— Sim, você diria isso, — respondo, dando ré no carro, em seguida, dirijo, saindo do estacionamento. Mantenho meus dentes firmemente plantados no músculo carnudo da minha língua enquanto dirijo em direção à porra da *mansão de Gabriel*.

O único som que permeia o carro é o tamborilar feroz dos meus dedos no couro rachado do volante. “CAN'T LOSE YOU” de Night Lovell toca, então aumento o volume até sentir o baque forte da base em meus ossos.

Só de saber que aquelas fotos de Abel estão bem ao meu lado, tão condenatórias, faz meu corpo vibrar com uma fome profunda e voraz de derrubá-lo até que ele não seja nada além de uma bagunça suja novamente.

Deus, eu o odeio.

Ou talvez eu só queira.

Ele se enterrou tão fundo em minha carne que seus dedinhos estão cutucando minhas entranhas desgastadas. Cavando, procurando por algo que ele possa agarrar. E ele descobriu, apenas me mostrando suas lágrimas naquela noite. Tão pequeno e vulnerável.

Foi tudo um maldito show, mas o pior é que eu já sabia disso. Simplesmente não me importei. *Não me importo* porque nada foi tão bom quanto machucar Abel. Observando sua pele pálida e leitosa ficar escarlate no formato da minha mão. Seus lábios se esticaram até ficarem exangues. Garganta tão cheia que ele não consegue respirar...

Ser feio, bagunçado e arruinado. Feito bonito por mim, minhas mãos e meu pau.

Abel é como um experimento científico que deu errado – a mistura de genes mutantes enfiados dentro de uma entidade, distorcidos e incompatíveis. E ainda assim, apesar de tudo... ele é lindo.

O epítome da criptonita para um cara como eu.

A música vibrante desaparece quando uma música termina, deixando o silêncio entre mim e meu melhor amigo muito estático. Quando a próxima música começa, fazendo-me estremecer com o toque repentino de uma guitarra, Gabe abaixa o volume.

— Quer me dizer por que está tão chateado?

Mordo minha língua. — Não estou...

Ele zomba alto. — Não me diga que não está, cara. Isso é um insulto.

Solto um suspiro enquanto entro no caminho longo e circular, parando no centro, em frente às portas duplas. *Tentando* ganhar força em qualquer merda que eu esteja *sentindo*.

— Não posso consertar o que fiz se não sei *o* que é isso? — Ele faz isso como uma pergunta, mas tudo que consigo pensar é no sorrisinho malicioso de Abel ao passar a bola para Gabe. A curva retorcida de seus lábios, a maneira como seus cílios escuros tremulavam contra as maçãs do rosto afiadas e pálidas.

E *Gabe*.

— Você flertou de volta, — digo em voz alta. No segundo em que está no ar, me arrependo com meu queixo se fechando, mas agora é

tarde demais. Gabe... sabe sem saber, mas isso apenas adiciona mais números à já complicada equação, e... □

— Eu flerto muito. Mas tenho a sensação de que você está falando de alguém em particular. — Há uma pausa longa e dramática, seu dedo indicador batendo ao longo de sua coxa na minha periferia. — Como talvez seu novo irmão adotivo?

Meu primeiro instinto é deixar escapar uma refutação. Zombar da cara dele e vomitar mais veneno. É o que faz sentido, o que *devo fazer*. Mas, aparentemente, não estou mais fazendo a coisa certa. Se é que alguma vez o fiz.

Capto os olhos escuros de Gabe por um instante antes de deixar cair a cabeça entre as mãos. Minhas palmas arrastam para cima e para baixo em meu rosto, tensionando minha pele que coça. Uma respiração é exalada, presa entre eles.

Como se Gabe sentisse minha apreensão, ele diz baixinho — *baixinho demais*: — Você gosta dele.

Começo a rir. Cabeça jogada para trás, pescoço exposto, gargalhadas barulhentas arrancadas de minhas cordas vocais. É ensurdecedor. *Evitando*. Meu estômago dói quando o feitiço chega ao fim, os músculos ficam com câibras e as lágrimas escorrem pelos cantos dos meus olhos. Eu as limpo com as palmas das mãos, soltando algumas rajadas curtas que ainda estão presas dentro de mim.

— Não. — Estou balançando a cabeça contra as mãos. Não consigo olhar para ele. Nem qualquer um.

Para mim mesmo.

— Não gosto *dele*. — Não é mentira. Mas também não parece uma verdade.

Que porra está acontecendo comigo?

O pensamento me faz querer chorar. Gritar e vomitar e simplesmente *não existir*.

— Eu não.

A voz de Gabriel é instável e lenta. Deliberada. — OK.

— Tudo bem, — repito, rápido demais.

— Mas você não *gosta* dele, — ele brinca de volta.

Meus lábios se abrem em resposta, mas então faço uma pausa, deixando cair a cabeça no assento. Passo os dedos pelo cabelo, afastando-o do rosto. Minha pele está muito esticada e seca, mal ajustada ao meu esqueleto. Órgãos perfurados e em decomposição, sua podridão escorrendo pelas minhas veias, espalhando-se pelo meu cérebro.

— Não quero ter essa conversa, Gabriel, — digo finalmente, minha voz soando tão cansada quanto me sinto. Dias mal dormindo me alcançaram. Mas eu não poderia passar mais de uma hora aqui ou vinte minutos ali sabendo o que me aguardava do outro lado.

Pesadelos. Dele. Do que aconteceu. Sangrando agora e como me sinto. E isso não pode acontecer, porra.

— Ei, foi você quem tornou isso um maldito problema para mim, cara.

— Não, tudo o que eu disse... □

— Ouvi o que você disse. E foi basicamente em termos leigos, Peris.

— Gabe, — começo.

— Talvez seja a hora...□

— Dê o fora.

Estalos de estática no ar, pequenas faíscas afiadas que saltam e se enterram sob minha pele.

— O que? — Gabe diz depois de um momento, num tom suave e confuso. Isso só me irrita mais porque não consigo me concentrar em sua dor. Só a minha porque sou *egoísta*.

— Eu disse que não vou fazer isso agora. Dê *o fora*.

Gabe permanece por uma batida do meu coração e respira fundo, e então, ele está pegando sua bolsa e empurrando a porta, mas antes de fechá-la, ele se abaixa para me olhar, a pequena luz amarela acima lançando sombras estranhas ao longo do interior.

— Você já pensou que talvez *você seja* a porra do problema? — Sua pergunta fica como um laço em volta do meu pescoço, me pendurando enquanto ele bate a porta e entra. Espero até que a porta da frente esteja fechada entre nós antes de dar a volta no resto do caminho, parando na entrada da rua. Olho para a esquerda e depois para a direita. Nada além de escuridão e postes de luz amarelos.

Acho que sempre fui o que está errado, só não consigo mais manter isso enterrado. Essa coisa. É como lama. Grossa e preta como carvão. Multiplicando com a exposição, como se estivesse morrendo de fome e agora esteja faminto.

Aumento o volume ao máximo enquanto mergulho para a direita, pegando o caminho que me levará para casa mais rápido. Para onde sei que Abel está.

A fonte de tudo isso... besteira.

E a única pessoa que não vê isso como algo ruim. Quem me quer assim.

Que viu, provocou e importunou até que arrancou meu macacão, expondo realidades que odeio e verdades que não posso ignorar.

Nunca imaginei que a submissão pudesse parecer tão nítida e clara. Como a cobertura plástica removida de um espelho, expondo o reflexo cristalino abaixo.

E a minha é que posso ser cruel com Abel. Posso liberar tudo *para ele* porque é isso que ele quer. Mas mais do que isso, *é o que ele merece.*



O som revelador da água saindo do banheiro faz meus ouvidos arderem. Minha bolsa desliza do meu ombro, caindo no chão com um baque forte enquanto meus pés me levam para mais perto do barulho.

Parado em frente à porta do banheiro, encosto-me na madeira. A água espirra na bacia, na cortina. Um zumbido baixo permeia os ecos – e é esse barulho que me faz tentar a maçaneta, mas ela chacoalha, sem se mexer na fechadura.

Deslizando a língua pelos dentes, saio para pegar uma faca de manteiga na cozinha. Com ela na mão, coloco facilmente o metal fino entre a trava e o batente da porta, observando enquanto a trava se solta e a porta se abre com um rangido.

O vapor passa pela fresta quando entro, fechando-a silenciosamente atrás de mim. Ele embaça o espelho, subindo pela porta de vidro opaco. Umedece minha pele instantaneamente. Eu desenho meus lábios em contemplação.

Guardando a faca no bolso, apoio meu quadril contra o balcão da penteadeira, as mãos segurando a borda enquanto olho para a forma sombreada do outro lado do vidro. Algo bate na palma da minha mão e baixo o olhar para encontrar um isqueiro rosa.

Minha sobrancelha se arqueia quando deslizo um dedo sobre ele, achando-o ligeiramente quente ao toque. Meus lábios se contraem. *Ele e a cor rosa, eu juro.*

Abel não é convencionalmente extravagante – ele é muito feio, muito rude para isso. Verdadeiramente um filho adotivo rebelde nesses aspectos. Mas é como se ele escolhesse certas coisas para refletir ao mundo que ele não é o que todos dizem que ele é – descaradamente sexual, sempre vestindo o que presumo ser sua cor

favorita, imune a toda e qualquer opinião que as pessoas possam ter sobre quem ele é.

E é... convincente.

Como ele simplesmente... não se importa?

Com uma última batida na superfície lisa, me afasto do isqueiro e dos pensamentos sobre o que diabos ele está fazendo com ele, cruzo os braços sobre o peito e ouço os sons que Abel faz enquanto se limpa. Quão *metódico* ele está sendo, se a curva de seu braço servir de indicação.

Jesus, porra.

Minha cabeça rola entre meus ombros, as pálpebras caindo até meio mastro imaginando seus dedos longos e finos enfiados dentro de seu buraco, o tempo todo observando sua sombra se mover. Seu outro braço sacode, criando um respingo rítmico de água contra o pé da banheira.

Sabendo que ele está gozando, agora mesmo, bem na minha frente, tenho flashes de seu pequeno pau se sacudindo sob meu pé, queimando através de mim, e meus dentes travam na minha língua para manter os ruídos trancados.

Meu sangue coagula em minhas veias. Tudo – ódio, desejo e necessidade – veio à tona, tornando-se impossível de ignorar quando estamos na mesma vizinhança. Deslizando pela minha carne, o fogo lambendo a gasolina, queimando mais forte e mais quente a cada segundo que passa.

Minha pele fica úmida por causa do vapor, gotas de umidade escorrem pelas minhas têmporas e pela minha coluna, me fazendo coçar. O movimento de seu braço acelera. A água cospe em seus pés com ferocidade, fazendo meu pau balançar.

Eu me abaixo para pressionar a palma da mão contra ele, ofegando através da umidade enquanto os pequenos gemidos ofegantes de Abel permeiam o ar. Eles se unem, fundindo-se ainda mais até formar um fluxo contínuo de prazer.

— Nanico, — penso, alto o suficiente para ser ouvido durante o chuveiro. Meu coração dá um pulo, os dedos cravando-se na carne do meu bíceps enquanto espero com ansiedade e excitação.

Todo movimento para em um instante, preenchendo a pequena sala com uma nova forma de intensidade máxima, e durante todo o tempo, fico olhando para o contorno de seu corpo. Observe enquanto ele tira os dedos de si mesmo e fica mais ereto. *Finalmente* se vira.

Os botões rangem e o som da água é interrompido, deixando a sala num silêncio amplificado. Gotas de água atingiram o chão do chuveiro com um longo e prolongado *plink, plink, plink*. Os pés deslizam sobre a porcelana, a pele molhada esfregando-se.

Mantenho minhas feições educadas em um olhar vazio quando a porta finalmente se abre e me deparo com uma visão frontal completa do corpo de Abel. Nossos olhos se conectam por uma fração de segundo de metal derretido antes de eu baixar o olhar para separá-lo.

Ele realmente não tem um grama de gordura corporal, seu torso é exatamente o mesmo de cinco dias atrás, com a adição de manchas amareladas. A pele avermelhada pelo calor esticava-se sobre os ossos de uma forma doentia. Curvas que me dão vontade de cravar os dedos e segurar com força. Para estragar sua carne com hematomas recentes, o formato dos meus dedos de *novo*, porque já sei o quão bonito ele parece, todo preto e azul.

Sigo a linha densa do cabelo como o rastro feliz que ele desce, vendo-o nu abaixo da cintura pela primeira vez. Saliva se acumula na minha língua, uma mistura confusa entre dor e náusea. Seu pau é fino e pequeno, embora esteja duro como pedra, mas combina com seu corpinho. A base está envolta em uma bela mecha de cabelo loiro e áspero, e quando meus olhos se concentram nele, não quero nada além de mergulhar minha língua nele, sentir o cabelo crespo raspando contra – meu estômago se contorce, uma lama pesada de vômito subindo pela minha garganta.

Minhas costas se curvam enquanto o suor escorre pela minha testa, queimando sob minha pele. Deixo cair meu queixo no peito, concentrando-me na rápida subida e descida do meu esterno, nas respirações roucas e gaguejantes entre cada movimento, mesmo que meu olhar nunca deixe a virilha de Abel, o comprimento de seu pau saindo de seu corpo insignificante.

— Você finalmente terminou? — ele pergunta, inexpressivo. Forço meus olhos para longe de sua virilha, contornando os estranhos

vergões curvos perto de suas coxas para confrontar seu olhar de aço. Sua impertinência dissolve meu pavor num instante, uma rápida mutação para minha própria versão de apatia.

— Terminei quando digo que terminei, — respondo, os molares cerrados com sua atitude.

— Bem, apresse-se. Estou com frio. — Sua pele está cheia de espinhas e arrepios da cabeça aos pés. Ele tenta cruzar os braços sobre o peito, mas me afasto dele e o agarro. *Ele não consegue o conforto.*

— Abaixei a porra dos braços.

Abel me olha, a boca grande franzida em mágoa antes de se curvar em um pequeno sorriso.

Vá em frente, pequeno Nanico. Empurre-me.

É disso que ambos precisamos, não é?

Ele se solta do meu aperto para manter os braços estendidos na frente de si. A água escorre das pontas dos seus dedos enquanto ele se *mostra* para mim. Meus olhos nunca se desviam dos dele, cinza-aço e tortuosos, cheios de segredos incalculáveis.

— Mostre-me sua boceta. — Meu rosto aquece.

Abel hesita, o rosto ficando vermelho – provavelmente espelhando o meu. Seus braços caem para os lados antes de cruzarem sua barriga. Dou um passo à frente e os puxo para baixo. Sua pele é lisa e quente contra minhas palmas enquanto ele se contorce, lutando comigo.

— Merda! — ele grita, lutando para se equilibrar enquanto seus pés perdem a tração. Envolver meu braço em volta de sua cintura estreita e o puxo contra mim. Suas pernas balançam no ar, mechas molhadas de cabelo batem em meu rosto enquanto eu o arrasto de volta até bater na penteadeira.

Nós dois grunhimos com o impacto, o peito arfando com a respiração roubada. Abel continua a lutar, se debatendo e grunhindo. Ele joga a cabeça para trás, quase me acertando no nariz, mas em vez disso, seu crânio atinge a ponta afiada da minha clavícula.

Com um silvo de dor, contraio meu braço, deslizando os dedos ao longo de suas costelas para mergulhar nos espaços vazios e afiados entre eles. Sua bunda nua esfrega contra meu pau, coberto apenas pelo meu short fino e atlético, e demoro muito para perceber que ele está fazendo isso de propósito.

Mergulho minha cabeça e afundo meus dentes em sua clavícula ossuda, falando com a boca cheia. — Pare com isso.

Ele estremece. — Me deixar *ir*. — Agora, ele está totalmente moendo, arqueando para cima e para trás, então meu eixo desliza entre suas bochechas, e estou duro o suficiente, meu pau tem seu próprio batimento cardíaco.

Sua pele é tão macia.

Meus dedos apertam sua garganta, aplicando pressão e puxando para trás até que a cartilagem com nervuras se molde à minha palma e seu cabelo encharque minha camisa. Meu olhar percorre seus cílios

claros, nariz alongado e lábios grossos e úmidos – as coisas que mais se destacam em seu corpo.

Ignoro seu pau completamente enquanto abaixo minha cabeça, obscurecendo minha visão nos recessos de seu pescoço. — Eu *disse* que quero ver sua boceta. Então, você vai se curvar e me dar o que quero, *Nanico*. — Pressiono meus dedos contra seu pulso só para sentir a batida pesada e rápida de sua carótida.

Abel para, embora não consiga controlar a rápida contração de seus pulmões. A expansão de suas costelas é acentuada contra meu antebraço. Seu *k*. — Não finja ser tímido agora, filhote.

Ele estremece e sinto a vibração em meus ossos. — E-eu *não sou*. Você é apenas...

— Eu só sou... o quê?

— Mais cruel do que eu pensava, — ele cospe com veneno.

Gargalho baixinho. — Sério, Abel? Você deveria saber disso, — sorrio diretamente em seu ouvido, deslizando meus lábios sobre a carne perfurada. Minha língua desliza contra o metal afiado, traçando cada arco até a pedra pesada em seu lóbulo esticado.

— Isso é o que você queria de mim. Pare de agir como se não fosse. Tentando ser todo fofo e inocente, mas vejo você. Apenas um *nanico patético*. Com seu rostinho lindo e... e sua cinturinha safada, exibindo sua bunda naquele short, me dando suas lágrimas. Okay, certo. — Agarro-me à longa barra perto do topo, agarrando-a antes

de afastá-lo. Ele tropeça na parede à nossa frente, com as mãos abertas sobre a tinta cinza clara.

— Então, abra essas bochechas e me mostre o que é meu.

A cabeça de Abel *bate* contra a parede, o cabelo branco caindo em seu rosto, pesado com a água que pinga continuamente no chão ao lado de seus pés. Traço cada vértebra nodosa sobre a pele cicatrizada esticada sobre o osso, com elasticidade apenas o suficiente para que isso seja possível.

Sua bunda é pequena, mas redonda, lisa e sem pelos. Estendo a mão para passar meus dedos sobre sua pele desbotada, os nós dos dedos apenas roçando a carne quando me seguro. Rangendo os dentes, recuo, agarrando o balcão com toda a força que posso.

— Mostre-me. — Meus olhos seguem uma gota de água escorrendo por sua omoplata. *Por favor*, quase digo.

— *Por favor*, Peris, — ele sussurra em um gemido, sincronizado com meus próprios apelos enquanto seus pés se movem para frente e para trás. A respiração fica presa na minha garganta, sendo espelhada com ele neste momento.

O isqueiro de Abel bate na parte carnuda da minha palma. Eu o pego e ligo, agitando a pequena chama e ignorando o tremor enquanto digo: — Por favor, faça você, ou por favor, *não faça* você? — Ele diz.

Ele estremece, a testa balançando para frente e para trás na parede de gesso enquanto balança a cabeça, recusando-se a

responder. — Porque você e eu, — movo meus dedos entre nós, — nós dois sabemos que você quer. Todo esse '*por favor*' implorando a rotina é patética quando já vi o quão desesperado você está.

Seus ombros se movem com uma inspiração brusca de ar, cada músculo musculoso travando com força. E então, observo, ofensivamente em transe, enquanto seus dedos longos e cheios de cicatrizes deslizam sobre sua pele lisa, as pontas roçando entre sua fenda.

Meu coração bate forte em uma arritmia dolorosamente lenta e então para. Não consigo mais sentir a contração do músculo, mas o peso dele está lá, me sufocando na garganta. Meus olhos estão arregalados enquanto Abel se flexiona, e as sombras em sua dobra são lentamente reveladas à luz forte.

Não consigo respirar, porra. Cada nervo e veia estão cauterizados e fervorosos. Cada tendão e músculo é rígido e atrofiado.

Sua pele não tem pelos desde o topo da dobra até as bolas, com uma linha estreita descendo pelo centro. Seu buraco é pequeno e inchado e tão *rosado que* me engasgo com o ar. A saliva voa para o fundo da minha garganta quando seu buraco se contrai, apertando-se antes de relaxar novamente.

Abel vira a cabeça, o tendão do lado esquerdo do pescoço saliente enquanto ele olha por cima do ombro, o cabelo molhado grudado no rosto corado. — Você gosta disso? — Ele morde o lábio inferior, parecendo recatado.

Isso faz meu lábio se curvar em desdém, sabendo que é apenas mais um estratagema.

Engolindo a bile fervendo logo abaixo da minha úvula, ameaçando aparecer a qualquer segundo, eu me afasto da penteadeira, atraído por ele. O movimento me coloca a centímetros de sua pele nua, e seu pequeno buraco desaparece de vista.

O alívio é instantâneo. Há memórias muito próximas, muito vívidas.

Meus dedos dedilham seu cóccix com uma nova segurança enquanto os tentáculos dos meus pesadelos se dissipam da minha consciência, empurrados de volta para onde pertencem. Deixei meus olhos fecharem por um momento, apenas sentindo sua pele lisa e fresca. Nozes de osso. Músculo magro enrolado em torno deles. Pelos microscópicos fazendo cócegas nas pontas dos meus dedos.

Pressionando meu peito contra suas costas, deixo cair minha cabeça ao lado de Abel, inalando o cheiro do meu sabonete líquido que escorre de seus poros. Ele está ofegante, o corpo ainda tenso e vibrando. Nossos olhos se conectam, a milímetros de distância. Seus cinzas prateados me penetram, sempre vendo coisas que não deveriam.

Desvio o olhar, odiando mais o sentimento do que aquele dele contra mim. O que significa. O que *eu* quero dizer.

Estou tão confuso.

Afundando os dentes na língua para diminuir a ameaça de lágrimas, concentro-me na dor aguda para me lembrar do que está bem na minha frente. Aqui e agora.

O passado nos afeta irrevogavelmente, em todos os sentidos. Torna-se a base de tudo o que somos. Influenciando cada momento, cada decisão, até nos tornarmos o próprio produto da nossa dor.

E estou cansado de viver essa dor. Mas é a única maneira que conheço *de* viver.

Mas Abel... a maneira como ele distorceu minha compreensão do que eu pensava que sabia... é tão esclarecedor quanto irritante. E desconcertante.

Eu estava perfeitamente contente em viver na névoa que construí. Uma que envolvi em meu âmagô, endurecido e denso. Isso me manteve desapegado, desconectado, enquanto ainda estava totalmente imerso em minha tortura solitária.

E agora, está destruído.

— Saia de cima de mim, — Abel estala, se livrando do meu aperto. Ou, pelo menos, ele tenta, ainda que pateticamente. Sua cabeça raspa contra a parede em sua luta contra mim, com as costas curvadas na curva do meu torso.

Tranco meus braços, mantendo-o preso sem muito esforço. É a constrição dos músculos aos ossos que o faz soltar um gemido estridente, resistindo descontroladamente. — Tire suas malditas mãos

de mim! — Seu grito me faz sorrir, todos os vestígios de revelação alcançável desaparecendo.

Abel me fodeu há meses — e caramba, é bom dar ao pequenino um gostinho de seu próprio remédio. Para dar quando ele não quer. Empurrar contra a porra da sua vontade.

Isso deixa meu pau duro, tratá-lo dessa maneira.

Não quero parar... E não preciso.

Com um silvo e um rosnado, puxo Abel de volta contra meu torso. Um grito sai de sua garganta quando me inclino para trás, em seguida, empurro-o contra a parede com a mão espalmada na parte de trás de seu crânio, o cabelo enrolado em meus dedos para uma melhor aderência.

Enterro meu nariz em seus fios úmidos e inspiro profundamente. *Cereja.* — Sua boceta é tão feia quanto pensei que seria, — murmuro em um tom abafado de honestidade e mentiras descaradas, ditas contra a base de seu crânio. Minhas palavras diminuem seu ataque de desafio. Ele fica rígido e rio da ondulação de seus músculos glúteos contra minha virilha.

Meus lábios roçam sua clavícula no mesmo ritmo enquanto pego o isqueiro para arrastar a ponta contra sua barriga côncava. Quando ele estremece com o arrastar suave do plástico, pequenos pedaços vagos começam a se encaixar.

— Está tudo bem, Nanico. — Dou um beijo em sua orelha, seguido pelo movimento da minha língua contra a longa barra alojada ali.

Derrame uma verdade. — Ainda vou foder. — Sopro em seu ouvido, saboreando a aparência de arrepios subindo ao longo de sua pele. — Afinal, quão ruim pode ser quando foi destruído tantas vezes? — Meu estômago se revira com a admissão.

Com uma expiração pesada, agarro seus ombros e o viro. A mandíbula afiada de Abel está tensa, o ângulo estranho do osso mais proeminente do que nunca. Na verdade, acho que nunca o vi tão... furioso antes. Ele está sempre exibindo esse disfarce de confiança blasé.

Parece que fui mais fundo do que ele pretendia.

Bem-vindo à porra do clube, Nanico.

— Bem? — eu incito. Seus dentes rangem sob pressão. Minha sobrancelha se curva enquanto eu *faço uma careta*. — Não finja que você não é uma prostituta, querido. Eu *vi* você. Ouvi os rumores.

— Você não sabe de nada.

Olha quem está roubando minha linha agora.

Tenho certeza de que ele pretende que suas palavras mordam, me perfurem tão profundamente quanto eu o perfurei, mas elas saem roucas, quase inaudíveis sobre a cadência grossa de sua voz. Como se ele estivesse engasgado e à beira das lágrimas.

Porra. Quero vê-lo chorar de novo.

Viro o isqueiro entre os dedos e o olhar de Abel é atraído para ele imediatamente. — Sei que você é um idiota. Você está com tesão por isso – de qualquer maneira que você puder. A maneira como você

salivou só por *provar* o meu foi uma prova disso. — Raspo a unha nos dentes de metal da roda de ignição, fingindo indiferença. Como se meu coração não estivesse prestes a estourar até o osso, mantendo-o protegido.

— Mas está tudo bem. Poucas pessoas parecem tão bem quanto você cobertas de porra. Eu deveria agradecer pelas fotos que tenho agora à minha disposição... — Passo um dedo sobre seu lábio inferior grosso, puxando-o para baixo até que seus dentes tortos fiquem expostos. Chupo minha língua, desejando que fosse a dele. Me perguntando se ele ainda tem gosto de todos aqueles doces que come.

Retiro minha mão com um lampejo de repulsa impulsiva. — Mas já sabemos disso. O que eu *não* sei... — Levo o isqueiro até sua periferia e bato a borda inferior na ponta de seu nariz. Os olhos arregalados de Abel se cruzam enquanto ele olha diretamente para ele. — É por isso que você se queima.

Todo o sangue de seu rosto é drenado, deixando-o com uma aparência horrível. Seus olhos se movem para baixo enquanto seu rosto cai, deixando um estranho tipo de vazio para trás. Meus olhos fixam-se na barra prateada na ponta de seu nariz por um momento a mais.

A constatação me obriga a dar um passo para trás. Bato contra a penteadeira, os dedos da minha mão esquerda curvando-se ao redor da borda do balcão, mas meus olhos nunca se desviam de Abel.

Mesmo sem minhas mãos sobre ele, ele permanece encostado na parede, descaradamente nu. Ou talvez ele nem registre mais sua nudez, focado demais em desvendar segredos que é melhor não serem ditos.

Sinto-me atraído pelos vergões vermelhos na dobra da coxa direita. Conto cada carinha grotesca e sorridente três vezes. Existem nove, todos colocados próximos uns dos outros, mas distantes o suficiente para serem distintos por si só. As marcas estão inchadas, provavelmente quentes ao toque, e cercadas por manchas ainda mais distintas. Alguns são claros e prateados, um tom mais claro que o tom de sua pele; outros são roxos – mais recentes, mas curados.

Meus olhos percorrem seu corpo nu, vendo cada cicatriz e mancha novamente. Alguns deles são difíceis de distinguir, especialmente os poucos em seus antebraços. Mas as pernas dele... estão cobertas. Desde logo acima dos joelhos até os quadris.

Como não vi isso antes? Quando ele estava usando aquele short curto rosa...

A resposta vem a mim instantaneamente.

Eu não me permitiria vê-lo. Na verdade.

Essa consciência me atinge com mais força do que o esperado, a feroz verdade disso rouba minha respiração. Estou estendendo a mão, o polegar roçando uma ferida recente, nem mesmo percebendo o que é até que o silvo dolorido de Abel raspa meu canal auditivo.

— Você adora sofrer, não é? — Respiro as palavras de alguma forma, mesmo com o oxigênio sugado dos meus pulmões.

— Gosto de controlar o que sinto, — afirma ele apaticamente, mas suas palavras vacilam no final, revelando mais do que tenho certeza que ele pretendia.

As palavras parecem que pulei de um arranha-céu, e o concreto abaixo vem mais rápido do que o previsto, a força da gravidade trabalhando contra mim enquanto anseio pela queda livre antes do meu último suspiro.

Gosto de controlar o que sinto.

Enquanto olho para Abel, suas palavras, ditas em seu tom alto e melódico, saltam como uma máquina de pinball dentro da minha cabeça. Cada choque contra meu crânio atinge alguma memória oculta que pensei ter apagado, e o abuso faz minhas têmporas latejarem. Com olhos ardendo, nariz queimando e pulmões doloridos, o isqueiro escorrega dos meus dedos e cai no chão. O som ricocheteia nas paredes. Abel segue a descida do plástico rosa, a sobrancelha formando um arco perfeitamente formado quando ele levanta os olhos para encontrar meu olhar. As perguntas queimam nas profundezas do cinza.

A maçaneta está escorregadia na palma da minha mão enquanto eu a giro para sair do banheiro. A onda de ar fresco atinge minha pele úmida, me fazendo tremer enquanto cambaleio em direção ao meu quarto.

Assim que a porta é fechada e trancada atrás de mim, uma barreira fina, mas imperativa, entre nós, sinto que posso finalmente respirar sem dor.

Fingir é bom. Fácil, até mesmo, até que não é quando me lembro de todas as coisas que estão fora do meu controle. Como eu nunca fui capaz de compreender meus sentimentos com certeza, e Abel simplesmente... encontrou uma maldita maneira de manipular as coisas que *são* incontroláveis.

E há uma *coisa* dentro de mim que anseia pelo que Abel e eu temos. Essa reviravolta distorcida e perturbadora na conexão. O que tocá-lo permite. Tipo, contanto que seja depravado, não há problema em ter.

Mas posso aceitar isso?

— *Está certo. Tudo bem. Shh, não chore.*

Pego a primeira coisa que vejo e jogo contra a parede, sem sentir absolutamente *nada* enquanto vejo explodir, mesmo sendo um som que eu não sabia que poderia rasgar minhas cordas vocais. Isso me deixa sufocado, com unhas cravadas em meu pescoço.

Mesmo com os olhos bem abertos, olhando fixamente para a depressão acentuada na minha parede, os pesadelos que atormentam meus sonhos começam a se transformar em realidade.

Meus dedos mergulham em meu cabelo, puxando até que alguns fios se soltem do meu couro cabeludo, mas a dor não é nada comparada com a dor no meu peito – uma lama lenta que sobe pela

minha garganta e se enterra bem atrás dos meus olhos, ficando mais aguda quanto mais tempo permanece. Mas não vou chorar, porra. Não faço isso desde aquela noite, e tenho certeza de que não vou fazer isso agora.

Se eu pudesse sufocar todas as vezes com *e/e*, tenho certeza de que não vou deixar Abel Silver arrancar isso de mim.

CAPÍTULO 16

ABEL

— Que porra você está fazendo? — A voz de Peris sibila diretamente em meu ouvido por trás. Eu recuo, a mão batendo na porta aberta do meu armário. O metal é frio e cortante, enviando uma forte onda de dor pelo meu pulso. Cerro os dentes, mas mantenho os olhos fixos no conteúdo interno, Lance não está mais na minha visão periférica.

O laptop da escola que eles me emprestaram durante o ano fica em cima de quatro livros que tenho como lição de casa, já que nunca tive permissão de tirar meu laptop das instalações da escola. Alguns papéis amassados cobrem o fundo, junto com embalagens de doces vazias – todas com sabor de maçã verde, é claro. Menos os Skittles, mas isso é diferente. Skittles são *sempre* a exceção.

Peris também deve ter olhado lá dentro, porque então diz: — Você não sabe onde está a porra da lata de lixo?

Enrolo os lábios em volta dos dentes, sentindo a pressão forte do meu canino torto. — E a que devo esse prazer, ó capitão do time?

— Cale a boca. Você sabe do que estou falando.

Com um suspiro, espio por cima do ombro. Peris está olhando para mim, seu cabelo castanho dourado parecendo mais escuro sob as fortes luzes fluorescentes acima. Seus olhos brilham de indignação.

— Bem, o que você quer de mim, Peri? Você quer que eu fale ou quer que eu cale a boca? — Inclino a cabeça para baixo para acentuar meu olhar para cima através dos cílios, escurecidos com algumas passagens de rímel barato. Eu realmente não deveria ter comprado aquilo – deveria ter sido esperto e roubado, guardando o dinheiro para comprar comida para quando eu fosse inevitavelmente expulso para as ruas. Mas vale a pena ver aquele músculo saltar em sua mandíbula, o brilho em suas narinas enquanto seus olhos percorrem a escuridão acentuada.

Vamos, garoto Peri.

Pergunte-me. Você sabe que você quer.

— Isso é *maquiagem*?

Eu me pergunto se ele percebeu nas outras vezes que usei, ou se só agora está se permitindo um olhar mais profundo e *mais próximo* para mim.

Caindo um pouco mais fundo.

Meu sorriso quebra minhas feições. Com um giro, encosto-me no armário, enganchando a perna esquerda sobre a direita e cruzando os braços. Com a cabeça inclinada para trás, meu cabelo escorre pela nuca, alguns fios emaranhados em minhas joias.

O olhar de Lance é potente na lateral do meu rosto, mas o de Peris é quente o suficiente para queimar completamente.

Deixei o silêncio pairar por um minuto, passando propositalmente os olhos entre os dois homens que olhavam abertamente para mim.

Os corredores ecoam conversas e passos pesados. Armários roxos se fecham, o ponteiro dos segundos do relógio se aproxima do toque da campainha. E apesar de tudo, só existe Peris. Inclinando-se para mim, diminuindo a distância, e acho que ele nem percebe.

— Estou confuso, — sussurro. — O que *exatamente* você quer de mim? — Estico meus lábios em um beicinho só para ver seus olhos caírem. *Tão* fácil.

Ele sempre é.

— Ah, Abel? — Lance fala, sua voz suave e recatada. Meus lábios se contraem antes de virar a cabeça para o outro lado, percebendo a expressão confusa de Lance. Seus olhos se movem entre mim e Peris, os dedos se torcendo enquanto ele morde o lábio inferior.

Meus dentes roem a pele dentro dos meus, cutucando até sentir gosto de cobre. Não preciso dizer uma palavra para pedir mais dele.

— Ainda estamos prontos para mais tarde? — ele murmura enquanto se inclina, tomando cuidado para evitar o olhar de Peris. *Tão fofo.*

— É claro, docinho. Te mando uma mensagem. — Ele se inclina para trás, os olhos azuis claros brilhando de surpresa. O rosnado de Peris ressoa no espaço entre nós, e o calor queima meu lado direito. Meus dedos flexionam, roçando o tecido de sua calça esportiva. Agarro o material, mesmo mantendo minha atenção em Lance.

Seu sorriso ilumina seu rosto e duas pequenas covinhas aparecem como crateras em suas bochechas. Estendo a mão para mergulhar

meu dedo em uma delas, fazendo seu rubor passar do rosa ao escarlate. Dou uma piscadela para ele, arrastando meu dedo pelo seu queixo enquanto ele se vira e começa a caminhar pelo corredor. O eco estridente do sino soa aos primeiros passos e os corpos se espalham.

Observo-os se dispersarem, ignorando as ondas de... raiva de Peris? Descontentamento? Quem sabe com ele, honestamente. É uma emoção nova a cada dia com o filho da puta.

— O que diabos pensa que está fazendo? — Suas palavras saem curtas, forçadas entre dentes que se recusam a abrir para falar corretamente.

— Estamos falando de algo diferente agora ou esta questão é apenas uma variação da primeira?

Sua mão esquerda repousa contra um armário à minha direita, o antebraço estendido a centímetros de distância enquanto ele ajusta a alça no ombro com a outra. — É sempre a mesma maldita pergunta com você, Abel, — ele sibila, parecendo derrotado.

Enrugo a testa por um momento antes de me livrar disso. — Bem, isso não me diz nada. — Solto uma risada, sentindo o rolar do meu pomo de adão ao engolir. — Serei honesto com você. Não tenho ideia do que estou fazendo – nunca. Mas se for bom, então devo estar fazendo algo certo. — Meus lábios se abrem para soprar suavemente na direção de Peris. À medida que passa sobre ele, seu antebraço exposto e tenso fica arrepiado.

Ele se move mais rápido do que consigo piscar. Dedos agarram meu queixo, cavando nas cavidades de minhas bochechas e sob meu queixo enquanto minha cabeça é empurrada para trás e em meu armário. Minhas pálpebras tremem com a conexão nítida.

Peris se inclina, o corpo pressionado contra o meu. Seu pau é duro e quente e... *merda*. Pisco, um pouco atordoado e de repente *muito* excitado. Não me importo que as pessoas possam estar olhando ou que as câmeras possam capturar o que ele está fazendo comigo.

Ele lambe os lábios antes que eles se separem em sua própria onda de hálito quente. — Pare de *brincar* comigo, Nanico, — ele cospe com a mandíbula travada. Então, ele se abaixa para respirar suas próximas palavras contra meus lábios. — Eu te disse. *Ninguém mais*.

Com uma curva no lábio superior, ele bate sua boca na minha. Nossos dentes batem, sacudindo meu cérebro, mas então a língua dele desliza contra a minha, áspera e molhada. Meu queixo cai, dando a ele todo o acesso que ele deseja. Através dos meus cílios, olho para suas pálpebras fechadas, observo a agitação de seus globos oculares rolando sob a pele fina. Seus próprios cílios tremulam contra as maçãs do rosto bronzeadas.

Eu não o beijo de volta, e ele percebe minha abstenção cedo demais para o meu gosto.

Ele recua, as feições contorcidas em um olhar incrédulo, enquanto seus dedos flexionam contra meu quadril, tendo encontrado o caminho até lá. Ele pisca com os olhos arregalados na minha boca por um momento de três batimentos cardíacos, e então, ele se afasta, com a postura rígida enquanto caminha pelo corredor. Cada movimento de suas pernas é longo e seguro, flexionando a bunda em sua calça de corrida.

Minha língua se lança para deslizar sobre sua saliva que pousou em meu lábio superior.

Continue o jogo, querido.



— Uh, você tem certeza de que deveríamos, erm...

Reviro os olhos diante da hesitação de Lance enquanto falo através da junta entre meus lábios. — Oh, vamos lá, — falo e inspiro. A queimadura de terra enche meus pulmões, fazendo minha cabeça girar enquanto a seguro. Então a queimação se acende e tusso através dela, trazendo o ar de volta para meus pulmões.

Ele continua olhando para trás, mesmo que esteja escuro, e seja quase impossível realmente ver merda nos espaços entre os postes de luz.

Quando finalmente recupero o fôlego, bufo, mandando minha franja para trás, de onde escapou do capuz. — Merda, — falo rouco, a garganta rouca, a mente agradavelmente quente e confusa. Lance está olhando atentamente para um arbusto. — Ele não vai simplesmente sair das sombras, cara, — digo sem expressão. Ele murmura algo que não consigo entender, mas se vira. Minha mochila chacoalha com o som das latas de tinta enquanto eu a levanto com minha única alça, estendendo o braço para passar o baseado para ele.

Ele o pega com a mão trêmula, os olhos voltados para o baseado, acompanhando a fumaça que sobe. — Você está certo, desculpe. Eu simplesmente nunca...

— Quebrou a lei? — Balanço minhas sobrancelhas, mesmo que ele não consiga ver. — Estou tonto. Adoro corromper os puros e inocentes.

Lance zomba e bagunça seu cabelo. — Estou longe disso.

Vou revirar os olhos, mas então percebo que isso consome muita energia, então paro no meio. — Uh-huh.

— É verdade! — ele bufa de forma fofa, ainda segurando o baseado pela metade.

Dou de ombros e inclino minha cabeça em direção a ele. — Se você ficar na defensiva, provavelmente é porque está mentindo.

Tudo fica quieto por um minuto enquanto caminhamos pela grama em direção ao estacionamento da escola, agora à vista. Lance

finalmente acerta, imediatamente soprando a fumaça enquanto começa a tossir. Eu rio pelo nariz, dando tapinhas de leve em suas costas com o braço pesado enquanto ele tosse e cospe no chão.

No momento em que ele se levanta, seus olhos estão brilhando com a umidade escorrendo por suas bochechas. — Primeira vez? — Pergunto com um movimento nos lábios, já sabendo a resposta.

— Como você adivinhou? — Ele resmunga enquanto o devolve, me fazendo rir de novo. Dou um tapinha em seu ombro antes de apagar o baseado entre os dedos e jogá-lo no chão. Então levanto o pé e bato a ponta na entressola para ter certeza de que está apagado antes de colocá-lo no bolso da frente.

— Isso não dói? — ele pergunta.

Balanço minha cabeça. — Acostuma-se com isso.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos, apenas o som de nossas respirações e passos permeando o ar fresco. Quando nos aproximamos do limite do grande terreno, Lance começa a balançar a cabeça, enxugando o suor da testa.

— Está tipo dez graus lá fora agora. Você está suando seriamente? A lembrança do frio me faz curvar os ombros até as orelhas, agora entorpecido pela brisa.

— Estou *nervoso*! — ele sussurra e grita, a voz vacilante. E não consigo evitar, começo a rir. O som da minha gargalhada salta pelo espaço vazio, refratando mais alto. — Alguém está paranoico.

— Cale-se! Se formos pegos, seremos expulsos. Isto é... isto é desfiguração de propriedade! E a *erva*... — Ele interrompe com uma cara azeda e contraída.

Jesus, que bom que fumar não *me deixa* paranoico. — Ah, acalme-se. É só maconha.

Lance hesita. — Só... você é louco, sabia disso?

Examino o terreno vazio. — Sim, me disseram, — respondo distraidamente. — Agora, onde diabos fica a vaga dele no estacionamento?

Lance aponta para algum lugar à minha direita. — Lá. Eles dão estacionamento na frente dos idosos.

— Excelente. Siga-me, meu querido corrompido.

Seus passos são altos atrás de mim. Chuto uma pedra com a ponta do meu sapato desgastado enquanto passo por uma fenda, observando-a pular enquanto Lance murmura para si mesmo, provavelmente se arrependendo de ter concordado com minha pequena aventura.

— Você está prejudicando minha doçura, — respondo para ele.

— *Isso* é suave? O que mais você faz se isso... isso é *relaxante para você*?

Inclino a cabeça para a direita enquanto desacelero meus passos, esperando por ele para poder espelhar seu ritmo. — Querido, nós brincamos na sala do coral. Na escola. Depois que foi fechada.

Ele gagueja e vejo seu rosto corado quando passamos por um poste de luz. — Bem, sim, mas□..

— Isso não é diferente. É tudo uma descarga de adrenalina se você fizer certo e, portanto, ficará chapado primeiro. As vibrações casam perfeitamente. Se você não ficar paranoico, — acrescento com um murmúrio.

— Existe uma maneira certa de fazer graffiti? — *Deuses, que bebezinho inocente tenho aqui.*

Concordo com a cabeça, colocando meu cabelo atrás das orelhas sob o capuz. — Absolutamente. Apenas siga meu exemplo, amigo. Eu nunca vou te orientar mal.

— Tenho a sensação de que vou me arrepender disso.

Minha gargalhada nos segue pelas sombras.



— Pronto. Perfeito. — Meu sorriso imita aquele pintado no chão diante de mim.

— Ele vai matá-lo. Ele vai literalmente matá-lo. Provavelmente durante o sono. Já que você mora na *mesma porra de casa!* — Lance está à beira do pânico. Dou um tapinha em seu ombro, espalhando uma mancha de tinta spray rosa em seu casaco escuro.

Clico minha língua. — Desculpe por isso. — Deslizo a tinta molhada, apenas o suficiente para borrá-la ainda mais, então deixo cair o braço para olhar para a *obra-prima absoluta* que criei para Peris. — Por que *você está* tão preocupado com o que Peris faz comigo?

— Porque você é meu amigo, — Lance responde facilmente, como se fosse óbvio. Sua resposta aquece meu estômago, a sensação desconhecida vibrando dentro de mim. Eu me contorço contra ele, mudando de posição.

— Bem... Legal, então. — *Uau, tão eloquente, Abel. Pelo amor de Deus.*

— Não sei o que você faz com ele, mas você realmente parece irritá-lo.

Dando uma última olhada na vaga decorada de Peris, enfio as latas de tinta spray, agora vazias, de volta na bolsa. Lance vai na direção de sua casa, então sigo atrás, ainda evitando prontamente as rachaduras no asfalto.

— O que você quer dizer?

— Não sei. Só que ele é... rude com você, eu acho. Ele sempre foi um pouco idiota, mas nada como quando você está por perto, então é estranho.

— Hum. — Deixo a vibração assentar em minha língua enquanto reflito sobre minha resposta. — Às vezes, tudo se resume a finalmente conhecer alguém que compartilha da sua loucura. — Eu não queria

dizer isso em voz alta, muito menos para outra pessoa, mas minha língua está pesada e minha mente está em algum lugar alguns metros acima do meu corpo. Mas agora está lá fora, infiltrando-se no ar frio do outono, envolto por uma escuridão que sinto em um nível íntimo.

— Loucura? — Lance repete. Sobressalto quando desço do meio-fio, de volta ao concreto de uma rua lateral. Lance não perde o passo, mesmo quando fico para trás.

Engulo a revelação de esqueletos desgastados. — Sim, loucura. — *Isso é tudo que será.*



Caio na soleira quando a maçaneta escorrega entre meus dedos. — Oh, merda, — murmuro com a boca cheia de pinos. O chão vem em minha direção lentamente, brilhando com um tom iridescente nas bordas.

Braços quentes e duros me envolvem e rio quando a força do impulso acalma e sou capaz de engolir. Carvalho e frutas cítricas picantes inundam minhas narinas, e enterro meu nariz no cheiro, cantarolando alegremente enquanto ele lambe meu cérebro como um cobertor quente.

— Onde diabos você esteve?

Meu abdômen se contrai em outra risada, e minha cabeça balança para frente e para trás contra músculos e ossos duros. Os dedos flexionam, cravando-se em minhas costelas e, embora a pressão deva doer, parece que estou tocando o ar.

— Você acha isso engraçado? — O tom furioso de Peris inunda diretamente meu canal auditivo. Eu me afasto do volume, sentindo-me como uma onda quando meu corpo reage aos estímulos com dois segundos de atraso.

O calor sólido me deixa com frio e desolado. Pisco para o espaço vazio à minha frente, agora com meus próprios pés, que na verdade não parecem meus pés. Algo enrugado é empurrado contra meu peito. — Olha o que eles *me* deram desde que você decidiu que não iria aparecer no *treino* hoje, — ele zomba da palavra como se fosse sujo saindo de sua língua. Eu rio da forma como seu rosto está torcido, como se ele tivesse comido um dos meus doces azedos.

Envolto em plástico transparente é poliéster plissado roxo e branco. Meu uniforme de torcida. Eu pisco. Engulo contra minha boca de algodão. Olhe para cima através dos cílios escuros e úmidos. — Quer que eu experimente para você?

Peris balbucia, com as bochechas coradas. — Experimentar... não.

Um olho aperta enquanto o outro observa seus olhos arregalados. — Mas peguei para você, — respondo lentamente. O tapete brilha com pequenos pontos pretos. Eles quase parecem diamantes.

Meu rosto se inunda com um calor formigante que se inflama pela minha garganta, descendo por cada braço. — Pense, estou muito chapado, — balbucio, passando minha língua ao longo do céu da boca enquanto minha mandíbula abre e fecha, de novo e de novo.

— Você está chapado *agora*?

— Hum. — Meus olhos caem, deixando apenas um pedaço de paredes cor de lavanda e dedos dos pés descalços enrolados no carpete.

“Jesus Cristo” é pronunciado bem perto do meu rosto, e então o mundo vira, a gravidade puxando meu estômago, depois torcendo-o em um nó profundo. Eu grunhi com a pressão contra meu abdômen. O sangue corre para minha cabeça, deixando tudo quente e compacto.

Balanço a cada passo estrondoso que Peris dá pelo corredor, relaxando meus músculos para deslizar com o movimento, porque é muito mais fácil do que manter meus músculos tensos quando eles parecem gelatina.

O mundo gira mais uma vez com uma mão apoiada nas minhas costas, outra na minha nuca, e então estou caindo, caindo...

Grunhi quando bati em algo macio. Ele incha ao meu redor como uma nuvem almofadada. Lavanda e especiarias flutuam, me fazendo cantarolar enquanto me enrolo para enterrar meu nariz neles.

— Vá dormir. — Essas palavras o seguem, notas em cascata carregadas no ar enquanto Peris sai, fechando a porta atrás de si.

Meus ouvidos zumbiam no silêncio – uma nota aguda e penetrante que se arrasta para sempre em seu crescendo. Arrepios em minha pele quando a percepção da escuridão começa a se infiltrar, mas não posso fazer nada a respeito.

Nunca fiquei tão chapado em minha vida, e o medo de ficar fora de controle toma conta de mim como um maremoto durante uma tempestade, instantâneo e devastador. Não consigo sentir minha respiração nos pulmões ou a suavidade do cobertor contra meu rosto. Mas vejo a luz se derramando por baixo da fresta da porta.

Então é aí que mantenho meus olhos enquanto aliso meu rosto na borda de um travesseiro. Passos ecoam, suas batidas suaves não são altas o suficiente, mas eu ainda me esforço para seguir seu caminho, pensando em onde ele está na casa.

A cozinha. A geladeira se abre, seguida pelo barulho de uma garrafa de água enchendo de gelo. Isso fecha. Mais passos, mas desta vez mais suaves. No tapete.

Minha porta se abre, seguida por passos suaves sangrando pelas sombras. Tento levantar a cabeça quando Peris se aproxima, mas sinto o peso de algo invisível.

Ele enfia a mão debaixo da minha cabeça, me levantando ligeiramente. — Tome uma bebida. Sua boca de algodão deve estar horrível.

Eu rio quando um canudo encontra meus lábios formigantes. E então, a água escorre pelo meu esôfago e estou gemendo de êxtase,

enquanto meu estômago revira de fome. A dor queimando minha garganta diminui, e o tempo se transforma em um rastro lento, pesado com um zumbido que não consigo acompanhar enquanto ele me puxa para baixo de sua asa.

CAPÍTULO 17

ABEL

Este apartamento inteiro cheira a metanfetamina. Está infiltrado nas paredes, no carpete manchado e irregular.

Inferno, está até aderindo à minha pele suja.

Resisto à vontade de vomitar novamente enquanto coço meu braço, espalhando a sujeira e a oleosidade que estão acumuladas por dias sentado em minha própria sujeira. Não há água aqui – nem mesmo para beber. Minha garganta revira e a contração dos músculos só piora a dor.

— Você está bem? — digo asperamente enquanto me inclino para empurrar meu rosto no pescoço de Mo. Ela não se move com a pressão do meu toque. Isso faz meu sangue gelar.

Ela é tão jovem – jovem demais para saber disso.

— Mo, acorde. — Cutuco seu ombro, odiando o jeito que seus ossos rangem. — Vamos, — imploro, principalmente para mim mesmo, mas nunca levanto minha voz uma oitava acima de um sussurro abafado. O som ecoa nas paredes deste apartamento, como se elas fossem tão vazias quanto meu coração.

Ela finalmente acorda assustada, girando a cabeça em desorientação. Eu a silencio, passando a mão pelos cabelos grossos e emaranhados. — Você está bem. Sou só eu.

— O que está errado? — Ela pergunta tão baixinho que tenho que ler seus lábios na luz fraca e amarela que vaza da cozinha. Eu me mexo no carpete duro e irregular, e o inevitável empurrão em meus novos hematomas induz uma nova pontada. Os olhos de Mo enrugam-se de uma forma que nenhuma criança deveria fazer.

Ela é boa demais para isso.

— Nada. Só queria conversar, — digo a ela, o que é verdade. Mas também, egoisticamente, não quero ficar sozinho.

— Eles já voltaram? — Ela pisca sonolenta.

— Sim.

Mo enrijece, agarrando-me com dedos muito pequenos. — Onde eles estão?

— Sala deles. — Prendo a respiração, sabendo o que ela vai perguntar em seguida, odiando as próprias palavras antes mesmo de serem ditas. Por até ser pensado.

— Eles estão... — Ela engasga um pouco.

Com um suspiro suave, eu a puxo contra mim, osso contra osso. Duro, mas estranhamente reconfortante. Apenas ter outra pessoa para tocar sem ameaça de maldade.

— Sim.

— Então — sua garganta estala ao engolir, — eles vão...

— Sim, Mo. — Eu a interrompi, odiando que seja para lá que nossos primeiros pensamentos nos levam. Estou aqui há dois meses. Mo, apenas três semanas.

Honestamente, é desconcertante quantas pessoas más escapam pelas fendas do sistema. Está quebrado além do reparo. Muitas crianças, poucas pessoas boas dispostas a assumir a responsabilidade. Porque sempre somos vistos como quebrados e impossíveis de consertar. E quando essa pequena suposição é incutida em alguém, ela se torna um fato.

E fui forçado a me moldar exatamente naquilo que fui ensinado a ser. Minha única misericórdia é minha capacidade de transformar a depravação deles em algo de que possa tirar vantagem. Algo que controlo fora desta horrível solidão.

Então, opto por permitir porque assim passa a ser uma decisão minha e não uma ação contra a minha vontade.

Mo treme contra mim, os dentes batendo. O barulho pesado é muito alto, então enfio minha mão em sua mandíbula para fechá-la. As vibrações viajam através de mim, irradiando pelo meu antebraço. E é assim que ficamos, com meus braços em volta dela até que o rangido revelador da porta do quarto se abrindo nos força a nos separar.

Os olhos de Mo se arregalam, as lágrimas brotam, o lábio inferior treme. Beijo a ponta do seu nariz sujo e acaricio sua cabeça.

— Está tudo bem, — digo a ela com sinceridade. — Deite-se. Finja que está dormindo — você é boa nisso. — Empurro ela, forçando-a a recuar, onde ela se enrola em uma bola, a cabeça

enfiada na dobra do cotovelo, o rosto enterrado no tapete desagradável – mas é melhor que a alternativa.

Arrasto o cobertor fino e surrado sobre ela, sem deixar nada para mim, porque não vou precisar dele. — Apenas feche os olhos, querida. Estarei de volta antes de você acordar.

— Abel, — ela choraminga. Isso faz meu coração frio e morto bater mais forte. — Eu... me desculpe, — ela engasga.

Porra.

— Ei. Não fique. Sempre vou te proteger, ok? Apenas durma. Sonho com... arco-íris e unicórnios e essas coisas. Encontro você daqui a pouco. — Ela me dá um sorriso pequeno e cansado antes de eu jogar o cobertor sobre sua cabeça, bloqueando sua visão.

Assim como ela aprendeu, ela fica completamente imóvel, os ombros mal se movendo a cada respiração hesitante que ela dá.

Talvez ela consiga.

Realmente espero que ela faça isso.

— Venha aqui, porra, — uma voz rouca, formada por anos fumando dois maços por dia, percorre minha espinha.

É preciso toda a energia que me resta para me forçar a ficar de pé. Balanço enquanto a sala gira, os olhos semicerrados enquanto pontos coloridos aparecem e desaparecem, queimados com paredes amareladas e vitrais.

Dedos mordem meu antebraço, adicionando mais hematomas aos que já estão lá. Meus dentes afundam em minha língua enquanto reprimo um gemido, forçando-o a engolir junto com minha irritação.

Sou eu ou Mo.

E sempre escolherei protegê-la.

Além disso, parece que seus amigos preferem o garoto jovem a qualquer garota.

É amargo, meu ressentimento. Não apenas para Mitch e Amy – meus novos cuidadores sabe-se lá por quanto tempo – mas para todos eles. Os do passado e quem virá no futuro.

Pelo sistema em que estou preso e por este maldito mundo quebrado.

— Lá está ele, — diz uma voz maliciosa enquanto entro na sala infestada de fumaça. Dois cachimbos de vidro estão sobre a cama junto com pedaços de papel alumínio e um mini isqueiro. Cinzeiros, cheios até a borda de bitucas, amontoam-se no centro e em duas mesinhas. O amarelo gruda no que tenho certeza de que já foram paredes brancas – no teto também.

Fiquei olhando muito para aquele teto. Conheço cada solavanco e sulco, cada detalhe de cada mancha marrom de água. Mas enquanto observo Allen – pelo menos, acho que esse é o nome dele; são tantos, todos se confundem — desabotoa a calça dele antes que eu esteja a mais de trinta centímetros dentro do quarto, em vez disso sei o que ele quer.

Minhas pernas me levam até ele sem pensar, sem sentir, e caio de joelhos e coloco as mãos nas coxas. Cavando minhas unhas ainda mais fundo, endireito minha coluna, abro a boca e fecho a porra dos olhos.

Formas e linhas coloridas dançam atrás das minhas pálpebras fechadas enquanto um pedaço pútrido de carne entra na minha boca. Chamo meu foco para os padrões abstratos, trabalhando-os em geometria, ponderando qual deles é um ângulo agudo antes de desaparecer no próximo.

Ah, linhas paralelas. Tem que ser um paralelogramo.

Esse é um... como se chama? Um heptágono. Porra. Desapareceu. Mas aquele... esses são definitivamente ângulos agudos, mas o outro é obtuso. Ah, sim. Definitivamente um triângulo obtuso.

Meu cabelo é arrancado e sou puxado para trás, a coluna estalando com a força. Eu suspiro, resistindo à vontade de vomitar quando uma bota pousa em algum lugar perto da minha virilha.

— Dê o fora daqui.

Nem percebo que estou engolindo sêmen até que algumas gotas escorrem entre meus lábios entreabertos enquanto rastejo pelo tapete arenoso. Assim que a porta se fecha atrás de mim, fico de pé e me inclino contra a parede, desejando que o sangue deixe meu pau meio duro.

Nem consigo me lembrar quando isso começou a acontecer... meu corpo simplesmente assumiu o controle daquele jeito. Como se eu realmente gostasse disso.

Mas talvez eu goste, quem sabe. Já faz tanto tempo e já aconteceu demais. É difícil dizer o que é real e o que é condicionado.

Faíscas de sua conversa errática vazam pela porta de papelão – e nada disso faz sentido, pois ecoa por todo lado. Falando sobre drogas, depois sobre agentes do FBI os perseguindo, preparando-se para uma emboscada. Seus planos de atacar alguém. Fios que o governo plantou na TV e nas malditas paredes.

É tão caótico que faz minha cabeça doer mais do que já dói.

Quando algo forte bate contra a parede, estremeço e corro de volta para a sala, onde tudo está silencioso.

Meu meio sorriso é vacilante, mas genuíno, quando encontro Mo exatamente como a deixei, enrolada, tão pequena e inocente.

Eu faria isso mil vezes só para protegê-la.

Meus joelhos rangem, latejando logo abaixo do osso quando caio ao lado dela, de costas para a parede. Com os olhos voltados para frente, vejo meu reflexo sujo na porta de vidro do fogão. A forma vaga que me encara é irreconhecível. Sujo, feio e deteriorado. Tudo o que sou, bem em exibição.

Odeio o gosto amargo preso no fundo da minha garganta, o cheiro horrível grudado em nós dois. Odeio ter que fazer uma escolha – e nunca poder me escolher.

Não é culpa dela. Também não é minha. Estamos condenados a sobreviver em uma vida a que fomos forçados. Um mundo de malícia e ódio, abuso e tortura.

Alguns não conseguem. E aqueles que o fazem nunca mais são os mesmos, saindo do outro lado mais irritados, estilhaçados e decepados. Irreconhecível como algo humano. Algo tão longe da pureza.

E mesmo que eu ainda não tenha saído – ainda no centro de tudo – já estou mais sujo. Mais desagradável. Pegando cada novo pedaço lascado e moldando-o na pessoa vil que sou em meu âmago podre.

Minhas tragédias me fizeram.

E sou uma maldita abominação.

CAPÍTULO 18

PERIS

Estou preso em um sonho desconcertante, cada fio enrolado como uma teia em volta da minha consciência. Estou hiperconsciente do peso do meu corpo afundado no colchão, da gota de suor escorrendo pela minha têmpora – minha orelha – onde cai no travesseiro abaixo. De músculos rígidos e veias pulsantes.

Estou paralisado.

As memórias de Luke ainda permanecem, uma cobra deslizando dentro e ao redor da minha mente, mas o núcleo da sensação mudou. Não é mais ele em cima de mim, mas...

Abel. Seu nome é de reverência doentia. O calor queima minhas palmas, os dedos afundados profundamente nas cavidades de seus quadris ossudos, prendendo-o no lugar. Não consigo parar de piscar, um movimento rápido de cílios na tentativa de transformar o pequeno corpo acima de mim de volta no que era. Voltando aos cheiros repugnantes. Peso esmagador. Dor abrasadora.

Qualquer coisa menos isso.

O calor envolve meu pau pela primeira vez em anos e perco tudo ao meu redor. Meus ouvidos zumbiam em um grito silencioso enquanto minha visão sangrava. Pulsações pesadas ondulam para dentro, comprimindo meu coração enquanto as chamas o envolvem.

Os músculos se contraem, minhas coxas incham sob a tensão, mas estou suspenso em um lugar longe demais para ser agarrado. Algodão úmido gruda na pele das minhas costas enquanto afundo, minhas unhas curtas cravadas em meu pescoço. Eu suspiro, incapaz de respirar enquanto engasgo com nada. Tudo. O calor. Um inferno.

Me asfixiando.

O gosto é tão real, mais vívido do que qualquer terror que já senti antes, e estou me agarrando à parede do esquecimento, com as unhas retalhadas e pingando vermelho. Carne sobre carne, lisa e grossa. Tapas e mudanças. Fricção abrasadora.

Meu cabelo raspa na fronha, um eco retumbante em meu ouvido. O assobio agudo da respiração entre meus dentes. Dedos dos pés raspando nos lençóis enquanto se enrolam.

Respirações superficiais saem de mim em rápida sucessão, trazendo consciência para a curva dos meus dedos, quase entorpecidos pela profundidade com que estão enterrados no cetim. Mais músculos se contraem à medida que emergem das profundezas tenebrosas, formigando contra o algodão. Meus tímpanos perfuram a cada respiração ofegante, respirando como vapor quente.

Eu me rebelo contra as sensações, gritando enquanto o fogo do inferno lambe para fora e para baixo, formigando nos dedos dos pés antes de mergulhar e envolver minhas veias. Eles pulsam com um calor recém-descoberto. Meus membros travam, ficando tensos em

preparação para o ataque... um que nunca acontece. Apenas êxtase sem fim. Melhor do que qualquer coisa.

A ardência em meus olhos acompanha um calor úmido em minhas bochechas quando a barreira do som se quebra e sou inundado pela realidade.

Eu não quero acordar. Não posso□.

— Peris.

Eu suspiro.

CAPÍTULO 19

ABEL

Estou ofegante, com o rosto enterrado em um travesseiro fofo enquanto a realidade volta, confusa com a névoa nebulosa da embriaguez. Respiro no algodão, concentrando-me no cheiro de lavanda sobre os remanescentes fios de droga queimando os pelos do meu nariz.

Os sonhos não aparecem mais com frequência, mas quando aparecem, são lembranças do que passei por Mo. A única pessoa por quem eu teria feito — e fiz — qualquer coisa. Aquelas que me deixam dolorida, ofegante e desorientado quando acordo com o pau duro, engasgando de repulsa quando percebo que cada homem ainda tinha poder sobre mim, mesmo quando fiz uma *escolha*.

Proteger. Amar.

Apenas para nunca mais vê-la.

Meu pomo de adão engasga enquanto engulo o nó saliente em minha garganta. Ele gruda no ápice antes de descer lentamente pelo meu esôfago para acompanhar meu coração agitado. Dedos formigando contra meu abdômen, evitando prontamente minha excitação enquanto me concentro na batida turva do meu coração contra o esterno. Sinto como o ritmo diminui a cada respiração controlada, o olhar fixo no luar brilhando através das cortinas

fechadas. Prova contundente de que não estou preso em um quarto escuro com nada além de paredes úmidas e mofadas nas minhas costas e piso áspero de madeira compensada sob meus pés.

Mas aqui – em uma cama limpa destinada a mim.

Eu me pergunto se Mo conseguiu escapar... Se ela está em algum lugar seguro e feliz.

Uma respiração escapa entre meus lábios apertados enquanto pisco para a luz branca e luminescente da lua. Ela volta à clareza, grande, redonda e quase cheia. *Ela é – ela tem que ser.* Não há outra realidade que aceitei.

Um grito rouco ecoa pela escuridão, e eu me levanto, balançando enquanto o sangue sobe à minha cabeça, um *baque forte* em meus tímpanos. O edredom envolve meus quadris, expondo meu torso suado ao ar fresco do ventilador. Arrepios, me fazendo tremer quando o barulho soa novamente, mais alto e mais dolorido do que antes. Um grito que reconheço.

Enquanto ando até minha porta com a ansiedade escorrendo pela minha espinha e membros que parecem muito pesados, percebo que ainda estou chapado demais. Observo meus dedos se enrolarem em torno da maçaneta, meu aperto fraco e pesado quando eles finalmente encontram apoio contra o metal chocantemente frio.

Meus ombros rolam com um arrepio na espinha quando ela se abre, e o ar quente da ventilação a trinta centímetros de distância

sopra sobre meu rosto. A voz de Peris gritando para eu sair ecoa em minha mente enquanto abro a porta e entro.

Minha pele se arrepia enquanto a escuridão negra me engole – pele da qual quase salto quando um grito estridente quebra a barreira do som. Com o coração martelando, eu me aproximo, ignorando os alfinetes e agulhas em meu cérebro. Lutar ou fugir, acho que se chama, mas nunca ouvi isso antes, então não vou começar agora.

Ainda não morri, então devo estar fazendo algo certo.

Peris rola e o movimento de seu braço revela a luminosidade vermelha de um relógio ao lado de sua cama. O brilho assustador me dá um caminho escuro até sua cama, onde rastejo com os braços trêmulos. Peris está do lado oposto, deitado de costas e com a cabeça virada para longe de mim. O cobertor foi chutado para baixo, enrolado em suas panturrilhas em sua luta contra seus sonhos, expondo a maior parte de seu corpo nu, que está vestido apenas com uma cueca escura.

Minha cabeça rola sobre meu ombro, pesada demais para mantê-la em pé, enquanto pressiono a palma da mão em sua pele, descobrindo que ela está escorregadia de suor – muito parecida com a minha – e quente ao toque. Esfrego seu suor, ouvindo seus gritos e palavras confusas com simpatia, minhas próprias evocações tumultuadas ainda espumando.

Não, pare, dói. Para para para.

Por favor.

É aquela palavra que afunda como uma farpa.

Eu nunca, nem uma vez, disse isso em voz alta para eles. Eu sabia que isso só iria piorar as coisas, machucar alguém. E por mais que eu tenha fantasiado sobre a morte — como seria muito *mais fácil simplesmente deixar ir*, — sonhei com o dia em que finalmente estaria *mais livre*.

Ter a satisfação de provar que *todos* estavam errados. E eu não sou nada senão teimoso.

Sentindo-me mais fundamentado em minha nova realidade, chego mais perto para passar meus dedos — para arrastar minhas mãos — sobre o corpo de Peris, cavando profundamente em seus músculos na esperança de aliviar um pouco a dor depois que ele acordar.

Podemos ser o que formos em outra ocasião. No momento, é só isso. As verdades foram derramadas, levando-nos a um vórtice do qual não podemos escapar. Fumaça opaca, com cheiro de ozônio e sal. Músculos atrofiados e cordas vocais paralisadas emaranhadas num silêncio gritante.

Sinto sua agonia porque é minha. Intrincado, errático e desconcertante, mergulhado em suor, gritos e um pau duro como pedra.

Muito real. Muito honesto.

Quem nós somos.

Sou desajeitado, mas de alguma forma consigo manobrar cada membro até ficar de joelhos contra a leve curva de sua cintura. As

pontas dos meus dedos agora deslizam levemente sobre sua barriga nua e esculpida. Os músculos se contraem e meu toque ondula como uma prancha de surfe sobre uma onda.

Observo seu rosto, contorcido em seu sono agitado, rugas profundas marcando sua testa, gotas de suor refletidas no brilho vermelho – pouco visível, mas de alguma forma luminoso. Ele é realmente um paradoxo. E o jogo que jogamos há meses foi o melhor momento da minha vida. O empurrão, o puxão. Dor e resistência. Arrependimento e gravitação.

Com um suspiro, mergulho a ponta do dedo no seu umbigo e, com a outra mão, pressiono a linha de crostas exposta sob minha boxer.

Eu gostaria de saber o que há de errado comigo. Por que sinto a compulsão de despedaçar as pessoas só para vê-las se despedaçarem quando caem no chão. Ora, quando finalmente vejo o que está exposto, perco todo o interesse e viro as costas, deixando-os tão sozinhos como sempre estive.

Estou muito ciente disso. Gosto, até. A diversão e os jogos, a exposição de mentiras. Fodendo pessoas que merecem ser fodidas.

Mas isso... com Peris.

Isso é *perigoso*.

Mas, infelizmente, a aparente instabilidade de Peris é exatamente o tipo de perigo que anseio. Cutucando e cutucando todos os seus pedaços lascados. Ele acha que é porque me observou – e é verdade,

de certa forma. Mas ele não sabe o que vi naquela noite. O que o brilho de seus olhos revelou.

Um terror profundo e irresistível.

E agora... está bem na minha frente. O vislumbre do que está em sua essência. Uma parte verdadeiramente crua dele – esse pesadelo. O suor junto com seu corpo trêmulo e rígido. Os apelos choramingados caindo de seus lábios. Seu pau duro pressionando o tecido de sua cueca.

Este é quem ele é. Alguém tão feio quanto eu. Tão podre e arruinado.

Mas há uma *muito* afiada polaridade.

Sou uma vagabunda. E adoro isso.

O poder, o *controle*... É inebriante. E viciante. Não fazia sentido questionar minhas... tendências hiperativas. Eu quero, então aceito – porque é a única coisa *que posso*.

E não ignoro o fato de que tudo o que passei moldou quem sou e o que gosto. *Como eu aceito*. Eu poderia ter nascido assim. Talvez estivesse, mas era muito jovem para descobrir isso sozinho antes de tudo começar. Então, a verdade de tudo isso está perdida em algum lugar no abismo do passado. Minha verdade foi gravada em pedra desde o momento em que minha mãe decidiu que as drogas eram melhores do que me manter, do que me amar.

Um suspiro agudo me tira de meus pensamentos e pisco com um leve peso nas pálpebras, a pele vermelha e ardente. O brilho vermelho

do relógio sangra sobre a pele de Peris, rosado ao refratar gotas de suor. Sinto-me atraído quando passo uma perna por sua cintura, me acomodando em cima de sua virilha. Ele se mexe febrilmente, as feições se contorcem em uma careta enquanto seu pau duro esfrega na minha bunda através do tecido fino da nossa cueca úmida.

Com o olhar fixo em suas sobrancelhas franzidas e lábios apertados, eu me inclino em cima dele. Colocando meu queixo em seu peito, nariz torto roçando seu queixo, inalo cada respiração que ele exala. Sinto cada subida e descida do seu peito, a contração da sua parede abdominal contra as minhas coxas.

Contorço-me um pouco, fascinado com seu sono pesado. Eu teria acordado no segundo em que ouvi o rangido da porta. Talvez seja o meu ambiente que tenha influenciado essa parte de mim, mas eu realmente não entendo a profundidade em que as pessoas caem quando estão inconscientes.

— Sei que tudo o que você está sonhando dói, — sussurro, pressionando a ponta do dedo contra sua garganta para sentir seu pulso. — Mas não precisa. Você pode simplesmente *ser* quem você é. *É tudo que eu sempre quis de você.*

Fiz isso da pior maneira possível – porque é mais divertido – mas o objetivo sempre foi que ele se abrisse. Para quebrar o disfarce de “mocinho” pela farsa que é.

Nunca planejei afundar com ele, mas agora, sentindo a rajada de vento contra meu rosto enquanto mergulhamos nas profundezas do

inferno que sempre conhecemos... Bem, estou feliz por não ter acabado aqui sozinho.

— Posso fazer com que a dor melhore. — Uma verdade que gravo em sua pele enquanto minha boca encontra seu peitoral, a língua se lançando para deslizar sobre sua carne úmida. Sal e almíscar explodem em minhas papilas gustativas e saliva inunda minha boca. Tonto, desço por seu corpo, minha língua é uma tragada molhada. Pegando a ponta de sua cintura, lambo o tecido – algodão, suor e produtos químicos. Puxo sua cueca até os joelhos, parando quando ela se prende no cobertor enrolado em seus tornozelos, deixando suas pernas presas ainda mais.

O contorno sombreado de seu pênis fica contra seu estômago, tão grosso e perfeito quanto me lembro. O gosto do seu esperma ficou preso no fundo da minha garganta. Como parecia bonito, *como parecia certo*, espalhado pela minha pele.

Com a mão trêmula, levo os dedos à boca e os molho no cuspido. Ele desliza por cada dígito, entre eles, e pela palma da minha mão. Pegajoso, alcanço atrás de mim para deslizá-los pela minha fenda, a respiração falhando quando roço o franzido do meu buraco.

O buraco está apertado, a ferroadada poderosa o suficiente para roubar meu fôlego por um momento enquanto eu o atravesso. Não faz muito tempo que fui empanturrado pela última vez, mas isso foi com o sabonete líquido de Peris no chuveiro. Sanitário ou relativamente

seguro... nem perto disso. Mas havia um prazer pervertido em saber que o cheiro dele estava dentro de mim.

E agora, vai ser o esperma dele.

O estiramento do meu dedo indicador perde a dor, então eu o retiro, cuspo mais um pouco e adiciono outro. Minha cabeça rola sobre o ombro, cada respiração é pontuada enquanto encontro conforto no calor do corpo de Peris contra o meu.

Minha euforia se transforma em um zumbido quente e formigante, atraindo um sorriso. O terceiro dedo faz meus olhos revirarem e um zumbido baixo ressoar na base da minha garganta. Minha laringe vibra, enviando arrepios pela minha espinha e pelos meus braços.

O torso de Peris gira, as pernas se curvando enquanto ele grunhe. A ruga entre suas sobrancelhas se aprofunda em uma cratera, sua inquietação se transformando nos primeiros despertares de consciência.

Meus dentes afundam em meu lábio inferior enquanto puxo os dedos do meu corpo, reprimindo um gemido. Moldando meus lábios em um “O”, abaixo a cabeça e vejo uma linha grossa de saliva escorrer direto no pau de Peris. Com uma mão hesitante, envolvo meus dedos em torno dele para espalhá-lo, repetindo o processo uma e outra vez até que ele esteja encharcado e manchado em sua virilha, pingando em suas bolas e nos lençóis abaixo.

Os ruídos que encham a sala são obscenos – cada *pedaço* de carne encontrando carne – mas são os sons vindos de sua garganta

que incendiam minhas veias. Eles são torturados e necessitados. Quebrado. E eu os sinto porque eles são meus também.

Só espero que ele não me mate quando acordar.

Mantendo o joelho esquerdo plantado na cama, mudo o joelho direito, cravando os dedos dos pés no colchão para pairar sobre o comprimento de Peris. Puxo minha boxer para o lado, juntando o tecido fluido na dobra da minha coxa dolorida e me abaixo, girando um pouco os quadris para fazer seu pau escorregadio deslizar pela minha fenda.

Meus olhos reviram com um gemido sem fôlego. Já faz um tempo que não sou fodido de verdade — desde Jason, na verdade — e algo me diz que Peris está mais do que preparado para a tarefa.

Lágrimas inundam meus olhos com a queimação aguda e formigante enquanto o clímax penetra. *Porra, finalmente consegui. Tê-lo.*

Minha mente está guerreando contra os dois seres imaginários em cada ombro enquanto meus dedos sujos mergulham em minha boca e eu os ensaboo com saliva. Passo-os pelo meu buraco, espalhando o máximo que posso antes de envolver os dedos na circunferência de Peris. Minhas coxas tremem quando eu o alinhei com meu buraco, a respiração engatando quando sua cabeça bulbosa desliza contra mim, parecendo muito maior do que parece.

Peris geme dolorosamente e suas coxas se dobram sob mim. Eu ainda, com o peito arfando enquanto espero que ele se acalme. O

quão fodido isso realmente é deveria me afetar de alguma forma. Sua incapacidade de consentir. O que estou *tomando*. Mas sei que é disso que Peris precisa. Apesar de todos os meus jogos e meias verdades, ele precisa não sentir nojo de si mesmo por querer o que quer. Sem culpa, sem receio. Sem mentiras. Não importa o quê, ou *quem*, é – sem vergonha. Porque mesmo com o trauma que sofremos, podemos levar o que precisamos. *Ser* quem precisamos.

E quero dar isso a ele em meio ao pesadelo, transformar a dor em algo melhor. Algo que ele *pode* controlar. Porque ter isso significa *tudo*.

O fogo lambe meu anel enquanto pressiono e a cabeça do pênis de Peris me rompe, mas o alongamento é infinitesimal em comparação com a euforia inabalável. — Porra, — gemo, as pernas tremendo e o estômago tenso enquanto me mantenho empoleirado para não rasgar completamente.

Quero a dor disso. Quero que doa, mas também não quero sangrar. Isso estragaria o clima, só um pouco.

A cabeça de Peris gira para frente e para trás, as mãos flexionadas, os dedos cravados nos lençóis. Veias sombrias incham e dançam. Os arranhões são altos em sucessão com a minha respiração ofegante enquanto pressiono para trás, mas seus quadris se levantam, forçando mais dentro de mim muito cedo. Eu grito, o corpo instintivamente se apertando ao redor dele, transformando o fogo em lava derretida.

Suas mãos encontram meus quadris, logo acima do cócs da minha cueca, e gemo quando ele cava fundo o suficiente para machucar. Uso seu toque como uma âncora, aço endurecido contra a carne flexível, para forçar meus músculos a relaxarem.

Com uma inspiração profunda, balanço meus quadris. Um movimento curto e suave para cima e para baixo que coloca um pouco mais de seu pau em mim a cada queda. Quando a queimação em meus pulmões fica insuportável, desço o resto do caminho. Quando minha bunda bate na parte superior de suas coxas, minha cabeça cai para trás entre os ombros e meus olhos se fecham.

Chamas ardentes lambem meus intestinos, contrastando com o forte arrastar da água contra meu rosto até se unirem em uma colisão arrebatadora.

— Peris.

Um suspiro.

Seus olhos se abrem, o branco é tudo que posso ver enquanto eles se fixam diretamente em mim. Caio imóvel, permitindo que ele me leve. Onde estou e o que estou fazendo.

Sei que é opressor. Para um pesadelo se transformar em algo tão incrivelmente bom. Tão irreal.

— A-Abel? — ele resmunga, parecendo desorientado e... *assustado*.

Concordo com a cabeça, mas não sei se ele pode me ver, então sussurro: — Sim. Sou só eu.

— O que... — Giro meus quadris, gemendo enquanto seu pau se move dentro de mim. Sua cabeça bate na minha próstata e cerro os dentes com o puxão forte na minha virilha.

Os quadris de Peris balançam, me fazendo cair. Agarro-me, as unhas marcando seu peito enquanto caio de cara nele. Suas mãos se movem dos meus quadris para o meu rosto, os dedos cavando em minhas bochechas enquanto ele afasta meu rosto dele como se não suportasse o toque.

O arco de seu polegar e dedo indicador toca a carne de minhas bochechas, meus lábios entreabertos. Seus olhos vão e voltam entre os meus, um flash branco enquanto ele procura por algo.

A pulsação pulsante de seu toque irradia pela minha mandíbula, indo direto para o meu pau. Choramingo enquanto ele flexiona contra o estômago de Peris. O arrastar da carne dura o faz saltar de sua pele, o braço arrancado do meu rosto enquanto ele recua.

Meu queixo estala com a liberdade recém-descoberta enquanto giro meus quadris novamente lentamente, com a mente confusa e agitada.

Seu peito está arfante, a respiração alta e agradável enquanto se espalha pelo meu torso. Sua careta é tão afiada e assustadoramente crua enquanto ele olha para baixo entre as minhas pernas com olhos arregalados e cheios de medo. Não sei o quanto ele consegue ver no brilho rosa embaçado, mas espero que seja o suficiente.

Peris fecha os olhos com força enquanto vira a cabeça para enterrar o nariz no travesseiro. Ao inspirar, seu estômago afunda, fazendo com que suas costelas se projetem enquanto ele o segura, sufocando e sem fôlego: — E-eu não posso. Ficarei doente. — Ele convulsiona com ânsia de vômito, e a curvatura de seu corpo o envia mais fundo dentro de mim, fazendo nós dois gemermos em uníssono com o novo arrasto de fricção.

Envolvo os bíceps de Peris com os dedos e cravo as unhas até que estejam enterradas na carne. — Olhe para mim. — Ele engole em seco e balança a cabeça, os tendões inchando enquanto ele se afasta, como se algum dia pudesse encontrar consolo no algodão do travesseiro.

Meu peito dói por ele.

Manter-me imóvel quando sinto a contração de seu pau dentro de mim traz um novo nível de autocontrole que eu não sabia que possuía. Mas consigo fazê-lo com os dentes cerrados e com a sensação do corpo dele, tão tragicamente vulnerável, abaixo de mim.

— Peris.

Ele engasga, pegando um suspiro. — Abel, — sua voz vacila, — você precisa... isso é demais. Não posso. N-não depois disso... — Suas pernas estão tendo espasmos, os quadris girando no que parece ser por vontade própria. Isso envia calor através de mim, e não quero nada mais do que deixar cair a cabeça para trás e apenas *sentir*... mas preciso levar Peris para lá também.

Ele não pode odiar isso. Não vou deixá-lo.

Eu me abaixo e coloco meus dedos na base de sua garganta. Sinto o movimento da cartilagem enquanto ele engole. — Os pesadelos, eu sei. — Minhas palavras são apertadas, mal conseguindo escapar da minha garganta. Não percebo que minhas próprias lágrimas estão escorrendo até que uma gota escorre do meu lábio superior e cai no peito de Peris. Fico olhando para ele por um momento, odiando o calor do constrangimento. De vergonha.

Do que é real.

— Mas você pode, querido. Apenas *olhe para mim*.

Os segundos passam em várias vidas. O ar carregado, mas tão parado, como se uma simples faísca de estática nos engolisse no fogo do inferno.

Observo com olhos turvos enquanto seu rosto sangra através de suas emoções, todas exibidas de forma tão vívida. Horror, confusão, repulsa – há muito disso. Dor e aflição.

Medomedomedo não diluído.

E então... seus lábios se curvam em desdém enquanto ele abre os olhos, preso e olhando para mim com intenção maliciosa.

Eu sorrio.

Aí está meu garoto Peri.

— Sim, isso é bom, querido. Você pode ficar com raiva. Isso ajuda. Algo familiar que seja mais fácil de controlar. — Aperto meus

lábios e os pressiono em sua pele nua. Ele sibila e rosna, estalando as mandíbulas como um cão selvagem.

Estou exultante.

— Eu te odeio, porra. — As palavras venenosas ecoam enquanto ele as pronuncia. — Você acha que está tudo bem? — Ele levanta os quadris. Meus olhos reviram quando o ar é expulso dos meus pulmões, a pele da minha bunda arde com o tapa.

— Não. — *Eu realmente não – eu simplesmente não me importo.*

— Porque não está, porra. Isso... — Peris rosna. Segurando meus quadris, ele me prende em seu peito enquanto as pontas dos dedos deslizam sob minha cintura, puxando minha boxer contra minhas queimaduras mais recentes. A mordida afiada e vacilante da verdade envolve como um torno meu coração acelerado, pronunciada em cada estocada.

Eu grunhi a cada tapa, o rosto deslizando sobre seu peito escorregadio. O suor queima meus olhos. — Não, — resmungo através de seu abuso. Sua martelada intensa diminui um pouco, permitindo-me respirar fundo.

Porra, havia um propósito para isso, mas a névoa em minha mente está dificultando o pensamento. As endorfinas correm pela minha corrente sanguínea, me enviando cada vez mais alto. A pressão forte e muito seca. O empurrar e puxar.

Ódio e desejo.

Medo e *aceitação abominável.*

Mostro minha língua novamente, precisando prová-lo. Peris agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para trás. Seus olhos estão semicerrados, seu disfarce quebrado em uma mistura de ódio excitado. Fica bem nele – e ele fica bem em mim.

Sua língua dispara, passando por seus lábios carnudos, e meu cérebro falha. Estou de queixo caído e estupefato, e aperto seu pau porque não posso. Mesmo na escuridão sombria, o brilho dos seus olhos é transparente.

Ele quer tanto odiar isso.

— Tudo bem em me foder. Querer. — Minha língua pesada finalmente forma as palavras, mesmo arrastadas. Aperto em torno dele.

Os olhos de Peris apertam como se ele não entendesse. — Não é... tão simples, — ele grita, flexionando os dedos na minha pele.

— É uma sensação boa, certo? — Pergunto, já sabendo que sim. Ele pode odiar isso tanto quanto quiser, mas agora que tomei a decisão dele, é tão fácil quanto respirar.

Tudo o que ele precisa fazer é respirar.

Coloco minhas mãos em seu peito para me levantar, bufando enquanto seu comprimento muda dentro de mim, se estabelecendo mais profundamente. A cabeça de Peris rola para trás no travesseiro, o cabelo suado despenteado e grudado na testa. Cada músculo sofre espasmos enquanto nos absorvemos um no outro. Ódio por ódio. A feiura foi revelada.

Em meio a lágrimas sangrentas, pronuncio as palavras que sempre quis que alguém me dissesse, mesmo que eu não *precisasse* delas para me descobrir. Para ser feliz com quem sou.

— Mesmo que seja com um homem, comigo *isso* não muda quem você é. Porque você sempre *foi isso*. — Agarro sua mão para arrastar minha boca sobre os nós dos dedos. — Você simplesmente não achou que conseguiria. — E então, coloco a palma da mão contra meu pau coberto com um pequeno sorriso. Seus dedos flexionam, enrolam. Engulo.

— *Quem quer* que sejam... eles não controlam você, Peris. *Você* detém todo o poder agora. Leve de volta comigo. Tire isso *de mim*. — Balanço para trás lentamente, arqueando as costas contra o meu aro. Ofegante, pego sua mão em mim e o faço sacudir meu pau uma vez, da raiz às pontas, através do algodão esticado. Um beijo no ar. — Porque conheço a sua dor – é a mesma que a minha. E você precisa saber que mesmo com seu pau na minha bunda, você ainda é digno do amor que acha que não merece.

A contração em sua mandíbula, em seus olhos, o tremor que irradia de sua mão para meu pau, me faz pensar que falei demais. Cedo demais. Hora errada, lugar errado para ir tão fundo quando, na verdade, nunca deveria ser *tanto*. Tão real e *cru*. *Para nós dois*. Meus olhos arderam novamente com mais lágrimas, sem a intenção egoísta de manipular. Apenas o meu próprio medo e indignidade – e os dele – são iguais.

A boca de Peris se curva acentuadamente, muito sinistra no brilho rosa-avermelhado à sua esquerda, os dentes brilhando enquanto ele passa a língua na frente. Seu domínio sobre mim se contrai quando ele se levanta, prendendo nossos torsos, escorregadios de suor.

Com os dentes nos meus lábios, ele pergunta: — Quem está com medo agora? — Meu coração instável bate em cacofonia enquanto abro a boca para sentir seu hálito. Quero usar novamente seus hematomas, a prova de seu ódio.

Ele me deixa bonito, transformando toda a minha feiura miserável em algo que alguém talvez *queira*.

Ele me prende com um braço em volta das minhas costas, o outro ainda no meu pau. Seus caninos raspam meus lábios por uma batida instável antes de ele descer, enfiando a língua na minha garganta, pegando o que quiser.

Caio contra ele, perdendo força enquanto ele cresce, um enxame escuro nos engolfando enquanto nossos demônios dançam, impossivelmente entrelaçados. Línguas deslizam juntas, para sempre um choque de dentes. Chocante, sangrento e perfeito enquanto devoramos os piores medos um do outro.

Engulo cobre enquanto ele rasga a boca em um rosnado, uma vibração baixa e perigosa na medula dos meus ossos. *A aceitação de sua verdade.*

— Peris, *por favor*. — Uma novidade para nós dois. — Por favor...
— Com a mão na minha garganta, ele cai de volta no travesseiro.

Dedos espalhados pela minha cintura, apenas segurando – sem machucar.

— Cale a boca e me foda, *Nanico*.

CAPÍTULO 20

PERIS

Mesmo com uma aversão virulenta agitando minha corrente sanguínea, a figura sombria em cima de mim, balançando lentamente, girando os quadris e gemendo como uma prostituta, é *tudo* que sinto.

Não é o desgosto que sei que existe. Nem mesmo a vontade de empurrá-lo.

Apenas flashes de pânico, seu corpo ágil e o buraco apertado dentro do qual estou enterrado.

— Porra, — grunhi quando o pau de Abel se arrasta contra meu estômago, pegando meu umbigo. Ele choraminga, captando o som através dos dentes enquanto afundam em seu lábio inferior gordo. Sua laringe rola contra minha mão, lembrando-me de quão forte meu aperto realmente é. Relaxo e ele respira fundo.

O arranhão de sua boxer barata contra minha pele me faz *queimar*, e o único consolo que encontro está na dobra suave de suas coxas, os dedos em suas queimaduras. Minhas unhas se arrastam ao longo da pele acetinada, uma fricção lenta e hipnotizante.

Pisco e, com meus olhos ajustados à escuridão, o estranho brilho vermelho do meu despertador parece mais rosado enquanto banha a pele de porcelana de Abel. *Um demônio no corpo de um anjo.*

Sua mandíbula está frouxa, as pálpebras semicerradas enquanto seu queixo se arrasta sobre o esterno ossudo a cada rotação sem pressa. A maneira como seu esqueleto se move sob sua carne fina não é natural e, por um segundo, presumo que ele esteja prestes a perfurar e finalmente terei um vislumbre de seu interior branco como osso. Mas então, suas palmas batem no meu peito, e a dor é forte o suficiente para me puxar de volta para a pressão suave de seu pequeno pau duro e bolas lisas presas entre nossos torsos.

Os lábios de Abel estão a centímetros de distância, a respiração muito quente e rápida sobre a minha, os olhos ainda tão afiados na escuridão. Piscinas brancas e brilhantes de mercúrio circundando-as.

O mesmo que eram há meses atrás. Só que agora sou *eu* contra ele. Tocando-o, saboreando-o.

Com um suspiro e um beijo hesitante, o canal de Abel se contrai ao meu redor, arrancando um gemido da minha garganta. Minha cabeça rola para o lado enquanto as lágrimas ardem espontaneamente. Vê-lo e senti-lo simultaneamente... é... é demais.

Não posso...□

Talvez se eu mantiver os olhos fechados, eu possa fingir...

— Não. — Sua voz melódica, obstruída pelo cascalho, permeia minha mente. Cílios roçam minhas sobrancelhas enquanto meu corpo segue o som de sua própria vontade. Abel não está mais se movendo, apenas um peso leve em cima de mim. Um manto de realidade nesta incerteza difusa.

— Não faça isso, — ele diz tão suavemente que mal ouço — o tremor de pânico. Ele afunda em minhas veias como o golpe de presas, todo veneno e toxina enquanto rejuvenesce.

Eu me agarro a ele como se fosse uma tábua de salvação. Virando a cabeça para trás, arrasto as palmas das mãos até suas coxas, sobre a pele texturizada e o algodão úmido, puxando a bainha para que morda a pele macia de suas bolas. Seu silvo é exatamente o que preciso.

— Não o quê? — Pergunto, puxando um pouco mais forte.

Abel tenta se reajustar contra a nova pressão contra suas partes mais sensíveis, mas não lhe dou o adiantamento. Encontro a pequena depressão sexy em sua cintura e o aprofundo, mantendo-o exatamente onde eu o quero. Onde ele deveria estar sempre.

Não precisa doer.

— Não aja como... — Flexiono meus quadríceps e glúteos, e o breve movimento o interrompe. Ele choraminga, as unhas arranhando meu esterno enquanto tenta se equilibrar. A vibração de seu canal ao meu redor torna tudo um pouco mais escuro, muito mais nebuloso.

Balanço de novo, precisando de mais. Abel cantarola baixinho e tenta alargar as pernas, mas o tecido já está esticado o máximo que pode. Ele bufa, irritado com uma curva bonitinha em seu lábio superior. Meu polegar descansa nele, a almofada cravando-se em seu dente torto.

Sua língua sai, passando pela minha pele antes de sugá-la em sua boca. Lixa lisa e cuspe envolvem o dígito. Minha unha arranha seus dentes quando ele avança contra a rotação dos meus quadris abaixo dele.

Raspo minhas costelas afiadas até encontrar a barra torta em seu único mamilo. Torcendo os lábios, agarro a ponta e puxo, observando o pequeno botão se esticar e então continuo puxando.

Abel choraminga, caindo para frente contra a pressão. Quando sua boca está mais uma vez a centímetros de distância, arranco minha mão para colidir a minha com a dele, precisando daquela dor, da repulsa inevitável que se segue ao saboreá-lo... só que nunca chega.

Há apenas fervor ardente e *raiva*.

Porque ele tirou isso de mim. A *única coisa* que eu sempre soube que estaria lá. Uma peça que se tornou parte de mim.

— Você não consegue parar *de pensar* pelo menos uma vez? — ele pronuncia suavemente contra meus lábios. Assobio e o puxo para trás com um punhado de seu cabelo, suas costas se curvando enquanto me levanto. A mudança de movimento envia meu pau mais fundo dentro dele, e nós dois gememos em uníssono.

— Eu faria isso se você fizesse o que lhe foi dito, — zombo. — Você deveria estar me fodendo. *Lindamente*, devo acrescentar. Não falando malditamente.

— Você ao menos sabe o que quer, Peris? — Não gosto da insinuação da pergunta dele, mas é claro que o pirralho não dá a

mínima para isso. — Num minuto, você está perdido nisso, e no próximo, você está tão imerso em sua cabeça que esquece que estou aqui. Com você, assim. — Ele acentua seu ponto apertando sua bunda em volta de mim.

Quero gritar com ele: *Você não sabe o quanto isso é difícil. O que isso significa...* mas a constrição lancinante faz meus quadris se levantarem. Abel resiste, enfrentando meu impulso com um dos seus, e o golpe de carne ricocheteia nas paredes.

Minha respiração falha, aguda pelas narinas. Seu sorrisinho desagradável distorce suas feições, e o brilho rosa assustador nunca pareceu tão adequado. — Se você quiser bonito, querido, eu posso dar isso para você.

Seus braços se estendem para trás, dedos longos segurando firmemente a carne da parte superior das minhas coxas. Olho através das sombras cor-de-rosa enquanto ele se inclina para trás, o corpo curvado com o queixo no peito, e começa a me foder tão lindamente quanto prometeu.

Estou sem fôlego, observando o movimento de seus quadris, a forma como seu pequeno pau se esforça contra sua boxer. Seu cabelo cai sobre sua testa, roçando seu nariz torto. Olhos – de metal penetrante – enquanto ele me encara por baixo dos cílios.

Não há como fingir que ele não é quem é... Mas ele também não precisa saber disso.

O toque do algodão contra a lateral do meu pau irrita, e cerro os dentes quando Abel cai novamente. O aperto de uma mão aumenta para manter o equilíbrio enquanto a outra serpenteia dentro de sua cueca, flexionando os bíceps a cada movimento do punho. Sua cabeça cai um pouco mais para trás a cada balanço, tornando tudo muito mais fácil.

Ele está tão focado em si mesmo quanto em mim, e nunca vi nada mais quente. A pornografia não tem nada a ver com Abel Silver e suas proezas sexuais.

Agarro a aba no centro de sua boxer e a abro. O tecido rasga, enchendo a sala com uma vibração estática que deixa Abel arrepiado. Ele engasga ao se libertar do material, que agora está pendurado em pedaços ao redor de seus quadris e coxa esquerda.

Toda a sua virilha está agora exposta, e estou preso em algum lugar entre a vida e a morte, o ódio e as mentiras. Sempre um e o mesmo.

— Você vai ter que... *mmm*, me comprar novos — murmura Abel. Eu rio, girando meu pescoço enquanto o calor se espalha.

É tarde demais agora.

Não faz sentido lutar contra isso... mas será que alguma vez houve mesmo?

Abel Silver sempre foi inexorável. A entidade de tudo que cobicei e odiei. Uma prova do meu passado e a prova inegável de que não precisava ser assim.

Tão cheio de malícia e desprezo.

Eu poderia ter sido... bem, nada bom, porque Abel com certeza não está nem perto disso. Mas eu poderia estar bem com isso – quem eu sou.

Talvez em outra vida. Este já foi longe demais.

— Não precisa fazer nada além de ficar aqui, Nanico.

— *Mhmm*, — ele fala lentamente com outro movimento pontuado, o som saindo de sua garganta é mais profundo do que qualquer coisa que já ouvi. É então que percebo que o atrito não vem de sua boxer, mas de onde estamos conectados.

O arrasto do meu pau em seu canal é muito apertado, muito... *seco*. A compreensão suga a respiração dos meus pulmões, agora sabendo como é a sensação em ambas as extremidades. E eu *odeio* *isso*.

Agarro a coxa de Abel, minha outra mão sempre descansando em sua cintura.

— Por que sua boceta está tão seca, Nanico? — Eu pergunto com os dentes cerrados. Minhas bolas estão apertadas contra o meu corpo, e lutar contra a onda de fervor exige cada grama de autocontrole que claramente *não* possuo.

Os movimentos de Abel falham, os quadris param bruscamente. Seu pênis balança onde está curvado contra seu estômago, a glândula espalhando-se em seu rastro feliz. Meus dedos se contorcem para

arrastá-lo, por cima dele. Para cravar minha unha sob a cabeça bulbosa.

Está muito escuro para ver sua pele, mas tenho a sensação de que ele está corando, o que *me foda*, se isso não me faz perder um pouco o enredo.

Disparo para cima e puxo Abel contra mim enquanto nos viro. Suas costas caem no colchão com um grunhido ofegante, seguido por gemidos de dor mútuos quando eu me acomodo entre suas coxas abertas com um impulso que envia seu pênis magro arrastando-se sobre meu abdômen.

— Responda-me, — grunhi em seu pescoço.

Sua respiração está mais rápida do que já ouvi, ainda mais do que quando o sufoquei com meu pau. Isso faz meus lábios se contorcerem.

— Só não... não tinha nada, — ele responde entre cada inspiração, os dedos arranhando minha espinha. Bufo em descrença.

— Imaginei que uma prostituta como você estaria sempre preparada. — Aperto sua pele entre os dentes e me afasto. Abel sibila e sobe na direção da minha boca. Rangendo os dentes, saboreio a flexibilidade de sua carne, roendo até sentir gosto de cobre. — Gosto da minha boceta molhada, Nanico. — Faço uma pausa e coloco meus olhos entre os dele. Quando ele não se move, bato nele só para fazê-lo gritar. — Então deixe-a *molhada pra caralho*.

— Com o quê? — ele engasga, a garganta entupida de lágrimas. Emitir o que não posso, e é *música para os meus ouvidos*.

— Loção. Na gaveta. — Eu viro minha cabeça para minha mesa de cabeceira.

— Você não pode pegar?

Eu me afasto de seu calor com um silvo quando minha palma se conecta com sua bochecha sem pensar. A cabeça de Abel vira para a direita, o nariz quase enterrado na minha fronha.

Meu pau balança entre nós, roçando a parte interna de sua coxa quando sua própria mão sobe para embalar seu rosto. A minha segue numa carícia gentil. — Não, não posso.

O tempo desacelera na fração de segundo entre o processo de pensamento de Abel e o movimento de sua reação. Ele se levanta, quase me dando uma cabeçada enquanto seu próprio braço gira, e então os nós dos dedos cheios de cicatrizes explodem em chamas ao longo da minha mandíbula.

A força de seu soco me derruba quando caio de cócoras, piscando rapidamente através dos flashes que pontilham minha visão. Os ombros de Abel roçam suas orelhas, o corpo inteiro vibrando de raiva. Seus lábios são como um anzol, narinas dilatadas, pequenos punhos cerrados.

Fico boquiaberto, abrindo a boca com um estalo na mandíbula. Uma pulsação latejante irradia na junção dos ossos, percorrendo meu pescoço e descendo pela coluna.

Pisco novamente. Prendo meu lábio entre os dentes enquanto toco o que sei que será um hematoma amanhã. — Você acabou de me bater?

— *Você acabou de me bater?* — ele retruca, os cílios tremulando rapidamente como se estivesse contendo as lágrimas. Abro um sorriso tão largo que estremeço quando meu queixo estala novamente.

— Olho por olho, — murmuro enquanto coloco minha mão no meu pau para apertar a base quando minhas bolas pulsam com liberação iminente. Minha cabeça gira enquanto luto contra ela, respirando através de cada pulsação como um batimento cardíaco negro sobre minha visão.

— Você vai gozar? — Abel pergunta, parecendo incrédulo.

Chupo meus dentes. — Não até que eu esteja dentro de você novamente. Ah, não me olhe assim. Você e eu sabemos que você quer ser preenchido, Nanico. — Eu me inclino até que as pontas dos nossos narizes se pressionem. Fico um pouco vesgo ao dizer: — Quero dizer, é por isso que não estou usando camisinha agora, não é?

Sua garganta rola, a cartilagem afiada atrai meu foco. Mergulho para beliscar. — Eu nem sequer...

— Tarde demais agora, — sussurro. *É tarde demais para tanta coisa.*

Ele estremece, e o gosto de seus arrepios cria alguns dos meus próprios arrepios.

Com a mão trêmula, Abel se estende por cima da cama em direção à minha mesa de cabeceira, mas o apoio de suas pernas em volta das minhas o mantém preso. Grunhindo baixinho, ele rola e abre. As coisas chacoalham por dentro enquanto ele cava, eventualmente saindo com um pequeno frasco de lubrificante.

Ele o segura de costas para mim. Meu olhar segue a curva alongada de sua coluna e sobre o inchaço de suas nádegas a poucos centímetros de distância. Um traseiro no qual acabei de ser enterrado. Tão quente e apertado e *impossível*... — Você realmente ia me fazer usar loção? — Abel exige.

— Esqueci que estava lá, — respondo honestamente. Isso o faz rir por algum motivo. — O que?

— Nada, querido. Você vai me assistir? — Ele pergunta timidamente enquanto cai de volta no colchão, abrindo as pernas em volta dos meus quadris. Olho para ele.

— Ao contrário de... o quê?

Abel abre a tampa e espreme o líquido nos dedos. Sua mão serpenteia entre as pernas, o antebraço arrastando seu pênis enquanto seus dedos desaparecem em sua fenda. Ele se contorce por um momento. — Só não achei que você gostaria de ver, só isso. — Sua resposta é mais suave, insegura.

— Pensei ter deixado claro que seu buraco é meu. — *Meu... ele é meu.*

Sua expiração é alta entre nós. — Sim.

Dou um tapa de leve em seu lindo rosto corado de novo – porque posso – e então estendo a mão para agarrar sua garganta com um suspiro. Seu pulso está irregular, batendo logo abaixo da pele enquanto seu braço começa a tremer. Olho para baixo entre nós, com a boca seca enquanto nossos pênis roçam com cada pequeno giro contra sua mão.

Meus quadris caem, prendendo o braço de Abel ao lado de nossos paus. Seus dedos roçam minhas bolas, me fazendo estremecer enquanto ele respira em meu ouvido: — Não consigo me esticar quando você me prende.

Com uma zombaria, eu me afasto, ampliando minha postura enquanto me sento de cócoras. Olhando para Abel, minha boca se curva em um sorriso. Um nanico tão sujo.

— Eu disse que queria você molhado, não esticado.

Seus lábios se abrem em um “O” antes de ele concordar. — Eu estou.

E isso é tudo que preciso para agarrar meu eixo e me direcionar de volta para seu túnel de calor. Há resistência quando empurro seu anel. Abel grunhe e mexe os quadris, os dedos prendendo os meus enquanto ele muda o ângulo.

Com uma voz rouca, ele diz: — Tente novamente. — Coro com sua orientação. E eu gostaria de poder olhar para ele, para ver o que quer que ele esteja sentindo, mas quando pressiono para frente e Abel empurra para fora, sou sugado para dentro e tudo se perde a partir daí.

— Jesus, porra, — gemo, engasgando com meu coração quando ele bate dentro da minha garganta. Abel grunhe baixinho. Gotas de suor lambem seu lábio superior, então me abaixo para passar a língua. Ele se arqueia para pegar minha boca.

— Como você está tão apertado? — Cerro e bato minhas coxas em sua bunda, enterrada profundamente.

Seu pequeno e ofegante “*Oh*” fica preso em sua garganta, mesmo quando queima através de mim. O corpo de Abel é flexível e pequeno embaixo de mim, as pernas dobradas em volta dos meus quadris, os calcanhares cravados na parte inferior das costas. Dedos arranham minha pele, rastros individuais de fogo que só me fazem subir ainda mais.

Estou perdido no movimento de nossos corpos se movendo juntos. Ele responde a cada impulso brusco com um arco descendente próprio. Unhas cravadas, dentes se chocando, gosto de cobre e desespero. As respirações tornam-se uma só até que resta apenas a dança dos demônios enterrados no sexo.

— Toque-me, — ele implora, arrastando a língua pela minha garganta. Ele chupa a pele e retribuo o favor – com muito mais dentes.

— Toque-se, — rosno, sacudindo seu piercing no mamilo antes de subir para provar sua boca. A saliva vaza entre nós, espalhando-se e juntando-se às gotas de suor. Os líquidos abundantes tornam o deslizamento muito mais fácil. Uma dura rotina de necessidade e ódio.

— Não consigo alcançar, — ele choraminga desesperadamente enquanto seus dedos flexionam contra meu abdômen. Pego uma lágrima quando ela escorrega, arrastando-se pela pálpebra até a barra na ponta do nariz. Passo a língua na prata de cada lado antes de descer até o buraco permanentemente machucado sob seu olho.

— Porra. — Eu me abaixo e enfio meus dedos em sua bunda para nos rolar de volta. A virada faz Abel ofegar, e ele agarra meus ombros enquanto caio para trás. O impacto é chocante, e não consigo respirar enquanto Abel o leva com calma, sem diminuir o ritmo nem por um momento.

Ele está menos reservado desta vez. Não se preocupando em ir devagar ou fazer durar. Meu lindo pequenino pega o que quer e faz com que seja bom para mim.

— Porra, filhote, é isso. — *Jesus, eu realmente resisti a isso?*

Inferno, que se dane. Vale a pena.

Abel choraminga enquanto salta no meu pau, com as mãos enterradas nos cabelos e a cabeça jogada para trás. Seu pequeno pau balança no ar entre nós, criando o mais doce tapa com cada impacto chocante de sua bunda em minhas coxas.

Cada gota, ele aperta seu buraco, apertando seu anel firmemente em volta da minha base enquanto ele se levanta, apenas para repetir o vórtice consumidor novamente.

Minhas mãos encontram seu abdômen côncavo, e o rastro de pelos é tão grosso, mas ainda mais macio do que pensei que seria. Arrasto meu toque, tocando seu umbigo, o que faz seus quadris gaguejarem em seu movimento.

Ele dá um tapa na minha mão com uma carranca. — Não.

— Farei o que eu quiser, e você será um bom cachorrinho se lembrar disso. — O flash em seus olhos, o estrangulamento impossível em meu pau, prova o quanto ele adora isso.

— Peris... — Desço seu rastro feliz e chego aos pelos em sua virilha, enrolados, loiros e grossos. Abel estremece ao meu toque, e quando roço a pele sedosa e esticada de seu eixo, ele sacode contra os nós dos meus dedos enquanto pulsa.

O esperma jorra de seu buraquinho até minha barriga, quente e leitoso. — Oh, merda. *Hum*. — Sua cabeça rola entre os ombros, lençóis brancos cobrindo seu rosto. Estendo a mão para afastá-los. Abel se vira e pega minha mão, espalhando os lábios sobre seu sêmen.

— Por favor, entre em mim, querido. Quero sentir você dentro de mim. — Quando sua língua sai, olhos nebulosos e derretidos presos nos meus, canal ondulando enquanto ele balança seu caminho através de seu orgasmo, a minha bate em mim como uma parede de tijolos.

— Jesus Cristo, Nanico, — resmungo, revirando os olhos quando meu pau empurra dentro de sua bunda, enchendo-o exatamente como ele queria.

Quando a sala volta para mim, há flashes borrados. Branco e rosa, preto e cinza.

O peso muda e o ar frio atinge meu pau, me fazendo sibilar. A cama afunda, atraindo meu foco. Minha cabeça gira para a direita, observando Abel enquanto ele fica instável ao meu lado. Estendo a mão para passar os nós dos dedos sobre suas crostas, virando-me para pegar uma delas com a ponta da minha unha.

Bufando, ele se afasta, deixando minha mão pendurada no ar. Sua boxer não passa de restos quando ele a tira, manchando meu carpete.

Só quando ele me vira as costas é que isso me atinge. *Ele está indo embora.*

Meu peito aperta. — Onde diabos você está indo?

Abel olha por cima do ombro, os dedos em volta da maçaneta. Passo meus olhos por seu corpo nu, pelos fluidos brilhantes que o cobrem.

Realmente não consigo explicar as batidas erráticas do meu coração, a não ser pelos efeitos posteriores de gozar com tanta força.

— Para a cama. — Seus olhos se voltam para o meu relógio. — Está tarde.

Minhas sobrancelhas franzem quando olho para os números atrás de mim. Quando olho de volta para Abel, ele se foi, a porta se *fechando* com sua partida.

Com as mãos em meu cabelo suado, ofego para o teto, a pele ainda formigando com a abertura e me sentindo muito apertada sobre meu esterno.

Espero com a respiração suspensa que tudo me atinja. Mas depois da vigésima nona mudança consecutiva de números no relógio, finalmente me dei conta de que isso é tudo que existe.

Não a vergonha e o desgosto inevitáveis que eu esperava, mas, em vez disso, uma solidão terna e corrosiva.

— Bem, porra.

CAPÍTULO 21

PERIS

Vou matá-lo, porra.

Bunda perfeita e apertada que se dane. Ele vai morrer.

Gabe balbucia enquanto salta do carro atrás de mim e bate com os nós dos dedos no teto. — Que porra é essa? — Aparentemente, todas as pretensões de nossa discussão desapareceram enquanto nós dois olhamos para a... surpresa que Abel me deixou.

Puxando meus fios molhados, reviro os olhos, os dentes cravados no interior da minha bochecha.

— Ele levou isso a um nível totalmente novo.

— Você não diz, porra.

— Então... você não quer um novo começo? Porque você ainda está sendo um idiota, — Gabe diz depois de uma breve pausa. Olho por cima do meu ombro. Seus olhos castanhos são quentes sob os raios de luz amarela, seus cabelos cacheados parecem ter fios dourados entrelaçados.

Reflito sobre suas palavras enquanto o estacionamento fica lotado, nossos dois carros bloqueando o fim da pista. Alguém buzina, então levanto o braço para cumprimentá-los sem desviar o olhar da tinta spray rosa brilhante. Uma porra de um *rosto sorridente* ao lado de

“*Peris Baxter*” e “*Go #3*” seguido por um coração de aparência estranha e o nome *Nanico* com um “*xxoo*”.

Beijos e abraços de merda, minha bunda. Não pode nem se dar ao trabalho de escrever beijos como uma pessoa normal.

Todas as outras vagas de estacionamento dos jogadores do time do colégio são decoradas com giz das outras líderes de torcida – como diz o ritual do primeiro jogo – mas é claro, Abel teve que ir além e literalmente *grafitar* a minha vaga.

— Se eu for expulso da porra do jogo por isso... — eu rosno. Puxar meu cabelo não ajuda, mas é tudo o que tenho quando uma multidão começa a se reunir, interessada na minha imobilidade e na de Gabe.

— Não, você vai ficar bem. Não foi você quem fez isso.

— Você acha que isso realmente importa? É uma porra de tinta spray, Gabe. — Vozes gotejam ao meu redor enquanto a multidão se reúne. O suor percorre minha espinha, queimando até o aperto em meu estômago que não desapareceu desde que Abel saiu do meu quarto sem olhar para trás.

Quero dizer, sério. Qual é o problema dele? Ele puxa tão quente e frio, agindo como se quisesse rastejar pela minha bunda em um minuto, e no minuto seguinte como se nunca tivesse me tocado, nunca engasgado com meu pau ou provado meu esperma.

Nunca sentou no meu pau enquanto eu *dormia*.

— O que aconteceu? — Gabe pergunta, batendo em meu ombro. Isso me desequilibra e estendo a mão para agarrá-lo. Pisco através de um raio de luz que brilha entre nós e me afasto dele.

Levantando a mão até as sobrancelhas para bloquear, vejo um brilho no alto. Pisco rapidamente algumas vezes, fechando um olho enquanto inclino a cabeça para trás, os olhos examinando o prédio. Outro flash no meu periférico.

Franzindo a testa, murmuro: — Que porra é essa?

E é aí que eu o vejo.

O sol está brilhando nas tachas prateadas de seu cinto. Quase nada se você não estiver olhando. Mas lá está ele, porra. No maldito *telhado*.

Estreito meus olhos em sua forma andando. Seu braço se move para frente e para trás no ar, mas não consigo dizer o que ele está fazendo daqui de baixo. Não sei como diabos ele conseguiu chegar lá, mas estou prestes a encontrar a bunda dele e dar uma surra nele.

Talvez então eu possa entender isso... essa bagunça.

Afasto-me de Gabe para entrar no meu carro e mudar para dirigir. Depois de duas batidas do meu dedo indicador contra o volante sem ninguém se mover, deitei na buzina, mantendo-a pressionada em um bipe prolongado até que os corpos se movessem e eu pudesse estacionar em cima do que Abel... seja lá o que for.

Enfiando as chaves na bolsa, jogo-a por cima do ombro e bato a porta atrás de mim. Gabe surge do nada, os dedos segurando meu

ombro enquanto caminhamos lado a lado. Os olhos nos seguem – quentes, coçando e irritantes – mas é mais fácil ignorá-los com um objetivo único.

— Você vai me contar o que aconteceu? — Gabriel pergunta novamente enquanto se inclina, tirando meu equilíbrio. Resmungo e empurro-o para trás enquanto passo por cima do meio-fio, caminhando com determinação em direção às portas da frente.

— Não há nada a dizer, — respondo distraidamente enquanto meus olhos examinam a sala comunal. Já passa das oito, então a maioria dos professores foi para suas salas se preparar para o primeiro bloco, o que significa menos risco de serem pegos.

Não acredito que estou fazendo isso. Arriscando ser expulso de um dos jogos mais importantes da temporada, meu último ano, só para encontrar Abel, e...

— Onde estão as escadas para o telhado?

Os dedos de Gabe se curvam sobre meu trapézio enquanto ele se inclina para mim. — Por quê?

Eu rio alto, revirando os olhos. — Não aja como se você não soubesse. Apenas me diga.

Seus lábios franzem enquanto ele olha para mim. O que diabos ele está procurando, eu não saberia dizer, mas quando seus olhos olham duas vezes para meu pescoço, o rubor é instantâneo e incandescente.

— O que? — Pergunto, puxando meu colarinho. Todos os dias de jogo, temos que usar calça e camisa de botão, e elas apertam tanto que minha pele já está coçando. Mas a leitura de Gabriel me faz pensar que ele realmente vê alguma coisa.

Seus lábios se contraem, fazendo um trabalho terrível em esconder seu sorriso. Cruzando as mãos na frente dele, ele cai de costas contra a parede.

— Pelo amor de Deus, Gabe. Cuspa isso, — digo, exasperado. Há muitos... *sentimentos* agitados esta manhã. Não dormi nada depois de ver Abel partir. Mesmo depois de descobrir que minha auto-aversão habitual havia se espalhado para outro lugar, o sono ainda me escapava.

Estive perdido na memória assustadoramente vívida do corpinho apertado de Abel enrolado em mim. A curva de seu quadril sob minha palma, o gosto de sua saliva em minha boca. Seu pequeno dente afiado contra a ponta da minha língua. Cabelo branco brilhando rosa enquanto ele balançava em cima de mim, descarado, pegando tudo que queria.

Mas antes de tudo isso... A maneira como meu pesadelo se transformou em um calor perfeito e forte. Impossível, bom e confuso. Todas as suas palavras — se fossem verdade ou apenas outro meio para um fim.

Se eu realmente detenho o poder ou se isso é uma ilusão.

Sou digno de... de *amor*?

Mas não. O que o amor tem a ver com o que estamos fazendo? Ele é um buraco para foder, um corpo para machucar. E acontece que gosto de fazer as duas coisas – contra meu melhor julgamento e meu autocontrole há muito desaparecido.

Eu penso. Talvez.

Era tudo tão simples – antes de Abel.

Eu não conseguia nem deixar os pensamentos permearem por mais tempo do que uma sessão apressada de punheta por causa de Luke. Foi tão simples. Eu não daria a ele mais poder do que ele já tomou.

Mas o destino e as circunstâncias viraram o jogo, dando-me a personificação de tudo que eu odiava. Porque eu o odeio. Acho que ainda posso. Mas agora é diferente. Não é mais preto e branco, mas piscinas confusas de prata e rosa.

E é... estranhamente legal. *Ser visto como sou.*

— Ei, Peris! — Eu me viro para encarar quem falou. Sierra está passando com algumas outras líderes de torcida. Levanto minha mão em um meio aceno com um sorriso cansado.

— Pronto para o jogo desta noite? — Lara pergunta.

— Sim, totalmente.

Sierra zomba. — Digo isso na sua cara, Baxter. — Eu me viro enquanto se afastam e dobram a esquina.

— Peris. — Meu nome está quebrado. Pisco algumas vezes, observando a sala movimentada voltar ao foco.

— O que?

— Por aqui. — Gabe aponta a cabeça em direção ao corredor que leva aos vestiários. Sigo atrás dele, olhando para a porta do banheiro masculino enquanto passamos. Pisco através de flashes de sapatos rosa no concreto, lábios molhados pingando saliva, porra pintando porcelana machucada.

— Droga, cara. Onde está sua cabeça?

— Faz muito tempo, — respondo distraidamente. Gabe recua, parando completamente. Ele se vira, e o torcer de seus lábios me diz que não vou escapar dessa.

Jogo minha cabeça para trás com um gemido, afastando meu cabelo do rosto. — Gabe, eu não...

— *Hum*, sim. Eu não ligo. Derrama. — Ele se recosta na parede branca de concreto e cruza os braços. — Ou não estou lhe dizendo onde é.

Eu o encaro com um olhar furioso, que é tão eficaz quanto socar concreto e esperar que ele quebre. A exasperação inunda minhas veias. O sinal vai tocar a qualquer minuto, e se eu faltar à aula, não poderei jogar, e Abel está tão *perto*... — Não há nada a dizer.

— Eu digo besteira.

— Não tenho tempo para isso.

— Bem, você tem agora. — Suas pernas se cruzam na altura dos tornozelos, e o trecho de sua calça preta sob medida revela meias roxas e verdes com tacos.

Minhas sobrancelhas franzem antes de eu bufar com a incredulidade de tudo isso. Reajusto a alça da minha bolsa no ombro. — Você estava certo.

Ele pisca. — Claro que estou. — Ele faz uma pausa. — Sobre o quê?

Bufo e balanço minha cabeça. — Bem, se você não sabe, não *vou* te contar. Você já é irritante o suficiente.

Uma sobrancelha escura surge sob seu cabelo encaracolado enquanto ele me observa andar de um lado para o outro. O ar frio e úmido escorre do chão de concreto, criando uma linha de arrepios na parte de trás dos meus braços. Gabe não se mexe – porque é claro, ele não se mexe. *Por que devo atrair todos os idiotas teimosos?*

Meus olhos se fixam no relógio analógico preto e branco à minha esquerda. O ponteiro dos segundos marca mais perto do meio-dia, agora a apenas seis minutos do toque da campainha. Meu olhar dispara entre o relógio e Gabe, duas, três vezes antes de levantar as mãos.

— Sobre eu ser a porra do problema, ok?

— OK. — Ele concorda. — Mas por que você concorda agora?

Um grunhido ressoa na base da minha garganta. — Gabriel, preciso encontrá-lo, então me mostre e conversaremos mais tarde. — Seus olhos são alfinetadas quentes para cima e para baixo em meu corpo, mais uma vez prendendo meu pescoço. Puxo meu colarinho para cima. — O que diabos você está olhando?

— Os arranhões, cara. Você pelo menos se olhou no espelho?

Zombo, mesmo quando meu rosto explode em chamas. — Claro que sim. Eles estão cobertos. — Meus molares batem juntos.

Ele bufa pelo nariz. — Sim... claro que estão. Você pensou em como eles ficariam quando você estivesse preparado para o jogo desta noite?

— Não, não exatamente. Agora, se não se importa... — giro minha mão, empurrando-o para se mover.

— Tudo bem, tudo bem. Mas vamos conversar mais tarde.

— Como se eu tivesse escolha, — murmuro, seguindo-o enquanto ele sobe as escadas para a pista do nível superior. Está escuro e silencioso enquanto olho para o ginásio abaixo. Pisos brilhantes em marrom dourado com linhas de cores vivas. As arquibancadas roxas já estão ampliadas para o jogo desta noite com faixas penduradas nas paredes.

— Você está pronto para esta noite? Está com a cabeça no lugar?

Eu zombei. — Cara, minha cabeça está tão longe de estar correta que nem tem graça.

A cabeça de Gabe gira, um sorriso radiante no rosto. — Por favor, diga-me que isso significa o que acho que significa. Foram aquelas fotos, não foi?

Minhas unhas cravam na minha nuca enquanto meus olhos se voltam para o chão. — Não fale sobre as malditas fotos! — Estalo

sem pensar. Quando Gabe apenas pisca, suspiro alto. — Achei que íamos conversar sobre isso mais tarde.

Ele bufa um gemido. — *Certo*. Aqui está. — Ele para em frente a uma porta cinza escura, entreaberta. Quando me afasto, noto que há chiclete velho e seco enfiado na placa de ataque. Minha sobrancelha se levanta. Gabe dá de ombros. — Eu mesmo já estive aqui algumas vezes.

— Para...?

— Fumar. Às vezes, — ele acrescenta rapidamente ao meu olhar. — Quando não é hora do baile.

Ótimo. Então, Abel provavelmente está aqui ficando chapado — como se ele não estivesse completamente fodido ontem à noite. Abro a porta e entro na escuridão silenciosa.

— Espero uma análise completa mais tarde.

— Em seus malditos sonhos, Avalos.

— Ugh, você está certo.

A porta *se fecha* enquanto dou alguns passos extras até outra porta e a abro. A luz do sol atravessa o telhado plano, forçando-me a levantar a mão para bloquear os raios, os olhos procurando o corpinho perfeito.

A fumaça envolve seus dedos de onde ele está sentado — na porra do *limite*. Raiva e algo semelhante ao medo se agitam dentro de mim, me puxando para mais perto.

— Abel.

Sua cabeça não vira enquanto ele a abaixa em reconhecimento. O cabelo branco cai na frente de seu rosto, dividindo-se em torno da prata que adorna suas orelhas. — Peris.

— O que você está fazendo aqui?

— O que *você está* fazendo aqui?

— Não responda uma pergunta com outra pergunta.

— Por que não?

Abro meus lábios para responder, mas fecho minha mandíbula com a mesma rapidez. Estou ao lado dele e o puxo de volta pelos cabelos em poucos segundos. O baseado cai de seus dedos no concreto e rola pelos pés enquanto ele luta.

Seus sapatos gastos raspam em algumas pedras, os braços balançando enquanto ele cai de costas contra mim. Sentir sua bunda redonda esfregando em minhas coxas enquanto o cheiro de maconha permeia o ar me leva ao limite.

Dou um passo para trás enquanto mantenho seu cabelo em meu punho, sorrindo enquanto ele cai no chão. — Ai, merda! — Ele luta, as palmas das mãos raspando nas pedras. Com um silvo, ele tenta se afastar, mas é interrompido quando eu o puxo na direção oposta.

— Está se sentindo um pouco lento, *hein?*

— Foda-se, Peris. Solte-me.

— Não. O que diabos você está fazendo aqui?

Sua cabeça gira lentamente, olhos de aço olhando para mim por cima do ombro. — Você é estúpido ou completamente desatento?

Eu me agacho, sibilando em seu rosto enquanto exponho sua garganta à luz. Sua laringe é tão afiada que se projeta da pele, e não consigo resistir a cravar os dentes na cartilagem coberta de carne. Abel geme pateticamente, cílios negros tremulando contra suas maçãs do rosto magras.

— Sim, você gosta dessa merda. — Seu rímel é escuro em contraste com a pele machucada, os cílios são tão longos que roçam as sobrancelhas quando se abrem.

— Você também, — ele responde. — Você planeja arrancar meu cabelo?

Olho para meus dedos, agora empalidecidos pela pressão. Dou de ombros e cantarolo sem compromisso. — Talvez. Você provavelmente seria ainda mais feio se fosse careca.

— Sim, é por isso que eu tenho *cabelo*, para começar. — Abel puxa meu abraço e eu o solto. Ele se inclina e passa o baseado para pressioná-lo nos lábios. Faço uma careta para a ponta brilhando mais forte após uma longa inspiração. Abel deixa-o pendurado entre os lábios enquanto se inclina para trás, apoiado nas palmas das mãos, com o peito estendido enquanto prende a respiração.

Depois de contar até dez na minha cabeça, ele finalmente solta uma nuvem de fumaça cinza e pungente. Observo enquanto ele se enrola no ar antes de se dissipar. A cabeça de Abel está pendurada entre os ombros, deixando o calor do sol banhar sua pele pálida.

Ele deve estar com frio, vestido apenas com um moletom grande e jeans, mas parece satisfeito.

Quero estragar tudo. Preservá-lo.

Dou um passo à frente e chuto sua coxa com força suficiente para fazê-lo derrapar. Ele se esforça para manter o equilíbrio, quase deixando cair o baseado. — Por que você está fumando, afinal? Eu não sabia que você fazia isso, — pergunto brevemente. — Mais do que uma vez.

— Porque eu posso? — Abel responde com a mesma rapidez, colocando isso como mais uma pergunta, como se eu fosse uma espécie de bola oito mágica. Meus molares se chocam e minha bolsa escorrega do meu ombro, caindo no concreto com um baque surdo. Assim que abro a boca para falar com ele, o sino toca ao nosso redor, soando oco e ecoando.

A respiração soprada entre meus dentes cerrados é quente e longa. Dedos mordem meus antebraços enquanto cruzam meu peito, resistindo valentemente à vontade de sufocar o pirralho. Agora ele me *atrasou*.

— Isso é um *problema* para você, Sr. Bons-Dois-Sapatos?

— Foda-se. Só quero dizer que ficar chapado não sai um pouco fora do domínio de *controlar o que você sente*?

— É melhor que a alternativa. — Ele resmunga em outra inspiração. O ar parece mais rarefeito quando respiro profundamente.

Meu dedo do pé raspa na poeira e no cascalho, e o cinza fica roxo. — Que alternativa?

Uma nuvem vem em minha direção, me fazendo torcer o nariz. Abel liga e desliga um isqueiro. — O que você quer, Peris? — A faísca da roda. Uma pequena chama laranja. Ele desaparece. Ele parece cansado, e não sei por que isso faz meu coração afundar. Provavelmente é a erva e não porque ele também não dormiu.

— Por que você está aqui?

Meus olhos rolam em direção ao céu azul pálido. Claro, eu me desviei do caminho. Cada vez que vejo Abel e sua cara estúpida, perco a noção. — Por que você grafitou minha vaga de estacionamento?

Ele enrola o baseado entre o indicador e o polegar, quase queimado até o fim. — Disseram-nos para decorá-los para o jogo.

— Com *tinta spray*?

Ele encolhe os ombros e arrasta o baseado sobre o concreto, manchando uma mancha preta. — Gosto de deixar uma marca.

Olho para a faixa escura, sentindo a marca inconsequente profundamente dentro de mim. — Uma ilegal.

— Aparentemente. — Ele se levanta e caminha até a beirada para sacudir a cinza. Suspirando, ele passa os dedos pelos cabelos brancos antes de se abaixar para pegar sua mochila velha e surrada. Ele tenta passar por mim, e eu deveria deixá-lo, eu realmente deveria,

mas meu braço dispara por vontade própria, os dedos envolvendo a pequena circunferência de seu bíceps.

A cabeça de Abel se inclina para baixo e para o lado, olhando fixamente para o nosso toque com olhos vermelhos. Mesmo sendo camadas de algodão, ele é tão quente que queima frio.

Flexiono os dedos, pressionando fundo o suficiente para saber que as manchas vão doer quando eu as remover. Quando nossos olhos finalmente se conectam, sua expressão não muda em nada. Não sei o que esperava, mas o seu total e absoluto desapego não era isso.

Redemoinhos de confusão, fundindo-se com a onda quente de ofensa e algo que dói.

— Por que diabos você não está reagindo a mim? — Não pretendo dizer o pensamento em voz alta, mas não faz sentido.

Ontem à noite, ele foi tão vigoroso e assertivo, forçando sua vontade sobre mim até que eu me dividisse em frações. Chorando, ofegando e gemendo com meu toque, implorando para que eu o enchesse, e agora... nada além dessa apatia branda.

Sua inspiração profunda é mais relativa a um suspiro, e isso faz minhas narinas se dilatarem, meu lábio superior se curvar enquanto ele pisca lentamente. — Talvez porque não haja nada para eu reagir.

— O que diabos isso significa? — Exijo, sentindo-me quente e tenso por todo o corpo.

Abel se afasta, passando a mão na testa antes de olhar nos olhos. Quando ele abaixa os braços, seus olhos vermelhos brilhantes ficam

em mim, pelo menos. — Você está fazendo muitas perguntas agora, Peri. Não é grande coisa. — Sua mão gira no ar à sua frente. — Não *somos* grande coisa.

Meu queixo cai diante do total absurdo de suas palavras. *Não é grande coisa? Ele está me zoando agora?*

— Tudo sobre nós tem sido um grande problema desde que *você* fez isso, — respondo a sua forma de retirada.

Enquanto seus dedos longos e manchados de rosa envolvem o cabo prateado, ele olha por cima do ombro. — Está tudo na sua cabeça, querido. — E então, aço se fecha atrás dele, me deixando sozinho em um telhado que dói como ele.

CAPÍTULO 22

ABEL

Deixe que Peris encontre meu *único* esconderijo.

Todos nós precisamos de uma fuga, e ele continua *tirando* a minha.

Meu peito se enche de uma raiva pesada, que está presa contra meu esterno porque estou chapado demais para fazer qualquer coisa a respeito agora.

Tudo que eu queria era cair de joelhos e abraçar suas pernas para mantê-lo preso contra mim, mas não posso *fazer isso*. Está muito perto de precisar dele, de esperar coisas, e preciso desacelerar as coisas – e agora.

É apenas sexo, nada mais – e isso é tudo que quero. Não preciso que alguém veja nada mais profundo do que o que está na superfície. Principalmente ele.

Meus sapatos batem alto no chão de linóleo enquanto caminho para minha primeira aula no bloco, o som reverberando pela sala comunal vazia. Alguns estudantes permanecem nas mesas com laptops abertos e conversando silenciosamente. Ninguém me olha enquanto atravesso as mesas e entro no corredor. Olho para os armários roxos alinhados nas paredes, um bloco longo e interminável que fica embaçado quanto mais olho para ele.

— Senhor Silver, que bom que você finalmente decidiu se juntar a nós, — diz a Sra. Ludwig enquanto abro a porta da aula de álgebra. Levanto minha mão em uma saudação enquanto me arrasto até meu assento, com a cabeça baixa para que ela não possa me olhar nos olhos.

Quando finalmente me sento, solto um suspiro de alívio, a cabeça quase rolando para trás enquanto o peso se acalma, me puxando para baixo com ele.

— Você está *fedendo*, — alguém sussurra ao meu lado. Minha cabeça se levanta lentamente, meus olhos piscando secamente.

— Abel, por favor, baixe o capuz, — grita a professora em meio à aula e ao rangido do marcador no quadro.

— Claro, — murmuro enquanto o escovo para trás, colocando meu cabelo atrás das orelhas.

Alguém se inclina sobre mim, balançando o braço na frente do meu rosto. Eu me afasto franzindo a testa quando ouço uma breve explosão de borrifadas. — Talvez isso ajude para que você não seja suspenso.

Aperto os olhos através da névoa que cobre meus olhos. — Sierra?

— Correto. Quão estúpido você está sendo rasgado na escola? E no dia do jogo? Você tem sorte de precisarmos de você; caso contrário, eu estaria chutando sua bunda agora. *E* você estaria no banco.

Bufo alto, chamando a atenção de algumas pessoas. Encolho seus olhares. — Esqueci.

— Você... — Ela respira fundo, franzindo os lábios rosados. — Foi você quem vandalizou a vaga de estacionamento de Peris Baxter, não foi?

Minha boca se abre de surpresa. A onda de ar fresco na minha língua me lembra de como estou com muita sede. Engulo algumas vezes, mas isso só piora a situação. Cada respiração é tão longa e pesada que sinto minhas pálpebras ficarem um pouco mais pesadas a cada respiração.

— Por que você diz isso? — Murmuro enquanto vasculho minha bolsa. — Merda, sim, — falo quando encontro um saco de skittles. Rasgando o plástico vermelho com os dentes, recosto-me na cadeira e despejo um pouco diretamente na boca. Minha boca enche de água enquanto mastigo os doces e meus olhos se fecham em um zumbido.

— Porque seus dedos estão manchados de rosa, Abel. Como você vai tirar isso antes do jogo desta noite? Rosa não combina exatamente com nossos uniformes.

— Merda, sério? — pergunto com a boca cheia, abrindo os olhos para olhar para as minhas mãos. Eu rio das listras rosadas nas dobras da minha pele e ao redor das minhas unhas. Uma vaga lembrança de espalhá-lo no casaco de Lance aparece e desaparece.

— Sim, *com certeza*.

Continuo mastigando meu doce, percebendo rapidamente que foi uma má ideia colocar tanto na boca de uma vez. Engolir parece sufocar, e quase desmaio quando empurro o líquido pela garganta.

— Você está sempre tão bagunçado? — Sierra pergunta enquanto entrega sua garrafa de água. Aceito isso com uma careta que deveria ser um sorriso, mas na verdade não parece um. A água gelada desce eufórica pela minha garganta, e finalmente respiro confortavelmente de novo — isso até me lembrar da mão de Peris em meu cabelo, me segurando enquanto eu bebia de sua garrafa de água.

Enquanto ele... porra. Enquanto ele cuidava de mim.

— Sim, — eu falo. — Bastante.



— Por favor, me diga que você está com seu uniforme, — Sierra sussurra em meu ouvido enquanto caminhamos em direção aos banheiros.

— Uh, sim, acho que sim. — Coloco minha bolsa por cima do ombro e abro o zíper enquanto passamos pela sala comunal. Todo o time de basquete está bloqueando o corredor, forçando as meninas na minha frente a serpentearem até os banheiros do outro lado.

Olho para cima quando fica lotado e meus olhos encontram Peris imediatamente, ainda vestido com calça preta e camisa branca, agora desabotoada no colarinho e expondo parte do peito bronzeado.

Quase tropeço nos próprios pés e engulo a língua quando avisto os arranhões profundos em sua garganta, ao redor da clavícula e no centro do esterno.

— Jesus Cristo, — murmuro, incapaz de desviar o olhar. Como ele me ouve através do ruído ecoante, não tenho ideia, mas seus olhos se voltam para os meus, pupilas negras como a noite, envoltas em um tom sempre lindo de verde dourado.

— Nanico, — ele me reconhece com um olhar alegre e endurecido, nunca deixando meu rosto, mesmo quando minha atenção é atraída de volta para as marcas que deixei em sua pele. O esquadrão atravessa a multidão, virando a esquina e desaparecendo nos banheiros do outro lado, mas ainda estou preso no lugar.

— O que? — ele estala, lábios grossos inchando.

— Uh o quê? — Murmuro, finalmente arrancando sua garganta. Pelas marcas que *minhas unhas* deixaram nele. *Foda-me...*

— Abel, Abel, — alguém fala lentamente à minha esquerda. Levanto uma sobrancelha e sorrio para o melhor amigo de Peris.

— Gabriel. — Enrugo meu nariz e pisco.

Ele *estala* alto e balança o dedo. — Não, uh. Nada de flertar na frente de Peris.

Minhas bochechas doíam de tanto sorrir. — Não *na frente* dele. Entendi.

Gabe pisca com os olhos arregalados. — Isso não é...

— Você não tem algum lugar para estar? — Peris retruca, os olhos nunca se desviando dos meus. Dou de ombros, mas quando abro meus lábios para responder, sua cabeça gira em direção a Gabriel. — Hum?

— Oh eu? — Ele aponta para si mesmo. — Entendi vocês. — Seus cachos saltam sobre sua cabeça enquanto ele gira, me fazendo rir.

— Não ria assim.

Paro brevemente. — Como o que, Peris?

— Tudo fofo e... e sedutor. Eu já *te disse*□.

— Bonito e sedutor, — digo sem expressão. — Foi só uma risada.

— Foi uma *risada*. — Ele enuncia a palavra como se ela fizesse diferença.

Zombo e passo os dedos pelo cabelo antes de esquecer que Sierra French fez uma trança. Eu os desalojo, puxando alguns fios rebeldes que ficam pendurados na frente do meu rosto. Os olhos de Peris percorrem meus olhos e depois descem para meus lábios pintados, que franzo propositalmente antes de separá-los para passar a língua pelos dentes.

— Não tenho certeza de como me sinto em relação ao roxo, mas o time manda. — Dou de ombros. — Mas adoro a maquiagem dos olhos. É lindo... não é? — Pergunto, suavizando minha voz no final. Não é apenas um ato. Um pequeno pedaço daquele desespero incômodo por aprovação escapando pelas rachaduras.

— O que? — Ele balança a cabeça, olhando atentamente para mim. — Sim, — ele diz ríspidamente, depois deixa escapar: — Você cortou o cabelo?

Meu rosto se abre em um sorriso radiante. Um que estica tanto minha boca que meus lábios se dividem nos cantos. Fico na ponta dos pés para passar os braços em volta do pescoço de Peris. — Obrigado, bebê. Eu fiz. — Eu me afasto para dar um beijo na ponta do seu nariz. — Vejo-o no jogo. Você vai arrasar. — Pulo para trás e giro, balançando minha bunda, mesmo que seja impossível ver através dos meus jeans largos.

Ao virar a esquina, percebo o choque de Peris: — Que porra é essa? — e as gargalhadas ecoantes de Gabe.

— Você está tão fodido, cara.

Sim, ele e eu.

CAPÍTULO 23

ABEL

Olhar para o meu reflexo parece estranho, a pessoa olhando para mim com uma máscara que eu nunca usei antes.

Meus dedos envolvem a borda canelada da saia que acabei de colocar pela primeira vez. Acho que uma parte de mim tinha medo de vestir algo tão... descaradamente feminino. Algo claramente não feito para alguém como eu.

Pressiono a bainha pregueada sobre minhas coxas expostas, e os pelos loiros claros das pernas que brilham com a luz me fazem estremecer.

— Você está incrível, mas acho que já sabe disso, — Sierra diz à minha direita enquanto arrasta a ponta afiada de um lápis labial sobre a linha do lábio inferior novamente, por algum motivo. Sigo o movimento através do espelho, evitando-me prontamente.

— Estou surpreso que a Sra. B tenha me deixado pegar a saia, — respondo.

Sierra encolhe os ombros, abrindo a tampa e estalando os lábios. — Ela é toda sobre igualdade e essas merdas. Você queria usá-la, então é simples assim.

Sorrio. Sra. B é uma merda. — Eu sei. Mas não existem... regulamentações estaduais ou algo assim? — Minhas sobrancelhas franzem.

— Sim, mas acho que ela não se importa — Cassie diz de algum lugar atrás de mim. — Ou qualquer outra pessoa, na verdade. Não é grande coisa. Você ainda está seguindo as regras deles.

Meus olhos se fixam nas minhas pernas novamente. Machucada, cicatrizada e *peluda*. — De qualquer forma, agora é tarde demais. — Forço uma risada, desejando estar pelo menos animado para superar isso. Tenho certeza de que vou esquecer cada maldito passo que passei nas últimas semanas aprendendo. Minha cabeça está vazia para tudo, exceto para odiar o que está olhando para mim.

Cada barraca está repleta de garotas trocando e retocando cabelos e maquiagem. A conversa é alta, mas o zumbido dela na verdade a mantém, então não posso girar muito forte, porque assim que começo a afundar no vórtice, Sierra esbarra em mim, me jogando contra o vidro reflexivo.

Lanço-lhe um olhar que não tem calor enquanto puxo a bainha da blusa curta roxa e branca que mal chega à cintura alta da saia combinando. Ardente está escrito em meu peito em letras maiúsculas brancas com duas linhas triangulares descendentes abaixo.

— Aqui. — Algo é colocado em minha mão e eu o agarro antes mesmo de perceber o que é. Enquanto olho para o barbeador elétrico rosa, sinto minhas bochechas corarem de calor.

— Para que serve isso? — As portas das barracas se fecham, as fechaduras deslizam para o lugar. Mais agitação e conversa.

— Vocês todos têm cinco minutos! — A Sra. B chama de fora, chamando a atenção de todos.

Os olhos de Sierra brilham enquanto ela fecha a bolsa, olhando para si mesma no espelho. — Está tudo bem se isso te incomoda, e está tudo bem se isso não incomodar. Vá, faça a barba. Faça isso rápido. Você não quer se atrasar. A Sra. B ficará chateada. — Com um beijo no ar, Sierra sai do banheiro, tranças longas e escuras batendo em suas costas enquanto ela balança a cabeça.

Assim que ela vira a esquina, minha cabeça cai para a navalha em minha mão com um pequeno, embora aliviado, sorriso. Não tenho certeza se irritei ou agradei algum deus por ter inadvertidamente feito amizade com Sierra Jones.

Sentando-me no vaso sanitário da cabine para deficientes físicos, levanto meu pé até o corrimão prateado e aperto o botão liga/desliga. Um zumbido baixo preenche a sala que se esvazia rapidamente quando eu o levo até a pele logo acima da lona dos meus sapatos rosa.

Sapatos rosa que eu *não* deveria usar, mas com toda a honestidade, esqueci totalmente que era obrigatório usar sapatos brancos. Então, tenho certeza de que a Sra. B vai ficar chateada, mas meus pés são grandes demais para caber nos extras de alguém – não que haja muitos deles também.

Com os ombros tensos até os lóbulos das orelhas esticados, lentamente arrasto a navalha até minha canela. Alguns fios de cabelo se prendem, me fazendo assobiar, mas eu surpreendentemente faço isso rapidamente a cada passada.

Quando terminei ambas as pernas, até as palmadas que cobrem minha bunda por baixo da saia, tenho certeza de que já se passaram bem mais de cinco minutos. Quando me levanto, esfrego as pernas, sorrindo abertamente com a nova sensação de pele nua.

Meus olhos se enchem de uma sensação de queimação que rapidamente chega ao meu nariz enquanto me olho no espelho, me sentindo uma pessoa completamente diferente. Nenhum cabelo loiro fica preso na luz, apenas pele nua, *em sua maioria lisa*. E quando levanto a saia, as cicatrizes nas coxas parecem mais escuras, *mais recentes*, sem os pelos.

Meus lábios se torcem em um sorriso que lembra aqueles queimados em minha pele enquanto eu arrasto as pontas dos meus dedos sobre eles, para cima sobre o spandex das minhas roupas, e para baixo quando coloco a saia de volta no lugar.

Pisco em meio às lágrimas e respiro fundo, prendendo-me com força nos pulmões, recusando-me a estragar minha maquiagem. Inclinando-me, estalo meus lábios pintados de roxo e sorrio brilhantemente, adorando o contraste da cor com meus dentes brancos e tortos.

Minha sombra também é roxa, mas mais sutil, com apenas algumas pinceladas leves de pó para dar cor junto com rímel escuro. Eu disse a Sierra que achava que glitter seria incrível, mas acho que existem regras muito rígidas sobre glitter durante as competições. Algo sobre *escorregar* nele? Reviro os olhos novamente. Essa merda não faz sentido, mas tanto faz.

— Abel, traga sua bunda aqui! — A voz de Sierra ecoa pelo banheiro. Passo as mãos pelas tranças uma última vez, arrumando algumas mechas rebeldes antes de passar os dedos pelas laterais recém-barbeadas.

Hoje é o dia da mudança, ao que parece.

— É melhor parar por aqui, — murmuro para mim mesmo enquanto me afasto do meu reflexo e pego minha bolsa.

Os olhos escuros de Sierra estão arregalados quando saio para o corredor. — Que parte de cinco minutos você não entendeu? Vamos, vamos. — Ela agarra meu cotovelo e me puxa para uma caminhada rápida.

Quando nos encontramos no corredor com o resto do time, a conversa se transforma em sussurros suaves e depois em nada enquanto todos encaramos nosso treinador, esperando por instruções. Seus olhos vagam por todos nós, um pequeno sorriso em seu rosto envelhecido.

— Vocês todos estão maravilhosos. Mas, Abel, não pense que não vi os sapatos cor-de-rosa. — Seu chamado sutil me faz corar. Minha cabeça cai entre os ombros enquanto piso no chão.

— Desculpe, esqueci e nenhum extra cabe em mim.

— Está tudo bem por hoje. Apenas tente conseguir algum antes do próximo jogo, certo? — Concordo com a cabeça sem olhar para cima. — Excelente. Como estão todos se sentindo? Confiantes? Nervosos?

Uma série de respostas flutua, uma crítica mista, mas principalmente apenas entusiasmo. O time é quase inteiramente composto por veteranos, então é o último ano de torcida antes de irem para a faculdade ou seja lá o que for que planejam fazer depois que a ilusão do ensino médio acabar.

À medida que a conversa persiste, tiro meu telefone da bolsa e deslizo as poucas notificações na tela. Clico nas mensagens de Elise com um sorriso que dói.

ELISE:

Ei você! Estou tão animada para vê-lo torcendo esta noite! Procure-me nas arquibancadas. Estarei vestindo roxo (distintivo, eu sei), mas estarei torcendo mais alto pelos meus dois meninos! Vá lobos! <3

Lágrimas obstruem o fundo da minha garganta, e só quando algumas gotas respingam na minha tela é que percebo que estou chorando. Chupando-o de volta, pisco rapidamente, mantendo a

cabeça baixa para não manchar enquanto espero a última lágrima cair.

Com as laterais dos dois dedos indicadores, passo-os ao longo dos cílios, limpando a umidade com outra fungada. *Pelo amor de Deus, Elise. Por que você tem que ser tão boa?*

Por que eu tenho que ser tão podre?

Com um suspiro trêmulo, bloqueio meu telefone e o coloco de volta na bolsa. Não posso responder a isso – não sem já me sentir o maior pedaço de merda.

Elise e eu tomamos café da manhã juntos todas as manhãs. Quando ela chega em casa do trabalho, ela bate para ter certeza de que estou acordado e, depois de trabalhar a porra da noite toda, começa a preparar comida para mim. Ovos, panquecas, rabanadas, o que for. Sentamos e comemos juntos. Ela pergunta sobre a escola, como estou. Se eu preciso de alguma coisa.

Às vezes, Peris se junta a nós, mas na maioria das vezes ele pega alguma coisa para levar e sai pela porta, deixando-me caminhar dez minutos até a escola. Dói um pouco ver o rosto de Elise enquanto ela vê seu filho partir, mas mais ainda porque sei que a culpa é minha.

A vida nunca foi tão boa para mim. E tentei não cair nessa — pela bondade de Elise e pelo conforto que ela traz — mas era impossível, e agora sei disso.

Sentir-me seguro, sentir-me *seguro* pela primeira vez na minha vida é tudo o que eu não sabia que poderia ter, mesmo com a *voz* na

minha cabeça me dizendo que isso nunca poderia durar. Eu não o mereci, então ele desaparecerá — e está certo. Sei que é porque nunca estive errado antes, mas não faz mal ser apenas... *ser*.

Pelo menos por um tempo.

Legalmente farei dezoito anos em alguns meses e então tudo estará acabado.

Só espero conseguir aguentar até lá.

Mas se Elise descobrir sobre mim, sobre o que fiz com Peris... Se ele falar demais, tudo acabará.

A única questão é: *vale a pena?* Conhecer Peris, estar com ele desta forma.



Meus olhos perdem o foco enquanto olho para a enorme multidão que se aglomera nas arquibancadas. Nem parece que sobrou espaço e, mesmo assim, as pessoas continuam chegando.

— É sempre assim... — Eu giro minhas mãos no cabelo na minha frente antes de puxar o metal em minhas orelhas.

— É contra a Southview Prep. — Ao meu olhar vazio, Sierra revira os olhos. — Sempre esqueço que você é novo aqui. Eles são basicamente nossa escola rival. Peris e Jordan são os dois melhores armadores do estado.

Eu pisco. — Então...

— É o último ano. Ambos querem bolsas de estudo na mesma escola. Para a mesma posição, e apenas um deles conseguirá. E provavelmente será quem vencer o jogo e levar seu time para a final.

— Oh. — Continuo esquecendo que as pessoas realmente se importam com essa merda.

As sobrancelhas de Sierra se arqueiam, diversão contraindo seus lábios. — Sim.

— Explica todas as... coisas, — murmuro. Ela ri e dá um tapinha no meu ombro.

— Sim. Sei que é muito, mas se precisar de uma pausa, é só dizer. Podemos contornar a formação, sem problemas.

— De qualquer forma, estou atrás; não é como se as pessoas notassem.

Ela encolhe os ombros, mas não comenta enquanto olha para as pessoas entrando. Eu provavelmente disse algo ofensivo, mas foda-se se sei o que foi.

Olho para os pompons roxos e brancos em meu colo e toco os fios de plástico enquanto ignoro prontamente os olhos na lateral do meu rosto, já bastante acostumados com isso. Embora pareçam ter se multiplicado desde que saí de saia.

Uma rápida olhada no relógio me diz que está quase na hora do jogo, então desvio o olhar do chão frio e duro sob minha bunda dormente para os times praticando lado a lado, bolas de basquete voando de um lado para outro.

Eu me perco no caos tentando segui-los, então me concentro em Peris e seu melhor amigo, Gabriel. Eles trabalham bem um ao lado do outro, sempre parecendo saber onde o outro está. Peris abre continuamente oportunidades de gol, e assisto com espanto crescente a cada golpe da bola na rede.

Um dos árbitros atravessa a quadra, sua camisa listrada contrasta fortemente com o mar roxo e azul. Um cara com a cabeça tonta se vira com uma bola entre os dedos e atravessa a quadra.

Quando fica claro qual é a intenção dele, é como se toda a porra do ginásio acompanhasse a caminhada dos dois capitães de equipe um em direção ao outro. Quando eles estão perto para falar, um zumbido baixo permeia a quadra. E pela primeira vez desde que pisei na quadra, me permiti olhar para ele.

Os ombros de Peris são largos em sua camisa roxa, a cor apenas realçando o bronzeado de sua pele. Seu cabelo grosso está penteado para trás com o que provavelmente é algum tipo de gel. As sobrancelhas escuras estão franzidas, criando uma fenda profunda entre elas enquanto ele fica na frente de quem presumo ser Jordan, com meus arranhões à mostra.

Observo a conversa, fascinado pelas mudanças minuciosas em suas expressões. Para a maioria, ele permanece totalmente estoico, mas percebo a contração de sua sobrancelha esquerda, a maneira como seus dedos tremulam contra os antebraços cruzados. O menor

gancho em seu lábio superior – uma indicação clara de seu total desgosto.

É um rosto com o qual sou particularmente íntimo.

Gabe aparece por trás dele e coloca a mão no ombro de Peris. Ele nem sequer reconhece isso, os lábios ainda se movendo em uma conversa não ouvida com Jordan. As mãos do outro cara se fecham ao lado do corpo, os ombros caminhando em direção às orelhas.

Com um sorriso de satisfação – outra expressão que conheço bem – Peris se vira para Gabe com um sorriso no rosto. Sua confiança é palpável e posso sentir como ela irradia para seus companheiros de equipe. Todos estão sorrindo quando Peris se junta à multidão, reunidos em um círculo torto ao redor do técnico.

— Droga, fale sobre uma raposa prateada, — bufo enquanto meu olhar passa por ele. Ele é mais velho, tem cabelos grisalhos, uma barba espessa e escura e antebraços encorpados.

— Eu *sei*, — Sierra e Laken falam ao meu lado.

— Como nunca o vi antes? — Penso, principalmente para mim mesmo. — Não sei. Talvez eu tenha...

Eles encolhem os ombros. — Você provavelmente simplesmente não presta atenção. Só tem olhos para Peris.

Zombei alto. — Isso não é verdade.

As duas garotas trocam um olhar antes de virarem para mim. Meus olhos piscam entre eles, a pele ficando tensa a cada segundo que passa. — O que? — Finalmente deixo escapar.

— Cara, você é tão apaixonado por ele; é óbvio.

— Que porra você quer dizer com é óbvio? — *Merda. Se Peris descobrir que outras pessoas sabem, ele vai terminar. Ele vai me interromper para sempre e então ficarei realmente sozinho de novo. Acabei de fazer com que ele se apaixone por mim, e se isso acabar agora, será tudo em vão...* □

— Quero dizer, talvez não para outras pessoas, mas você não esconde exatamente o fato de que flerta com ele, — diz Laken.

Meu suspiro de alívio é alto e palpável. — Bem, obviamente. Mas isso não significa que ele retribua o sentimento. — Limpo o sapo na minha garganta, os olhos caindo para o meu colo mais uma vez.

Por que estou mentindo por ele? Não era isso que eu queria: que as pessoas soubessem quem ele realmente é?

O pensamento fica desconfortável em minhas entranhas, trazendo uma ruga às minhas sobrancelhas.

Talvez eu só quisesse que ele – alguém tão lindo e perfeito – quisesse alguém como eu. Inútil e arruinado e... e sem valor.

— Não, — concorda Sierra. — Mas a maneira como ele está olhando para você agora certamente diz muito.

Minha cabeça se levanta, encontrando minha cor favorita fixada em mim. Quando olho de volta, é como se o resto da quadra lotada desaparecesse, todo o barulho e vibração dos corpos se transformando em uma distorção bruxuleante. O toque agudo dos

olhos de Peris me diz que ele está examinando meu rosto, mesmo do outro lado do ginásio.

— Olá, — digo com um pequeno sorriso só para ele, apesar do enjoo em meu estômago. Não sei por que achei que isso era uma boa ideia. Não sou essa pessoa. Não visto a porra de uma roupa e torço pelo time da minha escola. Não visto algo que sempre quis usar só para ver se a porra de um garoto vai gostar.

Este não sou *eu*.

Mas é quem eu sempre quis ser. Alguém capaz de se preocupar com coisas tão triviais, como lição de casa, times de basquete do ensino médio e faculdade. Como torcer com um time, esperando que o homem de quem gosto me note. Como eu me vestia lindamente *para* ele — mas para mim também.

De pé com o resto do pelotão, puxo a ponta da saia novamente, expondo uma parte da minha barriga. Os olhos de Peris baixam automaticamente e não consigo conter a onda de calor que atinge meu rosto. Arrasto as pontas dos dedos pintados sobre a descarga, até a ponta do nariz para ajustar a barra, porque sei que ele gosta.

O estreitamento de seus olhos faz meu estômago revirar, mas o alargamento do meu sorriso ocorre quando ele os percorre por todo o comprimento do meu corpo. Eu me sinto exposto, quase mais do que naquela noite no banheiro, quando ele olhou para mim recém-saído do banho, depois de colocar meus dedos na minha bunda.

Quando ele me jogou e exigiu que eu lhe mostrasse o meu... cortei o pensamento com a onda de calor em meu rosto. Ele perfura minha pele com alfinetadas afiadas, fazendo-me mudar de posição, pompons roçando minhas coxas.

O olhar de Peris desce para meus sapatos, amarrados até o topo pela primeira vez com cadarços brancos apertados e manchados em laços tortos. Fico na ponta dos pés, equilibrando-me precariamente antes de cair para trás e balançar sobre os calcanhares e balançar meus pompons.

Com toda a sua atenção, eu mesmo o verifico. Nunca o vi com suas coisas de basquete antes. Ele fica tão fofo de roxo, com o grande “3” branco no centro de seu torso abaixo de “*Lobos*”. O material de sua camisa é solto, abrindo no pescoço e nos braços, expondo muita pele bronzeada.

É impossível não notar as marcas rosadas em volta do pescoço e no peito, onde desaparecem sob a camisa. Engolir é difícil, vendo-os sob as fortes luzes fluorescentes. Para todos verem.

Para a porra da mãe dele ver.

O som ensurdecador de um apito me faz pular, com os olhos arregalados enquanto suo, sabendo que ela está sentada em algum lugar, provavelmente olhando para nós.

Peris também estremece, balançando para trás quando Gabe dá um tapa em seu ombro. Ele balança a cabeça, desalojando uma mecha pegajosa do resto do cabelo. Ele fica pendurado na frente de

sua cabeça baixa, ligeiramente inclinado para a direita enquanto ele ouve o que quer que Gabe esteja sussurrando em seu ouvido.

Com um último olhar persistente em minha direção, ele murmura algo muito confuso para eu entender, e então, ele está de costas, sentindo-se tão punitivo quanto tenho certeza de que ele pretendia.

CAPÍTULO 24

PERIS

Não consigo ver através do suor escorrendo em meus olhos. Meu coração está martelando em meus ouvidos, cronometrado erraticamente de acordo com a contagem regressiva do relógio digital no placar – faltam sete minutos para o fim do segundo tempo.

Sete minutos e perdemos por doze.

Não consigo evitar que meus olhos se voltem para os dois números vermelhos e brilhantes. Ele se contorce quando Jordan entra na minha periferia, sempre na minha bunda.

— Isso é tudo que você tem, Baxter? Meio patético, se você me perguntar. Esses doze só vão aumentar.

— Foi uma coisa boa eu não ter perguntado a você, — murmuro, ignorando o resto enquanto meus olhos nunca se desviam desses números. Exceto que eles fazem. Eles caem até a linda líder de torcida parada logo abaixo, balançando seus pompons, lábios grossos pintados de roxo bem abertos enquanto ele entoa outro grito de alegria.

Seu cabelo é diferente, puxado para longe do rosto em duas tranças de cada lado da cabeça. O cabelo exposto é raspado rente ao couro cabeludo, cortado em mechas brancas e agitadas. Meus

dedos se contraem para senti-los. Para saber se são macios ou pontiagudos.

Os olhos de Abel disparam para mim, orbes escuras e prateadas em um mar roxo embaçado. Sua boca se torce daquele jeito torto, exibindo duas fileiras de dentes tortos. A ponta de sua língua roça o dente torto que encontra um lugar no meu a cada beijo.

E então, seus lábios se franzem em um beijo que chega dentro do meu peito, onde vibra ao lado do desastroso pedaço de músculo. Meus olhos se estreitam, sentindo o olhar de centenas de pessoas sobre mim, mas tudo que vejo é Abel.

Ele balança os quadris, e as duas peças daquela maldita *roupa* revelam uma tira de pele em seu abdômen. O cabelo loiro escuro de sua trilha feliz aparece, uma promessa do que está no final se eu o seguir.

— O gato comeu sua língua? — Jordan zomba ao meu lado.

Minhas pálpebras tremem enquanto meus olhos rolam para a parte de trás da minha cabeça. Jordan Bates, o único homem no estado que poderia roubar tudo pelo que trabalhei tanto. Os músculos dos meus braços ficam tensos quando ele se inclina, cheirando a suor e desespero.

Tenho certeza de que estou cheirando ao mesmo.

Estamos abertamente conscientes da capacidade do outro. Por mais idiota que seja, ele tem uma chance real de conseguir a bolsa

pela qual ambos estamos disputando – e este é o jogo que realmente determinará tudo.

E estou estragando tudo porque Abel está ali *parado* com as outras líderes de torcida, agitando os braços, sacudindo aqueles malditos pompons, torcendo por *mim*. Porque ouço aquela vozinha rouca no meio da multidão gritando meu número.

Vá para o número três! Você consegue!

Dane-se tudo para o inferno.

— Não, Bates. Simplesmente não suporto estar na mesma vizinhança que você, — respondo secamente, alguns segundos tarde demais. Os árbitros apitam, sinalizando um tempo limite. Empurro meus joelhos em toda a minha altura e corro em direção ao treinador com o resto da equipe.

Observo os lábios do treinador Johnson se moverem, mas o som não passa do fluxo de sangue em meus ouvidos. O calor queima meu pescoço e meu rosto.

— Cara, sua mãe está acenando para nós, — murmura Gabe. Minha cabeça vira na direção do dedo dele, encontrando mamãe exatamente como eu a imaginei. Ela está vestindo a mesma camisa da escola que usa em todos os jogos e, quando percebe que a vi, fica de pé, com os braços erguidos no ar. Um alto “*Uau*” vem em seguida, me fazendo balançar a cabeça, mas meu sorriso ainda se liberta.

— Baxter, Avalos, algum de vocês está me ouvindo?! — Cintos de treinador.

— Sim, desculpe, — repetimos em uníssono. Sob seu olhar suado, minha cabeça cai entre os ombros. Estou dolorosamente consciente das gotas de suor escorrendo pela minha espinha enquanto o treinador entra no plano de jogo para os últimos minutos, mudando algumas jogadas.

Estreito meu olhar para o chão marrom brilhante sob meus sapatos roxos e pretos até que ele fica embaçado e fico hiperconsciente das vozes ao meu redor – o timbre pesado do treinador e os acompanhamentos dos meus companheiros de equipe.

Quando Johnson acena com a cabeça, satisfeito por estarmos todos de acordo, ele bate a prancheta na palma da mão, os olhos escuros estreitados em sua maneira geral e focada. — Peris, — diz ele enquanto todos se dispersam para tomar uma bebida rápida.

— Sim?

— Você consegue isso? Sei que você precisa dessa bolsa de estudos. Você está arrasando, mas Jordan também, ao que parece.

Meus molares batem juntos. Ótimo, então todos perceberam o quanto ele está melhor. — Eu sei.

— Não estou dizendo isso para estourar seu saco, mas para chutar seu traseiro. Você está distraído.

Eu realmente vou precisar que todos parem de prestar tanta atenção em mim. — Não estou tentando ser.

— Obviamente não, mas você está. O que está acontecendo? Você nunca deu uma segunda olhada nas líderes de torcida antes.

Meus olhos se arregalam, minha boca se abre pouco antes de eu me segurar e fechá-la. Dedos apertam minha nuca suada antes de mergulhar em meu cabelo pegajoso. — Você percebeu isso? — Murmuro. Não adianta negar agora.

— Tenho certeza de que todo mundo já fez isso, filho. Quem chamou sua atenção?

Encontro Abel num piscar de olhos. Ele está olhando para mim com uma carranca contorcendo o rosto, mais do que o normal. — *Você está bem?* — Acho que ele murmura, mas o suor ainda arde em meus olhos, e ele está no meio do ginásio, então provavelmente estou errado.

Com uma careta corada, desvio o olhar, apenas para encontrar o treinador jogando pingue-pongue entre nós.

— Ótimo pra caralho, — murmuro, puxando meu cabelo. Johnson encara.

— Não xingue. Eu não sabia□.

— Não sou, — respondo, dando um passo para trás. Os apitos vão soar a qualquer minuto e *não posso* ter essa porra de conversa agora.

— Eu ia dizer que não sabia que você quebrava as regras.

— Eu o quê? — Eu pisco.

— Ele é seu irmão adotivo, não?

Os apitos soam, ecoando no ginásio. Os aplausos aumentam quando ambas as equipes entram na quadra. — Não posso ter essa

conversa agora, — cuspo com os dentes cerrados, e então viro as costas, os olhos estreitados com a visão de túnel.

A irritação percorre minhas veias, e quando a bola encontra o caminho entre meus dedos, o resto desaparece: a multidão e as perguntas intrometidas do treinador, Abel e seu olhar penetrante.

Só estou eu, a bola e meu time ao meu lado. O barulho dos meus sapatos no chão e a sensação do meu coração dentro do peito. Porque essas são as únicas coisas que importam.

As únicas coisas que podem me trazer algum bem.



A campainha toca em todo o ginásio, dois segundos depois de Gabe arremessar a cesta de três pontos mais perfeita, a bola passando direto pela rede, sem nem mesmo roçar na borda.

Com uma vantagem de seis, vencemos a Southview Prep.

— Puta merda! — Gabe corre até mim, o rosto dividido em um sorriso radiante. Sua pele morena brilha de suor, escorrendo e encharcando sua camisa. Ele joga os braços em volta de mim enquanto o resto da equipe faz o mesmo.

Os aplausos da multidão são ensurdecadores com seus gritos, cânticos e batidas de pés. As líderes de torcida aumentam o barulho, pompons balançando no ar na minha periferia. Através das massas, encontro Abel. Ele está sorrindo, os olhos semicerrados através de

seu sorriso. Ele me dá uma piscadela antes de se virar e deixar cair seus adereços no chão para se juntar ao resto do time.

A equipe de Southview está reunida perto da arquibancada, mas Jordan não está prestando atenção. Ele está olhando para mim, o rosto vermelho brilhante enquanto suas mãos estão penduradas nos quadris. Sua camisa azul e dourada gruda em seu torso, o número 12 é um contraste branco e brilhante.

Abro um sorriso largo para ele, os olhos brilhando. Seus pés avançam, mas ele é pego por um de seus companheiros de equipe. Ele gira para encará-los, agitando os braços. Eu me viro, sem lhe dar uma segunda olhada enquanto o treinador corre pela quadra, com um sorriso dividindo seu rosto.

— Nós os vencemos no primeiro jogo da porra da temporada, — Corbin suspira entre respirações.

— Vai ser um mar tranquilo a partir daqui, — Thomas concorda com seu próprio sorriso de alívio.

Pela primeira vez hoje, tudo está alinhado e não sinto que estou saindo da minha pele.

Depois do discurso ritual pós-jogo do treinador, estamos todos liberados para passar a noite, e suspiro de alívio porque o treinador não tentou me encurralar e me atormentar por causa de Abel.

Não posso lidar com essa merda esta noite. Ou nunca.

Observo a maior parte da equipe se dispersar no meio da multidão para encontrar seu pessoal enquanto espero que mamãe venha me procurar.

— Peris! — ela chama enquanto rompe uma massa de corpos. Eu me levanto, escovando meu cabelo para trás no momento em que ela me puxa para um de seus abraços de tirar o fôlego. — Estou *tão* orgulhosa de você! — Ela se afasta, mantendo os dedos firmemente em volta da parte superior do meu bíceps, sem se incomodar com o suor que agora mancha suas roupas e escorre em suas mãos. — Você arrasou!

Coro com o elogio dela. Apesar de ouvir isso em todos os jogos, ainda não estou acostumado. Ela está tão... *orgulhosa de mim*.

— Obrigado, mãe. — Dou de ombros. — Nós não fizemos isso, realmente. Nós estávamos...

Ela dá um tapa no meu braço com uma zombaria. — Qualquer que seja. Você fez. — Seus olhos permanecem nos arranhões, mas antes que ela possa comentar, ela se distrai. — E Gabriel, meu favorito, — ela canta enquanto puxa Gabe para um abraço.

— Ei, rude!

Gabe sorri para mim por cima do ombro da minha mãe. Reviro os olhos, mas estou aliviado com a distração. — Obrigado, mãe, — diz ele.

— Claro! Você terá que passar em casa em breve para jantar. Você não aparece há meses. Tenho saudade de você.

Os olhos de Gabe se voltam para mim. — Sim, desculpe-me. Este ano estive agitado. Último ano, merda sênior e treino e tudo mais.

— Entendo, só não esqueça, ok? Convide Thomas e Grady e o resto também. Faremos um pequeno churrasco.

— Mãe, — interrompo, — é final de novembro.

Ela me encara com uma carranca. — Então?

Solto uma risada. — Qualquer que seja. Acho que serei eu quem grelhará no frio, de qualquer maneira.

— Certo, você irá. Ah, Abel, querido! — Seu nome sendo falado rouba cada fragmento da minha atenção. Viro-me na direção que mamãe está olhando agora, observando enquanto Abel vem em nossa direção.

Na verdade, não há outra maneira de dizer isso – entre o balanço de seus quadris e o movimento de sua saia a cada passo, o pedaço de pele pálida exposta, cabelo trançado e cílios pretos.

Seu Converse sujo se destaca do estado imaculado de seu uniforme, dando a impressão de que ele está fingindo ser algo que não é.

Mas *foda-se*, ele realmente tem corpo para isso.

— Elise, — ele sorri, quase tímido quando ela o puxa para um abraço. Nossos olhos se encontram por cima do ombro dela por apenas um breve momento, e então ele se afasta, olhando para o chão.

— Você está tão incrível! — ela exclama. — E seu cabelo... você cortou. — Ela passa os dedos pelas tranças e pelos lados cortados pelos quais quero passar os dedos. Franzo a testa, observando minha mãe tocar o cabelo de Abel.

— Ah, sim. — Nossos olhos se encontram. — Foi uma decisão impulsiva.

— Bem, gosto disso. É como uma tainha, e você tem cara para isso. — Ela acaricia sua bochecha, irradiando amor. Me deixa doente.

O que estamos fazendo.

O que estou sentindo.

Como, se a mãe descobrir, isso irá partir-lhe o coração, e jurei que nunca mais faria isso. Nunca mentiria para ela.

E agora, aqui estou eu, com a mentira pesando sobre meus ombros.

— Bem... — Gabe para, saltando. — Eu vou.

Mãe sorri. — Foi bom vê-lo querido. Dirija para casa com segurança.

— Ah, eu não... — interrompi Gabe com um olhar penetrante, que ele retribui com um sorriso particularmente maligno. — Vou para a festa.

— Ah, festa? — Mamãe diz, fazendo isso como uma pergunta. Deixo cair a cabeça para trás com um suspiro prolongado, o que faz Gabe gargalhar alto.

— Sim, na casa do lago. Uma pequena comemoração por chutar a bunda de Southview.

— Parece divertido! Esteja seguro, ok?

Ele saúda enquanto se afasta, para trás. — Você acertou, mãe. — E então, ele se vira, desaparecendo na multidão persistente.

— Uma festa, hein? — Mamãe fala lentamente, os lábios curvados para lutar contra o sorriso que sei que está lutando para se libertar.

— Tanto faz, — resmungo, suspirando alto novamente.

— Eu não tinha ideia de que havia uma festa, — diz Abel com segurança. Mamãe se vira para ele, finalmente deixando seu sorriso livre.

— Oh, eu sei, querido. Peris não gosta de me contar essas coisas. É como se ele tivesse esquecido que eu também estava no ensino médio.

— Pelo amor de Deus... □

— Ei, linguagem! — ela castiga.

— Realmente? — Estou inexpressivo.

— Sim, estamos na *escola*, Peris, — ela sussurra e grita, fingindo estar escandalizada.

— Você é uma piada, doutora, — Abel ri alto enquanto seus dedos torcem o metal em suas orelhas.

Quando a conversa cai no silêncio, ela lança os olhos entre nós algumas vezes. Desvio o olhar, para as pessoas que ainda estão para trás.

Não pergunte. Não pergunte...

Aparentemente, Southview foi embora, então são principalmente os pais dos companheiros de equipe, e os ditos companheiros de equipe tentando se livrar de seus pais para que possam ir à festa na casa de Gabe. Eu rio para mim mesmo, observando a exasperação de olhos arregalados de Corbin enquanto seu pai continua falando.

— Tudo bem, acho que vou para casa. — E então, ela boceja.

Eu rio. — OK.

Ela coloca o cabelo escuro atrás da orelha. — Esteja seguro, ok? Avise-me quando chegar lá e quando estiver voltando para casa. *Não* beba, Peris. — *Sempre igual, mas nunca deixa de me fazer sentir... amado.*

Solto um suspiro através dos lábios inchados. — Eu sei, mãe.

— Abel, você vem para casa comigo?

Ele olha para mim em busca de uma resposta, então desvio o olhar de propósito. Depois de um instante, ele diz: — Não, acho que vou encontrar o caminho para a festa. Parece que pode ser divertido.

— Ok, apenas... se cobre? Está congelando! E você também esteja seguro.

Ele cruza as mãos na frente de si, balançando sobre os calcanhares. — Eu vou.

— Bom. Vejo-os dois mais tarde. Com um aperto no meu ombro e um tapinha no de Abel, vejo mamãe se afastar. Espero que Abel fique por aqui como a sanguessuga que é, mas ele também se afasta de

mim, e fico sozinho com uma vitória nos ombros e sem ninguém com quem compartilhá-la.

Suspirando, desço na fileira mais baixa da arquibancada, com as mãos cruzadas entre as pernas abertas enquanto observo o ginásio se esvaziar lentamente. Havia batedores aqui esta noite. Eles me viram jogar – distraído e frustrado. Não foi o meu melhor jogo, mas ganhamos e isso tem que significar alguma coisa.

Tem que ser.

— Peris, — uma voz zomba nas minhas costas.

Não consigo reprimir meu gemido de exasperação. *Fodidamente ótimo.*

— O que você quer, Bates? — Enfio as pontas dos polegares nas órbitas oculares.

— Só porque você ganhou esta não significa que receberá a bolsa. Com uma zombaria, murmuro: — Estou bem ciente, cara.

— Bom. — Seus sapatos rangem quando ele se aproxima.

Olho para cima, com as sobrancelhas levantadas. — Existe uma razão para você ainda estar aqui?

— Eu disse a eles que precisava mijar.

Inclino-me para trás, deixando cair os cotovelos nos assentos atrás de mim. — Só para entrar e me assediar?

— Quem diabos está assediando? — Ele vem ao meu lado, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Olho entre suas mãos enroladas. — Bem, já que foi *você* quem veio me encontrar depois de ter *perdido*, eu diria que foi você.

— Acho que finalmente chegou a hora de chutar... — Minha cabeça vira na mesma direção que a de Jordan, observando enquanto Abel se aproxima com sua mochila surrada pendurada no ombro. Meus olhos se estreitam enquanto vejo Jordan se arregalar.

— Ei. — Estalo meus dedos na frente dele. — Por aqui.

— Quem é você? — Jordan diz, me ignorando completamente.

— Quem diabos é *você*? — Abel retruca, uma sobrancelha arqueada. Meus lábios se contraem, pela primeira vez grato por sua atitude malcriada.

— Uau. — Jordan ri enquanto Abel se senta ao meu lado. Sua saia esvoaça, chamando minha atenção para suas coxas. Suas coxas nuas e *sem pelos* com cicatrizes prateadas visíveis. Meus dedos encontram sua pele por vontade própria, as pontas dos dedos traçando um rosto sorridente e distorcido. Engulo com a sensação de formigamento da pele macia e a respiração ofegante de Abel.

— Ei, Baxter, eu não sabia que você era bicha.

O mundo inteiro gira no local. Os freios rangem. Um grito agudo. Os músculos se contraem. Os dedos flexionam.

— Com licença? — Minha voz soa distante, ecoando com a distância. Roxo, azul e marrom sangram em um vórtice de impossibilidade.

— Você sabe, um *viado*, — ele zomba. E pela primeira vez na minha vida, eu *entendo*. A vergonha, o constrangimento e *a raiva* que surgem quando alguém vomita seu ódio. Quando é direcionado a você. Como se *você fosse* o problema.

Minha garganta dói de vontade de dizer a Abel o quanto sinto muito. Gabe também. Mas isso não fará diferença agora, então empurro isso para baixo, enterrado na caixa que mantenho bem trancada. Onde residem Luke, nojo e verdade, para focar na única coisa que sempre fez sentido para mim.

Raiva.

Estou de pé e na cara de Jordan no próximo segundo. Estamos tão perto que nossos narizes se chocam, arrancando um silvo dos meus lábios enquanto faíscas disparam atrás dos meus olhos. — Porra, você acabou de me dizer?

— Eu *disse*, pela terceira vez, você é *bicha*... — Sou puxado para o lado segundos antes de um pequeno punho afiado atingir a lateral do rosto de Jordan. Ele tropeça para trás antes de cair de bunda, com as mãos segurando o queixo.

Olho para ele com os olhos arregalados, para a marca vermelha que floresce ao longo de sua bochecha antes de olhar para a direita, onde encontro Abel com as mãos fechadas na frente dele, o pequeno peito arfando em meio à sua raiva.

Suas narinas estão dilatadas, as bochechas coradas em um rosa vívido, os lábios como peixes enganchados naquele sorriso de escárnio horrível e feio dele. E estou *tão duro*.

— Jesus, Abel, — respiro, os olhos brilhando entre ele e Jordan. — Você deu um soco na cara dele.

— Ele mereceu isso, — é tudo o que ele diz com os dentes cerrados. — E não é como se você fosse fazer nada sobre isso.

— Desculpa...

— Você acabou de me bater! — Jordan berra enquanto se levanta desajeitadamente. No segundo em que ele dá um passo em nossa direção, me movo na frente de Abel, bloqueando sua visão, um braço enrolado atrás de mim para prendê-lo contra minhas costas.

— Se eu fosse você, entraria na porra do ônibus e iria para casa, Bates.

— Você está brincando se pensa□□..

— Vou fazer isso de novo! — Abel grita nas minhas costas, empurrando meu lado direito. — Chegue um pouco mais perto, vadia.

O queixo de Jordan cai. — *Vadia...*

— Vá. *Agora*. Ou garantirei que seu treinador descubra seus comentários odiosos. Isso definitivamente vai acabar com sua chance de conseguir bolsas de estudo.

Isso parece tirá-lo do ataque. Com um sorriso de escárnio e um rosto vermelho brilhante, ele nos mostra o dedo enquanto se afasta.

Quando a porta se fecha atrás dele, solto um suspiro, os dedos já cavando no meu cabelo para puxar os fios, encontrando pouco conforto no habitual puxão forte.

O ginásio está silencioso no seu vazio, cada respiração parece ecoar no seu vazio. Concentro-me no som, nas vibrações enquanto tento acalmar a respiração, mas os sapatos de Abel rangem no chão ao meu lado. Sua respiração sai mais rápida, interrompendo o ritmo.

Seu corpo cheira a suor e cerejas, e eu *não aguento isso*.

Meus dedos encontram sua garganta, envolvendo-o e empurrando-o de volta para a arquibancada. Ele cai para trás, agitando os braços enquanto suas costas se conectam com fileiras de assentos de plástico. — Ei... — ele grita, as unhas marcando as costas da minha mão enquanto ele luta por ar.

Eu me inclino, colocando meu rosto a milímetros do dele. — Que porra foi essa? — Meu queixo salta através do ranger duro dos meus molares. Os lábios de Abel se abrem, e o brilho rosa em meio ao batom roxo parece uma provocação.

Afrouxo meu aperto apenas o suficiente para ele respirar fundo. — O que? — ele pergunta. — Eu dando um soco naquele idiota?

— Obviamente, — respondo, sentindo-me igualmente irritado e... apaziguado.

É confuso.

Os olhos de Abel brilham e me perco em sua prata derretida. — Você não ia fazer merda nenhuma, e eu não ia ficar aí parado ouvindo suas calúnias.

— Não preciso que você lute minhas batalhas por mim, filhote. — Eu enuncio o fato com outro aperto em sua garganta delicada. Ele engole contra a pressão, arqueando o pescoço e rolando para o lado.

Abel zomba. — Foi tanto para mim quanto para você.

— Certo. Porque você simplesmente sai por aí batendo nas pessoas toda vez que elas falam uma ofensa.

Ele empurra minha mão, usando a base das palmas para pressionar o mais perto que pode. Estou preso em sua força palpável. — Dói, não é? — Sua voz é um sussurro deslizando pelo meu pescoço, envolvendo meu tronco cerebral.

— Saber que as pessoas odeiam quem você é. Que eles farão de tudo para garantir que você saiba *quanto*. Palavras cuspidas que eles acham que cortam e mutilam.

Meu nariz se contorce contra o ataque de uma sensação de queimação. Ela atinge meus olhos, distorcendo o garoto feio sentado diante de mim. Ele é tudo que odeio, tudo que não posso ser e exatamente o que quero.

— Eles machucaram você também, — é tudo o que consigo pensar em dizer. Sei que eles machucaram. *Não fui só eu.*

A pequena sacudida de cabeça de Abel faz meu estômago virar de cabeça para baixo e de dentro para fora. Seus lábios grossos se

curvam para dentro sobre os dentes tortos. — Eles só me machucaram porque vi como eles machucaram você.

Tudo chega a um ponto insuportável. A sala para de girar, meu coração não bate mais, meus pulmões não se contraem. Apenas o barulho em meus ouvidos quando meus dedos perdem o controle e Abel desliza – para baixo, para baixo, para baixo. Então subo enquanto ele empurra contra mim.

Tropeço para trás, olhando para ele com os olhos arregalados. *Eu não quero me sentir assim. Não quero saber. Ser...*

E é a porra da *pena de Abel* que empurra o universo de volta à sua órbita. Aquela simpatia triste que corrige todos os erros novamente.

O ar quente entra pelas minhas narinas, queimando meu peito enquanto arrasto meus dedos sobre seu ar cortado antes de agarrar uma de suas tranças e puxar sua cabeça para o lado. Ele tropeça na última fileira, o corpo curvado para o lado.

— Porra, Peris, — ele grita quando puxo com mais força, só para ouvir sua dor.

Ele está errado. Não doeu porque não é verdade.

Ou porra, talvez seja. Talvez eu seja uma bicha. Um *viado*.

— Não preciso da sua maldita pena.

Abel zomba antes de chorar quando minhas unhas afundam em seu couro cabeludo. — Quando você vai aceitar isso, Peris? Quando finalmente vai parar de lutar?

— Não estou lutando contra nada. E não há nada para aceitar.

Encontrando o equilíbrio, ele se afasta do meu aperto, parando quando é puxado para mais perto. — Certo. Porque me tocar, me beijar, *me foder* e *amar* cada segundo disso não significa merda nenhuma. Sim, você está certo, Peris. Você é tão heterossexual, — ele zomba com uma careta, como *se estivesse* com nojo de mim.

— Você quer que eu *aceite* isso, Nanico? — Eu o puxo contra mim. Meus dentes roçam sua orelha. — Aceito que gosto da sua boceta usada enrolada no meu pau. Também gosto de me enfiar na sua garganta porque você é excepcionalmente bom em engolir pau.

— Chamar meu *cu* de boceta não o torna menos idiota, Peris.

— Oh, estou bem ciente desse fato. — Minha língua lambe a barra em sua orelha superior. — Mas também sei o quanto *você* adora pensar no seu buraco como uma boceta. O rubor na primeira vez que eu disse isso. A amplitude dos seus olhos. Coloco a palma da mão em seu esterno, odiando a textura áspera de sua roupa de poliéster.

— Sim. Posso sentir seu batimento cardíaco agora. — Minha mão desce sobre sua barriga, as pontas dos dedos roçando aquela pele que estava me provocando a noite toda. Giro meus dedos pelo cabelo ali, mergulhando abaixo da faixa de sua saia de cintura alta.

— Existem câmeras, Peris.

Eu ainda por um momento. Uma batida. Meus olhos se voltam para os cantos do ginásio. *Merda*. — Onde você quer chegar?

— Você realmente quer ser expulso por foder no ginásio da escola? Não achei que você fosse do tipo ousado.

— Você não sabe nada sobre mim, Abel. E quem disse que eu ia te foder? — Ele mexe sua bunda minúscula contra minha virilha, de alguma forma conseguindo colocar meu pau perfeitamente entre suas bochechas.

— Seu pau. Está duro desde que dei um soco no seu melhor amigo.

Meus olhos rolam para a parte de trás da minha cabeça enquanto pego uma de suas pequenas tranças novamente e o empurro para frente. Abel tropeça, lutando contra o meu aperto em sua cabeça. Seu Converse range na madeira quando eu o empurro para frente, sua mochila deixada no chão.

O pirralho luta comigo a cada passo do caminho, agitando os braços atrás dele para arranhar e ferir, cavando fundo onde quer que possa alcançar.

No momento em que eu o bato na parede de concreto perto de uma das portas laterais, nós dois estamos ofegantes. Meus braços estão sangrando e seu pescoço está vermelho cereja, o rosto pressionado contra a superfície fria. Com os olhos voltados para a porta marrom, ele sussurra: — Isso não é muito melhor.

— Você terminou?

Olhando por cima do ombro, Abel sorri. — Acho que nós dois sabemos a resposta para isso. — A sombra em sua pálpebra reflete a luz amarela acima, desbotando a cor e criando sombras pretas que dançam ao longo de suas maçãs do rosto.

— Bom, — rosno enquanto o empurro para baixo das arquibancadas estendidas. Ele por pouco não acerta a cabeça em uma das muitas barras pretas de metal, abaixando-se bem a tempo. Quando ele volta, ele se vira, com os braços cruzados sobre o peito estreito.

Ignoro o mal-estar familiar, a incerteza e a inveja. *O orgulho*. E me agarro ao meu inimigo mais antigo e mais familiar enquanto avanço, afastando as mãos de Abel para segurar seus seios inexistentes.

Ele hesita, com os lábios entreabertos enquanto olha para minhas grandes mãos cobrindo toda a extensão do seu peito. — Que porra você está fazendo?

— Como é? — Mergulho para deslizar por baixo de sua blusa. Está apertado, restringindo meu movimento, mas eu apenas o arrasto para mais perto. Sua pele é quente e macia, mas seus pequenos mamilos estão duros contra minhas palmas. Puxo a barra singular, saboreando o silvo de Abel.

— Parece que você está brincando com meus seios, — sussurra Abel depois de alguns minutos de minhas ministrações. Um grunhido baixo vibra no fundo da minha garganta.

— Sim, cachorrinho. — Dou um passo à frente, lentamente apoiando Abel contra a parede. Seus braços disparam para cima, os dedos enrolados em torno de uma barra acima.

— Para.

Eu recuo, as mãos escorregando por baixo de sua blusa. — Por que eu faria isso?

— Porque eu não estou brincando aqui?

A zombaria que sai de mim é alta o suficiente para ecoar. — Isso é muito rico vindo de você. Preciso lembrá-lo da noite em que nos conhecemos? Quando comi sua garganta no vestiário? E esses são os únicos lugares que conheço. — Essa percepção arde em meu peito, onde *inflama*. — Então, — limpo a garganta, — se algum de nós tem uma queda por locais pouco ortodoxos, é você, Nanico.

Os braços de Abel cruzam-se novamente sobre o peito, mas desta vez é diferente. Ele está enrolado sobre si mesmo, alguns fios rebeldes pendurados na frente de seu rosto enquanto ele fala para o chão. — Estou autorizado a dizer não.

Minha língua rola na boca enquanto sinto o gosto de suas palavras. Amargo e frio. Não gosto deles.

— Não comigo.

— E se eu não *quiser* você? — Minhas sobrancelhas franzem com sua insinuação. Não consigo ler bem o rosto dele entre as sombras e o fato de que ele *não olha para mim, porra*.

Sua cabeça se inclina para trás enquanto bato minha boca na dele. Ele tem um gosto amargo e doce e *meu*. Seus lábios se abrem em uma respiração ofegante, e enfio minha língua dentro, vasculhando seus dentes tortos antes de chupá-la.

— Você quer, — murmuro.

Abel choraminga e se esmaga contra mim, esfregando seu pau duro entre nós. Eu me abaixo para passar a parte de trás dos meus dedos sobre seu comprimento coberto. Sua saia arranha minha pele, as pregas são um incômodo.

— Você gosta disso? — Abel pergunta sem fôlego enquanto seus lábios viajam pelo meu queixo, sua língua os substituindo na encosta da minha garganta. Caímos de volta na parede com grunhidos mútuos. Abel se atrapalha por um momento.

Lambo seu piercing no nariz. — Você está lindo para mim, cachorrinho.

— *Hum.* — O calor pulsa entre nós. Os dentes marcam minha clavícula. Retribuo o gesto e a cabeça de Abel bate no tijolo atrás dele. Minhas mãos deslizam pela sua cintura para acariciar sua bunda empinada.

Não é o suficiente.

Afastando minha boca, agarro seus ombros para girá-lo. Ele cai para frente, com unhas pintadas marcando o tijolo. *Quando ele pintou as unhas?* Franzo a testa para elas antes que Abel mexa a bunda, roubando a pequena revelação.

Viro a ponta esvoaçante de sua saia para revelar pequenas sungas que mal cobrem sua bunda. Minha palma acerta um tapa forte, mas o som é abafado pelo tecido. — Porra, odeio essas coisas, — grito enquanto Abel se mexe, eliminando-as enquanto eu as puxo para baixo.

Duas grossas tiras pretas cobrem a curva da bunda de Abel, dando-lhe mais volume do que o normal, com outra na parte superior, logo acima da fenda da bunda. Coloco um dedo sob a alça direita e puxo para cima, deixando-a voltar.

— Ai, *merda*, — ele sibila, se contorcendo contra a picada. Agarro seu quadril, mantendo-o imóvel enquanto observo sua bunda balançar.

— Por que você está usando uma jock⁴?

— Porque eu posso. — Desta vez, a conexão da minha palma contra sua bunda nua reverbera. Acho que morro um pouco vendo-o balançar. As costas de Abel se curvam para dentro, as pontas amarradas de seu cabelo roçando suas omoplatas afiadas e estendidas. Sua pele está tão esticada que o osso pode rasgar, banhando nós dois em sangue que escorre de feridas abertas.

Faço isso de novo. E de novo. E de novo. Até Abel vibrar e choramingar. Tudo porque quero – e posso.

Quando sua carne queima ao toque, eu me afasto, deslizando as costas dos meus dedos sobre ele. Abel suspira, a cabeça rolando sobre o ombro enquanto suas mãos escorregam, escorregadias com



o suor escorrendo de seu corpo. O meu não fica muito atrás, recuperado dos esforços do jogo, só que desta vez há mais em jogo.

Estou em guerra com uma realidade que não quero, mas não consigo recusar, e quanto mais Abel se afasta, mais eu o quero, contra o meu melhor julgamento – ou literalmente qualquer um.

Basta dar uma olhada no pequenino para saber que ele é a própria definição de más notícias. Eu sabia disso desde o primeiro momento em que coloquei os olhos nele, brilhantes orbes cinzentas rompendo as sombras.

Abel não carrega um pinga de bem nele. Exceto quando ele está atento à minha mãe e às suas tendências superprotetoras e carinhosas. Ou quando ele está se defendendo. Ou quando ele está fazendo isso por outra pessoa.

Por mim.

Porque ele sabe, e é a única pessoa para quem não preciso mentir. E já chegamos até aqui nos afogando em malícia e ódio, hematomas e sangue.

Por que mudar o que funciona? O que sabemos e o que desejamos.

Talvez assim tudo faça algum sentido no final. Porque isso vai acabar.

Meus dedos deslizam entre a fenda de Abel enquanto me inclino sobre suas costas, lambendo cada gota de suor que posso alcançar.

No segundo em que roço seu buraco, pressiono meu dedo indicador dentro dele, sem nada além de seu suor cobrindo meu dedo.

— Ugh, *merda*, — ele choraminga, contorcendo-se para longe do ataque. Inspiro profundamente, o nariz pressionado contra sua pele aquecida. Tudo o que sinto é calor, carne e transpiração.

— Peris, — geme Abel. Empurro meu dedo um pouco mais, lutando contra a contração de seus músculos. Eles travam ainda mais forte, lutando comigo. Então, revido, empurrando até que meus dedos roçam a pele macia de sua bunda.

Minha outra mão desliza sobre sua saia dobrada, descendo até as pernas raspadas – tão suave que posso sentir as pequenas saliências de algumas de suas cicatrizes. — Sim, querido, — digo para ele, os olhos fechados por causa de todo o *calor e queimação e isso*.

— Machuca.

— Porra, isso é bom, — murmuro, beijando sua espinha enquanto tento adicionar outro dedo.

— Você vai me fazer sangrar. — Posso sentir o gosto de seu apelo como gasolina acre. Meu dedo está fora de seu corpo e enrolado em seu quadril antes que eu consiga respirar novamente. Compartilhamos um pouco de silêncio antes que ele o quebre.

— Tem lubrificante. — Ele solta um pequeno suspiro. — Na minha bolsa.

Cada músculo trava quando eu me afasto. — Tem que estar preparado para ser fodido, hein, Nanico? — Sorrio antes que eu possa

me conter. — Planejando abrir as pernas para alguém na festa?
Lance, talvez?

Com isso, Abel se levanta. A visão de suas pernas trêmulas desenrola algo na minha barriga. Ele escorre como pus de uma ferida infectada.

— Achei que não tinha permissão para isso, — ele responde, ajeitando a saia. Afasto suas mãos. — E eu nem sabia sobre a festa até Gabe tocar no assunto, idiota.

— Você não tem.

Suas sobrancelhas escuras se franzem, os olhos semicerrados sob a pressão enquanto seus lábios grossos se torcem para o lado. — Por quê?

— Porque sim! — Respondo, recusando-me a ruminar sobre isso. Neste desejo quente e distorcido de mantê-lo por perto. — Não se mova, porra. — Viro as costas para ele enquanto saio do nosso enclave aquecido. Meus passos são pesados quando vou direto para a bolsa. Tecido desbotado, alças desgastadas e presas com alfinetes de segurança. Manchada e suja — assim como ele.

Como eu.

Agarrando-a com força, examino a sala vazia enquanto caminho de volta, com a barriga enrolada como uma cobra pronta para atacar. Meus pés param quando encontro Abel exatamente como o deixei, só que desta vez, um tornozelo está cruzado sobre o outro, e há algo

naqueles sapatos sujos caindo nas costuras que erradica tudo ao nosso redor.

Minha visão se transforma em um vazio escuro quando me aproximo dele. Abel arranca a bolsa das minhas mãos para vasculhar dentro dela, fazendo a merda chacoalhar e arranhar. Meus olhos nunca deixam seu rosto enquanto ele tira a garrafa com a mão trêmula.

Pego-a dele e, com a outra mão, arranco sua mochila, jogando-a em algum lugar atrás de nós. Abel segue sua dissidência com a boca aberta. — Ei, essa é a porra da minha merda. Você não pode simplesmente jogar isso por aí... — Eu o calei com a língua, lambendo seus lábios antes de mergulhar na caverna úmida de sua boca.

Abel suspira tão suavemente que eu congelo. Seus ombros caíram, o corpo completamente relaxado enquanto sua cabeça *bate* contra a parede. Ele não está mais lutando comigo, mas acolhendo meu toque sem nenhum traço de apreensão, os olhos semicerrados enquanto seus cílios roçam as maçãs do rosto magras.

Meus dedos se enrolam em torno da garrafa enquanto algo semelhante ao medo percorre meu interior, observando-o diante de mim. Tão confortável com o que quer que possa acontecer. Tão vulnerável e... e *bonito*.

Abrindo a tampa, coloco uma gota em meus dedos e pressiono contra ele. Meu braço envolve seu lado esquerdo, desaparecendo sob sua saia. A respiração de Abel engata quando meus dedos

escorregadios deslizam por sua fenda, encontrando a dobra quente de seu buraco com facilidade.

— Só porque quero isso rápido, — rosno contra sua boca. — É úmido.

Ele sorri, com as pálpebras baixas enquanto empurra os quadris, me dando mais espaço para trabalhar. O deslizamento do meu dedo é suave, envolto por um tipo impossível de calor. Ele afunda até os nós dos dedos com a facilidade de uma única respiração compartilhada entre nós.

O pau pequeno e duro de Abel se contorce contra o meu, e mesmo com muitas camadas de tecido entre nós, parece dolorosamente íntimo. Eu me movo contra ele enquanto enterro os nós dos dedos em sua fenda, massageando ao longo do calor apertado de seu canal.

Seus miados ofegantes são a ignição das chamas que florescem dentro de mim, se transformando em um inferno ofuscante. Deixo cair minha boca em seu pescoço, beijando, lambendo, murmurando cada centímetro enquanto minha respiração falha, não mais controlada, mas instável e desenfreada.

A pressão do meu segundo dedo traz uma respiração ofegante seguida por um gemido abafado enquanto Abel se abaixa, me aceitando com facilidade. Trilhas de pensamentos vis espreitam pelas bordas da consciência, tão longe do vórtice em que estou caindo, mas perto o suficiente para serem tocadas.

Ele está acostumado com isso.

Ele sabe o que está fazendo.

Havia um maldito lubrificante em sua mochila – a bolsa sem a qual eu nunca o vi.

Quebro meu pescoço, rosnando em meio ao ataque enquanto empurro três dedos profundamente. Abel grunhe, curvando as costas quando bato nele, não mais me esticando, mas fodendo – e com força.

A velocidade paralela aos sons que saem de sua garganta obscurece a presença de confusão, então vou mais fundo. As mãos de Abel seguram meu pescoço, os dedos mergulhando em meu cabelo enquanto ele me puxa.

A colisão de nossas bocas é brutal. Lutamos pelo controle, sentindo gosto de sangue e saliva quente. Meus dentes encontram seu lábio inferior, e eu o abro, mordendo-o enquanto ele ofega pela boca aberta, o hálito quente soprando em meu rosto.

Eu queimo. Cada centímetro da minha pele está cheio de chamadas ardentes enquanto empurro meu short para baixo para libertar meu pau dolorido. Abel enfia a mão entre nós para me agarrar. Enrolo-me sobre ele com um grunhido quando ele me envolve e puxa para cima.

Presos entre as roupas e a pele suada, prendo Abel contra mim com os dedos dentro dele, e ele controla o movimento dos meus quadris com seu aperto no meu pau. Lutamos por isso, com os

dentes batendo e a carne dilacerando. Seus dentes tortos arranham minha clavícula. Minhas unhas rasgam sua carne.

A suavidade cobre meu pau, me fazendo estremecer, os ombros rolando enquanto desliza pela minha espinha. Abel se abaixa para acariciar minhas bolas antes de provocar uma unha áspera logo abaixo da minha glândula. Eu me afasto com um silvo, captando a torção selvagem e sinistra de sua boca.

Sua perna esquerda sobe, enrolando-se em volta do meu quadril. Sua saia envolve sua cintura estreita, expondo a frente de sua jock. Solto uma respiração pesada pelo nariz enquanto Abel se equilibra na ponta dos pés, usando a parede como alavanca enquanto inclina meu pau para baixo. Mas nossa diferença de altura não facilita isso.

Através de um olhar com as pálpebras pesadas, ele grunhe, a ponta do seu tênis escorregando no chão enquanto ele passa a cabeça do meu pau sobre seu buraco liso e esticado. Estou ofegante, a boca cheia de saliva enquanto assisto ao show diante de mim, uma mão em volta de seu quadril, a outra segurando sua coxa exposta enrolada em volta de mim.

— Peris, — Abel murmura. Eu pisco. — Foda-me. Estou pronto para você.

Olho para baixo entre nós. Seu pau duro é visível através do tecido escuro, mas não consigo vê-lo. Tudo o que posso focar é no buraco de Abel e meu pau contra ele.

Já sei o quão apertado, quente e molhado ele é. Tudo o que preciso fazer é levantá-lo para que ele afunde lá dentro. Engasgar com o aperto de sua boceta até que tudo pareça certo novamente.

Só eu e Abel e todos os nossos feios.

Agarro sua bunda de cada lado e o levanto no ar, usando a parede em suas costas como apoio enquanto o abro. Ele guia meu pau dentro dele enquanto eu lentamente o abaixo. A compressão dele me faz estremecer, o aperto de seu buraco é impossível de penetrar. E então, minha cabeça entra.

Estou dentro dele novamente.

— Porra, — Abel geme enquanto sua cabeça cai para trás, e meu olhar se fixa na cicatriz em sua sobrancelha. Lembro-me de quando ele apareceu na minha porta, manchado e quebrado porque alguém se atreveu a colocar as mãos nele.

Minhas costas se curvam enquanto eu lentamente libero seu peso até que sua bunda esteja encostada na minha virilha. As alças de seu jock queimam contra minha pele quando giro meus quadris, só para senti-lo de todos os ângulos.

A curva de sua coluna, o impulso de seu peito. O franzido de seus lábios com alguns fios suados grudados neles.

Tudo nele me torce do avesso.

Eu me arrasto para frente até que ele esteja totalmente pressionado contra a parede, e o esforço para mantê-lo em pé diminui um pouco. Com as costas apoiadas, sou capaz de sair e

afundar com facilidade. Abel cantarola, olhos fechados enquanto sua cabeça rola para o ombro.

Seus sapatos cravam na minha bunda nua com cada impulso, e é a lembrança daqueles sapatos sujos contra a minha pele que traz tudo de volta.

— Droga, — rosno, os lábios se curvando em um grunhido enquanto bato para frente. Abel grita, as mãos lutando em volta do meu pescoço. Suas unhas pintadas afundam na minha pele enquanto meu ritmo aumenta.

— Foda-se... o que você faz comigo. — O tapa em nossa pele dói. Desejo me esconder na encosta de seu longo pescoço. Para não ver seu rosto enquanto fodo com ele. Fingir.

Mas não posso.

— Se o que eu faço... — Abel ofega. — *Hum*. Se o que faço faz você me foder assim, — sua língua se arrasta pelos lábios, manchando o queixo e as bochechas de roxo, — então vou continuar fazendo isso.

— Continuar me irritando? Continuar agindo como uma putinha? — Avanço, machucando sua pele – e a minha. Mas acho que ambos precisaremos dessas marcas quando tudo estiver dito e feito e o ódio por quem somos se instalar novamente.

Se ao menos a emoção disso durasse mais.

Talvez só precisemos foder mais... para continuar. Porque quando estamos fazendo isso, posso ficar com raiva. Posso foder com ele, e isso não importa, porque ele quer que eu faça isso.

É quando não consigo sentir o corpo dele contra o meu – quando não tenho esse lembrete inegável – que tudo dá tão errado.

— Só você, querido, — Abel murmura suavemente com uma ternura que é uma maldita *mentira*.

Minha mandíbula se aperta com um estalo quando bato para frente e agarro sua mandíbula com um aperto punitivo. Os lábios de Abel franzem sob a pressão, expondo sua língua rosada. Ele sai, roçando meu dedo indicador. Rosno e arranco minha mão para agarrar sua garganta.

Abel engasga quando interrompo seu ar, os olhos se abrindo quando a compreensão surge. Seus pulmões se contraem, precisando de uma respiração que ele não pode ter, porra.

— Tudo o que você é, — digo com a voz rouca contra o lado do seu rosto, em seguida, deslizo minha língua sobre sua bochecha, até a ponta do seu nariz, — é um maldito mentiroso.

— N-não, — ele chia, quase imperceptível.

Eu rio loucamente, jogando minha cabeça para trás diante do *absurdo* total de tudo isso. O canal de Abel ondula ao meu redor enquanto eu o empurro. A sensação arranca um gemido da minha garganta.

— Você ao menos percebe todas as mentiras que vomita? Ou você disse tantas coisas que realmente acredita que elas são a verdade que você está tentando fabricar?

Não espero que a veracidade das minhas palavras sobre quem é Abel me atinja com tanta força. *Então, pessoalmente.*

Seremos para sempre um e o mesmo.

Abel tenta falar, mas não consegue. Eu não deixo, porque se eu ouvir outra maldita mentira saindo daqueles lindos lábios, eu posso realmente matá-lo.

Quando a cor do seu rosto fica com um lindo tom de vermelho, afasto meus dedos. Abel suspira alto, os olhos saltando de seu crânio enquanto ele ofega descontroladamente – o tempo todo eu continuo a fodê-lo, deleitando-me com o estrangulamento de sua boceta.

— Ainda tão apertado. Não entendo, — murmuro para mim mesmo quando Abel contrai. A vibração de seu buraco dá um arrasto perfeito ao longo do meu pau enquanto me afasto, apertando suas nádegas enquanto bato de volta.

Suas costas se conectam bruscamente com a parede, roubando todo o fôlego que ele acabou de ganhar. — Puta que pariu, Peris, — ele murmura. A aspereza de sua voz me faz estremecer.

Espero que ele tenha hematomas no formato dos meus dedos.

Deixar todo mundo ver a prostituta que ele realmente é.

— Tudo o que você faz é mentir e trapacear para conseguir o que deseja. — Eu me abaixo para beliscar seu ombro antes de segurar um

lado de seu peito plano. Sua pele escorregadia de suor desliza pela minha cintura, então estendo meu quadril esquerdo para alcançá-lo, mantendo o direito preso no lugar com a outra mão.

— Você me pegou, porra, e agora, você só quer me amarrar. — Seus lábios se abrindo em protesto puxam minha mão de volta para onde ela pertence, ao longo de sua garganta. Cortei suas palavras antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

— Não, — respondo, — diga a porra de uma palavra. — Abel acena com a cabeça apenas o suficiente para arrancar um sorriso meu. — Bom garoto.

Suas pálpebras tremem enquanto seus olhos rolam para a parte de trás da cabeça. Lambo meus lábios, girando meus quadris. As minhas bolas estão tão pesadas e apertadas entre as minhas pernas. Abel é tão bom que chega a ser nojento.

— Você gosta de elogios, hein, Nanico? — O movimento de sua garganta me diz tudo que preciso saber. — Você gosta de ser meu despejo de esperma sujo? Um cachorrinho tão inútil. — Deixo cair a cabeça para trás com um suspiro ao sentir a ondulação do canal de Abel.

— Tão previsível.

CAPÍTULO 25

ABEL

Desço ainda mais com um suspiro ofegante, sentindo o chão subir ao meu encontro. Peris me puxa de volta e um gemido sai de mim com a liberação recém-descoberta em meu pescoço e o deslizamento chocante de seu pau.

— Você não me conhece. — As palavras parecem patéticas, até para mim, mas tenho que dizê-las de qualquer maneira.

— Sim, querido. Você tem razão. — *Querido...* Esse nome dói junto com todo o resto. — Por que você simplesmente não cala a boca e aperta essa boceta em volta de mim. — A respiração de Peris está em mim enquanto seu pau está profundamente dentro de mim.

Reajo às suas palavras grosseiras por impulso. — Merda, — ele grunhe, as mãos lutando em minhas coxas. As pontas de seus dedos irradiam sua própria pulsação que dispara direto para minhas bolas presas.

— Aperte mais, Nanico. Quero que você estrangule meu pau. — Suas estocadas estão acelerando, mesmo quando aperto o mais forte que posso. E tenho que admitir, é eufórico. A luta, o deslizamento escorregadio. O suspiro que ele arranca de mim a cada recuo, pendurado no precipício pouco antes de me encher com um tapa forte em nossa carne.

Com um miado patético, luto contra o tecido da minha saia enrolado na minha cintura. Quando minha mão finalmente encontra o caminho dentro do meu jock e toco meu pau dolorido, lágrimas brotam dos cantos dos meus olhos.

— Que porra pensa que está fazendo? — Peris responde, puxando meu braço. Eu grito de frustração, lutando contra ele enquanto meus olhos lacrimejam.

— Preciso gozar.

— Não me importo, porra.

Grito tão alto que reverbera ao nosso redor. Sua mão bate no meu rosto com um estalo ensurdecador. A pulsação da conexão me tira o fôlego por um momento enquanto olho para os olhos arregalados de Peris.

Sua cabeça se vira, inclinada para o lado, provavelmente ouvindo possíveis pessoas interrompendo o momento.

Enquanto ele está distraído, afundo meus dentes na carne de seu dedo indicador. — Porra! — ele grita, se afastando.

— Foda-se! — Grito em retaliação enquanto entro para agarrar meu pau novamente. O alívio é instantâneo. As lágrimas só vêm com mais força.

— Seu maldito... — Ele para, os olhos caindo para as marcas molhadas em meu rosto. Sinto minha maquiagem manchando minha pele, pegajosa e com coceira. Peris pisca. Sinto seu pau se contorcendo dentro de mim.

— Oh, — suspiro, sem fôlego. Aperto os olhos, desenhando mais. Seu peito arfa.

Ele adora me ver tão vulnerável quanto ele se sente.

O tempo para neste lugar onde estamos conectados. Lutando e resistindo por algo que nenhum de nós consegue nomear.

Meu braço acelera, mas mesmo com meu movimento restrito, o pré-sêmen vazando do meu buraquinho é mais que suficiente para me colocar em chamas. Apertando meus dedos em um anel na minha base, eu arqueio, a cabeça batendo na parede enquanto a pulsação radiante dispara através das minhas bolas e no meu pau.

— Jesus, porra, meu cachorrinho — Peris geme em meu pescoço com algumas estocadas dolorosas e estridentes antes de se transformarem em um balanço mecânico mais lento. Como um barco balançando nas ondas.

É uma descida suave de um pico que eu não sabia que poderia alcançar. Suspiro baixinho, meus dedos penetrando nos cabelos da nuca de Peris. Está suado, pegajoso e perfeito.

Peris grunhe, os lábios entreabertos na minha pele nua. Sua língua se projeta para fora, saboreando minha carne — e é assim que ficamos enquanto a agitação em meu esterno lentamente volta ao seu ritmo habitual e fora do ritmo e o peito de Peris não se agita mais, as mãos firmes enquanto me seguram.

Quando suas pernas dobram, ele sai de mim pouco antes de cairmos no chão. Peris cai de bunda, apoiado no lado direito, e eu

caio em cima dele, com as cabeças a centímetros de colidir. Estamos tão perto que nossos olhos se cruzam enquanto nos encaramos na sombra.

Sempre haverá sombras entre nós. Muitos segredos e mentiras que nunca iremos expor, suas verdades são prejudiciais e impossíveis de enfrentar.

— Entendi agora, — digo a Peris em um sussurro. Suas sobrancelhas escuras se unem, criando aquela ruga característica entre elas. O silêncio se segue enquanto ele absorve minhas palavras.

Sei o momento em que a compreensão surge. Essas sobrancelhas se levantam, os olhos se arregalam ligeiramente enquanto ele se afasta. Não demorou muito para que o choque voltasse à sua habitual fachada de raiva.

Ou... não é uma fachada, mas a única parte *real* na qual ele escolhe focar dentre todas as suas verdades.

— Só seremos ódio e loucura, não é?

Há uma longa pausa enquanto suas írises vibrantes examinam cada centímetro do meu rosto. Seu polegar roça as marcas secas e coceira em minhas bochechas, provavelmente espalhando rímel.

Descubro que não me importo nem um pouco quando Peris está fazendo bagunça comigo.

— Angústia também. — E então, ele está se afastando para puxar o short para cima, cobrindo seu pau macio e brilhante. Olho para sua virilha, sentindo uma estranha sensação de desolação.

Os olhos de Peris se voltam para mim por um momento antes de rastrear a bagunça que fizemos. Meu cabelo bagunçado, uniforme bagunçado e retorcido agora manchado com vários fluidos. O frasco de lubrificante abandonado de lado, com a tampa aberta enquanto derrama no chão.

Suas mãos seguram uma barra acima dele enquanto ele se move para puxar o cabelo, um gesto que ele faz com frequência quando está frustrado, confuso ou sentindo muita coisa, na verdade.

E então, seu telefone toca, cortando o silêncio ecoante. Seus músculos ficam tensos e ele vira as costas para mim. Deixando-me sozinho no chão frio do ginásio com seu esperma vazando da minha bunda.

A perda de sua presença é chocante quando me levanto, embora instável. Meus quadris doem, minha bunda está em chamas quando dou palmadas, puxando-as para cima para pegar a maior parte do esperma de Peris. Eu me contorço, incapaz de conter meu pequeno sorriso com a sensação. É uma sensação com a qual estou acostumado, mas saber que é o sêmen de Peris faz com que pareça diferente.

Suas palavras de angústia flutuam em minha mente enquanto enfio todas as minhas coisas de volta na bolsa e me abaixo das grades enquanto saio das arquibancadas. E mesmo que as luzes acima sejam de um amarelo fosco, ainda pisco rapidamente devido ao seu brilho.

Peris está de costas para mim, com o telefone no ouvido enquanto, presumo, ele ouve alguém falar. Não me preocupo em esperar, sabendo que ele conseguiu o que queria e ponto final. A vergonha deveria cobrir cada centímetro da minha pele enquanto me afasto e empurro a porta, mas isso não acontece.

Isso nunca acontece.

Porque eu também consegui o que queria.

— Onde diabos você pensa que está indo? — Peris grita atrás de mim no momento em que a porta escorrega dos meus dedos. Levanto uma sobrancelha que ele não consegue ver antes de continuar meu caminho.

Estou brincando de quente e frio com ele — sei disso. Mas também não conheço outra maneira.

No momento, é tão fácil cair nisso tudo — na paixão visceral. Mas depois, quando estamos separados e a névoa começa a desaparecer, lembro que não é a vida real — como sempre faço — e a dor da realidade dói um pouco mais.

Na verdade, está começando a doer tanto que ficar chapado é a única coisa que ajuda. Nunca foi minha praia — Peris estava certo sobre ser algo fora do meu controle — mas diminui um pouco mais a necessidade que cresce dentro de mim a cada dia.

A necessidade de Peris e o estranho conforto que ele me dá. É como se... eu não tivesse que me esconder com ele como faço com

qualquer outra pessoa no mundo. Ele já me vê como sou — todo feio — e, de qualquer maneira, me acha bonito.

Ele me *deixou* bonito.

Mas não posso *precisar* disso, porque isso será tirado de mim. Sempre acontece.

A única pessoa no mundo que precisei foi Mo, e depois que fui preso por roubar comida, nunca mais a vi.

A dor disso quase me matou. Não posso fazer isso de novo.

Não acho que vou sobreviver. Então... eu me afasto. Recebo ódio, raiva e libertação, e então, vou embora. Porque é a única coisa que faz sentido. E é como eu disse ao Peris.

Entendi agora.

A dança dos demônios só leva à descida ao Inferno. E não posso entrar nessa com ele.

— Não se afaste de mim, porra! — Peris grita nas minhas costas, me assustando. Fico tenso da cabeça aos pés com o volume que ressoa, mas meus passos não diminuem a velocidade.

— Abel! — Mais alto, *mais perto*.

A ponta do meu sapato fica presa na borda da porta quando eu a empurro e tropeço para frente. Minha bolsa voa do meu ombro e o zíper se rasga, todas as minhas coisas dentro dela voam pelo chão.

Meus joelhos estalam no tapete enquanto olho para as únicas coisas que realmente possuo, expostas ao luar luminescente.

Um soluço rasga minha garganta antes que eu possa impedi-lo, e as lágrimas jorram. Meu corpo se curva para dentro, os braços em volta da minha cintura em uma tentativa patética de manter tudo dentro, mas é inútil.

Apenas como eu.

As pernas de Peris entram na minha periferia quando ele passa por mim. Ele se abaixa e pega a velha e amarelada Polaroid minha e de Lucy. Meus dedos se contraem para tirá-lo dele, mas *não consigo*.

Patético. Fraco.

Porra inútil... — Esta é sua mãe? — A pergunta de Peris interrompe minha linha de pensamento.

Pisco rapidamente durante o ataque, mas é inútil. Com uma fungada entupida, aceno com a cabeça bruscamente – apenas uma vez. Não consigo encarar o olhar de Peris. Não consigo encarar a prova tangível da minha própria existência lamentável.

— Você se parece com ela. — Seus olhos estão passando entre mim e uma fotografia de minha mãe de dezoito anos. Suspiro, mas sai mais como um soluço.

Passando as costas da mão pelo nariz, fungo novamente. — Sim. — Meus dedos puxam os cadarços manchados, os olhos atraídos pelos sapatos roxos e pretos de Peris. Nike. Muito bom.

— Levante-se. Vamos. — Ele enfia todas as minhas coisas de volta na minha bolsa, e quase deixo escapar que ele está fazendo tudo errado, mas percebo no último momento. Levantar-me exige um

esforço gigantesco, mas com a mão de Peris em meu cotovelo, me endireito e empurro a outra porta.

O ar gelado do outono arde em minha pele como mil agulhas enquanto sigo os passos de Peris. Minha bolsa balança em sua mão enquanto sua mochila está pendurada em seu ombro.

Quando chegamos ao carro dele, estou tremendo e meus dentes batendo. Peris olha para mim e suspira. — Entre, Nanico.

— E-eu posso andar, — gaguejo. Peris zomba e abre a porta do passageiro.

— Entra. Que merda. — Sem esperar por uma resposta, ele me empurra para dentro e bate a porta atrás de mim. Ele abre a traseira para deixar nossas mochilas antes de caminhar até o lado do motorista. Estendo a mão para trás e coloco minha bolsa no colo enquanto ele se acomoda, os dedos batendo no telefone.

Um silêncio intenso se constrói entre nós quando ele sai do estacionamento vazio, a música tocando baixo nos alto-falantes. Lançando um rápido olhar em sua direção, alcanço a maçaneta e a viro para cima.

Minha cabeça balança lentamente ao ritmo de uma das músicas do Eminem. Peris não reconhece o volume enquanto dirige por uma das muitas ruas escuras – longe de casa.

— Não vamos para casa? — pergunto suavemente, puxando a barra da minha saia. Minha pele ainda está arrepiada, mas o carro

finalmente começou a esquentar, e a corrente de ar quente que sai das saídas de ar me faz tremer.

Meu polegar roça a borda de uma cicatriz.

— Não. — Peris não dá mais detalhes. Franzo a testa para ele, mas ele não olha para mim.

— Por quê? — Pressiono com mais força contra ele. Não dói, mas parece diferente – e diferente é melhor que isso.

Ele vira à esquerda, levando-nos para fora da cidade por uma estrada de cascalho. Pedras cospem em ambos os lados conforme ele aumenta a velocidade. O carro afunda quando ele passa por uma pequena colina, fazendo meu estômago embrulhar. O silêncio dura o suficiente para que a música mude novamente, agora uma velha canção de hip-hop.

— Peris? — pergunto, cravando as unhas. Seus dedos batem junto com a batida, uma indicação clara de que sua audição está, de fato, funcionando.

O desconforto queima minha pele e ainda me sinto tão exposto. Eu me contorço no assento, estremecendo com a dor quando o movimento faz com que um jorro de esperma vaze do meu buraco.

Dou a descarga, mas, felizmente, está escuro, exceto pelo brilho verde e misterioso do painel e da tela do relógio.

— Peris. — Tento de novo.

— Deixe isso, Abel. — Ele vira à esquerda com facilidade, chegando até a percorrer sessenta quilômetros por hora em uma

curva de cascalho. Minha mão sobe para agarrar a maçaneta, *merda*, enquanto deslizo para dentro da porta.

Quando o carro se endireita, ajusto o cinto de segurança. — Tentando me matar?

Seus olhos piscam em minha direção antes de ele abaixar a cabeça e murmurar: — Tentando matar alguma coisa.

Não sei o que dizer sobre isso, então fico sentado em silêncio, aceitando o fato de que Peris realmente me sequestrou e sou seu refém.

Dramático, claro, mas se encaixa no projeto.

Meus olhos se fixam na minha bolsa, aberta com minhas coisas penduradas. A maioria dos alfinetes de segurança se abriu, deixando as tiras rasgadas penduradas inutilmente. Toco um fio preto, enrolando-o em meu dedo até interromper o fluxo sanguíneo, e então, lentamente o desfio antes de mergulhar dentro para ver o que está quebrado.

Meus livros já estavam fodidos, mas agora “Go Ask Alice” está dividido em duas partes. Meus CDs são os mesmos discos riscados e de merda que eram. Quando retiro meu Discman, prendo a respiração ao ligá-lo, só o liberando quando a tela se ilumina e o CD gira.

Lágrimas queimam meus olhos enquanto empurro tudo de volta para dentro antes de tirar a Polaroid minha e de minha mãe. Acendo a faísca de um isqueiro, observando a pequena chama tremeluzir no escuro. Levo-o para o canto da foto, observando enquanto ele

queima lentamente. Ficando marrom, depois preta, o plástico se enrolando com o calor.

— Para. — A foto é roubada. Eu suspiro, olhando para Peris com os olhos arregalados enquanto ele sacode o carro antes de jogá-lo no painel – o lugar mais distante de mim.

— Devolva.

Ele nem sequer olha para mim. — Não.

— Você não pode simplesmente aceitar merda de mim, Peris. — Estou bufando, mas não consigo evitar. Minha pele está arrepiada e queimando de desconforto. — Por favor, não tire minhas coisas de mim.

— Abel... — Ele interrompe bruscamente, depois passa os dedos pelos cabelos desgrenhados. Ele puxa, sibila. Seguido por maldições murmuradas, e então, estamos virando novamente.

Enquanto paramos em uma placa de pare, salto sobre o console central. Os braços de Peris prontamente me bloqueiam, seu rosto é uma máscara vazia. Subo em seu braço forte, arranhando a pele nua para chegar à foto.

— Deixe-me ficar com isso! — Eu grito. Ecoa e estremeço, mas ele ainda não se move. — Porra, olhe para mim!

Seus olhos deslizam para a direita e fico gelado, percebendo que não me sinto melhor.

— Você ao menos quer isso? — ele pergunta, pisando no acelerador. Pedras cospem enquanto avançamos e sou jogado de volta no assento.

Com o peito arfante, aperto o cinto de segurança. — Claro que quero.

— Você estava tentando queimá-la.

— Não pela primeira vez, — respondo. — Eu nunca passo por isso. Mas não vejo por que isso importa para você — acrescento.

— Porque você vai se arrepender algum dia, — é tudo o que ele diz, me confundindo ainda mais.

— Você não sabe de nada, Peris, — murmuro, sabendo que ele está certo. Mas tenho certeza de que não vou contar isso a ele!

Estreitando os olhos, abro o zíper do bolso frontal e retiro um saquinho com meus baseados pré-enrolados. No momento em que ela abre, olho para cima, mas ele não está prestando atenção em mim. Sorrio enquanto pressiono um entre os lábios e acendo a ponta, inalando enquanto a ponta fica vermelha brilhante.

— Que porra você pensa que está fazendo? — Peris estala. Seu pé pisa no freio, mas eu já esperava por isso, então já estou com um braço estendido para me apoiar enquanto derrapamos para outra parada, com cascalho cuspindo ao nosso redor. Consigo roubar a foto de volta sem resistência e enfiá-la dentro do meu livro porque seus olhos nunca deixam a fumaça saindo da minha boca.

A distração faz maravilhas.

— O que, — murmuro através dos meus lábios, — estou surpreso que você não tenha matado alguém com sua direção imprudente.

Peris tenta tirar o baseado da minha boca, mas eu recuo, batendo na janela. É duro e meus olhos reviram, mas vale a pena ver o sorriso de indignação em seu rosto.

Tudo fica em silêncio por alguns longos momentos enquanto o peito de Peris arfa, os dedos cerrados enquanto continuo fumando, fumando como se fosse a última vez que farei isso — e pode ser que isso aconteça se Peris cumprir sua ameaça de me matar.

Seria um bom caminho a percorrer, eu acho. Pelas mãos, olhando para seu rosto. Naqueles olhos.

Quando ele ainda não se decidiu, recuo, tossindo e piscando rapidamente em meio às lágrimas que escorrem dos meus olhos. Eles queimam com a fumaça circulando ao nosso redor. — Esquentando o carro, hein? — Eu digo, levantando uma sobrancelha.

Peris franze a testa antes de estender a mão para abrir todas as janelas sem olhar. A rajada de ar gelado me faz tremer, arrepios percorrem meu corpo instantaneamente. — Você vai fechar isso agora? — Pergunto enquanto os segundos passam, a fumaça persistente já se foi. — Está congelando.

Nada.

Apenas seu olhar intenso... *estranho*.

— Olá? — Inclino-me para frente para bater meu dedo em sua testa, mas logo antes de nossos corpos se conectarem, seu braço se

levanta e seus dedos seguram meu pulso. Os ossos se trituram, me fazendo assobiar.

— Dê para mim, — ele sussurra, lentamente me puxando para mais perto.

— Não. — Dou outra tragada só para irritá-lo. Antes que eu possa piscar, ele está entre seus dedos e seu braço está para fora da janela aberta.

— Peris, não se atreva! — Agarro sua pele com uma petulância patética. — A erva não é barata.

— Deveria ter pensado nisso antes de acender a porra *do meu carro*. — Seus dedos se agitam e um pequeno brilho vermelho forma um arco no ar antes de desaparecer. A poeira entra no carro enquanto Peris acelera, me fazendo tossir mais do que a fumaça. Cubro o nariz e a boca com o braço nu, na esperança de bloquear isso. Seus olhos se voltam para mim – sei porque não *posso* parar de olhar para ele.

As janelas se abrem junto com uma explosão de calor vindo das aberturas de ventilação. Estremeço com a mudança, me curvando e quase engasgando com o cinto de segurança. Roço minha garganta, sensível e dolorida, pulsando com seu próprio batimento cardíaco no formato da mão de Peris.

Sigo a batida com os dedos formigando enquanto minha cabeça bate contra o vidro frio e úmido, roçando a pele arrepiada e sibilando com a presença de hematomas. Peris aumenta o volume da música até que ela vibre dentro da minha mente como todo o resto.

E é legal. Sentir algo mesmo quando nada quer ser sentido.

Algo bom.

Olho pela janela para o céu noturno e sorrio, com a bochecha comprimida contra o vidro. Não há uma nuvem à vista – apenas uma escuridão infinita manchada pela luz das estrelas.

É uma das poucas coisas que adoro em Ardent: ser uma das cidades menores ao redor da capital. Mais rural com menos poluição luminosa.

Eu nunca soube o quão bonitas eram as estrelas antes de ser forçado aqui. Quão nítidas elas brilham. Pequenas bolas de gás quente que tantas pessoas desejam.

Mas não eu – nunca eu.

Os desejos são inúteis. É tudo uma questão de sobrevivência por qualquer meio necessário.

Só que... talvez não precise ser assim.

Desde que fui morar com Elise, não precisei mais fazer isso — interrompi o pensamento com um aceno de cabeça. Estou pesado com o zumbido fervilhando em meu cérebro. Cada membro está formigando, pendurado como um peso morto em meu esqueleto, e a vibração do baixo faz meus olhos revirarem.

Não tive que vender meu corpo. Finalmente termino o único pensamento que nunca me permiti. Eu nunca disse isso em voz alta ou na minha cabeça. Não poderia, mesmo com a verdade tão óbvia. Tão pertinente.

Mas não preciso mais.

Elise tem sido minha segurança e Peris... bem.

Peris é meu grito. A única parte que faz sentido em meio ao caos estagnado.

— Para onde estamos indo, Peri? — pergunto depois de um longo tempo, minha língua pesada contra o céu da boca. Estalo meus lábios, a boca de algodão quase me sufocando.

Ele suspira enquanto alcança o console e cobre meus dedos doloridos que ainda seguram o isqueiro. — Em lugar nenhum, filhote.

CAPÍTULO 26

PERIS

Meus pés estão pesados quando finalmente ultrapassamos a soleira. O ar gelado entra atrás de mim, me fazendo tremer quando giro a maçaneta e tranco a porta silenciosamente.

O corpo de Abel está dobrado ao meio enquanto ele se abaixa para desamarrar os sapatos, puxando os cadarços ao acaso e tirando-os com os dedos. Eles batem contra a parede com um chute curto, e então ele se levanta novamente, as mãos pressionadas na parte inferior das costas com um gemido baixo.

Meus sapatos encontram seu lugar ao lado dos dele, e nós dois entramos na sala em silêncio mútuo, lânguidos de exaustão e revelações confusas.

Não conversamos muito desde que apertei seus dedos. *Não poderia, realmente.*

— O que quer assistir? — Abel pergunta enquanto se senta no sofá bufando. Sigo o contorno de seu corpo, passando por seus cabelos finos e emaranhados. Uniforme amassado e maquiagem entremeada.

Um calor que antes era desconhecido floresce dentro do meu peito, o tipo de peso que me prende ao momento. Pressiono a palma da mão contra ele, odiando a dor enquanto dou a volta no sofá e me sento ao lado dele.

Não faz sentido fingir que não quero estar ao lado dele.

Não agora, de qualquer maneira.

— Você e eu sabemos que você já está procurando por *Bob Esponja*, — digo com voz arrastada e baixa, os olhos já fechados enquanto me inclino para trás no canto do sofá.

Meu corpo afunda nas almofadas gastas, as dragas do sono flutuando nas bordas da minha consciência.

— Ei, estou ofendido com isso, — ele zomba, fazendo meus lábios se contraírem.

Deixo cair a cabeça no ombro, os braços cruzados sobre o peito enquanto olho para ele com os olhos turvos.

— Você não se ofende com nada. Confie em mim, tentei.

Ele me lança um sorriso antes de apertar o play e deixar cair o controle remoto na mesa de centro. Com um suspiro, ele recua, puxando a colcha sobre as pernas expostas enquanto se acomoda. Suas pálpebras são pesadas, escuras, cílios como aranhas flutuando em suas bochechas enquanto a luz da tela brilha sobre seu rosto pálido.

Ouço as vozes emitidas pela TV, mas são apenas um ruído de fundo desbotado enquanto observo Abel. As rugas perto dos olhos, a forma como os lábios manchados franzem. Ouço suas risadas mais altas e sussurrantes e bufos abafados.

— Você não é inútil, — murmuro enquanto minhas pálpebras se fecham, meu corpo formigando enquanto o sono me invade. — Não para mim.

Um suspiro que atravessa meu cérebro. — Peris... — Meu nome é sussurrado e dói muito.

Me arrependo de ter aberto a boca, mesmo quando me inclino para mais perto de seu calor desconfortável. — Esqueça. — Recuei, tomando o caminho mais fácil.

Exceto que não é fácil.

Nada disso é.

— Eu gostaria de poder.

CAPÍTULO 27

ABEL

Acordo assustado, as bordas de um sonho nebuloso ainda persistem enquanto pisco para o teto branco. É desorientador cair de algo tão real para mergulhar em outro que *é*.

Um peso pesado está esmagando meu lado esquerdo, dificultando a respiração. A princípio, acho que deve ser o sonho. Ou talvez eu esteja de volta ao lugar onde sempre deveria estar, mas então, minha cabeça se vira e encontro Peris deitado ao meu lado, e tudo volta.

— *Você não é inútil.*

Migramos para o canto do sofá com uma colcha velha enrolada entre nós. A cabeça de Peris pesa sobre meu torso e seus braços estão cruzados sobre o peito. Isso o faz parecer menor do que realmente é. Mais... vulnerável.

Meus olhos ardem, lábios curvados em um sorriso enquanto o observo dormir. Notando a carranca que nunca vai embora. O vinco entre as sobrancelhas que certamente se tornará uma ruga nos próximos anos.

Seu peso interminável e esmagador que é tão paralisante quanto libertador. *Palavras assustadoras que nada mais são do que ecos cansados.*

— Ei, bom dia, — uma voz sussurra suavemente lá de cima. Eu recuo, um grito saindo da minha garganta quando minha cabeça bate no encosto do sofá. Meus braços sobem para cobrir meu rosto enquanto engasgo com a batida do meu coração em algum lugar do meu intestino, contorcendo-se com a vontade de vomitar.

— Uau, uau, ei. *Ei*. — Mais suave – se é que isso é possível. Mas mal ouço as palavras. O sangue está correndo muito rápido em meus ouvidos, os membros tremendo. Porra. *Porra*.

É Elise.

Tudo bem.

Dedos roçam meus braços com um toque leve, mas eu ainda me contorço, tentando ao máximo ficar imóvel.

— Abel, sou só eu. Elise, — ela esclarece. — Sinto muito. Não queria assustá-lo.

Suas palavras são confusas, ficando em algum lugar entre o pânico que me invade por dentro e a pressa de uma verdade que não faz sentido. O peso de Peris me prendendo é bem-vindo, me prendendo ao momento. Porque é ele e estou aqui. *Estou seguro*.

Estou fodidamente seguro.

A liberação me sufoca, um soluço subindo pela minha garganta antes que eu possa impedi-lo, e meus braços se movem, os dedos encontrando o cabelo grosso de Peris puramente por instinto. Ainda está sujo e com textura do jogo da noite passada, mas é macio e é dele.

Meu peito esvazia, lábios se abrindo em um suspiro de alívio. Porra, não faz sentido, mas posso *sentir*. Como eu estava errado – como isso é *certo*.

— Abel.

Meus olhos se abrem, minhas mãos param com minhas unhas apenas roçando o couro cabeludo de Peris – e ele escolhe o maldito momento em que olho sua mãe nos olhos para cantarolar contente e rolar em mim ainda mais.

Resmungo, me encolhendo enquanto o peso dele afunda em meu abdômen, o torso de Peris agora firmemente preso entre minhas pernas. O calor floresce em meu rosto enquanto estremeço, evitando prontamente os suaves olhos verdes de Elise, que por acaso se lançam entre mim e Peris com... com *alguma coisa*.

Merda. *Merda*.

Foda-me, o que eu fiz?

Ela vai me expulsar. Estou aconchegado no sofá *dela* com o filho *dela*. Quebrando nem sei quantas regras. Mentindo. Manipulando. Foder um irmão adotivo. *Dormir no maldito sofá com ele!*

Começo a gaguejar antes mesmo de perceber que minha boca está aberta e as palavras estão saindo. — Merda, Elise. Foda-se. Merda, desculpe. Droga, *sinto muito*. Sei que isso parece... — Olho para Peris, dormindo durante a porra do tornado que veio e varreu a casa.

Tenho uma vontade muito repentina de dar um soco na cara idiota dele por ter me metido nessa confusão e depois simplesmente *cochilar* em meio à destruição.

— Sinto muito. Não é o que parece. O que parece estúpido, mas... mas eu *juro*. Por favor, você tem que acreditar em mim. E-eu não iria estragar tudo... — A mentira é interrompida com uma mão gentil em meu antebraço, centímetros acima dos meus dedos ainda enterrados no cabelo de Peris.

— Abel, querido, *respire fundo*, — Elise ordena, num tom ainda tão gentil. *Eu não entendo*. Mas meu corpo sucumbe e eu inspiro. Depois expiro, os olhos lacrimejando com o influxo de oxigênio.

Depois de algumas respirações profundas, a carranca de Elise se transforma em um pequeno sorriso. — Melhor?

— Sim, na verdade, — resmungo, ainda corando.

— Bom. Agora, se você conseguir se livrar dele... — Ela balança a mão para frente e para trás, apontando para o corpo de Peris, — peso morto, conversaremos na cozinha.

— Ah, sim. Hum, ok. — Concordo com a cabeça bruscamente, o queixo batendo no peito a cada movimento brusco. Quando Elise vira as costas, bato a cabeça no encosto do sofá. — Seu idiota estúpido, — murmuro repetidamente.

— Estúpido, — murmura Peris, me assustando. Mas quando olho para baixo, seus olhos ainda estão fechados, globos oculares

flutuando sob suas pálpebras, lábios entreabertos enquanto ele ronca levemente contra meu peito.

Mesmo dormindo, ele ainda consegue me insultar.

Franzo a testa para seu rosto suave. *Eu provavelmente não deveria achar isso cativante.*

Depois de murmurar alguns insultos à forma inconsciente de Peris, consigo lutar para escapar de seu peso esmagador, grunhindo com o esforço. Minhas pernas, que estavam dormentes, agora estão formigando com alfinetes e agulhas que quase me fazem ceder. Eu me apoio no sofá, fazendo uma careta enquanto o empurro a cada passo em direção à cozinha – e isso não tem absolutamente nada a ver com o fato de que provavelmente estou prestes a levar uma surra ou... porra. Ou ser enviado para uma casa coletiva.

Quase consegui...

O pensamento quase me faz desmaiar, mas endureço minha coluna e travo meus membros para enfrentar o que vier. Sabendo, sem dúvida, que sempre estragarei tudo de bom que surgir no meu caminho.

Simplesmente não foi feito para pessoas como eu.

E Elise pode estar chateada – ou pior, desapontada – mas ela nunca me bateu, e isso é um alívio surpreendente por si só.

Puxo a bainha amassada da minha saia, consciente de que ainda estou de uniforme. Mas ei, estou vestido, e acho que isso diz muito

no que diz respeito a Peris e eu. Definitivamente poderia ter acordado muito pior.

Estremeço, pensando em Elise nos encontrando *nus*. Jesus Cristo, isso definitivamente seria pior do que enviar nus acidentalmente.

Fico em silêncio quando entro na cozinha, a cabeça baixa em uma vergonha inesperada enquanto puxo minha cadeira habitual, preparado e esperando pelo momento inevitável em que tudo quebra e queima – porque sempre acontece.

— Como você está se sentindo? Ressaca? — Elise pergunta. Aperto os olhos enquanto olho através dos meus cílios emaranhados, encontrando-a em seu assento, uma caneca entre as duas mãos. Seu cabelo ainda está preso em um nó bagunçado no topo da cabeça, fios rebeldes saindo com frizz, e de pijama.

— Você acabou de acordar? — Pergunto hesitante. *Quanto ela viu? Eu fiz alguma coisa... disse alguma coisa enquanto dormia?*

Ela balança a cabeça antes de tomar um gole. — Não. Acordei há algumas horas, mas fiquei na cama por um tempo. São quase onze horas. — Meus olhos se voltam para o relógio no fogão. Sorrio timidamente.

— Desculpe.

— Não se desculpe. Parece que foi uma noite longa para todos nós. — Desta vez, ela está sorrindo pela borda da xícara, e estou tão confuso que não aguento.

— Elisa, sinto muito. Sei que parece ruim, mas juro, acabamos adormecendo. Eu nem sabia... — Sua mão cai sobre a minha, e o aperto de seus dedos parece reconfortante, mas não sei se posso confiar nisso.

— Abel, pare de surtar. Não estou brava.

Pisco para nossas mãos unidas antes de olhar para cima. — Você não está?

— Não, claro que não. Vocês dois estavam seguros, não estavam? — Quase engasgo com a saliva. Peris e eu nunca estivemos seguros na proximidade um do outro. Mas... *ah, meu Deus, não me diga que ela está falando sobre preservativos ou algo assim.*

Não posso ter essa conversa agora.

— Uh... o que você quer dizer? — Minha voz sobe alguns decibéis no final, me fazendo estremecer.

— Bem, ele não bebeu e dirigiu, não é?

— O que? — Eu recuo, piscando rapidamente. E então, tudo volta correndo. A conversa na academia. A *festa*.

— Oh. — Pisco como uma coruja. — É, não. Nós nem fomos.

— Oh?

— Sim, nós apenas... — Meus lábios se curvam para o lado em um sorriso suave. — Nós apenas dirigimos e ouvimos música. — Nós não conversamos por... porra. Provavelmente horas. Apenas uma estrada interminável de cascalho, calçada e música com nossa respiração compartilhada e pensamentos estridentes.

— *Você não é inútil. Não para mim.*

Essas palavras, ditas ríspidamente e queimadas pelo sono, escorrem pela minha mente em um fluxo interminável,

Foda-se, Peris. Por que você teve que dizer isso?

— Bem, isso me deixa muito mais feliz do que pensar em vocês em uma festa ficando bêbados. Estou tão feliz por ter filhos responsáveis. — Ela me dá uma piscadela e engasgo com a maneira casual como ela acabou de me chamar de filho.

— S-seu filho? — Gaguejo, engasgando com o ataque de emoções que estou prestes a vomitar. Ela já me chamou de garoto dela antes, mas não... Nada muito flagrante.

Seu sorriso é suave e conhecedor.

Ela sempre foi conhecedora, eu acho.

O *que* há de tão... tão bom nessa mulher?!

— Claro, Abel. Eu te amo há muito tempo. Provavelmente desde aquela noite no pronto-socorro. Você é um garoto lindo e brilhante. E você é forte. *Resiliente*. Sei que não sei muita coisa pela qual você passou, mas já deve saber que tem uma casa aqui, conosco?

Ela parece vulnerável, e me foda se isso não estraga tudo por dentro.

— S-sim, quero. Quero, — digo, mais firme. Tentando me convencer, eu acho – e a ela também.

— Bom. — Seus olhos brilham com lágrimas não derramadas, e não aguento. Finalmente desvio o olhar e volto para minha forma desgrenhada. *Apenas cuspa.*

Você precisa saber.

— E quanto a, hum. Eu e Peris. — Meu rosto queima com alfinetadas afiadas.

— O que? O abraço acidental?

Tusso e gaguejo um pouco. — Ah, sim. — Torço o nariz para mostrar.

Ela encolhe os ombros e toma outro gole. — Realmente não me importo. Sinceramente, estou feliz que vocês estejam começando a se dar bem. — Ela torce o nariz antes que seus olhos se semicerrem. — Mas é só isso, certo? Afeição fraternal.

Desta vez, engasgo com o ar, enrolando-me sobre a mesa enquanto martelo contra o peito. Não ajuda que minha boca esteja tão seca quanto o deserto e tenha gosto de merda. Mas sei qual é o gosto da bunda e isso... isso é *a morte*.

Como se algo rastejasse para dentro da minha boca, se enrolasse e *morresse* ali. — Posso pegar um café?

Elise acena para mim. — Duh.

Só quando estou de costas para ela é que posso enfrentar sua pergunta. Quando ela não consegue ver meu rosto ou como dói fisicamente mentir para ela.

Quando isso aconteceu?

— Não sei se é fraterno. Mais amigável? — É dito como uma pergunta enquanto puxo minhas tranças, agora caindo aos pedaços com o cabelo saindo de cada torção. — Você sabe que Peris e eu entramos em conflito. Mas acho que talvez estejamos finalmente encontrando um ritmo que funcione? Nós apenas saímos e ouvimos música. Quando chegamos em casa, nós dois sentamos no sofá para assistir TV, mas sei que me senti como um zumbi, então Peris devia estar morto para o mundo. — Eu rio enquanto olho por cima do ombro. Elise balança a cabeça, me encorajando a continuar.

— Então, de qualquer forma, — acrescento cinco colheres cheias de açúcar e mexo, balançando a cada contato do metal contra a cerâmica, — acho que estamos tentando ser amigos. — A palavra tem gosto errado. — Ou alguma coisa. Não sei. Provavelmente ainda lutaremos muito.

— Como os irmãos fazem, — Elise diz como se isso não fosse tão fodido. Faço uma careta, curvando os lábios para cima com o nariz enquanto me viro. Ela ri da minha expressão. — Eu sei, eu sei. É estranho, mas é engraçado também porque vocês dois têm dezoito anos e estão prestes a terminar o ensino médio. Mais colegas de quarto do que qualquer coisa, mas adoro provocar.

— Peris deve conseguir isso de você, — deixo escapar enquanto olho para o redemoinho escuro de café. Então meus olhos se arregalam. — Erm□.

— Sim, Provavelmente.

— E o pai dele? Ele não fala sobre ele. Nem você, e não há fotos. Ele morreu? — pergunto, num tom mais suave, tentando ser sensível ou algo assim.

Minha cabeça inclina para o lado quando Elise enrijece da cabeça aos pés. É a segunda vez que a vejo realmente desconfortável, e se isso não dispara uma dúzia de alarmes em meu cérebro...

— Está tudo bem? — Pergunto.

— Nós simplesmente não... — Ela respira fundo, se firmando. — Não falamos sobre ele.

— OK. — Concordo com a cabeça, aceitando sua resposta. Peris não vai gostar quando eu o pressionar sobre isso. — Então, qual é a agenda para hoje? — Mudo de assunto facilmente.

— Não sei. O que parece bom?

Dou de ombros, sempre inútil quando ela pergunta porque ainda não sei como... como simplesmente ser.

— Que tal um dia frio em casa e, hoje à noite, todos nós jantaremos juntos antes de eu trabalhar?

Eu me alegro ao passar o dia com duas das minhas pessoas favoritas – uma das quais é muito mais complicada. Mas Peris é mais suportável na frente da mãe. Retratando seu melhor comportamento, aposto. Provavelmente porque ele não quer que ela veja o maldito psicopata que ele é sob a máscara de ovelha que usa. Talvez ele também não queira que eu veja.

Não que eu esteja reclamando.

Todos nós usamos nossas fantasias.

— Isso realmente parece... legal. — Sorrio. E sei que está torto porque meu queixo é irregular e meus lábios são grandes demais no meu rosto pequeno. Todos os ângulos, sem suavidade. Mas Elise sorri de volta e talvez...

Apenas talvez.

Não sou tão ruim.

CAPÍTULO 28

PERIS

— Peris Oliver! Você poderia apenas...

— Mãe, eu entendi. Pare de pairar e pique os tomates.

— Bem, eu *faria* isso se você mexesse!

— Acabei de fazer um minuto atrás! Eles não vão queimar!

Mamãe solta um suspiro, soprando o cabelo para trás do rosto. Ela levanta a faca e aponta para mim. — Tudo bem, mas se você estragar meu lindo jantar□.

— Ah, *seu* jantar? — Arqueio uma sobrancelha. — Achei que fosse *o nosso* jantar. Já que estamos todos cozinhando.

Seus olhos rolam. — Espertinho.

Sorrio para ela enquanto mexo a porra da massa. — Esse sou eu.

Abel ri, o som cortando através de mim. *Ele parecia tão feliz o dia todo.*

Foi o que eu disse? Ou é só hoje...

Sinto um aperto no estômago e aperto a colher de pau com tanta força que os nós dos dedos doem. Quando olho para ele à direita de Ma, sua cabeça está jogada para trás, seus cachos louro-claros levemente ondulados no meio por causa de suas tranças.

Suas bochechas estão coradas, a pele pálida brilhando sob as luzes fortes. Seu moletom é enorme, passando pelo meio das coxas, e sua calça de moletom não é muito melhor.

Acho que nunca o vi de calça de moletom antes.

Olho um pouco mais, mexendo distraidamente o macarrão enquanto faço isso. A calça é preta e fica linda, e eu definitivamente não vou dar uma olhada nele – a maneira como sua bunda atrevida é invisível através das camadas de roupas, mas sei que está lá.

Como as pernas dele são tão longas, mesmo ele sendo baixo pra caralho. Pernas agora sem pelos, macias e cobertas de cicatrizes que ele coloca em si mesmo. Mas acho que muitos também vêm de... bem, não dele.

Ele prefere seus rostos sorridentes deformados.

Abel me pega olhando, os olhos se chocando no curto espaço entre nós – um espaço que contém minha *mãe*. Desvio o olhar, mas é tarde demais.

Ele está me observando agora. Sempre pesado, espinhoso e malditamente frustrante.

Quando a mãe termina de cortar os tomates, ela lava as mãos e grita: — BRB, preciso fazer xixi!

— Mãe, quantas vezes tenho que te dizer – não fale em abreviações de texto!

— Faço o que quero! — ela grita no corredor e então a porta bate. Bufo e balanço minha cabeça. E então, lembro que estou sozinho

com Abel pela primeira vez desde que acordei sozinho no sofá. Desde que encontrei minha mãe e meu Nanico fofocando na mesa da cozinha como duas velhinhas em um orfanato na hora do chá.

— Você está usando minha calça, — comento em voz alta. Abel cantarola enquanto pica mais espinafre, colocando pequenas pilhas de cada vez em uma tigela grande à sua direita.

— Por quê?

— Por que não? — Observo suas sobrancelhas se erguerem, mas não entendo nada além de seu pequeno sorriso.

— Olhe para mim, — respondo suavemente. A faca bate no balcão. É um barulho penetrante, que me faz estremecer segundos antes de Abel se virar e entrar direto no meu espaço, me empurrando para trás. Quase tropeço com a pressão quente de seu pequeno corpo.

Quando suas mãos estão firmemente plantadas no balcão, de cada lado da minha cintura, ele olha para cima. Cílios loiros mais uma vez, olhos cinzentos sempre penetrantes.

— Bem? — ele pergunta. E estou confuso. Olho para sua boca, para a maneira como ela se move para formar cada palavra. — Estou olhando para ti.

— Sim, vejo isso. — Abel lambe os lábios, uma lenta provocação com a língua. *Sua língua perversa e nefasta.*

O som da descarga do vaso sanitário ecoa pelas paredes. Nenhum de nós se separa.

Minhas mãos encontram conforto em sua cintura. O monte de algodão. A inclinação acentuada até o osso.

Abel fica na ponta dos pés. O hálito quente se mistura. Ardor e queimação. E então, seus lábios rachados estão em mim. Abro a boca, esperando o choque chocante de dentes e língua – porque é isso que somos – mas isso nunca acontece.

Meus olhos se abrem e olho para Abel. Os dele estão fechados suavemente, os cílios roçando suas maçãs do rosto enquanto ele se inclina contra mim. Lábios nos meus. Sem se mover, sem lutar.

Nem mesmo degustação.

Apenas tocando.

E então, passos ressoam, e ele se afasta, o rosto tão corado que me deixa enjoado.

Quando mamãe entra novamente na cozinha, ainda estou encostado no balcão, pasmo.

— O que aconteceu com você? — ela pergunta enquanto mexe o macarrão e depois desliga o fogo. — Terra para Peris. — Ela estala os dedos. — Olá.

Pisco. Meus olhos voltam ao foco. — O quê?

— Caramba, onde você foi? — ela pergunta rindo, levando a panela até a pia para coar.

Aperto minha nuca antes de puxar meu cabelo. Ela percebe o gesto, então solto minhas mãos. Então agora me sinto estranho, mas é melhor do que mostrar minhas informações.

Por que diabos todo mundo me lê tão bem?

Sou tão transparente quanto a porra de uma placa de vidro?

— Cansado, — murmuro pateticamente.

— Uh-huh...

— Vamos terminar essa comida ou o quê? Estou morrendo de fome. — E como se meu estômago soubesse que preciso fazer um show, ele ronca alto o suficiente para ser ouvido. Mamãe joga a cabeça para trás com uma risada que faz meu peito doer.

Ela está tão feliz desde que Abel apareceu, e estou *estragando tudo*.

Para sempre egoísta.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela joga fora algumas coisas antes de pegar a tigela de espinafre de Abel. — Pegue o queijo, querido?

— Claro, — Abel e eu dizemos ao mesmo tempo. E então, rimos em sincronia, e não é... nada mal.

Recuo, deixando-o pegar o parmesão enquanto tiro as tigelas. Mamãe os enche e me devolve para que eu possa pôr a mesa. Só quando termino e mamãe está pegando copos para bebidas é que noto que Abel desapareceu.

Entro na sala e espio por cima do sofá, mas ele não está lá. Franzindo a testa, caminho pelo corredor escuro, a luz que irradia por baixo da porta do banheiro guia meu caminho.

Meus dedos batem na porta. — O jantar está pronto. — Ouve-se um tinido, seguido de um estrondo e, em seguida, uma maldição.

— Merda. — Um silvo alcança os ouvidos, então ele diz: — Sim, tudo bem. E-eu sairei em um minuto. — Meus olhos se estreitam e pressiono meu ouvido na porta, mas agora está estranhamente silencioso, exceto pela minha respiração. Tento a maçaneta, mas ela não se move. Assim que tomo a decisão de ir até a cozinha para pegar algo e abri-la, ela se abre.

Tropeço na soleira e bato direto em um Abel desavisado. Ele grita quando colidimos, e algo voa de seus dedos em um flash rosa antes de cair no chão.

Olho para o isqueiro, projetado em sombras, mas ainda tão *brilhante*.

— Que diabo é isso? — Pergunto, pouco mais que um sussurro.

— Um isqueiro, — Abel zomba. *Defensivo mais uma vez*.

Meus molares se juntam e *rangem*. Dou um passo à frente, empurrando-o para dentro do banheiro. Quando estamos no escuro, fecho a porta atrás de nós, cobrindo-nos na escuridão, meu coração martelando e irradiando pelos meus braços.

— Peris, — ele diz, com os punhos cerrados ao lado do corpo. E quero rir. Quero rir tão alto que queima minha garganta e faz o telhado desabar sobre nós.

Isso seria melhor do que... do que diabos é esse *calor agitado e dolorido* dentro de mim.

Minhas mãos vibram quando ligo o interruptor da luz. Abel estremece sob a luz, mas nem pisco. Tudo o que vejo é ele e aquele

maldito rubor nas maçãs do rosto. As gotas de suor umedecendo seu cabelo em volta do couro cabeludo. O carvão em seu maldito polegar quando eu o aproximo com um aperto que range seus ossos.

— Mostre-me.

Ele hesita. — Com licença?

— Você me ouviu, porra, Abel. Quero ver.

— P-por quê? — ele gagueja.

Franzo a testa. Não gosto dessa pergunta. A aparência de hematomas recentes logo abaixo de seu colarinho me faz mover-me antes que eu possa realmente pensar nas consequências. As costas de Abel batem na parede com tanta força que ele grunhe.

— O que está acontecendo? — Mamãe chama, sua voz é um sussurro de clareza *que não quero* agora.

— Saio em um segundo! — grito antes de prender Abel no lugar com meu antebraço enquanto me abaixo para abaixar sua calça – *minha calça*.

Ela se acumula em torno de seus tornozelos quando a corda é solta, expondo a carne. Dou um passo para trás, mesmo enquanto Abel luta. E darei crédito ao Nanico; ele é muito mais forte do que parece, mas a visão daquelas queimaduras vermelhas e sorridentes traz à tona uma nova marca de força que eu não sabia que possuía.

Meu braço esmaga sua laringe, fazendo-o engasgar. Suas unhas arranham minha carne, mas não sinto a dor. Ou seus pés enquanto me chutam. Ou sua perda de ar.

E então...

Ele me dá um tapa, porra.

Minha cabeça vira para o lado, e fico preso na estupidez por tempo suficiente para ele se afastar, as mãos segurando minha calça grande demais enquanto ele sai correndo do banheiro, os pés descalços trovejando pelo corredor antes de desaparecer.

Seguro minha bochecha, sorrindo com o calor que irradia. É... desorientador. Estando tão chateado, sinto que poderia estrangulá-lo até a morte e ao mesmo tempo ser tão duro que meu pau dói.

Coço o queixo, esfregando o dedo indicador para frente e para trás enquanto fico parado, no escuro, sozinho.

Pelo menos nunca há um momento de tédio com Abel por perto.

— Filhotezinho mal-humorado, — penso comigo mesmo. Isso se encaixa tão bem com seu comportamento oscilante, mas eu nunca consigo simplesmente... controlá-lo.

O que aconteceu que o fez... que o fez querer... fazer isso?

— Peris, venha aqui! — Estremeço, engolindo a pressão na minha garganta.

— Chegando! — Eu me abaixo e pego o isqueiro de Abel, guardando-o no bolso para mais tarde. Porque se ele acha que a porra da conversa acabou, vai ter um rude despertar quando a mãe sair para o trabalho.

Ele não pode fugir de mim então.

Não vou mais deixá-lo correr.

Sentindo-me apaziguado no momento, entro na cozinha com um sorriso malicioso e me jogo na cadeira. Ambos os pares de olhos estão em mim, mas não presto atenção neles enquanto coloco comida na boca.

— Droga, isso é bom. — Concordo com a cabeça enquanto mastigo, com as bochechas inchadas. Mamãe dá um tapa no meu braço.

— Boas maneiras, Peris. Eu te ensinei melhor do que isso.

Dou de ombros e engulo meu refrigerante, os olhos fixos nos de Abel enquanto digo: — Abel está passando para mim, eu acho. — Seus olhos se arregalam, os lábios se abrindo com a minha insinuação flagrante. Pisco enquanto dou outra mordida.

Mamãe não sabe disso.

— *Peris*, — ele murmura — um aviso que imediatamente ignoro.

Batendo o garfo na borda do arco, pergunto: — Então, quando você sai para o trabalho?

— Por quê? Pronto para se livrar de mim?

— Sim. Não posso chutar a bunda de Abel quando você está aqui.

— Meu tom é leve. Divertido. *Provocando*.

A garganta de Abel rola em um gole. Ele ainda não tocou na comida.

— Haha, — ela fala inexpressivamente. Sorrio enquanto trabalho mais, me sentindo muito melhor com o passar do tempo para ter Abel só para mim. Para finalmente conseguir algumas respostas dele.

— Abel, você não está... — Sou interrompido pelo som da campainha tocando. Mamãe e eu trocamos um olhar, ambos confusos, antes de nos voltarmos para Abel. Seus olhos saltam entre nós e então ele dá de ombros.

— Bem, acho que vou atender. — Afasto-me da mesa para atender a porta, olhando para o relógio ao sair.

— Quem diabos aparece às seis horas de um sábado? — Murmuro para mim mesmo enquanto giro a maçaneta, irritado por ter que lidar com *as pessoas* agora.

Dois são mais que suficientes para o meu estado de espírito atual. Isso é tudo sobre Abel Silver.

— Posso ajudar? — Pergunto enquanto olho para duas pessoas que nunca vi um dia na minha vida, uma das quais é um cara mais alto, com uma cabeça brilhante e careca e músculos há dias, vestido da cabeça aos pés com alguma variação de preto. A outra é uma mulher, baixa, com cabelos loiros brilhantes e rosto envelhecido.

Olho para os dois. O cara evita meu olhar, mas a mulher? Ela olha de volta, a boca enrugada e franzida quando encontro olhos cinzentos.

Tudo afunda na porra do chão.

— Olá, meu nome é Bill... □

— Bill, tipo... — Meus olhos ainda estão disparando entre eles. Os segundos passam. Tudo parece tão errado quando os ecos ressoam, o nome desperta uma memória. — Você é o assistente social de Abel.

— Lembro-me de Abel me contando isso na noite em que invadi seu quarto.

Bill acena com a cabeça uma vez, bruscamente. — Eu sou. — Seus olhos disparam atrás de mim. — Olha, sua mãe está em casa? Sei que ela trabalha à noite...

— O que está acontecendo? — Sinto a vibração em meus ossos. É um zumbido alto. Mas queima.

— Peris, quem é, querido? — Mamãe diz atrás de mim.

— Eu... — Fecho o queixo, olhando de volta para a mulher que acho que reconheço.

Seus olhos estão tensos, mas ela me dá um sorriso torto que provoca um arrepio na minha espinha. Quando ela estende a mão, tudo que vejo é pele enrugada e tatuada.

— Sou Lucy Silver. A mãe de Abel.

Tropeço para trás, esperando cair contra a parede, mas, em vez disso, caio no corpo da minha mãe. Suas mãos envolvem meus bíceps, me firmando enquanto ela olha por cima do meu ombro. Olho para cima, algo doentio se enrolando em meu estômago.

Podre. Ruim.

Algo que não pertence, mas que agora fez seu lar.

— Posso ajudar? — A voz da mamãe é a mais aguda e *fria* que já ouvi em anos. Desde... *desde Luke*.

Assim que a mulher – porra, *a mãe de Abel* – abre a boca para responder, seus olhos se voltam para a direita, assim como o resto dos nossos.

Abel está enrolado na esquina da entrada e *nunca* o vi parecer tão pequeno. Olhos arregalados, lábios grossos e rosados torcidos com sua confusão. — Lucy? — *Porra, até a voz dele é baixa.*

Não gosto disso.

Isto está errado.

— Abel... — Engasgo, mas aquela maldita vadia me interrompe.

— Abel, meu querido, é tão bom ver você. — Ela tenta ultrapassar a soleira, os braços estendidos em direção ao *meu* maldito filhote. Avanço e, com um aperto forte na porta, bato-a bem na cara deles.

Tanto Ma quanto eu não nos preocupamos com quem está do outro lado enquanto enfrentamos Abel. Ele tem um tom doentio de cinza, olhos arregalados e vidrados enquanto olha fixamente para a parede. Ele pisca e duas lágrimas escorrem pelas maçãs do seu rosto.

Estendo a mão para afastá-las, as palavras presas na garganta.

Isso não está certo.

Não é assim que deveria *ser*.

Abel recua pouco antes de nossa pele tocar. Sibilo, ansiando pelo contato de seus átomos contra os meus. Ele respira fundo, os olhos arregalados olhando ao redor, mas parecendo não notar nada enquanto ele recua contra outra parede.

Todo o seu corpo é sacudido por tremores tão profundos e fortes que seus dentes batem incontrolavelmente.

— Abel... — falo rouco porque não consigo sufocar mais do que isso. — Abel, venha aqui.

— Vai ficar tudo bem, querido. Nós vamos resolver isso. — Mamãe também tenta aliviar a dor dele. Posso sentir isso, mas, na verdade, suas palavras calmantes são o que realmente o irrita.

Seus olhos finalmente se concentram quando sua cabeça se levanta. — Ficar^á tudo *bem*? — diz ele, com a voz várias oitavas mais alta. Mamãe e eu nos entreolhamos. Compartilhamos a mesma preocupação.

Abel está prestes a quebrar.

Nunca pensei que veria o dia em que meu malcriado e inquebrável Nanico finalmente levaria um golpe. Mas está aqui e eu...

Realmente odeio isso.

— Ficar^á, — tento, dando outro passo. Seus olhos estão arregalados – cervos sob os faróis.

Por favor, não corra.

O que está acontecendo?

— Você não tem *ideia* de quem ela é ou o que está prestes a acontecer. — Sua cabeça cai para trás enquanto uma gargalhada alta e arrepiante ricocheteia no teto e desliza pela minha espinha. Estendo a mão para ele, mal roçando a manga do seu moletom antes que ele se afaste.

— Eu deveria ter pisado em uma rachadura. Eu deveria... por que não fiz isso? — ele murmura para o chão, balançando a cabeça para frente e para trás tão rápido que *fico tonto*. Tudo o que posso fazer é olhar para ele, tomado pelo pavor e pela confusão.

— Abel, do que você está falando?

Seus dentes batem juntos. — Porra, vou passar mal. — E então, ele está correndo pelo corredor, a porta do banheiro batendo atrás dele com tanta força que as fotos chacoalham nas paredes.

Olho para o espaço vazio que ele deixou para trás, sem saber o que fazer ou como me sentir com esse inferno borbulhante dentro de mim. Está deslizando pelas minhas vísceras, me despedaçando um pedaço de cada vez.

Eu não era digno.

Nunca poderia ser.

Uma batida soa na porta – mais suave que a primeira, mas não menos estridente.

Eu sei quem é. O que ela quer.

O que ela vai fazer comigo. Com ele.

Para nós.

E isso me faz gritar.

ESTE NÃO É O FIM.

NEM MESMO PERTO.

PÓS-FÁCIO

Amo esses personagens ferozmente. Ambos são tão lindos, quebrados e pessoais para mim. E a história deles não é fácil – nem chega perto. Muitas partes foram muito difíceis para eu escrever. O espaço mental que isso me colocou foi tão prejudicial e odiei ter que reviver o mesmo tipo de dor que Peris e Abel passaram.

Não quero exatamente expor meu trauma, mas certos aspectos (comentários, a discussão com Jordan) foram/são experiências muito reais para mim como pessoa queer. Mas o que realmente quero reiterar é; o que ambos passam é *real*. Em ambos os lados. *Dói* pra caralho e lamento profundamente se certos comentários ou pensamentos internalizados machucaram alguém.

* Devo dizer que foi honestamente *muito* terapêutico quando Abel deu um soco no rosto de Jordan. O pequeno protetor do Peris, é tão fofo :)*)

De qualquer forma, se você conseguiu, OBRIGADO! Espero que tenha gostado dessa dupla safada. Eles são complicados – para dizer o mínimo – e ainda muito confusos sobre *tudo*, e agora as coisas estão... bem, ainda mais confusas. Mas como eu disse, eles estão muito longe de terminar.

A obsessão apenas começou, na verdade. Afinal, só se passaram alguns meses. Ainda temos alguns *anos* pela frente! (Não em termos

de lançamento de livros, eu juro haha, apenas a progressão do enredo.)

Tenho alguns outros trabalhos antes de Make Me Scream, mas juro, assim que estiverem concluídos, voltarei a mergulhar nesses garotos, e eles serão meu foco até que a Série Visceral esteja completa! Sei que esse momento de angústia é uma droga (ok, é realmente uma droga), mas tenha paciência comigo. Valerá a pena esperar.

Abel e Peris vão descobrir muito um no outro. E se você acha que eles foram tóxicos e obsessivos nesse livro??? Apenas espere.

Ok, obrigado!!

Até a próxima ♥

AGRADECIMENTOS

Como sempre, tenho que agradecer à minha família. Amo vocês dois infinitamente e vocês me inspiram muito todos os dias.

Rae, minha alma gêmea. Não há palavras suficientes para explicar o quanto sou grato por você. Você leu todas as 13 versões deste livro (o que eu gostaria que fosse um exagero, mas, infelizmente) e você é a razão pela qual esses dois – e sua história – são o que são. Você é minha espinha dorsal literal em cada livro que escrevo, e eu estaria totalmente perdida sem você. OBRIGADA. EU TE AMO.

Bailey, por apenas existir e ser irritantemente positivo quando odeio tudo o que faço haha.

Kayla, a melhor PA de todos os tempos!! Obrigada, obrigada. Eu estaria tão perdida sem você; você me mantém sã!!

Minhas cadelas beta. Amo tanto seus rostos (também obrigada para sempre por detectar erros. Na verdade, você é o melhor.)

Meu time de rua!! Sempre a melhor equipe de hype. O apoio de vocês é incomparável e sou uma vadia sortuda.

Meu editor incrível! E como sempre, meus leitores. Quer você já esteja por aqui há algum tempo ou este seja o primeiro contato comigo, saiba que estou MUITO grata por ter você. Por manter esse sonho vivo <3

SOBRE O AUTOR

Marie Ann é uma escritora de romances sombrios e depravados, com
tendência para o estranho e pouco ortodoxo.

Você pode encontrá-la em quase todas as formas de mídia social,
onde sua estranheza é flagrantemente óbvia,
mas fingimos que não.